



Fábio Francisco de Araujo

**Significados do Lazer na Terceira Idade: Um Estudo
Interpretativo de Grupos de Seresta e Dança de Salão**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Administração de Empresas.

Orientadora: Prof^a. Angela Maria Cavalcanti da Rocha

Rio de Janeiro

Abril de 2015



Fábio Francisco de Araujo

**Significados do Lazer na Terceira Idade: Um
Estudo Interpretativo de Grupos de Seresta
e Dança de Salão**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Angela Maria Cavalcanti da Rocha
Orientadora
Departamento de Administração - PUC-Rio

Prof. Paulo César de Mendonça Motta
Departamento de Administração - PUC-Rio

Prof. Luis Alexandre Grubits de Paula Pessoa
Departamento de Administração - PUC-Rio

Prof^a. Letícia Moreira Casotti
UFRJ

Prof. Renato Dourado Cotta de Mello
UFRJ

Prof^a. Mônica Herz
Vice-Decana de Pós-Graduação do CCS

Rio de Janeiro, 14 de abril de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Fábio Francisco de Araujo

Graduou-se em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2006. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2008. Mestre em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2011.

Ficha Catalográfica

Araujo, Fábio Francisco de

Significados do lazer na terceira idade: um estudo interpretativo de grupos de seresta e dança de salão / Fábio Francisco de Araujo ; orientadora: Angela Maria Cavalcanti da Rocha. – 2015.

340 f. : il. (color.) ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2015.

Inclui bibliografia

1. Administração – Teses. 2. Significados do consumo. 3. Idosos. 4. Terceira idade. 5. Lazer. 6. Dança de salão. 7. Seresta. I. Rocha, Angela Maria Cavalcanti da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III. Título.

CDD: 658

Para minha amada mãe
Maria F. Jales de Araujo e
para minha querida professora e mestra,
Marie Agnes Chauvel,
Eternas em meu coração.

Agradecimentos

Primeiramente, ao Senhor Deus por minha vida e tudo de bom que eu recebi ou me ajudou a conquistar.

À minha querida mãe, Maria Jales, por todo amor, carinho e apoio que sempre dedicou a mim. Agradeço, sobretudo, pela bonita e profunda amizade que construímos ao longo de anos de convivência. Agradeço também por seu estímulo

aos estudos e por sua presença sempre constante em minha vida.

À Profa. Marie Chauvel pelo apoio às atividades de pesquisa, pelo incentivo constante para que eu seguisse ao doutorado, pelo carinho e alegria com que dava encaminhamento aos trabalhos que desenvolvemos juntos e, sobretudo, pela fé que creditou em meu potencial enquanto estudante e pesquisador.

À Profa. Angela da Rocha que me orientou nessa tese com carinho, segurança e interesse, além de seu entusiasmo pelo tema do lazer pesquisado neste trabalho. Agradeço, sobretudo, pelo seu exemplo permanente como professora e pesquisadora, que me inspira a prosseguir pelo caminho do desenvolvimento do ensino e da pesquisa em nossa área.

Ao Prof. Paulo César Motta pelo interesse pela pesquisa e as ricas sugestões relativas ao modo de trabalhar o consumidor de Terceira Idade sob a perspectiva do marketing. Ao Prof. Luis Alexandre Pessôa e à Profa. Letícia Casotti pela oportunidade e experiência de realizar um trabalho em conjunto na elaboração de um artigo sobre o tema da Terceira Idade e agora poder contar com suas presenças como examinadores desta tese. Ao Prof. Renato Cotta de Mello pela participação como examinador desta pesquisa.

À Profa. Carla Fernanda Pereira Barros pelas sugestões no momento da defesa do projeto de tese, que nortearam algumas mudanças no caminho seguido, que se traduziram em melhorias para o estudo.

Ao IAG pela sólida formação em docência e pesquisa nos cursos de mestrado e doutorado, pela estrutura oferecida para condução dos estudos e, em especial, ao corpo funcional da pós-graduação que me foram importante suporte para mim e aos outros alunos. Em especial, agradeço ao professor Luis Fernando Hor-Meyll pelo curso de Comportamento do Consumidor ministrado no doutorado, fundamental para elaboração deste trabalho.

À Suzana Assis que secretariou o NUPIN por muitos anos, contribuindo de modo participativo nas questões mais práticas e pela proximidade construída. À Teresa Campos pela presteza e confiança conferidas a mim. Ao Fabio Etienne pela ajuda e soluções dos assuntos acadêmicos.

A todos os participantes que contribuíram em ambos os grupos analisados desta pesquisa.

Aos professores e pesquisadores que me passaram por minha vida, contribuíram para minha formação e inspiraram minha escolha de vida profissional, bem como aos amigos mais próximos e companheiros de estudo que estiveram mais presentes e compartilharam alguns passos de minha trajetória.

Agradeço ainda ao CNPq, pelo apoio financeiro concedido à pesquisa, por meio do Edital Universal, projeto coordenado pela Profa. Angela da Rocha, do qual participei como pesquisador.

Resumo

Araujo, Fábio Francisco de; Rocha, Angela Maria Cavalcanti da. **Significados do Lazer na Terceira Idade: Um Estudo Interpretativo de Grupos de Seresta e Dança de Salão.** Rio de Janeiro, 2015. 340p. Tese de Doutorado – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo investiga os significados atribuídos ao lazer por consumidores de Terceira Idade que frequentam grupos de reunião musical e aulas de dança de salão. Especificamente, buscou-se estudar a experiência desses consumidores em atividades de lazer em grupo e de que forma atribuem significado às vivências e às relações sociais e de amizade que ocorrem em espaços sociais de lazer. No contexto desta pesquisa, o consumo de lazer não é visto apenas por seu aspecto utilitário, mas é compreendido a partir de seu conteúdo simbólico, em que os consumidores atribuem significados ao consumo expressando seus valores, estilos de vida, categorias, identidades sociais e projetos coletivos. Ao privilegiar, a dimensão simbólica do consumo sob a perspectiva de marketing, o presente estudo se insere em uma linha de estudos em marketing que se apresenta como CCT – *Consumer Culture Theory*. Nesse contexto, a presente tese se filia ao paradigma interpretativo, ao partir dos aspectos subjetivos do consumo para perceber as relações dinâmicas das ações de consumidores e os significados socialmente construídos. Para condução do presente estudo, optou-se por utilizar métodos de inspiração etnográfica – a observação participante e as entrevistas em profundidade – buscando fazer parte da experiência vivida pelo idoso para compreender os significados a ela atribuídos. A pesquisa de campo incluiu dois grupos de idosos. O primeiro grupo é um encontro musical de seresta, sendo realizada a observação participante por um período de aproximadamente seis meses. As entrevistas em profundidade foram realizadas com 15 idosos participantes do grupo e com o fundador e líder do grupo. O segundo grupo estudado é voltado para dança de salão. Novamente, foi feita a observação

participante durante um período de seis meses e entrevistas em profundidade com 16 idosos participantes. Os registros em diário de campo e as entrevistas foram analisados conjuntamente e permitiram identificar os significados que os idosos associam ao consumo das atividades de lazer analisadas. Realizou-se, inicialmente, uma análise de cada atividade de lazer. Para cada grupo, os significados identificados emergiram das análises. Em seguida, foi feita uma análise cruzada dos resultados obtidos para os dois grupos. Verificou-se que, embora possa haver significados comuns às atividades de lazer, há também significados distintos atribuídos à mesma atividade e a diferentes atividades. Estes resultados sugerem a existência de grande variedade de necessidades por detrás das escolhas de lazer dos idosos. Tais resultados sugerem ainda que a pesquisa sobre lazer de idosos deve levar em conta a heterogeneidade deste grupo de consumidores, evitando trata-los de forma reducionista, como se se tratasse de grupo homogêneo, caracterizado unicamente a partir de suas dificuldades físicas. Já no que se refere à aplicação empresarial, os resultados do estudo sugerem que os consumidores idosos podem ser segmentados a partir de distintos significados atribuídos ao lazer, que parecem traduzir os benefícios buscados por esses consumidores.

Palavras-chave

Significados do consumo; idosos; terceira idade; lazer; dança de salão; seresta.

Abstract

Araujo, Fábio Francisco de; Rocha, Angela Maria Cavalcanti da (Advisor); **Meanings of Leisure for the Elderly People: An Interpretive Study of Seresta and Ballroom Dancing Groups.** Rio de Janeiro, 2015. 340p. Doctoral Thesis – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study investigates the meanings of leisure for the elderly people who attend a musical encounter and a ballroom dancing class. Specifically, the study investigates these consumers' experience of leisure group activities; and how they extract meaning from these experiences and from the social relationships that occur in these social spaces of leisure. In the context of this research, consumption is not seen only by its utilitarian nature, but it is rather understood in its symbolic aspects, as consumers create meanings in order to express their values, lifestyles, categories, social identities, and collective projects. By focusing on the symbolic dimension of consumption from the marketing perspective, this study is positioned as part of a line of research in marketing known as CCT - *Consumer Culture Theory*. In this context, this thesis is affiliated to the interpretive paradigm, departing from the subjective aspects of consumption to understand the dynamic relationships between the consumers' actions and the social and cultural meanings created. Methods of ethnographic inspiration – participant observation and in-depth interviews – were used to conduct this study. These methods permitted to be part of the leisure experience lived by the elderly as a means of understanding the meanings attributed to the experience. Fieldwork included two groups of elderly people. The first group is a musical encounter group called Seresta. Participant observation covered a six-month period; 15 elderly participants were interviewed in-depth, plus the founder and leader of the group. The second group included the elderly that participated in ballroom dancing classes. Again, participant observation lasted for six months and in-depth interviews were conducted with 16 participants. Fieldnotes and transcripts of the interviews together permitted to extract the meanings assigned by older people to these leisure activities. First, each activity was analyzed separately. For each group, meanings emerged from the analyses. Then a cross-group analysis was performed. The results showed that,

despite meanings that are shared by the two leisure activities, each activity showed different meanings, or different nuances of the same meaning, and some of the meanings identified only appeared in one of the activities. These results suggest that there is a great variety of needs behind the leisure choices made by the elderly. In addition, the results indicate that leisure research focusing the elderly should take into account the heterogeneity of this group of consumers, therefore avoiding a reductionist approach that considers the elderly as a homogeneous group based on their physical limitations. As to managerial implications, the results of the study suggest that firms can segment the elderly consumers by the different meanings attributed to leisure, which can be equated to the benefits aimed when choosing their leisure activities.

Keywords

Meanings of consumption; elderly consumers; senior consumers; leisure; ballroom dancing; seresta.

Sumário

1. Introdução	20
1.1. Contexto do Estudo	20
1.1.1. A População de Terceira Idade no Brasil	20
1.1.2. Lazer na Terceira Idade	23
1.2. Objetivos	24
1.2.1. Objetivo Principal	24
1.2.2. Objetivos Secundários	25
1.3. Relevância do estudo	25
1.4. Delimitação do estudo	27
1.5. Organização do estudo	27
2. Revisão de Literatura	29
2.1. Simbolismo e Consumo	29
2.2. Consumo e Identidade	34
2.2.1. Construção da Identidade a partir do Consumo	34
2.2.2. Práticas de Consumo na Formação Identitária	37
2.2.3. Identidade e Terceira Idade	40
2.2.4. Construção Social da Noção de Terceira Idade	42
2.2.5. Consumo da Terceira Idade	46
2.3. Influências do Grupo Social no Comportamento do Consumidor	51
2.3.1. Segmentos de Terceira Idade	51
2.3.2. Grupos de Referência	54
2.4. Lazer	57
2.4.1. Conceito de lazer	57
2.4.2. Significados do consumo de lazer	59

2.5.	Consumo de lazer na Terceira Idade	63
2.5.1.	Restrições ao lazer na Terceira Idade	64
2.5.2.	Significados do consumo de lazer na Terceira Idade	67
3.	Metodologia	72
3.1.	Afiliação Paradigmática	72
3.2.	Questões de Pesquisa	73
3.3.	O método etnográfico	75
3.3.1.	Observação Participante	78
3.3.2.	Entrevista em Profundidade	79
3.4.	Escolha do Ambiente de Pesquisa	80
3.4.1.	A escolha do Grupo de Encontro Musical de Seresta	82
3.4.2.	A escolha do Grupo de Dança de Salão	83
3.5.	Coleta de Dados	84
3.5.1.	As observações participantes	84
3.5.2.	As entrevistas em profundidade	86
3.6.	Seleção dos entrevistados	88
3.7.	Abordagem dos entrevistados	89
3.7.1.	Abordando os idosos no encontro musical de seresta	90
3.7.2.	Abordando os idosos da aula de dança de salão	94
3.8.	Análise dos dados	98
3.9.	Limitações do método	100
4.	Os encontros musicais do Palácio do Catete: A Seresta	103
4.1.	O Contexto	103
4.2.	O Cenário dos Encontros Musicais	104
4.3.	O Grupo de Seresta do Vivi	108
4.4.	Os Idosos Entrevistados no Encontro Musical da Seresta	117
4.5.	Significados Emergentes da Prática de Lazer no Grupo de Seresta	161
4.6.	Análise das Categorias	164
4.6.1.	Significado Hedônico	165

4.6.2. Espaço de Sociabilidade	167
4.6.3. Nostalgia	169
4.6.4. Qualidade de Vida	171
4.6.5. (Re) Construção da identidade	173
4.6.6. Aprendizado	177
5. A Dança de Salão para a Terceira Idade: Ballet Dalal Achcar	179
5.1. A Academia de Dança Dalal Achcar	179
5.2. As Aulas da Dança de Salão	182
5.3. O Ambiente e a Interação entre os Alunos de Dança	185
5.4. Os Idosos Entrevistados na aula de Dança de Salão	188
5.5. Significados Emergentes da Prática de Lazer na Aula de Dança de Salão	229
5.6. Análise das Categorias	232
5.6.1. Significado Hedônico	233
5.6.2. Espaço de Sociabilidade	234
5.6.3. Qualidade de Vida	235
5.6.4. (Re) Construção da identidade	237
5.6.5. Aprendizado	240
5.6.6. Redescoberta do Corpo	240
6. Considerações Finais	243
6.1. Natureza dos Grupos	243
6.2. O processo de ressignificação da Terceira Idade	247
6.2.1. A escolha da atividade de lazer: independência ou negociação	247
6.2.2. Significados do lazer na Terceira Idade	251
6.2.3. A ressignificação da Terceira Idade a partir do consumo de lazer	260
6.3. Contribuições à Teoria	262
6.4. Implicações Gerenciais	264
6.5. Sugestões para Pesquisas Futuras	267

7.	Referências bibliográficas	270
8.	ANEXOS	287
	Anexo I – Significados associados às categorias do Grupo de Seresta	287
	Anexo II – Significados associados às categorias do Grupo de Dança de Salão	306
	Anexo III – Roteiro para execução da observação participante no grupo de seresta	331
	Anexo IV – Roteiro para execução da observação participante no grupo de dança de salão	333
	Anexo V – Roteiro de Entrevista utilizado com os entrevistados integrantes do grupo de seresta	335
	Anexo VI – Roteiro de Entrevista utilizado com os entrevistados integrantes do grupo de dança de salão	338

Lista de figuras

Figura 1 – Representação gráfica dos círculos de amizade identificados	246
Figura 2 – Representação Gráfica das Categorias e Significados Associados no Grupo de Seresta	252
Figura 3 – Representação Gráfica das Categorias e Significados Associados no Grupo de Dança de Salão	253
Figura 4 – Processo de Ressignificação da Terceira Idade por meio do Lazer	261

Lista de fotografias

Fotografia 1 – Prédio Principal do Palácio do Catete – Museu da República	105
Fotografia 2 – Interior do Museu da República	105
Fotografia 3 – Jardim do Palácio do Catete	106
Fotografia 4 – Frequentadores assistindo a seresta	107
Fotografia 5 – Apresentação da seresta	110
Fotografia 6 – Vivi na Seresta do Palácio do Catete	111
Fotografia 7 – Academia de Dança Dalal Achcar	180
Fotografia 8 – Academia de Dança: Antessala e Sala de Dança	181
Fotografia 9 – Ensaio de Passos de Bolero	182
Fotografia 10 – Praticando Passos de Dança em Pares	184

Lista de Quadros

Quadro 1 – Significados do lazer na Terceira Idade identificados na literatura	71
Quadro 2 – Perfil dos Entrevistados do Grupo de Seresta	118
Quadro 3 – Categorias: Descrição, Significados e Principais Termos e Expressões Associados – Grupo de Seresta	161
Quadro 4 – Perfil dos Entrevistados do Grupo de Dança de Salão	189
Quadro 5 – Categorias: Descrição, Significados e Principais Termos e Expressões Associados – Grupo de Dança de Salão	230
Quadro 6 – Significado Hedônico	287
Quadro 7 – Espaço de Sociabilidade	290
Quadro 8 – Nostalgia	293
Quadro 9 – Qualidade de Vida	295
Quadro 10 – (Re) Construção da Identidade	299
Quadro 11 – Aprendizado	302
Quadro 12 – Significado Hedônico	306
Quadro 13 – Espaço de Sociabilidade	309
Quadro 14 – Qualidade de Vida	313
Quadro 15 – (Re) Construção da Identidade	319
Quadro 16 – Aprendizado	325
Quadro 17 – Redescoberta do Corpo	328

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Proporção dos Idosos de 60 a 65 anos ou mais de idade,
dados em % Brasil – 1998/2008

21

*Mesmo que a rota da minha vida me conduza a uma
estrela, nem por isso fui dispensado de percorrer os
caminhos do mundo.*

José Saramago

1

Introdução

Este estudo se propõe a investigar os significados atribuídos ao lazer por consumidores de Terceira Idade. Especificamente, busquei estudar a experiência desses consumidores em atividades de lazer em grupo, e de que forma atribuem significado às vivências e às relações sociais e de amizade que ocorrem no contexto do lazer em grupo.

1.1. O Contexto do Estudo

Estudos apontam vários fatores para o crescimento da população brasileira de Terceira Idade, em decorrência de tendências demográficas, investimentos em políticas públicas, avanços na medicina e melhoria nas condições de vida (IBGE, 2007). A população idosa, a chamada Terceira Idade, constitui contingente cada vez maior e se projeta como um segmento de elevado potencial no mercado de consumo.

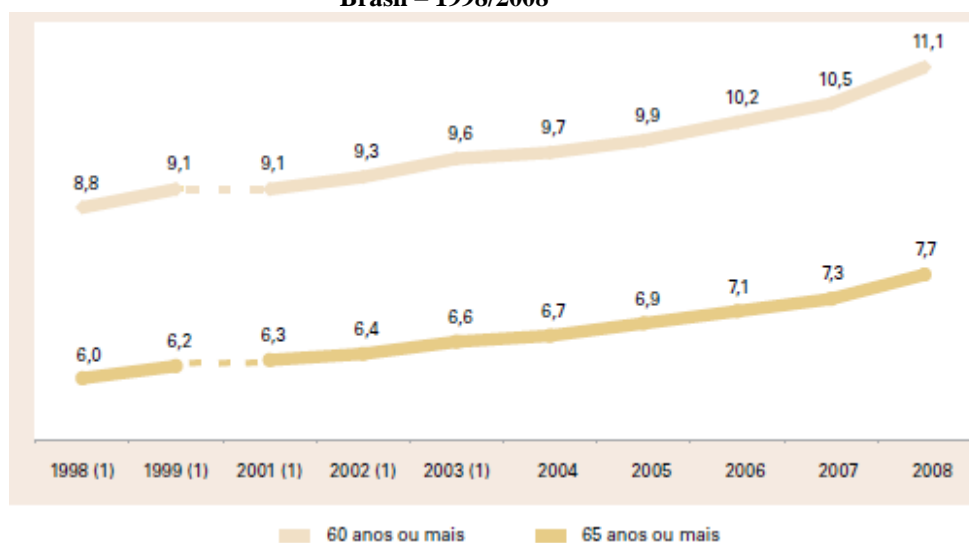
Ainda assim, as pesquisas acadêmicas sobre o consumidor de Terceira Idade são escassas no país. O desconhecimento sobre a natureza, as características e os hábitos de consumo desse segmento da população ainda é muito grande (CASOTTI e CAMPOS, 2011; GIOVINAZZO, 2008; MOSCHIS, 2003; MONTEIRO, 2008), tanto no meio empresarial quanto no acadêmico, sobretudo porque o principal foco de interesse das empresas ainda reside nos consumidores jovens e adultos, por se acreditar serem estes os segmentos da população que detêm maior poder de compra.

1.1.1. A População de Terceira Idade no Brasil

Segundo o IBGE (2009b), o envelhecimento da população é um fenômeno mundial que vem trazendo importantes mudanças na estrutura etária de diversos países. O fenômeno não é, portanto, apenas brasileiro, mas pode ser observado também em outros países, sobretudo nos mais desenvolvidos (VAKALOULIS, 2001). Nos Estados Unidos, por exemplo, os idosos, chamados de ‘consumidores maduros’, representam mais de um terço da população do país (U.S. CENSUS BUREAU, 2011).

De acordo com o IBGE (2009a), a proporção brasileira de idosos aumentou de 8,8% para 11,1% entre os anos de 1998 e 2008, sendo os estados brasileiros do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul os que apresentam maior concentração de população idosa no país. O gráfico 1 mostra o crescimento desse segmento populacional entre os anos de 1998 e 2008.

**Gráfico 1 – Proporção dos Idosos de 60 a 65 anos ou mais de idade, dados em %
Brasil – 1998/2008**



Fonte: IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e Pesquisa. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. No. 26, Rio de Janeiro, 2009, p. 165.

Nota-se que, ao longo dos anos, a participação relativa da população de grupos etários jovens vem diminuindo enquanto a participação relativa da população idosa vem crescendo, o que pode estar relacionado às baixas taxas de natalidade no país. Esse fenômeno modifica o perfil etário do Brasil, que vem gradativamente deixando de ser considerado um “país jovem” (NOVAIS, 2005).

O envelhecimento da população brasileira ocasiona transformações em diferentes aspectos, o que impõe um olhar mais acurado para esse segmento

populacional. Segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), os idosos passaram a representar cerca de 21 milhões de brasileiros, número que equivale a 11% da população total do país.

De acordo com dados do IBGE (2009b), estima-se que os idosos representarão perto de 30% da população do país em 2050, momento em que o número de idosos terá superado o de crianças e adolescentes. De acordo com esta projeção, em 2050 a população de idosos no país chegará a 64,1 milhões de pessoas contra apenas 28,3 milhões de crianças e adolescentes (IBGE, 2009b, p.38). Ainda de acordo com a referida projeção do IBGE para a população de Terceira Idade, estima-se que haverá um aumento considerável da população de 70 anos ou mais de idade, que deve alcançar 34,3 milhões de idosos em 2050, número que representará aproximadamente 13,2% da população brasileira. A longevidade, principal motivo desse crescimento, está definindo os traços da população brasileira de Terceira Idade. Entre os fatores que contribuem para esse fenômeno, destacam-se os investimentos em políticas públicas de proteção ao idoso, avanços na medicina preventiva e melhoria nas condições de vida.

Ugalde (2006) observa que as mudanças na pirâmide etária começam a trazer uma série de consequências sociais e que o segmento da Terceira Idade tende a apresentar crescentes oportunidades de negócios nas próximas décadas, merecendo mais atenção dos pesquisadores. Goldenberg (2011) sublinha que essa é uma etapa da vida em que os indivíduos têm perdas e ganhos, destacando entre os ganhos deste momento da vida são relacionados às descobertas e realização de vontades e de desejos pessoais, o que pode ser uma porta de possibilidades para o mercado de consumo.

Para Neder (2005), os idosos no Brasil têm potencial de consumo que pode ser mais bem aproveitado pelas empresas. No mesmo sentido, Giovinazzo (2008) observa que esse segmento apresenta grande potencial de mercado, tendendo a crescer no futuro. No entanto, as empresas que buscam desenvolver estratégias de marketing para os consumidores de Terceira Idade se defrontam com o desconhecimento e as lacunas existentes sobre o consumo na população idosa.

Apesar disso, segundo sublinham Casotti e Campos (2011), as pesquisas na área de administração desconsideram a crescente importância que os idosos assumem na população brasileira, optando por dirigir a atenção, preferencialmente, aos segmentos mais jovens.

Segundo Moschis (2003), grande parte das empresas não se encontra voltada para oferecer produtos ou serviços direcionados a esse segmento. De acordo com o autor, as empresas que oferecem produtos ou serviços a essa classe costumam considerar que todos os consumidores idosos têm as mesmas necessidades e os tratam da mesma forma. Mesmo as empresas que reconhecem a heterogeneidade deste segmento de consumidores não sabem como dividir adequadamente o segmento, a partir de suas especificidades, expectativas e necessidades.

1.1.2.

Lazer na Terceira Idade

Produtos e serviços relacionados ao lazer encontram-se entre os que têm registrado maior aumento na demanda. Segundo Stefano, Santana e Onaga (2008), são os consumidores de Terceira Idade os que mais procuram os serviços das agências de turismo e outros tipos de lazer, tendo em vista o tempo disponível a partir da aposentadoria e o desejo de aproveitar a vida de forma mais efetiva.

Grande parte da população idosa no Brasil ainda tem acesso restrito a atividades de lazer, por falta de espaço ou estrutura em seus locais de moradia, ou de recursos. Tal situação é relevante do ponto de vista social, pois tem implicações para a saúde e o bem-estar dessa parcela da população, e também do ponto de vista econômico, já que se trata de um mercado ainda muito pouco explorado.

No entanto, há uma parcela dos idosos que realiza regularmente atividades de lazer, muitas vezes em grupo. O presente estudo se volta especificamente para esses idosos, que vivenciam atividades de lazer em grupo e extraem significados dessas experiências.

Barros e Rocha (2009) sublinham que no Brasil começam a surgir estudos nas Ciências Sociais que abordam questões relacionadas a diferentes formas de interação entre as pessoas, que podem trazer elementos úteis para conhecer nuances do comportamento de consumo. Os autores chamam a atenção para o fato de que o interesse dos cientistas sociais, em geral, para o modo de vida e as variadas representações sociais da população urbana contribuiu para uma nova

forma de entender o comportamento de consumo. Sob essa perspectiva, o consumo é essencialmente um fenômeno cultural, de tal modo que, quando se busca analisar o comportamento do consumidor, não se pode deixar de levar em conta suas múltiplas facetas (MACINNIS e FOLKES, 2010). De acordo com Barbosa (2004), a dimensão cultural do consumo se mostra na forma de construção e de afirmação de identidades, e também na diferenciação social que tangencia as relações e as práticas sociais.

Tendo em vista estas considerações, parti da seguinte questão central de pesquisa: *Quais os significados atribuídos ao lazer em grupo por consumidores de Terceira Idade?*

1.2. Objetivos

Esta seção trata dos objetivos desta pesquisa, sendo dividida em duas subseções. A primeira subseção apresenta o objetivo final do estudo, enquanto a segunda subseção apresenta os objetivos secundários.

1.2.1. Objetivo Principal

O campo de estudos sociais aplicados tem avançado na direção do entendimento dos aspectos simbólicos relacionados ao comportamento humano. Apesar disso, pouca atenção tem sido dada aos significados atribuídos às práticas de consumo por pessoas de Terceira Idade.

Nesse contexto, meu objetivo principal neste trabalho é investigar a prática de atividades de lazer por consumidores de Terceira Idade com outros indivíduos da mesma faixa etária, observando seu comportamento e estudando de que forma se constroem os significados do lazer no contexto das relações sociais e de amizade que se formam no decorrer dessas experiências. Esses aspectos surgem como importantes pontos de análise porque contribuem para compreender a experiência vivida pelos consumidores e as construções simbólicas por eles produzidas em decorrência da prática do lazer.

Entre as diversas opções de lazer disponíveis, elegi dois tipos de atividades de lazer em grupo na Terceira Idade: encontros musicais e dança de salão.

1.2.2. Objetivos Secundários

Para se alcançar o objetivo final a que este trabalho se propôs, é preciso passar por alguns objetivos secundários, os quais são expressos neste trabalho por das questões intermediárias. Estas questões intermediárias que emergiram do processo de imersão no fenômeno investigado que contribuíram para que eu pudesse atingir o objetivo final desta pesquisa são:

- *De que maneira o contexto em que ocorre o fenômeno investigado favorece o estabelecimento de relações entre os consumidores de Terceira Idade?*
- *Que significados são atribuídos pelos consumidores de Terceira Idade à prática de lazer em grupo?*
- *Em que a prática do lazer contribui para a construção da identidade individual na Terceira Idade?*
- *Em que a prática do lazer em grupo contribui para a construção da identidade coletiva na Terceira Idade?*

1.3. Relevância do Estudo

Este estudo traz contribuições para o conhecimento acadêmico-científico, para empresas e instituições que atuam com produtos ou serviços relacionados ao lazer e para formuladores de políticas públicas de apoio à Terceira Idade.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para o conhecimento do comportamento de consumidores de Terceira Idade, por meio do entendimento das formas pelas quais vivenciam experiências de lazer em grupo e atribuem

significado às mesmas. A contribuição teórica do trabalho pode ser entendida sob três aspectos.

Primeiro, o estudo traz efetiva contribuição para o entendimento do comportamento de uma parcela praticamente ignorada de consumidores – os de Terceira Idade –, como atestam inúmeros autores (BALLSTAEDT, 2007; ESTEVES, 2010; GIOVINAZZO, 2008; HUNG e CROMPTON; 2006; MYERS e LUMBERS, 2008; MONTEIRO, 2008; MOSCHIS, 2003; NOVAIS, 2005; NAM et al., 2007; STEFANO, SANTANA e ONAGA, 2008; UGALDE, 2006).

Segundo, minha pesquisa se aprofunda especificamente na forma pela qual as experiências de lazer adquirem significado à luz da construção e fortalecimento de relações sociais e de amizade em atividades de grupo. Segundo Alves (2007), a relação entre velhice e redes sociais é um tema apenas tangenciado na literatura.

Terceiro, o lazer dos idosos encontra-se em uma etapa de transição, dado que muitos chegam à Terceira Idade em boas condições físicas e de saúde, o que não costumava ocorrer até pouco tempo atrás (DOLL, 2007). Assim, a quase totalidade dos estudos existentes trata dos impedimentos e barreiras ao lazer dos idosos, focando suas deficiências, enquanto meu estudo enfatiza a vivência do lazer por idosos aptos do ponto de vista físico e mental.

Do ponto de vista prático, acredito trazer contribuições para o aprofundamento do conhecimento sobre o segmento de consumidores da Terceira Idade. Os resultados do estudo podem ser úteis às empresas que oferecem produtos ou serviços relacionados ao lazer, ajudando os executivos a conhecerem características e preferências de determinado grupo de consumidores idosos, podendo contribuir para guiar estratégias voltadas para atrair o segmento.

Sob a perspectiva dos formuladores de políticas públicas, meu estudo, ao proporcionar melhor compreensão de necessidades e desafios vividos pelos consumidores de Terceira Idade, pode fornecer subsídios que ajudem a guiar suas propostas.

1.4. Delimitação do Estudo

O estudo está voltado para o lazer do segmento de Terceira Idade. No Brasil, à luz do disposto no artigo 2º. da Lei 8.842/1994, “considera-se idoso a pessoa maior de 60 anos de idade”. Essa classificação segue a orientação da Organização das Nações Unidas quanto ao pertencimento à Terceira Idade, que a coloca aos 65 anos em países desenvolvidos e 60 anos em países em desenvolvimento (ONU, 2007).

Não pretendi pesquisar o comportamento e as preferências dos consumidores relativos a produtos ou serviços de lazer ofertados a idosos como um todo, mas sim focar atividades de lazer em grupo.

Conduzi o estudo em dois grupos urbanos de Terceira Idade: (1) participantes de um grupo de encontro musicais de seresta e (2) praticantes de aulas de dança de salão.

1.5. Organização do Estudo

Estruturei o trabalho em seis capítulos. Após esta introdução, o capítulo seguinte apresenta as referências teóricas fundamentais que embasam o trabalho. Assim, no capítulo 2 discuto a inclusão deste trabalho na linha de estudos da CCT (*Consumer Culture Theory*) e apresento o referencial teórico que abarcou temas relativos a Significados de Consumo, Lazer, Terceira Idade e Consumo. Dou especial ênfase a como as práticas de consumo em grupo contribuem para construção identitária a partir da criação de significado cultural relativos ao comportamento de consumo, sendo revistos trabalhos que se dedicam ao tema dentro das áreas de Marketing e Comportamento do Consumidor.

No capítulo três apresento o percurso metodológico que norteou o trabalho de campo e o processo de análise.

Nos capítulos subsequentes, o quarto e o quinto, descrevo os resultados de pesquisa de cada grupo, respectivamente, que compõem o trabalho empírico da tese: um grupo de encontro musical de seresta e um grupo de dança de salão. A

análise é introduzida a partir de breve contextualização dos espaços em que cada grupo de lazer vivenciava a prática do lazer. Em seguida, apresento os entrevistados, discutindo as motivações e os significados pessoais relacionados à escolha das atividades de lazer. Por fim, discuto os significados emergentes da prática de cada atividade de lazer que, considerando a proximidade dos significados nas perspectivas individuais, permitiram o reagrupamento do lazer vivenciado em grupo em algumas categorias na perspectiva coletiva.

No sexto capítulo estendo a interpretação das questões analisadas para uma perspectiva mais genérica e abstrata, enfatizando a discussão de aspectos relacionados à dinâmica de construção de significados em contextos de grupo por meio de um cruzamento dos resultados encontrados nos dois grupos. Destaco ainda as contribuições à teoria e à prática gerencial, além de apresentar sugestões de temas futuros de investigação.

2

Revisão de Literatura

Neste capítulo, apresento os fundamentos teóricos do estudo. Inicialmente abordo a questão da natureza simbólica do consumo, recuperando algumas contribuições da antropologia do consumo, e situando o estudo na perspectiva da *Consumer Culture Theory* (CCT). Considerando a complexidade do tema, que inclui discussões sobre o consumidor de Terceira Idade e o consumo de lazer, optei por apresentar autores do CCT e autores que assumem outra perspectiva para permitir uma compreensão mais aprofundada dos assuntos abordados. Examino então de que modo a identidade se constrói por meio do consumo e como as práticas de consumo contribuem à formação identitária, a que se segue a discussão teórica sobre identidade na Terceira Idade. O tema do lazer como consumo e como atividade simbólica é desenvolvido a seguir, com ênfase na forma pela qual tais questões se manifestam na Terceira Idade. Ao final do capítulo, apresento os significados atribuídos ao lazer por indivíduos de Terceira Idade encontrados na literatura.

2.1.

Simbolismo e Consumo

Mauss (2003) estudou a dinâmica das trocas simbólicas em sociedades primitivas, observando que o sistema de trocas estava relacionado menos às necessidades econômicas do que a outras questões, de natureza cultural, nos espaços em que ocorriam as trocas de bens. Na mesma linha, Sahlins (1979) critica o princípio da razão prática, ou seja, de que os fins utilitários prevaleçam sobre a lógica cultural.

Para Rocha (2006, p.8), nenhuma outra época, como a contemporânea, “presenciou uma relação tão intensa entre cultura e consumo”. Comentando a

contribuição de Mary Douglas e Baron Isherwood para as bases da antropologia do consumo, ele salienta:

“... o consumo possui importância tanto ideológica quanto prática no mundo em que vivemos. O consumo é algo ativo e constante em nosso cotidiano e nele desempenha um papel central como estruturador de valores que constroem identidades, regulam relações sociais, definem mapas culturais. [...] O consumo de produtos e serviços [...] é público e, portanto, retira sua significação, elabora sua ideologia e realiza seu destino na esfera coletiva, existindo como tal por ser algo culturalmente compartilhado.” (ROCHA, 2006, p.8).

Assim, de acordo com Rocha, o termo “consumo” pode ser conceituado como a transformação de produtos e serviços em um sistema de significados, por meio do qual podem ser construídas facetas da subjetividade, que se traduzem em relações sociais e diversas necessidades simbólicas, tornando-o um dos principais modos de interpretação do mundo que nos rodeia. O consumo funciona como um verdadeiro código, tendo a propriedade de atribuir sentido a identidades, sentimentos e relações sociais. Estes últimos, por sua vez, levam a um método de classificação de pessoas e coisas, de grupos e indivíduos, expressando reflexos da cultura material.

O processo de globalização permitiu o confronto da sociedade ocidental com diversas lógicas e valores sobre formas de aquisição e uso de bens e serviços, os quais expuseram o fato de que a simples satisfação das necessidades, o pragmatismo e as imposições do mercado não eram suficientes para explicar o fenômeno do consumo. Como pontuam Vargo e Lusch (2004), a lógica dominante do paradigma centrado nos bens não era capaz de responder todas as especificidades do mercado de consumo, destacando, assim, a importância dos serviços para gestão de marketing no mercado e no consumo. Desse modo, percebe-se a relação estreita entre consumo e cultura, assim como a impossibilidade de se separar um do outro, tendo em vista que todo o processo, seja ele de seleção, escolha, aquisição, uso e descarte de um objeto só ocorre e faz sentido dentro de um sistema cultural. Na verdade, de acordo com as considerações de Miller (2007) sobre os aspectos da cultura material no comportamento de consumo contemporâneo, somente nos tempos recentes a

necessidade emerge como uma qualidade mais absoluta do que relativa nas relações de consumo.

Para Baudrillard, o consumo torna-se “o modo como a sociedade se fala” (1981, p.24). Nesse sentido, o consumo de objetos assume significados que não se manifestam de maneira isolada, mas ocorrem nas relações sociais. Para Rocha (2000), o que o consumidor faz é uma afirmação sobre seu estilo de vida e sobre quem é ou quem gostaria de ser, e o maior indicador desse fato é o grande esforço da modernidade no sentido de promover a síntese da compreensão dos fenômenos sociais.

Dessa forma, à medida que cultura e consumo se engendram mutuamente, o consumo transcende a racionalidade presente no ciclo “produção, compra e uso de produtos”, para assumir características de um sistema simbólico, por meio do qual a cultura expressa seus valores, estilos de vida, categorias, identidades sociais e projetos coletivos (MCCRACKEN, 1988). De acordo com essa lógica, portanto, para compreender o consumo de determinada sociedade, é preciso compreender a cultura em que os indivíduos estão inseridos (ROCHA, 2000).

Embora os autores citados falem do consumo sob a perspectiva antropológica, diversos estudiosos do comportamento de consumo em marketing concordam no entendimento de que o consumo deve ser abordado como fenômeno cultural e, portanto, em seu caráter simbólico (por exemplo, MACINNIS e FOLKES, 2010). Ao privilegiar, a dimensão simbólica do consumo sob a perspectiva de marketing, o presente estudo se insere em uma linha de estudos em marketing que se apresenta como CCT – *Consumer Culture Theory*. Segundo Arnould e Thompson (2005, p.868),

“CCT não é uma teoria unificada, uma grand theory [...]. Ao contrário, refere-se a uma família de perspectivas teóricas que trata dos relacionamentos dinâmicos entre as ações do consumidor, o mercado, e os significados culturais. Embora representando uma pluralidade de enfoques teóricos e objetivos de pesquisa distintos, os pesquisadores da CCT, não obstante, compartilham uma orientação teórica comum relativa ao estudo da complexidade cultural que liga de forma programática seus esforços de pesquisa.”

Arnould e Thompson (2005, p.869) frisam, ainda, que os pesquisadores da CCT não veem a cultura como um todo homogêneo e como sistema de valores

compartilhado por toda uma sociedade, mas sim que esta linha de investigação, no marketing,

“... explora a distribuição heterogênea de significados e a multiplicidade de grupamentos culturais que se sobrepõem e que existem dentro do marco sócio-histórico da globalização e do capitalismo de mercado. Assim, [a ideia de] cultura do consumidor denota um arranjo social em que as relações entre a cultura vivida e os recursos sociais, e entre estilos de vida significativos e recursos materiais de que dependem, são mediadas pelos mercados.”

Arnould e Thompson citam ainda Geertz, para chamar a atenção para que a CCT vê a cultura como “o próprio tecido da experiência, do significado e da ação” (p.869). Nessa linha é que se pode afirmar que a CCT se debruça sobre a experiência do cotidiano, do rotineiro, do fragmentado, e, sobretudo, do simbólico, no comportamento de consumo.

Holbrook e Hirschman (1982) foram pioneiros em marketing ao adotar uma visão hedônica do consumo, que é essencialmente simbólica. Esses autores destacam que o consumo pode ter um apelo simbólico que impacta os sentidos e as emoções, o qual inclui várias atividades de lazer lúdicas, prazeres sensoriais, devaneios, prazer estético, e respostas emocionais. Os autores defendem que a expectativa experiencial pode influenciar o comportamento de consumo, pois os consumidores partem de um estado subjetivo de consciência com uma variedade de significados, respostas hedônicas e critérios estéticos.

Os significados do consumo não são, portanto, homogêneos. Ao contrário, eles variam não só no âmbito individual, mas, sobretudo, tendem a ser compartilhados pelos que pertencem aos mesmos grupos sociais, uma vez que o consumo pode ser usado e entendido como forma de pertencimento. Revendo os estudos da CCT, Gaião, Souza e Souza Leão (2012, p.332) salientam que as escolhas de consumo são moldadas “por hierarquias de gênero, classe social, família, etnia, domicílios e outros grupos formais”.

A ideia de que o consumo pode ser usado como forma de distinção social vem do sociólogo francês Bourdieu (1979), que mostra, em sua obra seminal, *A Distinção*, que o consumo deve ser entendido tanto sob o ponto de vista do capital econômico, quanto do capital cultural. O capital econômico permite ao indivíduo ter acesso a certas formas de consumo e usar o consumo como forma de

ostentação, para se distinguir dos demais. Mas é o capital cultural, que se expressa no conhecimento do que escolher, de como consumir – enfim, no *gosto* – que é usado como demarcador de diferenças sociais.

Em um trabalho de marketing utilizando recursos da etnografia – a observação participante em uma comunidade de baixa renda em Porto Alegre – Castilhos e Rossi (2009) apontam que os significados dos bens escolhidos para o consumo podem variar no próprio espaço da favela, expressando-se na escolha de bens e na maneira de consumir, e criando diferenças sutis, mas importantes, até mesmo entre grupos sociais muito próximos.

Não só os significados do consumo podem variar entre estratos sociais – e até mesmo dentro de um mesmo estrato – como também eles são compartilhados por grupos que se formam a partir dos mais diversos interesses e motivações, de religiosas a esportivas, culturais, com base em *hobbies*, ou ainda em função das áreas urbanas que habitam e assim por diante. O consumo é usado, em todos esses casos, para demarcar pertencimento e como forma de construção de identidades, entre muitas outras possíveis manifestações.

Por exemplo, o trabalho de Barros e Rocha (2009) sobre o consumo de empregadas domésticas do Rio de Janeiro identificou uma relação entre práticas de consumo e religião. As empregadas domésticas evangélicas viam negativamente o consumo por impulso, “se negando, em um plano, os ‘exageros consumistas’ da sociedade contemporânea e o uso desenfreado de marcas de status”, mas, por outro, utilizavam o consumo de determinados bens “como sinal de prosperidade e ascensão social da família” (p.47). Desta forma, ao impregnar o consumo de significados religiosos, faziam uma ponte entre esses dois mundos – o do consumo e o da religião – e usavam o primeiro para demarcar seu pertencimento ao segundo.

Barros (2009), em um trabalho sobre o uso da *internet* no espaço da *lan house*, investigou o papel de formadores de opinião no consumo e difusão de produtos culturais no contexto de um grupo de camadas populares. A autora procurou, por meio de uma pesquisa etnográfica, analisar a influência dos atendentes de *lan houses* sobre os frequentadores em relação ao consumo de produtos culturais, tais como jogos e estilos musicais. Os resultados da pesquisa mostram que o consumo de produtos e a adesão a “gostos” culturais entre os jovens frequentadores são construídos no plano coletivo e social. Esses resultados

evidenciam a importância do compartilhamento e do sentimento de pertencimento a determinado grupo frente a outros. De outro lado, o estudo chama atenção para o fato de que os indivíduos recebem influência de outros indivíduos e de grupos, o que pode influenciar estilos de vida, levando à incorporação de modismos e à adoção de novos produtos, dentre outros fenômenos.

Assim, o consumo é usado pelos indivíduos para construir significados por meio dos quais eles definem questões relacionadas a identidade, pertencimento, inclusão e exclusão, entre muitos outros. No presente estudo, interessa particularmente certo tipo de identificação e pertencimento associado à prática do lazer, sob a perspectiva dos consumidores de Terceira Idade.

2.2. Consumo e Identidade

A relação entre consumo e identidade tem papel destacado na literatura interpretativa de consumo, tendo em vista que os indivíduos usam o consumo para expressarem sua individualidade, para falar de si mesmos, para reconstruírem sua identidade após mudanças e passagens e para declararem a que grupo pertencem, entre outras manifestações.

2.2.1. Construção da Identidade a partir do Consumo

Firat e Venkatesh (1995) argumentam que a construção identitária, no sentido de como um indivíduo vê a si mesmo, encontra no discurso e na prática do consumo um campo fértil para sua manifestação. Essa reflexão encontra amparo no debate promovido por estudiosos do tema da identidade social sobre como o comportamento de consumo é útil para instrumentalizar a expressão dos gostos individuais (BOURDIEU, 1979), e como o consumo ajuda no posicionamento dos indivíduos em relação a categorias sociais existentes (FOUCAULT, 1983). Dessa forma, pesquisadores interessados em compreender mais profundamente o comportamento do consumidor têm lançado o olhar para a cultura de consumo, realizando estudos que articulam a questão da construção da identidade individual

e coletiva a partir das práticas de consumo. Esses estudos incluem diferentes temáticas relacionadas ao consumo, tais como etnia e nacionalidade (ASKEGAARD et al., 2005; HIRSCHMAN et al., 2010), escolhas de compras como extensão do *self* (BELK, 1988), influência do capital cultural no consumo (HOLT, 1998), questão de gênero e sexualidade (HOLT e THOMPSON, 2004), decisão de consumo consciente ou de não consumo (SHANKAR et al., 2006; PEÑALOZA e PRICE, 1993), relação entre objetos de consumo e trajetória de vida (AHUVIA, 2005), manutenção da identidade religiosa (HIRSCHMAN et al., 2010; ROEMER e REUVENI, 2010), estágio de vida que passa pelo comportamento de adultos (KJELDGAARD e ASKEGAARD, 2006) e de grupos de Terceira Idade (BARNHART e PEÑALOZA, 2013; SCHAU et al., 2009).

Nesse contexto, esta pesquisa analisa o consumo sob a égide da satisfação pessoal e da influência das forças sociais, que conferem ao consumo legitimidade e satisfação. Giddens (2002) posiciona o consumo como parte de um estilo de vida, composto por escolhas feitas por determinado ator. No entanto, o autor reconhece que, durante o processo de construção de um estilo de vida e formação da identidade, diversas são as alternativas influenciadas pelo contexto social. As variações de escolha entre um grupo de atores e outros pode gerar processos tanto de diferenciação quanto de exclusão, à medida que estes buscam a própria segurança ontológica. Giddens (2002) sublinha que o indivíduo constrói sua identidade a partir da busca do sentido de continuidade e ordem nos eventos, mesmo que não conformem o universo de percepção imediatas do ator.

Jenkins (2005) considera o processo de identificação como o mecanismo básico que os indivíduos utilizam para se distinguirem uns dos outros, tanto de forma individual quanto coletiva. O autor defende que o processo de formação da identidade acontece pela análise sistemática de semelhanças e diferenças em relação a outros indivíduos e aos objetos. Jenkins (2005) aponta que no processo de identificação individual há predominância das avaliações de diferenças em relação aos outros, visando à delimitação no que “eu sou diferente deles”. No que diz respeito à identificação coletiva, o autor a relaciona às similaridades identificadas entre os indivíduos que compõem o grupo, de maneira que possam ver o grupo como um todo coeso, imprimindo uma ideia de unidade.

Bauman (1999) localiza as necessidades individuais de autonomia pessoal na busca pela vida autêntica e pela autodefinição de modo que, para tal, cria-se a

necessidade de possuir e consumir bens oferecidos no mercado. Uma vez que o indivíduo escolhe o que possuir, é possível identificar o caráter ativo da escolha da identidade. Portanto, se a escolha é ativa, a motivação que leva ao consumo revela-se como variável relevante à análise.

Bauman (2005) aponta ainda que a identidade é reproduzida nas ações e no discurso dos indivíduos. Dessa forma, a identidade individual tem consequências reais, apesar de estar presente no imaginário das pessoas e de ser criada em suas mentes. O autor sublinha o fato de que os indivíduos podem apresentar múltiplas possibilidades de identidade, estabelecendo uma distinção entre as identidades sociais escolhidas e as identidades sociais impostas. A identidade social escolhida pode ser compreendida como aquela na qual o indivíduo assume o caráter ativo na escolha da identidade assumida, enquanto a identidade social imposta é aquela que o indivíduo precisa assumir para responder a alguma necessidade ou imposição do grupo social em que está inserido. Essas categorias de identidades podem se revelar de formas conflitantes e simultâneas. Contudo, para Bauman, é possível conviver e mitigar o conflito de acordo com o contexto e a maneira como os indivíduos vivenciam suas múltiplas identidades, ainda que, em alguns casos, essas se expressem de modo conflitante. Trata-se de um processo contínuo de identificação, pois à medida que os indivíduos se questionam quem são, vão compondo sua própria identidade a partir daquilo que reconhecem e acolhem como “seu”, ou como parte de “si”. Entretanto, esse fenômeno não é estanque, mas vai acontecendo continuamente, sendo modificado com o tempo ou mesmo conforme o contexto. No mesmo sentido, Jenkins (2005) observa que a identidade é fruto de uma constante dinâmica de “estar” e “se tornar” e, por isso, não seria pré-determinada, tampouco estática no tempo.

Bourdieu (1979) observa que o consumo pode representar uma forma de construir uma identificação, seja por um indivíduo isoladamente, seja por um grupo de indivíduos, que buscam exprimir-se por meio de sua capacidade de consumo. Desse modo, o consumo pode representar uma forma de distinção social a partir dos hábitos de compra dos consumidores. A dimensão cultural do consumo se mostra, portanto, na construção e na afirmação de identidades, assim como na diferenciação que tangencia as relações e as práticas sociais (BARBOSA, 2004). Brakus, Schmitt e Zarantonello (2009) também observam que o consumo pode ser motivado a partir de experiências individuais ou

coletivas, devido às dimensões simbólicas que determinadas formas de consumo podem assumir.

Da mesma forma, Slater (2002) salienta que a cultura de uma sociedade ajuda a construir a identidade dos consumidores. Assim, o comportamento de consumo deve ser sempre considerado cultural, pois abrange significados que são compartilhados no âmbito social e cultural, reproduzindo naturalmente o sistema de relações sociais de uma sociedade.

Arnould e Thompson (2005) sublinham que os rituais e as práticas de consumo são elementos fundamentais para a construção e manutenção da identidade individual enquanto ser social, tendo em vista o fato de que o consumo individual está intimamente relacionado com a identidade coletiva. Holt (2002) também debateu essa questão apontando que os consumidores buscam artifícios para estruturar sua identidade e, desse modo, as práticas de consumo representam um importante recurso nesse sentido. Os significados atribuídos a objetos e bens pessoais transmitem valores do contexto social em que o indivíduo interage, revelando, portanto, importantes aspectos de sua identidade.

Bourdieu (2004) observou ainda que elementos sociais e culturais são fatores fundamentais para entender interesses e escolhas do consumidor, pois permeiam seu imaginário e preenchem de significado aquilo que se deseja consumir. Isto ocorre porque os consumidores – enquanto atores sociais – adquirem diversas identidades, que podem ser baseadas em diferentes critérios, tais como estratificação social, padrão estético, etnia, religião, entre outros. Como colocam MacInnis e Folkes (2010), quando se analisa o comportamento do consumidor não se pode deixar de vislumbrar suas diversas conexões com elementos culturais e sociais, uma vez que o comportamento do consumidor se expressa efetivamente dentro de uma realidade vinculada a tais elementos.

2.2.2. Práticas de Consumo na Formação Identitária

Como visto, o processo de formação da identidade social dos indivíduos ou de um grupo de indivíduos pode se manifestar no comportamento de consumo, o que permite observar diferentes categorias sociais a partir da cultura de consumo

(FIRAT e VENKATESH, 1995). Diversos estudos realizados no âmbito da CCT abordam estas questões.

Na pesquisa de Holt e Thompson (2004) foi investigado como a construção da identidade masculina pode ocorrer por meio da articulação discursiva entre pessoas da moda em relação a seus ideais culturais. A pesquisa analisou as representações culturais populares de masculinidade, das quais os autores recolheram dois modelos predominantes, a saber: chefes de família e solteiros rebeldes. A partir daí, os autores procuraram observar como os homens reproduzem prazer e tensões em ambos os aspectos de ideais identitários. Os consumidores constroem sua identidade no discurso e na atividade de consumo, fenômenos que são mutuamente estruturados e compreendidos em termos das próprias distinções e categorias sociais que a identidade assumida se produz, fica dependente e se reproduz. Assim, o consumo e o discurso se alinham, buscando uma coerência capaz de revelar o próprio indivíduo, isto é, a sua identidade. Nesse sentido, para os autores, a identidade não existe antes do consumo como uma influência sobre o último. Ao contrário, o consumo é que surge como instrumento revelador da identidade, confirmando ou desconfirmado elementos identitários do discurso.

Entretanto, segundo Askegaard et al. (2005), apesar de os indivíduos serem sujeitos ativos na criação e produção de sua própria identidade, estes não podem ser considerados autônomos no processo de construção identitária. Os autores apresentam esta questão em um estudo no qual descrevem a identidade étnica como uma opção para os imigrantes da Groenlândia na Dinamarca. Askegaard et al. observaram que a construção da identidade dos imigrantes não era livre das relações pessoais, valores e história. Apesar do desejo por um consumo mais amplo no mundo globalizado, dadas as imagens promocionais que se associam e despertam aspirações de consumo, os padrões de consumo de determinados grupos podem ser definidos pelo desejo de manter uma identidade mais localizada. Desse modo, o consumo fica marcado por tentativa de conciliação por parte dos consumidores em satisfazer os desejos existenciais, conjugando-os com a tentativa de preservar as raízes distintas de sua origem étnica (ASKEGAARD et al., 2005).

Roemer e Reuveni (2010) ratificam esta posição observando como o fenômeno se dá nas práticas de consumo religioso de grupos judeus ortodoxos e

liberais. Nesses grupos, o consumo era usado não apenas como veículo de integração, mas também como forma de manter as diferenças entre os praticantes da religião. Desta forma, a percepção do consumidor ganha destaque à medida que a espiritualidade do indivíduo permite transcender os limites da tradicional experiência de consumo, atribuindo significados à compra e ao uso de produtos, para além do “eu” e do “outro”. Com isso, segundo Roemer e Reuveni, a cultura de consumo e os rituais religiosos tornam-se cada vez mais interconectados, reforçados pela necessidade de estabelecimento e manutenção de cerimônias características da comunidade religiosa. Por sua vez, Hirschman et al. (2010) encontraram os seguintes elementos destacados por consumidores religiosos, relevantes à construção de suas identidades: consumo para celebração de feriados religiosos e reforço dos laços da família; e participação em atividades relacionadas aos feriados religiosos como forma de prover oportunidade de expressar sua identidade perante si mesmo, os demais participantes e a comunidade maior.

A pesquisa de Holt (1998) sugere que o comportamento de consumo pode ser útil para sinalizar o que a pessoa é, o que valoriza e o que gostaria de ser. Nesse contexto, as práticas de consumo emergem como sinalizador daquilo que o consumidor quer passar a outros em seu contexto social. O estudo de Holt (1998) comparou as práticas de consumo de consumidores de alto e de baixo de capital cultural em várias categorias de produtos. O autor observou que os consumidores pertencentes aos dois grupos consumiram recorrentemente os mesmos produtos e atividades. No entanto, os significados do consumo destes bens e serviços diferiam substancialmente, pois os consumidores de baixo capital cultural apresentavam um discurso mais materialista do consumo, procurando se realizar e construir sua identidade por meio dos bens que conseguiam possuir.

Os estudos analisados permitiram verificar que a formação da identidade por grupos sociais e por domínios geográficos ocorre de forma emergente e dinâmica, a partir das relações pessoais e culturais, considerando os valores nutridos em seu contexto social (HOLT e THOMPSON 2004; ASKEGAARD et al. 2005; ROEMER e REUVENI, 2010; HIRSCHMAN et al., 2010; HOLT, 1998). Entretanto, a construção social da velhice como categorial social (WILLIAMS e QUALLS, 1989) requeria maiores investigações por pesquisadores de consumo, necessidade que ainda não foi plenamente satisfeita, conforme sublinhado Barnhart e Peñaloza (2013).

O estudo pioneiro nesse sentido foi realizado Barnhart e Peñaloza (2013). Ao pesquisar o processo de construção da identidade por meio do consumo em termos de idade, Barnhart e Peñaloza perceberam que a identidade se revela contingente, sendo manifestada pelos consumidores no campo macrocultural a partir de distinções das relações sociais. A pesquisa explorou a construção da identidade durante a velhice a partir da observação do posicionamento dos idosos em relação aos membros de sua família, prestadores de serviços a idosos (cuidadores) e amigos. O estudo destacou a natureza ativa de contestação e de negociação no processo de construção da identidade dentro do contexto do consumo do grupo de idosos analisado.

2.2.3. Identidade e Terceira Idade

A identidade relacionada às fases da vida é reivindicada e expressada durante todo o tempo de vida no discurso (COUPLAND et al., 1991) e prática (GULLETTE, 2004). Todavia, as pesquisas sobre a temática da identidade etária têm sido particularmente inconsistentes e imprevisíveis (BARNHART e PEÑALOZA, 2013). Gatz e Cotton (1994) detalham como as identidades construídas a partir da idade variam pessoal e culturalmente, fato que gera pouco consenso a respeito de quem deve ser considerada parte da Terceira Idade. Da mesma forma, Coupland et al. (1991) verificaram, em sua pesquisa, que a identidade dos idosos é observada como um fenômeno altamente instável, pois reflete as circunstâncias locais em que esta identidade foi construída. Nesse sentido, é preciso considerar os variados contextos de consumo que contribuem para o processo de construção da identidade de acordo com a idade, que inclui também uma variedade de atividades que se alteram com frequência na presença ou ausência de outras variáveis importantes.

Os resultados de pesquisas já realizadas têm produzido uma ideia de que a identidade na Terceira Idade não se caracteriza por os indivíduos se considerarem “velhos”. Ao contrário, caracteriza-se pelos idosos não se reconhecerem como afetados pelo envelhecimento, mesmo que os outros os tratem como tal (BLAU, 1956; BULTENA e POWERS, 1978). Tal fenômeno ajudou na construção do

autoconceito de juventude elaborado pelo marketing (MOSCHIS, 2003; SOLOMON, 2011).

Na pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013), os entrevistados se mostravam relutantes em se identificarem como “velhos”, ainda que fossem vistos como tal por outros. No entanto, as autoras encontraram alguma indicação de que ser posicionado como “velho” pelos outros pode induzir uma mudança dos sentimentos e dos comportamentos relacionados com a identidade etária ao longo do tempo. No mesmo sentido, Arluke e Levin (1984) descobriram que, quando outros falam de forma condescendente com idosos, esses últimos mostram uma queda de auto-eficácia e isto contribui para gerar sentimentos de baixa autoestima. Por sua vez, Nussbaum et al. (2005) observaram que a abordagem paternalista e o tratamento infantilizador dado a idosos poderia levá-los a comportamentos mais dependentes.

A relutância em se identificar com uma posição negativa foi observada na pesquisa étnica (ACUÑA, 2004), e há alguma evidência de que um fenômeno semelhante pode ocorrer na construção da identidade por consumidores da Terceira Idade. De fato, as pesquisas já existentes denotam resistência às ideias preconcebidas sobre o consumo na Terceira Idade (ARLUKE e LEVIN, 1984; BARNHART e PEÑALOZA, 2013; COUPLAND et al., 1991; NUSSBAUM et al., 2005). O estudo de Tepper (1994), que pesquisou as respostas dos consumidores mais velhos a descontos oferecidos a idosos, descobriu que os consumidores idosos rejeitam os descontos para evitar a auto-desvalorização e a estigmatização. Entretanto, os idosos que assumem aceitar os descontos o fazem por atribuir significados positivos à Terceira Idade. No entanto, outros estudos têm mostrado que as pessoas de mais idade estão menos propensas a se identificarem com sua idade cronológica (GOLDSMITH e HEIENS, 1992; MOSCHIS, 2003).

Os pesquisadores de marketing, contudo, não examinaram diretamente a construção da identidade na Terceira Idade por meio consumo até a já mencionada pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013), que realizou o primeiro mergulho no tema a partir da discussão sobre a construção da identidade quando os consumidores já não podem consumir de forma independente. Por sua vez, apesar de não terem estudado o consumidor idoso diretamente, Schau et al. (2009) investigaram a construção de “outras identidades” por indivíduos a partir da

aposentadoria. Um exemplo é a identidade de artista, tendo em vista disponibilidade de tempo para se dedicar a atividades mais lúdicas, o que antes não era possível devido às horas dedicadas ao trabalho. Segundo Cockerham (1991), a aposentadoria forçada, em alguns casos, surge como um dos principais indicadores para o indivíduo de que já está “velho”. Em suas sugestões de pesquisa futuras, Cockerham destaca que, com o crescimento da cultura de consumo na sociedade dos EUA, o consumo pode ser um campo mais fértil do que o trabalho para procurar compreender como se dá o processo de construção de identidade na Terceira Idade.

2.2.4. Construção Social da Noção de Terceira Idade

De acordo com Janmohamed e Lloyd (1990), os grupos sociais são constituídos e reproduzidos no discurso e na prática das atividades humanas, ficando inseridos dentro de uma estrutura hierárquica. No mesmo sentido, as classificações das faixas etárias mostram semelhante estrutura hierárquica, a qual é resultado de determinado contexto histórico e social. Fennell, Phillipson e Evers (1988) sublinham que, no início de 1900, a comunidade médica ocidental começou a estudar a velhice a partir da égide da patologia, considerando a velhice como a perda do funcionamento físico e mental em contrapartida do estado considerado “normal”, que tem como paradigma o estado físico e mental dos jovens adultos. Por sua vez, Pollak (1948) destaca que a gerontologia social até 1950 marginalizava os idosos, classificando o segmento populacional que alcançava mais idade como o “problema idoso”, trazendo a discussão sobre o que a sociedade deveria fazer com as pessoas mais velhas. Nos Estados Unidos, depois dos anos 1960, a situação de marginalização da população idosa ficou mais crítica com a popularização da teoria levantada por Cumming e Henry (1961), a qual defendia que as pessoas ao chegar a idades avançadas tenderiam a se isolar como forma de se preparar para a morte. Nesse âmbito, a velhice era compreendida como um tempo de solidão. Além disso, segundo Binstock (2005), naquele país, a legislação em vigor à época dava conta de que os idosos eram pessoas financeiramente necessitadas e vulneráveis a doenças, sendo preciso a

aprovação, em 1965, da Lei Medicare, que previa uma proteção especial para pessoas idosos em relação à saúde.

Contudo, apesar dessa marginalização ser verificada “oficialmente” em meados do século passado, hoje é possível observar que ainda persiste a ideia de que a população de Terceira Idade é um grupo de indivíduos em condição mais debilitada da vida. Segundo Gullette (2004), em muitos casos, é comum que a população idosa seja retratada, no ponto de vista social, como cognitiva e fisicamente inferior. Haim (1994) observa que a população idosa é inabilitada para práticas de valorização da aprendizagem formal, por apresentar menor propensão do que os jovens a se envolver em processos de aprendizagem. Cuddy, Norton, e Fiske (2005) chamam a atenção para outras formas de estereótipos em relação à população de Terceira Idade, tais como falta de flexibilidade, falta de produtividade, senilidade, debilidade, letargia, falta de habilidade e maior sujeição ao desamparo.

A indústria do entretenimento audiovisual também marginalizou os indivíduos de Terceira Idade, omitindo-os de programas, seriados e filmes. Vesperi (2004) observou que, no ano de 2003, menos de 3% dos personagens de ficção produzida nos Estados Unidos para televisão e para cinema representavam indivíduos com mais de 65 anos.

Em sentido oposto, Gergen e Gergen (2000) defendem que a visão negativa em relação ao envelhecimento está chegando ao fim. Segundo os autores, já existe o reconhecimento de que o envelhecimento pode se dar de forma positiva, uma vez que as pessoas estão vivendo mais e manifestando seu poder, seja do ponto de vista da proficiência e manutenção da habilidade, seja do ponto de vista econômico. Nesse sentido, a ideia de que o idoso é dependente e debilitado estaria sendo gradativamente desconstruída. A participação ativa em atividades sociais – físicas, tecnológicas ou de aprendizado – vem desmentindo o entendimento de que as limitações da idade necessariamente colocam o idoso em situação de desvantagem em relação aos jovens e aos adultos, fato que tem despertado para a noção trazida por Gergen e Gergen do envelhecimento positivo.

No mesmo sentido, Lins de Barros (2011) defende a existência de uma “ideologia da Terceira Idade”, que caminha em sentido oposto à antiga e estigmatizada noção de velhice. Segundo a autora, o atual conceito de “Terceira Idade” remete a uma ideia – nascida de uma construção ideológica – que se

caracteriza por meio de um envelhecimento ativo. Nesse contexto, os idosos de mais idade são percebidos como indivíduos que podem abraçar novos projetos de vida desde que adequados a esta etapa da vida, podem também assumir o cuidado de si mesmo e podem ainda assumir a responsabilidade pessoal da condução de sua própria vida. Assim, o conceito contemporâneo de Terceira Idade não remonta à lógica da velhice como fator impeditivo e limitador, mas assume uma lógica de envelhecimento ativo, na qual o idoso é compreendido como um indivíduo capaz e autônomo para realizar e administrar suas escolhas, sendo considerado habilitado para atuar no contexto social de modo satisfatório.

Goldenberg (2011), em seus estudos, observou que a velhice é uma etapa da vida em que se têm perdas e ganhos pessoais. Segundo a autora, quando chegam à Terceira Idade, os indivíduos tendem a sentirem-se mais livres das pressões sociais, lançando o seu foco para as atividades que mais lhe dão prazer e que realmente gostam ou gostariam de fazer. Dessa forma, na velhice, as pessoas estão mais abertas para se descobrirem a partir das experiências que se permitem viver, conhecer mais profundamente os seus próprios desejos e vontades e, quando conseguem, optam por priorizar apenas o que verdadeiramente pode trazer a sensação de felicidade.

Debert (2004) contribui para essa discussão ao destacar a configuração atual da sociedade em que se observa acentuada ênfase no envelhecimento ativo, o que promove a ressignificação social da experiência de envelhecer. Segundo a autora, essa ressignificação se constitui como elemento ativo do que chamou de reprivatização da velhice, a qual encaminha para a produção de estratégias antienvelhecimento, mesmo que indiretamente. Para Debert, todo o discurso social de cuidado acentuado com o corpo desperta as pessoas para um padrão de comportamento que não acolhe as mudanças naturais do envelhecimento, o que se verifica conforme os indivíduos vão interiorizando a ideia de manter características jovens, apesar do avanço da idade. Uma preocupação da autora é que, nesse cenário, o envelhecimento seja rejeitado – o que vai contra o curso natural da vida – motivando os idosos a um movimento contrário em relação a envelhecer, por considerar antiestético, parecer menos ativo, remeter à ideia de menos capacitado etc. Caradec (2011) pontua que evitar a manifestação dos sinais físicos da Terceira Idade, por meio de exercício físico, cirurgia plástica e

tratamentos de beleza etc., é uma estratégia utilizada pelos indivíduos de Terceira Idade para tentar, ao menos psicologicamente, “afastar” o envelhecimento.

Ainda segundo Debert (2004), é nesse contexto que surge a noção da Terceira Idade. A autora pontua que o surgimento dessa designação está relacionado a uma tentativa de estabelecer uma nova imagem para esta etapa da vida. Debert sugere que essa noção sobre o envelhecimento emerge com o objetivo de combater estereótipos e concepções discriminatórias já consolidadas na designação “idoso”. Desse modo, ao introduzir a designação Terceira Idade, há a concepção de um novo ethos para esta fase da vida, o qual pretende superar a noção da velhice como uma fase de fragilização física e social do indivíduo. Debert sublinha que ao se mitigarem as imagens negativas das representações da Terceira Idade obtém-se o que chamou de elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, o qual contribui para a elevação do status do corpo saudável, representado pela imagem física de uma pessoa jovem, como elemento constituinte da identidade do indivíduo (jovem, adulto ou idoso) na esfera pública, o que chamou de discurso do “envelhecimento positivo”. Nas palavras da autora:

“As pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal veiculadas pela mídia [...]. Os problemas ligados à velhice passam a ser tratados como um problema de quem não é ativo e não está envolvido em programas de rejuvenescimento e, por isso, se atinge a velhice no isolamento e na doença, é culpa exclusivamente dele.”
(DEBERT, 2004, p. 229).

É nesse sentido que Debert (2004, p. 23) chama a atenção para o cuidado que se precisar ter para o discurso que chama de “reinvenção do envelhecimento”, pois, em que pese a tentativa de promover a ideia do compromisso com o “envelhecimento positivo”, paradoxalmente, o tratamento dado ao idoso não leva em consideração que esse segmento possui diferenças internas, sejam elas nos âmbitos social, etário, financeiro, político, físico etc. Dessa forma, é preciso estar atento a práticas que tendem a encobrir os problemas próprios da idade mais avançada, oferecendo oportunidades fictícias de afastar os efeitos do envelhecimento com a renovação das identidades, do corpo e da autoestima, pois isto pode se mostrar uma forma de negação da velhice.

Em outro trabalho, Debert (1999, p.72) alerta para a necessidade de crítica ao discurso social de “envelhecimento positivo”, pois quando se fala da experiência da velhice comumente se remete a espaços e imagens de uma velhice bem-sucedida conforme os valores da juventude. Nesse sentido, Debert (1999) provoca a necessidade de se olhar para os valores característicos desse grupo social, fenômeno que ainda carece de maiores investigações.

Ao refletir como as classificações sociais são determinadas para pontuar a posição ocupada por um indivíduo no grupo social, observa-se a influência dos valores socialmente construídos para demarcar os indivíduos em determinado contexto. O estudo de Hall (1997) mostra como as pessoas em diferentes classes sociais são definidas e classificadas em relação a outras em razão do discurso e da prática, incluindo as práticas de consumo. No mesmo sentido, Acuña (2004) estudou os efeitos de ser posicionado e tratado como um membro de um grupo étnico minoritário desvalorizado. Percebe-se, assim, que os indivíduos buscam se posicionar como pertencentes a uma classe socialmente construída, bem como se atribuírem a pertinência a essa classe, por si mesmos e pelos outros. Dessa forma, produzem categorias sociais a que são associadas certas capacidades e características de outros. Por exemplo, a noção de “Terceira Idade” é uma construção social da posição do indivíduo, que outros podem usar em seu discurso para se referir ao idoso como socialmente inferior. Isso pode ocorrer, por exemplo, ao se adotar discurso com tom infantilizado ao conversar com um idoso (ARAUJO, CASOTTI, SILVA e PESSÔA, 2012), ou mesmo em práticas como ajudá-lo a caminhar ou a executar tarefas (BARNHART e PEÑALOZA, 2013).

2.2.5. Consumo da Terceira Idade

A literatura tradicional de marketing e comportamento do consumidor, a partir de uma perspectiva positivista, oferece alguns entendimentos sobre o consumidor de Terceira Idade. Embora o presente estudo adote uma perspectiva interpretativa, é conveniente rever o que a literatura de marketing, ainda que com um viés positivista, tem a dizer sobre questões relevantes para esse trabalho, que podem auxiliar na interpretação do fenômeno em estudo.

A disciplina de marketing tem dado pouca atenção ao idoso como consumidor. Destaca-se, entretanto, que os estudiosos de marketing têm contribuído para a construção da noção de Terceira Idade como se o idoso estivesse em uma posição marginalizada e desvalorizada. Por exemplo, o Modelo de Ciclo de Vida (FLC) de Wells e Gubar (1966) reproduz os estereótipos negativos da velhice, isolamento e solidão anteriormente avançado por Cumming e Henry (1961), ao intitular fases da velhice como “ninho vazio” e “sobrevivente solitário”. Mais tarde, como nas atualizações para o modelo de Gilly e Enis (1982) e Murphy e Staples (1979), os consumidores idosos continuaram a ser segmentados como consumidores solteiros ou casados, em vez de classificados como membros do grupo, o que pode se dever ao foco sobre o consumo das famílias na segmentação de consumidores adultos (PETER e OLSON, 2009).

Os primeiros estudos sobre as práticas de consumo na Terceira Idade – assim como parte importante da literatura subsequente – focavam as restrições deste grupo para realizar plenamente o seu papel de consumidor. Alexandris e Carrol (1997) relacionam tais restrições ao efeito idade e ao ciclo de vida, os quais se revelam como interferências peculiares ao contexto de decisão do consumidor. Para Fleischer e Pizam (2002), as restrições físicas e intrapessoais aumentam significativamente com a idade, pois, com o avanço da idade, mais deterioradas tornam-se as condições de saúde. As pessoas passam por transformações ao envelhecerem, as quais representam, em sua maioria, mudanças biológicas naturais ao envelhecimento (OBERG e TORNSTAM, 1999). Essas transformações naturais podem afetar sua mobilidade, flexibilidade, elasticidade, força, visão e audição, o que impacta suas relações sociais, profissionais e familiares e sua forma de consumir (PAK e KAMBIL, 2006). De acordo com o estudo de Hoeymans et al. (1997), as pessoas idosas tendem a perder suas habilidades funcionais com o passar dos anos, mas a saúde e a capacidade de avaliação do contexto não necessariamente diminuem com o passar do tempo. Mesmo assim, embora parte dos idosos apresente limitações físicas, não se pode generalizar essa condição para toda a população da Terceira Idade. No entanto, a maior parte dos produtos vendidos especificamente para os idosos ainda está relacionada à ideia de incapacidade de locomoção ou condição física limitada (BALLSTAEDT, 2007).

Os estudos na literatura que abordam limitações dos idosos abarcam diferentes temas. Por exemplo, Gilly e Zeitham (1985) publicaram um estudo no *Journal of Consumer Research* em que discutem a adoção de recursos tecnológicos pelos consumidores idosos. Os resultados apontam no sentido de que os idosos têm mais dificuldades de interagir com inovações, bem como apresentam ritmo diferente para utilizar tais recursos. Já o estudo de Mattila et al. (2003) buscou conhecer o comportamento dos idosos em relação aos serviços bancários, notadamente no que diz respeito à introdução dos serviços de auto-atendimento. Os resultados mostram que os idosos sempre que possível optam por dispensar o auto-serviço e preferem ser atendidos ou assistidos por funcionários, em razão das dificuldades de interação com equipamentos automatizados. O estudo de Kennett, Moschis e Bellenger (1995) observou dificuldades parecidas em relação aos serviços financeiros disponíveis para investimento de sua renda discrecional.

Alguns estudos em marketing procuraram investigar o comportamento do consumidor de Terceira Idade com relação a alimentos. O estudo de Burt e Gabbott (1995) analisou o comportamento do consumidor idoso em relação à compra de alimentos. Os autores observaram que os idosos eram praticamente ignorados enquanto consumidores. Esse fato foi considerado pelos pesquisadores um comportamento inadequado e ingênuo, pois não se pode ignorar sua influência no contexto familiar para compra dos alimentos consumidos pela família. Burt e Gabbott (1995) identificaram como principais fatores que impactam a escolha dos alimentos por consumidores idosos a influência da idade no estilo de vida, a relação entre as expectativas do consumidor idoso e os atributos da loja, e a relação de clientela com lojas próximas de casa.

Estudos mais recentes sobre a tomada de decisão dos consumidores de Terceira Idade dão conta de temas tais como capacidade cognitiva (COLE et al., 2008; NASCO e HALE, 2009; WILLIAMS e DROLET, 2005), interesses e necessidades de compra (MYERS e LUMBERS, 2008; PETTIGREW et al., 2005) e lealdade e escolha de marca (LAMBERT-PANDRAUD e LAURENT, 2010). Entretanto, todas estas pesquisas se baseiam na suposição de que a velhice afeta a forma como as pessoas consomem, o que não é necessariamente verdade, como observado por Barnhart e Peñaloza (2013). Ao suporem que a velhice modifica o consumo, os pesquisadores deixam de considerar e questionar de que maneira os

idosos compreendem a velhice e como consomem a partir de sua própria visão enquanto sujeitos ativos de consumo. Dessa forma, Barnhart e Peñaloza (2013) defendem que é preciso entender como as pessoas de Terceira Idade realizam suas escolhas de consumo a partir de suas próprias perspectivas e interesses.

Além disso, pelo menos no contexto de países desenvolvidos em que se realizaram esses estudos, também tende a haver, nesse período da vida, aumento significativo da renda disponível para o consumo, pois há uma redução dos compromissos financeiros com a casa e com a família ao passar dos anos (BIRTWISTLE e TSIM, 2005). Myers e Lumbers (2008) observam que, paralelamente à maior disponibilidade de renda, ocorreu uma mudança entre os indivíduos de Terceira Idade, que passaram de uma forma de pensar conservadora para uma mentalidade mais individualista. Em sentido oposto, é cada vez menos frequente que eles continuem buscando acumular para deixar herança a seus descendentes, como faziam as gerações anteriores. Desta forma, seria cada vez mais comum que, ao se tornarem aposentados ou pensionistas, os idosos utilizem a renda disponível consigo mesmos. Na mesma linha, Nam et al. (2007) sublinham que os idosos são mais entusiastas, têm mais condições financeiras, desejo de comprar bens e serviços e, além disso, preocupam-se com a aparência e desejam usufruir mais dos prazeres da vida. Muller (1996) observa que os idosos têm muito cuidado com a saúde e com a aparência. Desse modo, segundo os autores, algumas empresas já observaram esse segmento como um grupo de consumidores potenciais e vem desenvolvendo produtos específicos para essa parte da população (STEFANO, SANTANA e ONAGA, 2008).

Esteves (2010) observa que a adaptação dos produtos ou serviços para esse segmento de consumidores é fundamental para satisfazer suas necessidades. A autora destaca a importância de se observar mercados onde essa mudança demográfica já aconteceu há mais tempo, como nos Estados Unidos e na Europa, aprendendo sobre o que foi feito para esse segmento, as adaptações que foram feitas, as ideias de sucesso etc., com o fim de conhecer produtos e serviços específicos que funcionaram adequadamente para essa faixa etária da população.

De acordo com Solomon (2011), em relação ao consumidor idoso, uma característica muito importante é a questão da idade percebida versus a idade real. Este autor considera que muitos idosos têm interesse em comprar produtos destinados a consumidores mais jovens, pois o consumo desses bens remeteria à

ideia de ainda estarem jovens. Segundo Moschis (2003), esse é um fenômeno muito comum, havendo uma preferência por manter o autoconceito de juventude, que leva as pessoas desses grupos a continuar observando mensagens que, em geral, são dirigidas a um público mais jovem.

Em posição divergente, Thomas e Peters (2009) sugerem que as campanhas publicitárias devem levar em consideração a idade, pois, segundo eles, esses consumidores desejam que seus objetos de consumo sejam capazes de comunicar sua personalidade, sua geração e o grupo em que se percebem inseridos. Nesse sentido, é adequado que as ações de marketing enfatizem os produtos ou serviços, destacando sempre que possível o seu uso aos diversos segmentos etários, inclusive para a Terceira Idade. No entanto, no caso de produtos específicos, essa comunicação deveria ser bem planejada, frisando a qualidade do que é oferecido e sua adequação para o público de Terceira Idade.

Debert (1997) observa a questão do cuidado especial na comunicação no momento de ofertar produtos e serviços a idosos. Para a autora, o marketing simplesmente ignorou esse segmento da população, direcionando suas abordagens para grupos etários mais jovens, sem se preocupar em atingir grupos de consumidores de idades mais avançadas. Ela destaca ainda que a comunicação de marketing direcionada para a Terceira Idade deve ser cautelosa, pois o segmento não responde de forma favorável à propaganda de produtos “para velhos”, o que vai ao encontro do autoconceito de juventude de que falam Moschis (2003) e Solomon (2011). Este é um ponto sensível, como verificado em recente pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013), cujos resultados mostram que os consumidores idosos têm resistência em relação às classificações tradicionais de mercado; os consumidores mais velhos entram em conflito de identidade e negociam a partir da idade percebida em suas práticas de consumo.

Debert (2004) também discute essa questão para trazer ao debate a necessidade de transformar a propaganda de produtos e serviços direcionados a idosos, tendo em vista que a mesma tende a apresentar os idosos com características de jovens, isto é, retrata-se o “velho” que não envelheceu. Debert alerta para a valorização da juventude, pontuando-a como um fenômeno real no contexto social, que revela uma feição social simbólica. Esse fenômeno é percebido quando se valorizam características, comportamentos e atitudes relacionados a indivíduos mais jovens, mesmo que o público-alvo dos anúncios já

se encontre em outra fase da vida. Ela destaca que o fenômeno social da valorização da juventude desemboca na perda do vínculo com determinada faixa etária e se transforma em um valor que pode ser conquistado a qualquer idade, instigando os indivíduos a adotarem estilos de vida e formas de consumo adequados para reproduzir esse fenômeno. Dessa forma, chama a atenção para o fato de que esse tipo de apelo contrapõe a juventude à velhice, valorizando a ideia de juventude enquanto deprecia indiretamente as práticas de consumo que destacam aspectos da velhice.

Araujo, Casotti, Silva e Pessôa (2012) identificaram que alguns anúncios de produtos dirigidos à Terceira Idade assumem um tom infantilizado, não raro ressaltando que os idosos precisam de cuidado e afeto. Essa perspectiva colabora para a construção da imagem do idoso desvinculado do universo do trabalho e, até mesmo, das atividades e preocupações rotineiras do cotidiano, restringindo seu potencial no contexto social.

2.3.

Influências do Grupo Social no Comportamento do Consumidor

Entre os temas relevantes para este estudo abordados nesta seção estão presentes as discussões sobre segmentos da Terceira Idade e sobre grupos de referência. A Terceira Idade está presente na literatura de marketing como uma subcultura etária, a qual apresenta tangencialmente características do segmento. De outro lado, a literatura de marketing reconhece a influência que os grupos de referência podem exercer no comportamento de consumidor, fenômeno que também afeta as decisões de consumo do segmento da Terceira Idade.

2.3.1.

Segmentos de Terceira Idade

O ambiente possui diversos aspectos que podem influenciar o comportamento, a cognição e as respostas afetivas dos indivíduos em relação ao consumo (AHUVIA, 2005). Além do ambiente físico, o ambiente social impacta fortemente as decisões de consumo (SOLOMON, 2011). Os indivíduos fazem

parte de diferentes grupos sociais, em que seu comportamento de consumo observável pode influir no desejo de compra uns dos outros. Isso ocorre por meio de interações sociais. Nesse sentido, os consumidores podem interagir com outros diretamente em conversas, trocas de ideias, partilhas de interesse etc., ou indiretamente por meio de observação de como se comportam os outros no contexto social.

Peter e Olson (2009) destacam que, entre as diferentes possibilidades de influência do ambiente social no comportamento do consumidor, estão as influências culturais, transculturais, subculturais e de classe social. Para esta pesquisa, é interessante discutir as subculturas etárias. De acordo com o autor, os grupos etários tendem a ser analisados em marketing como subculturas distintas porque normalmente têm valores e comportamentos distintos em várias áreas vida. Contudo, como colocado por Debert (1997), é preciso cautela com relação à segmentação dos consumidores de Terceira Idade apenas com base em sua idade real. Para Moschis (2003), esse fenômeno ocorre em razão da noção de autoconceito de juventude, segundo o qual o indivíduo tem uma idade psicológica diferente da idade cronológica. Um exemplo interessante nessa direção pode ser extraído de uma pesquisa norte-americana, em que aparece o depoimento de uma idosa, citado por Peter e Olson quando falavam de subculturas etárias (2009, p.317):

“Posso ter 89 anos de idade, mas me sinto bem. Eu me sinto como se pudesse sair por aí. É sério. Eu me sinto mais jovem, como se tivesse 45 ou 50 anos. Tenho vontade de me arrumar e gosto de agitação... Não me sinto velha. Acho que vou viver por muito tempo”.

Peter e Olson (2009, p. 320) destacam que, em relação à população de Terceira Idade, tem-se um grupo de consumidores de grande importância econômica, mas que se caracteriza por ser um “mercado extremamente diversificado”. De acordo com Lazer (1985) e Exter (1990), é interessante tratar o mercado de Terceira Idade como vários grupos menores, compreendendo diferentes faixas de idade como abaixo de 65 anos, entre 65 a 74 anos, entre 75 a 84 anos, acima de 85 anos.

De acordo ainda com Peter e Olson (2009, p. 321), considerando que muitos indivíduos dessa subcultura são aposentados, os idosos “têm mais tempo para desfrutar atividades de entretenimento e lazer”. Segundo os autores, além desse mercado, vários idosos têm investido em cosméticos e outros artigos de beleza, vitaminas e passeios, como idas a restaurantes.

Segundo Schewe e Carlson (2003), os pesquisadores de marketing têm negligenciado realizar uma segmentação mais precisa em função da idade, pois apesar de um indivíduo ser considerado idoso, ele pode ter necessidades diferenciadas de outros também considerados idosos. Isso decorre de diversas razões, entre as quais as diferentes faixas de idades abarcadas pela Terceira Idade e, até mesmo, diferenças de geração. Ao longo da vida os indivíduos tendem a criar valores construídos socialmente juntamente com sua geração, que podem permanecer inalterados. Dessa forma, os membros de dada geração, ao ingressarem na Terceira Idade, podem apresentar valores e interesses diferentes de outros grupos de idosos, o que exige, por parte dos profissionais de marketing, o entendimento das diferenças dentro do segmento de idosos.

De acordo com Castro (1989), os consumidores de Terceira Idade não são fáceis de atrair e, dessa forma, as empresas precisam conhecer melhor esse grupo. Muitos profissionais de marketing assumem que este grupo é basicamente composto de indivíduos frágeis, inflexíveis e pouco ativos. Entretanto, Castro alerta para o fato de que tal visão é um mito. Ao contrário, os idosos estão conseguindo permanecer ativos e saudáveis ao longo tempo. Essa realidade lhes permite viver melhor a vida e participar de atividades que há pouco tempo eram direcionadas a outros segmentos populacionais.

Um estudo que procurou mergulhar nas influências de consumo na Terceira Idade a partir da observação do comportamento de compra de grupos distintos de idosos foi realizado por French e Fox (1985). Esses autores partiram da gerontologia social observando 200 declarações de especialistas da área sobre atitudes e comportamento de segmentos de idosos. O estudo identificou padrões distintos das adaptações experimentadas pelos aposentados segundo constavam nas declarações analisadas. O objetivo da pesquisa foi estimar o tamanho relativo dos grupos de consumidores, agregando em segmentos de mercado baseados nas similaridades atitudinais de comportamento para propor o desenvolvimento de estratégias direcionadas a idosos. Os resultados mostraram nove tipos de

consumidores em três grandes segmentos descritos como: idosos saudáveis, moderados e com dificuldades em se adaptar à condição da velhice.

Zaltzman e Motta (1996) contribuíram para essa discussão ao realizar uma pesquisa que objetivava segmentar o mercado de consumidores idosos segundo os perfis de estilo de vida. O estudo também mostrou que os consumidores de Terceira Idade são bastante heterogêneos. Os resultados da pesquisa permitiram identificar cinco segmentos distintos de consumidores idosos a partir do estilo de vida, os quais foram denominados trabalhadores seguros, jovens pródigos, aposentados saudáveis, instruídos reservados e ativos despreocupados. Estes resultados corroboram a ideia de que a Terceira Idade é formada por grupos distintos de consumidores, revelando-se em diferentes perfis de consumo.

2.3.2. Grupos de Referências

Grupos sociais podem gerar, direta ou indiretamente, influências nas decisões de consumo. Dentre eles, os grupos de referência ganham acentuado destaque nas pesquisas em marketing. Os indivíduos de Terceira Idade são influenciados pelos grupos de que fazem parte, tais como família, amigos, praticantes de uma mesma atividade, seja física, de lazer, religiosa, intelectual, laboral etc. (BARNHART e PEÑALOZA, 2013).

Conforme Solomon (2011), um grupo de referência pode ser tanto um grupo, quanto um indivíduo, fictício ou real, o qual possui a capacidade de exercer significativa influência sobre os indivíduos, inclusive no que diz respeito ao comportamento de consumo. As preferências dos indivíduos são estabelecidas pela participação em grupos, pelo desejo de agradar, de ser aceito, até mesmo por indivíduos que ainda não conhecem. Os grupos de referência são capazes de influenciar as decisões de compra dos indivíduos de três maneiras diferentes: informativa, utilitária e expressiva de valor. Solomon sublinha que o modo utilitário da influência dos grupos de referência ocorre fundamentalmente para satisfazer as expectativas daqueles com quem o indivíduo interage socialmente. Peter e Olson (2009), por sua vez, mencionam que a influência utilitária do grupo de referência controla recompensas e punições em relação a fazer ou não parte do

grupo e a influência informativa implica que o indivíduo encontra informações nos grupos de referência que influenciam fortemente suas preferências de consumo. A influência expressiva de valor, de acordo com Solomon (2011), ocorre quando o indivíduo realiza escolhas de consumo baseadas na crença de que o uso de certo produto gera respeito e admiração por parte de outros integrantes do grupo, promovendo sua imagem diante deles e realçando características que o indivíduo possui ou gostaria de possuir.

McFerran et al. (2010) empreenderam um estudo sobre influências no consumo em grupos de referência. Segundo os pesquisadores, os resultados do estudo mostram que existe uma preocupação em manter um biótipo aparentemente saudável e que o comportamento de consumo alimentar do outro pode gerar impactos nos demais integrantes do grupo.

Estudos de marketing de caráter interpretativo também levaram em conta os grupos de referência, ainda que a partir de abordagem distinta.

Schouten e McAlexander (1995) realizaram uma pesquisa de inspiração etnográfica, que procurou analisar a influência do grupo de referência no comportamento do consumidor. Os autores analisaram um subgrupo de proprietários de motocicletas Harley-Davidson, conhecidos como Harley Owners Group (HOG). Muitos dos membros do grupo gastavam uma boa quantia com vestuário e acessórios para motocicletas e também para si, consumos estes com evidentes valores simbólicos de integração ao grupo. Alguns membros do HOG se sentiam tão embrenhados neste sentimento de irmandade proveniente de seu grupo de referência que consumiam tatuagens com o nome da marca, sinalizando aos demais um estilo de vida e comportamento fortemente valorizado no subgrupo, além da atribuição de grande valor ao pertencimento ao grupo.

A pesquisa de Hirschman et al. (2010) investigou a influência do grupo de referência religiosa no comportamento do consumidor. O estudo focou o consumo em feriados religiosos cristãos, judeus e muçulmanos nos Estados Unidos. De acordo com os autores, a religião permite aos indivíduos acessarem um universo simbólico, carregado de significados, que promove determinados hábitos de consumo como forma de manter a tradição religiosa. Alguns exemplos de influências da religiosidade no consumo encontram-se em diversos setores, indo desde o entretenimento até a alimentação. Com isso, a cultura de consumo e os rituais religiosos tornaram-se cada vez mais interconectados, reforçados pela

necessidade de estabelecimento e manutenção de seus valores, sua cultura e sua tradição religiosa. Características como um forte senso de interconexão entre praticantes da mesma religião, a renovação dos laços familiares e tentativas de aderir às diretrizes religiosas de maneira mais efetiva foram destacadas por Hirschman et al. (2010) ao estudar os feriados religiosos. Um exemplo emblemático é o da celebração da Páscoa judaica (*Pessach*). Este feriado judaico é celebrado para recordar a libertação dos hebreus do Egito. Durante a festividade são consumidos alimentos específicos (*kosher*), que remontam à ritualística judaica. O momento geralmente é identificado como época de renovação e reforço da família, religião e identidade judaicas.

A pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013) investigou a prática e o discurso do consumo da Terceira Idade em relação à visão de familiares e cuidadores dos idosos sobre seu consumo. Segundo as autoras, apesar da influência familiar, o comportamento do consumidor idoso é fortemente impactado pela experiência compartilhada por seus amigos e por pessoas com quem interage nos grupos de que participa. Nesse sentido, o grupo de referência também foi identificado como uma fonte relevante para escolhas e tomadas de decisão de consumo. No estudo, o grupo de referência aparece como alternativa à influência de familiares e de cuidadores, denotando o posicionamento do consumidor idoso em escolher suas próprias opções de consumo. Assim, os idosos tendem a priorizar a experiência de iguais (amigos ou outros idosos) com quem se identificam, resistindo à opinião ou imposição de familiares e cuidadores.

Nesse sentido, os grupos de referência se mostram uma importante fonte de influência que impacta as decisões dos consumidores. Como destacado nas pesquisas de McFerran et al. (2010) e de Hirschman et al. (2010), alguns indivíduos exercem maior influência sobre as decisões de consumo de outros, sobretudo quando ajudam a reforçar padrões aceitos pelo grupo de referência, o que Solomon (2011) pontua como influência normativa. Conforme observado nos estudos de Schouten e McAlexander (1995) e de Barnhart e Peñaloza (2013), um grupo de referência pode afetar decisões relativas a marcas, produtos, serviços, e até atividades específicas, como a decisão de participar ou não de grupos fechados, o que Solomon (2011) classifica como influência comparativa.

2.4. Lazer

O lazer ocupa espaço relevante nas sociedades contemporâneas. No entanto, a própria noção de lazer não se manifestou em todas as sociedades e, mesmo quando aparece, seu significado pode diferir substancialmente. E mesmo na atualidade, a divisão do tempo entre o que é lazer e o que não é varia muito em função do grupo etário em que se encontra o indivíduo e da cultura em que está inserido.

2.4.1. Conceito de lazer

Os hábitos de consumo relacionados a atividades de lazer mudaram significativamente ao longo do tempo. Historicamente, o lazer era associado à classe ociosa (*leisure class*) que não realizava nenhum trabalho produtivo, isto é, que se dedicava exclusivamente a atividades não rotineiras, como atividades de governo, de guerra, religiosas e esportivas (VEBLEN, 1899). De forma geral, no entanto, os hábitos de consumo desse grupo não estavam associados ao lazer, tal como é entendido no sentido contemporâneo. O lazer não significava necessariamente prazer, diversão ou relaxamento, mas remetia a rituais de aquisição que atuavam como sinalizadores sociais e como meios de competição social. Mais que diversão, o que se buscava era acumular riqueza e exibi-la por meio do consumo conspícuo. Somente mais tarde, o consumo passou a ser associado ao prazer e ao lazer (TASCHNER, 2000).

Segundo Taschner (2000), o lazer foi sendo absorvido gradativamente nas práticas de mercado. Inicialmente, o lazer foi utilizado como estratégia para promover a interação do cliente com os produtos oferecidos. As lojas de departamentos tornaram-se locais não somente de compras como também de passeio. Aos poucos foram removidas as barreiras físicas que antes existiam nas lojas para o consumidor, passando-se a oferecer corredores amplos, escadas rolantes para facilitar a circulação, troca de mercadorias, produtos etiquetados com preços para facilitar a escolha do consumidor, vitrines chamativas, entre

outras novidades (TASCHNER, 2000). As lojas de departamentos passaram a ser vistas como espaços agradáveis e prazerosos nos quais se podia passear, tocar nos produtos e experimentá-los, sem a necessidade de comprá-los (BRAKUS, SCHMITT e ZARANTONELLO, 2009). Tais fatos permitiram aproximar o lazer do consumo, pois como ensinam Holbrook e Hirschman (1982), o aspecto vivencial durante o ato de consumo tem um apelo simbólico que permite ao consumidor estabelecer uma relação emocional a partir dessa experiência.

Após a Segunda Guerra Mundial, consolidou-se a mercantilização do lazer, que se tornou objeto de uma indústria, de um complexo de serviços, tais como cinema, turismo, parques temáticos, automóveis, entre outros (ARAÚJO, ROCHA, CHAUVEL e SCHULZE, 2013). O lazer contemporâneo é, em grande parte, mediado por produtos ou serviços; ele abrange todo um conjunto de imagens, símbolos, valores e atitudes que se desenvolveram com a modernidade, passando a orientar pensamentos, sentimentos e comportamentos de segmentos crescentes da população (TASCHNER, 2000).

Atualmente, consumo e lazer encontram-se interligados. Existe uma dimensão de lazer em algumas formas de consumo, como ir ao cinema ou jantar fora, que se configuram como propostas de entretenimento mediadas pelo mercado. E há também uma dimensão de consumo no lazer, tendo em vista as ofertas de lazer aos consumidores sob a forma de bens e serviços. Assim, desenvolve-se uma cultura de consumo nas práticas de lazer, com a mercantilização das atividades de entretenimento (JAMESON, 2001; TASCHNER, 2000).

Segundo Dumazedier (1973, p.34), o lazer pode ser compreendido como um conjunto de ocupações, individuais ou coletivas, em que o indivíduo pode se dedicar por sua livre vontade “seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora”. De acordo com o autor, as atividades de lazer são realizadas depois que o indivíduo se desocupa de suas responsabilidades e obrigações, sejam estas familiares, profissionais ou sociais.

No entanto, Goldenstein (1991) chama a atenção para o fato de que o lazer não se restringe ao lazer da indústria de entretenimento, trazendo ao debate o conceito de “lazer pré-industrial”, que inclui atividades relacionadas ao descanso,

passar tempo com a família ou amigos, ou ainda atividades rotineiras que conferem prazer.

O “lazer pré-industrial” aparece frequentemente nos estudos sobre lazer entre indivíduos de baixa renda. Em Bangladesh, por exemplo, uma pesquisa com mulheres de comunidades rurais mostrou que estas faziam uso criativo das oportunidades para viverem momentos de prazer e de diversão, sem necessariamente recorrer ao “tempo livre”, mas se divertiam durante a realização das ocupações (KHAN, 1997). Elas não incluíam em suas percepções de lazer instituições formais, que eram consideradas como locais de lazer para os homens, mas destacavam momentos de descontração e harmonia com vizinhos e amigos durante a realização de tarefas domésticas.

Entre os grupos de baixa renda, é recorrente que a prática do lazer seja limitada pela baixa disponibilidade de recursos ou acesso limitado a espaços de lazer. No Brasil, a pesquisa de Araujo, Rocha, Chauvel e Schulze (2013) sobre o lazer de jovens de baixa renda em uma comunidade do Rio de Janeiro observou que muitos jovens entendem como legítimos momentos de lazer atividades relacionadas ao lazer pré-industrial, tais como: descanso, tempo com a família, almoço em família, aproveitar a natureza, ir à praia, ficar com amigos, passear em parques públicos, dedicar tempo à leitura ou aos estudos etc. Por sua vez, nos Estados Unidos, Wynne (1998) realizou um estudo empírico dos moradores de um conjunto habitacional, o qual oferecia aos moradores o seu próprio lazer privado e instalações para atividades de lazer desportivas. O estudo verificou a existência de conflito entre os moradores para utilizarem o espaço. Contudo, independentemente das divergências de interesses, os moradores reconheciam a importância do lazer no cotidiano.

2.4.2. Significados do consumo de lazer

É difícil falar dos significados atribuídos ao lazer sem citar Provonost (2011) e sua *Introdução à Sociologia do Lazer*. O autor aponta que uma consideração dos estudos sociológicos existentes sobre lazer mostra que o mesmo se configura “como um domínio secundário da vida humana”, predominando

valores relacionados à família, ao trabalho e à educação, entre outros. No entanto, apesar desta posição inferior na hierarquia de valores das sociedades contemporâneas, quando se trata do “domínio da ação”, “o lazer aparece constantemente como uma atividade agradável, fortemente valorizada, se não a preferida” (p.31). Lazer é equacionado a “felicidade”, “prazer”, “direito adquirido” e até mesmo visto como “imprescindível”. É visto ainda como forma de evasão das dificuldades e sofrimentos da vida pelos socialmente excluídos, os de nível social mais baixo e os idosos, salienta Provonost:

“Trata-se, de algum modo, da construção de um universo simbólico, relativamente distante da realidade cotidiana rotineira, universo que possui suas regras próprias e que introduz, no espaço de um instante, uma ruptura no desenrolar das atividades. [...] No todo, pode-se dizer que o lazer se vê atribuir um caráter de ‘desejabilidade’ na medida em que ele representa uma ocasião de definir e de exprimir uma imagem simbólica coerente e gratificante de si mesmo, à qual respondem ordinariamente os atores por mecanismos de reforço ou aceitação. Nos termos da linguagem cotidiana, encontra-se a ideia de ‘ser a si mesmo’, de ser ‘mais natural’ ou ‘mais verdadeiro’, ‘mais espontâneo’.” (PROVONOST, 2011, p.33-34).

A partir de diversos estudos realizados pelo próprio autor, ele sumaria as motivações sociais associadas ao lazer:

- Motivações que evocam a importância do meio ambiente, do contexto e do ambiente em geral – tratam menos da atividade em si do que das condições externas da prática;
- Motivações que evocam os atributos de prazer e de divertimento – são frequentemente dominantes entre as práticas das atividades de lazer;
- Evasão e quebra dos horários – motivações que servem como meio para fugir das atividades cotidianas;
- Funções de repouso e de descontração – motivações que envolvem atividades de descanso, sossego e distração;
- Mediador da sociabilidade – motivações que envolvem o grupo de interação entre os praticantes da atividade, tais como família e parentes ou amigos e pares, e que é uma categoria muito importante entre os jovens;

- Busca ativa da solidão – motivações que consideram atividades de lazer que visam à solidão como proposta e não como isolamento;
- Expressão das emoções e dos sentimentos – motivações que constituem o lazer com um meio para manifestar emoções ou sentimentos;
- Finalidades educativas e culturais – motivações que abrangem atividades relacionadas com a educação e a formação cultural dos praticantes;
- Noções de saúde – motivações que incluem noções de saúde psíquica e saúde mental.

Venkatesh (2006), revendo a literatura sobre motivos/significados para viagens de lazer, recolhe as seguintes motivações:

- Sócio-psicológicas – escape da vida mundana, exploração do eu (*self*), relaxamento, prestígio, volta ao passado, fortalecimento das relações de parentesco, facilitação da interação social;
- Relativas ao destino escolhido – novidade e instrução.

Já o estudo etnográfico de Drew (2005) buscou entender mais profundamente o fenômeno do uso do karaokê na cultura norte-americana. O pesquisador observou que, nos Estados Unidos, o uso do karaokê se popularizou entre a classe trabalhadora a partir da década de 1990 como forma de lazer. Ele constatou a existência de diferentes estilos entre os praticantes do karaokê; enquanto alguns procuram ter um bom desempenho mimético, outros praticavam o karaokê como forma de criticar e praticar ironias para protestar sobre política, economia, questões sociais etc., fazendo da música um meio de expressão do capital cultural para revelar significados de insatisfação social das classes trabalhadoras.

A relação entre lazer e cultura é mais complexa do que poderia parecer à primeira vista. Chick (1998, p.127), analisando estudos sobre lazer em diversas culturas, sugere que o lazer pode ser visto como um dos elementos de um “pacote cultural” por meio do qual os membros de um grupo social se adaptam às demandas e oportunidades criadas pelo seu habitat. Isto é claramente exemplificado em um estudo realizado em uma pequena vila do interior da Austrália, que expõe as limitações nas escolhas de lazer de mulheres de meia-

idade, impostas por restrições ambientais, econômicas e sociais (WARNER-SMITH e BROWN, 2002).

Nesse sentido, como observa Habermas (2004), o lúdico pode ser encontrado tanto no mundo da vida como nos sistemas dirigidos pelos meios de poder e dinheiro. Logo, o lazer caminharia juntamente com a transformação do mundo, da vida e a inovação dos sistemas. Para o filósofo, a participação mais completa dos indivíduos passa por um senso comum de que a evolução social está direcionando o mundo para melhor qualidade de vida e, dentro desse contexto, o lazer estaria incluído.

Uma importante forma de lazer que envolve expressões culturais são as produções artísticas (COLBERT, 2012), as quais podem compreender músicas, teatro, obras de arte, produções de eventos para entretenimento, bem como outras formas de expressões culturais apresentadas por meio da arte. Colbert (2012), em sua obra sobre o “marketing cultural e das artes”, chama atenção para o fato de que a noção de satisfação é importante para considerar as constantes trocas que ocorrem entre um o fruto daquilo que é produzido e o mercado. Colbert (2012, p. 11 e 12) destaca que existem três principais segmentos no mercado de produtos artísticos, os quais são definidos de acordo com a criatividade do artista e com a orientação que este dá a obra produzida. Essa orientação das produções artísticas pode ser direcionada à promoção do lazer pessoal para si e para o outro, ou direcionada à promoção da obra enquanto produto de entretenimento disponível no mercado de consumo. O primeiro segmento do destacado por Colbert diz respeito ao artista como criador, caso em que a criatividade é orientada para a auto-realização do artista, buscando tanto a satisfação pessoal deste para expressar a si próprio, enquanto promove satisfação e prazer às pessoas com quem partilha a sua produção artística. Colbert coloca o segundo segmento como o reconhecimento dos pares, o que envolve outros artistas, críticos de arte, e outros profissionais que atuam no mercado da arte. Nesse segmento, a criatividade é orientada para aprovação dos pares como reconhecimento do evento ou da obra no meio em que esse produto artístico é apresentado. Por fim, para Colbert, o terceiro segmento é próprio público de forma mais ampla, no qual a criatividade para produção da obra ou do evento artístico é orientada para o mercado. Nesse segmento, a atividade de entretenimento, seja ela uma exposição de arte ou um

evento artístico, está voltada para o mercado de lazer, visando à obtenção de lucro como pelo consumo da proposta de lazer disponibilizada no mercado.

Estudo realizado nos Estados Unidos por Holt (1998) buscou verificar a aplicabilidade da teoria de distinção social de Bourdieu, comparando o consumo de indivíduos de alto e de baixo capital cultural em várias categorias de produtos e serviços. Holt (1998) observou que os consumidores pertencentes aos dois grupos, muitas vezes, declaravam consumir os mesmos produtos e serviços de lazer, mas que havia diferenças relevantes nos usos e nos significados atribuídos ao consumo. Por exemplo, alguns depoimentos dos consumidores de baixo capital cultural faziam menção a produtos típicos dos que dispunham de alto capital cultural (por exemplo, ópera). No entanto, os significados do consumo diferiam substancialmente. Os consumidores de baixo capital cultural tinham um estilo mais materialista de consumo, procurando espelhar-se no consumo de indivíduos de alto capital cultural como meio de demarcação social. No entanto, em razão da renda relativamente baixa, eles só conseguiam obter “vislumbres ou simulacros de confortos da elite” (HOLT, 1998, p.20).

2.5. Consumo de lazer na Terceira Idade

O segmento de consumidores que chega à Terceira Idade constitui um contingente cada vez maior, indicativo da grande alteração demográfica que vem ocorrendo não só no Brasil como em diversos outros países do mundo, entre os quais economias emergentes como Coreia do Sul e China. Uma das razões para o fenômeno é a longevidade, que vem, cada vez mais, acompanhada de vitalidade, energia, e disponibilidade de recursos financeiros para o consumo e o lazer (FOX, ROSCOE e FEIGENBAUM, 1984). De acordo com Ballstaedt (2007), o aumento da expectativa de vida traz consigo a possibilidade de aproveitar a vida de forma mais produtiva e saudável. Nesse sentido, o envelhecimento da população abre caminho para o surgimento de um novo segmento de consumidores com valores, comportamentos, estilos de vida e necessidades específicas.

Para Ballstaedt (2007), o lazer é o serviço que mais desperta o interesse da população de Terceira Idade. Na mesma linha, Ladeira, Guedes e Bruni (2003),

em seus estudos, observaram que os consumidores de Terceira Idade dispõem de mais tempo para viajar e usufruir das atividades relacionadas ao lazer turístico.

2.5.1. Restrições ao lazer na Terceira Idade

Ao atingirem idade mais avançada, os consumidores começam a preocupar-se com a utilização de seu tempo e procuram atividades que preencham o tempo livre e que constituam novas experiências. Muitos idosos se dão conta de que “há muito para se viver” e procuram participar do maior número possível de atividades em seus últimos anos de vida (NEUGARTEN, 1968).

Contudo, segundo Crawford, Jacson e Godbey (1991), as decisões de consumo de lazer na Terceira Idade estão relacionadas às barreiras definidas pelas limitações físicas ou de saúde, que se revelam elementos intervenientes no processo de decisão do consumidor. Além das barreiras decorrentes da idade avançada e da escassez de recursos financeiros, há outras espécies de restrições relacionadas aos casos em que a renda do idoso está fortemente comprometida com necessidades urgentes, como a saúde ou como a transferência de renda para parentes. Estes autores também defendem que a população idosa tem restrições para exercer as atividades de consumo disponíveis, o que implica que este consumidor depende da confrontação bem sucedida com as restrições encontradas nos níveis intrapessoal, interpessoal e estrutural. Barreiras estruturais representam as restrições como fatores intervenientes entre a preferência de um consumidor e sua participação em determinado tipo de lazer, apresentando-se em função do estágio no ciclo de vida, recursos financeiros, estação do ano, clima, horário de trabalho, existência de oportunidade e outras mais que impedem o consumidor de participar da atividade de sua preferência. Barreiras intrapessoais envolvem o estado psicológico dos consumidores e outras características pessoais que interagem com as preferências de lazer mais do que entre a preferência e a participação. Barreiras intrapessoais se manifestam pelo estresse, depressão, ansiedade, religiosidade e outras avaliações subjetivas do quão adequada para o próprio consumidor é a atividade e a existência de oportunidades. Barreiras interpessoais resultam da interação pessoal, particularmente do relacionamento do

consumidor com outros. As restrições intrapessoais são percebidas pelos autores como mais fortes e as estruturais, por serem as mais distantes, como as mais fracas.

Há uma tendência de os efeitos das restrições estruturais estarem associados com a renda e o nível de educação, assim como o desejo de participar em atividades de lazer. Este desejo é interpretado como evidência da ausência ou fraqueza dos níveis de restrições anteriores. Neste sentido, consumidores com mais anos de educação e maior renda sujeitam-se a menos restrições intrapessoais e interpessoais (JACKSON, 1990; DOLL, 2007).

Hung e Crompton (2006) pesquisaram as limitações e os benefícios associados ao uso de um parque urbano por uma amostra de idosos de Hong Kong. Os pesquisadores buscaram verificar se o parque urbano dispunha de espaço adequado para lazer. Os resultados de pesquisa mostraram divergência entre os idosos. Enquanto alguns elogiaram o espaço e as atividades oferecidas, outros reclamaram da falta de limpeza, da falta de funcionários do parque e da falta de segurança no parque. Nesse sentido, foi pontuada a necessidade de algumas melhorias, pois apesar de reconhecerem sua importância, as fraquezas estruturais revelavam a necessidade de mais investimentos e cuidados para adequar o serviço à população de Terceira Idade, que pode requerer cuidados específicos.

Diversos fatores impedem que os consumidores de mais idade participem de atividades de lazer mais intensas, como viagens e turismo. Desses fatores, os mais citados são a falta de tempo, a falta de recursos financeiros e a falta de condições de saúde apropriadas (CRAWFORD, JACKSON e GODBEY, 1991). No entanto, estas não são as únicas barreiras e, em alguns casos, nem mesmo são as mais importantes (FLEISCHER e PIZAM, 2002).

McGuire (1984) identificou cinco principais restrições ao turismo de idosos. A primeira seriam os fatores externos, tais como falta de informações, planejamento excessivo, condições financeiras, falta de roupas e bagagem apropriadas e falta de meios de transporte. Os fatores de tempo viriam em segundo lugar, como estar sem tempo para viajar, necessidade de trabalhar, interrupção da rotina pelo turismo e ocupação com outras tarefas. A terceira restrição seria aprovação para viagem, incluindo falta de aprovação da família e de amigos, sentir-se culpado e o medo de errar e escolher um lugar que

decepção. A quarta restrição adviria de fatores sociais, tais como parceiros que não gostam de viajar, falta de companhia, ou de interesse. A última restrição seria o bem-estar físico, que inclui falta de energia, saúde deficitária, medo de alguns tipos de transporte, sentir-se muito velho ou sem condições.

O estudo de Hong, Kim e Lee (1999), realizado com uma amostra de idosos residentes nos Estados Unidos, mostrou que variáveis demográficas, tais como raça, educação, estado civil e condição financeira, determinam a probabilidade de um idoso viajar ou não. Por sua vez, Lee e Tideswell (2005) realizaram um estudo com consumidores de Terceira Idade em Taiwan, Japão e Coreia. A pesquisa com idosos em Taiwan revelou duas barreiras ao turismo deste segmento: a falta de capacidade física dos indivíduos e a pouca oferta de bons pacotes de viagem. Com relação a este mesmo segmento no Japão, a razão mais citada para não viajar foi a falta de tempo. Já entre as restrições experimentadas pelos coreanos de mais idade encontravam-se a não aprovação por parte da família, que desencorajava ou mesmo proibia as viagens, bem como um sentimento de culpa por estar viajando sem partilhar com outros membros da família. Destaca-se que, com relação aos entrevistados coreanos, observou-se que as barreiras psicológicas aparentavam ser bem mais severas do que as barreiras físicas e financeiras.

No Brasil, o estudo empreendido por Diniz e Motta (2006) buscou entender como os consumidores de Terceira Idade lidavam com as restrições ao lazer. Para realizar o estudo, os autores realizaram uma pesquisa exploratória de levantamento tipo *survey*, com 221 questionários válidos. Os resultados apontaram para a existência de oito fatores de restrições ao consumo de lazer por idosos: receios, falta de apoio interno e externo, medo de transporte, interação social, falta de companhia, busca de experiência, falta de recursos financeiros e de tempo. Diniz e Motta (2006) relacionam os fatores “receios, apoio interno e externo e medo de transporte” às restrições intrapessoais; enquanto os fatores “interação social, companhia, busca de experiência” são relacionados às restrições interpessoais; e, por fim, “recursos financeiros e tempo” são relacionados às restrições estruturais.

2.5.2.

Significados do consumo de lazer na Terceira Idade

De acordo com Stefano, Santana e Onaga (2008), a população idosa no Brasil representa um nicho de consumidor muito específico. Grande parte dessa parcela da população recebe salário de aposentadoria ou de pensão, tendendo a direcionar seus recursos para atividades de descontração, entretenimento e lazer. Essa faixa da população costuma se organizar em grupos para fazer festas, viajar em grupo, fazer cruzeiros, visitar parques, hospedar-se em hotel-fazenda, passeios individuais, em família e em grupos de Terceira Idade, assistir espetáculos, ir a restaurantes, participar de eventos. Para Muller (1996), essa motivação por atividades de lazer se origina no desejo de “explorar” o mundo, enquanto ainda dispõem de condições físicas para tanto.

Apesar de a população idosa possuir algumas restrições para usufruir de serviços de entretenimento e lazer (CRAWFORD, JACKSON e GODBEY, 1991), estudos mais recentes sugerem que esses consumidores também podem estar mais abertos a experimentar novidades nessa fase da vida, como viagens de lazer (HORNEMAN, CARTER, WEI e RUYS, 2002), praticar atividades que permitam mais convivência com amigos, independência da família, aprendizado e auto-realização (BALLSTAEDT, 2007; BIRTWISTLE e TSIM, 2005; FOX, ROSCOE e FEIGENBAUM, 1984; GUINN, 1980; MYERS e LUMBERS, 2008). A constatação dessa tendência pode marcar uma nova forma de enxergar os consumidores de Terceira Idade, não apenas a partir de necessidades relacionadas ao cuidado com a saúde.

Searle et al. (1998) realizaram um estudo para examinar o efeito de longo prazo da educação associada ao lazer no senso de independência e de bem-estar psicológico dos idosos. O estudo, na área de psicologia, foi desenvolvido por meio de um experimento, que explorou o efeito do lazer na forma de aprendizagem para Terceira Idade. Os resultados revelam que a educação de lazer tem um potencial para impactar significativamente a manutenção da independência, bem como a sensação de bem-estar. De outro lado, eliminar o aprendizado pode impactar negativamente outros domínios da vida. Nesse sentido, os resultados da pesquisa sustentaram a hipótese de que investir em formas de

lazer que promovam aprendizado entre grupos de Terceira Idade contribui para maior satisfação de vida.

Para Myers e Lumbers (2008), parte significativa da renda desse segmento de consumidores é destinada à compra de produtos ou serviços que possibilitem interação social entre seus pares, buscando ambientes agradáveis onde possam socializar com outros consumidores, criando desta forma um ambiente favorável à troca de experiência. Nesse sentido, trata-se de um segmento relevante para a oferta de serviços como academias de ginástica, de dança de salão e de ioga, agências de viagens, salões de beleza, escolas de informática, cursos sobre temas variados e restaurantes, entre outros. Myers e Lumbers (2008) também destacam o simbolismo da interação e das relações pessoais para o consumidor de Terceira Idade. Os autores observam que as decisões de consumo da Terceira Idade são impactadas profundamente por motivações pessoais de interação, tais como o desejo de conhecer novas pessoas, fazer amizades e aprofundar relações.

Segundo Neder (2005), essa fase da vida é a mais favorável para socialização, tendo em vista a ausência de responsabilidade e compromissos inadiáveis, o que também pode ser um fator que desperte o interesse em atividade de lazer para serem usufruídas em conjunto. Para o autor, as empresas devem entender que os idosos têm um comportamento diferente de outras gerações, razão pela qual devem lhes oferecer produtos sob medida, que contribuam para a continuidade da vida ativa após a aposentadoria.

O estudo de Goulding (1999) investiga uma forma peculiar de lazer no comportamento dos consumidores idosos. A autora conduziu uma pesquisa para compreender porque consumidores de Terceira Idade tinham o hábito de realizar visitas a museus. A análise se centrou no comportamento dos idosos que visitavam esses locais, buscando reconstruir a experiência vivida no museu. Os resultados mostraram que a motivação deste tipo de consumo cultural nem sempre tinha razões óbvias. O principal fator motivacional identificado na pesquisa foi o papel da nostalgia, subdividida em dois tipos de reação: nostálgica recreativa e nostálgica existencial. As reações nostálgicas recreativas diziam respeito aos estímulos fornecidos pelo museu, que fornecia uma experiência boa que estimulava o retorno dos idosos para novas visitas, incluindo contato social e familiaridade com os objetos. As reações nostálgicas existenciais estavam

relacionadas ao contexto das circunstâncias de vida individuais, incluindo o papel das perdas pessoais, impotência, contato pessoal e grau de experiência pessoal.

Burnett-Wolle e Godbey (2007) investigaram as relações entre comportamento na Terceira Idade e lazer. Os autores recorreram à teoria da seletividade socioemocional e à teoria da seleção, otimização e compensação (SOC), oriundas da psicologia, buscando alinhar sua utilização ao comportamento de lazer de grupos de Terceira Idade. A teoria SOC descreve como adultos mais velhos definem e perseguem seus objetivos e a teoria da seletividade socioemocional descreve a continuidade e a mudança nas relações sociais. Os resultados mostraram que indivíduos mais velhos usavam o lazer para se adaptar às mudanças na vida adulta e suas fontes sociais de apoio. Assim, o lazer emergiu como um importante caminho para demarcar independência e realizar interação social.

Uma das formas de lazer entre os indivíduos de Terceira Idade são os grupos ligados a determinadas atividades, tais como grupos de trabalhos manuais, de dança, de música etc. Doll (2007) destaca que a realização das atividades de lazer depende de tempo livre, condições financeiras, educação, escolaridade e cultura. Segundo o autor, os idosos “mais jovens” estão mais dispostos a saírem de casa e realizar atividades de lazer em grupo do que os idosos mais velhos com mais de 80 anos, que preferem, geralmente, ficar em casa assistindo televisão ou ouvindo rádio. Doll destaca, ainda, que entre as dez principais atividades dos indivíduos de Terceira Idade, ir a bailes ou dançar está entre os mais desejados tipos de lazer em grupo mencionados. A pesquisa de Doll observa ainda que muitos idosos idealizam realizar atividades fora de casa, como fazer viagens ou passeios, além de atividades de lazer junto com a família.

Doll (2007) ressalta que, para preencher o vazio deixado pela aposentadoria, muitos idosos se reúnem em grupos de Terceira Idade para fazer atividades em grupo, como a academia ou caminhada. Um dos caminhos escolhidos por eles, segundo o autor, são as atividades de lazer oferecidas pelo Serviço Social do Comércio (SESC), que proporcionam lazer por meio de atividades físicas, aprendizado e interação em grupos de Terceira Idade.

Alves (2007) realizou uma pesquisa em que observou os idosos a partir de suas redes de relações sociais e familiares, na qual sublinha o valor da amizade entre os indivíduos de Terceira Idade. A autora debate o papel da interação entre

os idosos, observando a importância da sociabilidade para construção da identidade desses indivíduos. Segundo ela, as relações familiares são marcadas pela ideia de obrigação e responsabilidade, enquanto a amizade tem um papel especial porque está na esfera da escolha pessoal. Alves destaca que a existência de uma amizade ativa entre os idosos indica que as práticas de sociabilidade e de interação são relevantes para a Terceira Idade que vive no meio urbano, pois as atividades em grupos de Terceira Idade permitem trocas de experiências e atender as expectativas pessoais de poder se relacionar e interagir entre os pares. Essa interação seria mais aprofundada entre os indivíduos de Terceira Idade, uma vez que os indivíduos mais jovens, incluindo da própria família, podem possuir interesses diversos em razão da distância entre as gerações.

Alves (2007) observa que a amizade entre indivíduos de Terceira Idade ajuda na construção das afinidades entre eles, pois os idosos se aproximam e compartilham gostos, estilos de vida, uma linguagem comum de se expressar e expor seus sentimentos. Essa construção de afinidades lhes permite avançar nas negociações internas de suas relações, gerando intimidade e reciprocidade. Alves sublinha que tais características construídas em conjunto pelos idosos implicam em relações de amizade entre os grupos, favorecendo a construção de uma identidade comum entre eles, que lhes permite estabelecer laços de ajuda e de conforto emocional.

Foi identificado um estudo no Brasil (ALVES, 2003), utilizando observação participante, voltado para a participação em bailes frequentados por mulheres mais velhas. Seu objetivo era estudar as relações de gênero em contextos de sociabilidade, analisando diferentes faixas etárias e diferentes classes sociais. A pesquisa concluiu que o baile implica uma reversão de papéis, em que as mulheres mais velhas pagam homens mais jovens e de classe social mais baixa (dançarinos) para dançar com elas e, por consequência, passam a ter o controle sobre com quem e quando vão dançar. A pesquisadora fez uma leitura do baile como forma de ver e ser visto e como forma de exibir o corpo e recuperar, no envelhecimento, a sedução.

O quadro 1 apresenta os significados associados ao lazer da Terceira Idade identificados nesta revisão de literatura.

Quadro 1 – Significados do lazer na Terceira Idade identificados na literatura

Significados identificados na literatura	Referências
Socialização, interação social, companhia, convivência com amigos	Alves, 2007; Diniz e Motta, 2006; Doll, 2007; Goulding, 1999; Myers e Lumbers, 2008; Neder, 2005.
Busca de novas experiências, explorar o mundo, experimentar novidades	Ballstaedt, 2007; Fleischer e Pizam, 2002; Diniz e Motta, 2006; Horneman, Carter e Wei e Ruys, 2002; Ladeira, Guedes e Bruni, 2003; Neder, 2005; Muller, 1996.
Aprendizado	Doll 2007; Myers e Lumbers, 2008; Searle et al., 1998.
Independência	Ballstaedt, 2007; Birtwistle e Tsim, 2005; Burnett-Wolle e Godbey, 2007; Fleischer e Pizam, 2002; Searle et al., 1998.
Auto-realização	Ballstaedt, 2007; Birtwistle e Tsim, 2005; Fleischer e Pizam, 2002; Fox, Roscoe e Feigenbaum, 1984; Guinn, 1980; Myers e Lumbers, 2008; Neder, 2005.
Saúde e bem-estar	Ballstaedt, 2007; Fleischer e Pizam, 2002; Fox, Roscoe e Feigenbaum, 1984; Guinn, 1980; Searle et al., 1998.
Felicidade, satisfação	Doll, 2007; Fox, Roscoe e Feigenbaum, 1984; Horneman, Carter, Wei e Ruys, 2002; Myers e Lumbers, 2008; Searle et al., 1998.
Nostalgia, adaptação às mudanças	Burnett-Wolle e Godbey, 2007; Fleischer e Pizam, 2002; Goulding, 1999.
Identidade, autoconceito	Alves, 2003; Alves, 2007; Doll, 2007.

Fonte: Elaboração própria.

3

Metodologia

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia adotada na condução do presente estudo. Em primeiro lugar, apresento opção pelo paradigma interpretativo. Em seguida, discuto a escolha de métodos de inspiração etnográfica para compreender os fenômenos de consumo de lazer objeto de análise nesta pesquisa, indicando ainda as fontes de evidência utilizadas, em particular a observação participante e a entrevista em profundidade. Apresento ainda a escolha dos campos de pesquisa, a forma de seleção dos informantes e a abordagem aos entrevistados. Finalmente, discuto os métodos utilizados para análise dos dados coletados no campo, bem como as limitações da pesquisa.

3.1.

Afiliação Paradigmática

Este trabalho se filia ao paradigma interpretativo. De acordo com Kuhn (1996), o paradigma de uma pesquisa pode ser compreendido como uma perspectiva geral, a qual apresenta os pressupostos fundamentais sobre a natureza dos fenômenos que se propõe a estudar. O paradigma interpretativo, na área de comportamento do consumidor, é adequado para compreender como o indivíduo interage e constrói significados com objetos externos, buscando traduzir a realidade por ele construída (HIRSCHMAN e HOLBROOK, 1992). Lincoln e Guba (1985) consideram o paradigma útil para pesquisas que buscam compreender as relações dinâmicas entre as ações de consumidores, o mercado e os significados culturais. Os autores pontuam que a construção do conhecimento no paradigma interpretativo ocorre por meio da combinação de diferentes perspectivas sobre um mesmo tema, assumindo a realidade como socialmente elaborada, múltipla, holística e contextual.

A abordagem interpretativa, quando aplicada aos estudos de consumo, considera o consumo como uma atividade social e não apenas econômica. Nessa

abordagem, o consumo não é compreendido apenas pela perspectiva individual, assumindo-se que as atividades de consumo não estão isoladas e nem descontextualizadas do ambiente social em que os indivíduos se inserem. Nesse sentido, parte do pressuposto de que os indivíduos agem em função de crenças, percepções, sentimentos e valores que moldam seu comportamento de consumo (THOMPSON, 1997). De acordo com Sayre (2001), a cultura exerce um importante papel em moldar o comportamento de consumo dos indivíduos e, assim sendo, estudos relacionados ao comportamento de consumo podem se apoiar em interpretações a partir de significados de diversos indivíduos, sem a pretensão de controle ou previsão de tais comportamentos, mas, sobretudo, para compreender a dinâmica em que tais comportamentos se manifestam.

3.2. Questões de Pesquisa

Antes de descrever os métodos empregados é necessário retomar os objetivos e questões principais que orientaram minha pesquisa, situando ainda meu trabalho dentro do contexto mais amplo de produção do conhecimento científico nas áreas de marketing e comportamento do consumidor.

A questão de pesquisa é o ponto de partida para a formulação de uma estratégia de investigação. Strauss e Corbin (2008) enfatizam que alguns tipos de problema sugerem determinada abordagem, sendo fundamental que o pesquisador se mantenha fiel ao problema que se propôs a investigar. O método de investigação deve estar alinhado ao problema proposto.

Em uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, as questões de pesquisa são flexíveis, de tal forma que o pesquisador pode modificar questões, ou acrescentar, à medida que avança no trabalho de campo. Esse processo é considerado salutar, sendo, inclusive, recomendado por autores como Berreman (1990) e Tarozzi (2011). Berreman (1990) sublinha que o pesquisador deve estar atento e aberto aos achados revelados pelo campo onde o fenômeno é vivenciado. Para o autor, esta é uma das principais vantagens de uma pesquisa etnográfica, pois a imersão no campo em que a experiência efetivamente ocorre permite refinar, ampliar ou modificar o objeto de investigação. Na mesma linha, Tarozzi

(2011) ressalta que o processo inicial de pesquisa é flexível e sistemático, levando naturalmente ao refinamento do problema de pesquisa. Assim, a questão inicial de pesquisa foi se desdobrando, ao longo da minha trajetória de pesquisa, para abarcar as atividades de lazer específicas selecionadas, incluir questões relativas ao grupo e questões emergentes relacionadas à interação entre os indivíduos e ao contexto da experiência vivida.

Meus objetivos iniciais eram entender os significados que os consumidores de Terceira Idade atribuíam às atividades de lazer exercidas com outros idosos, em grupo. Eu sabia que, para isso, era importante entender não só as experiências individuais, mas também o contexto em que se produziam as interações. Além disso, eu partia da ideia inicial de que práticas de atividades de lazer representariam, para os idosos, oportunidades de realização pessoal e de melhoria de sua qualidade de vida e saúde, mas suspeitava que, à medida que avançasse na pesquisa, outros significados iriam emergir. Assim, a questão principal que norteou a pesquisa foi definida de forma bastante abrangente, como se segue:

- ***Quais os significados atribuídos a determinadas atividades de lazer por consumidores de Terceira Idade?***

À medida que, no decorrer da evolução do trabalho, fui realizando uma imersão no fenômeno de pesquisa, por meio da leitura de estudos acerca do tema, conversando e participando de algumas atividades com consumidores de Terceira Idade, passei a conhecer algumas atividades de lazer que estes consumidores realizam em grupo. Como resultado do processo inicial de pesquisa, selecionei duas atividades de lazer específicas: aulas de dança de salão e encontros em reuniões musicais. Além disso, avancei na formulação de questões emergentes, mais específicas, sobre o fenômeno investigado:

- ***De que maneira o contexto em que ocorre o fenômeno investigado favorece o estabelecimento de relações entre os consumidores de Terceira Idade?***

- *Que significados são atribuídos pelos consumidores de Terceira Idade à prática de lazer em grupo?*
- *Em que a prática do lazer contribui para a construção da identidade individual na Terceira Idade?*
- *Em que a prática do lazer em grupo contribui para a construção da identidade coletiva na Terceira Idade?*

3.3.

O método etnográfico

Denzim (2001) enfatiza a necessidade de se realizarem mais investigações qualitativas na área de comportamento do consumidor, dado que o consumo diz respeito a muito mais do que aquisição, uso e descarte de serviços e produtos, incluindo uma complexa rede de significados que remete a poder, ideologia, gênero, subculturas, classes sociais etc., contribuindo para moldar desejos, necessidades e comportamentos dos indivíduos que interagem e participam de um contexto social.

Nesse sentido, Zaltman (2000) defende que a pesquisa em comportamento do consumidor, tendo em vista sua característica multidisciplinar e sua tentativa de compreensão dos mais variados tipos de comportamentos de consumo – que se revelam de maneira dinâmica e mutável – enriquece-se mais se as análises partirem de variadas metodologias. Desse modo, segundo o autor, as respostas para a interpretação do comportamento de consumo, considerando que essa área de estudo se expressa de forma diversificada, deve mesmo ser construída por meio de estudos que repousem sobre diferentes métodos. O avanço da área sob enfoques distintos contribui para que os futuros pesquisadores possam refletir cuidadosamente sobre a natureza de seu problema na elaboração de novas investigações e construção do conhecimento no campo.

A escolha metodológica que realizei considerou a natureza dos estudos relacionados ao lazer, em que o ambiente, as relações, as atividades diretas ou indiretas, o espaço de interação e, sobretudo, os aspectos simbólicos são

importantes para o entendimento das questões de pesquisa. Nesse contexto, para realizar esta pesquisa, optei por utilizar métodos de inspiração etnográfica, que já vêm sendo adotados na disciplina de marketing, em particular a observação participante e as entrevistas em profundidade, que se mostraram adequados para atender às especificidades da natureza do fenômeno investigado, o lazer de idosos em grupo.

O método etnográfico foi concebido nas ciências sociais, notadamente na disciplina de antropologia, sendo utilizado desde sua criação na investigação da realidade construída por grupos de pessoas dentro de seu contexto cultural (TURETA e ALCADIPANI, 2011). A origem do método ocorre a partir do estudo de Malinowski, realizado quando o antropólogo conviveu por alguns anos com nativos das Ilhas Trobriand. Os resultados das observações de Malinowski inauguraram a observação participante como método de pesquisa nos estudos da antropologia. Na década de 1930, sociólogos da Escola de Chicago se valeram das técnicas oferecidas pelo método etnográfico para estudar diversos grupos de pessoas, absorvendo, portanto, o método para estudos também nos espaços urbanos, em seus diferentes contextos (ELLIOTT e JANKEL-ELLIOTT, 2003). Esse movimento trouxe novo fôlego ao uso de métodos qualitativos, uma vez que a abordagem etnográfica se revelou útil como método para explorar o comportamento humano e compreender a cultura de indivíduos nos diferentes grupos que participam (DENZIN e LINCOLN, 2000).

A etnografia se baseia na construção do conhecimento a partir da visão dos indivíduos que participam do fenômeno, considerando sua interpretação do respectivo fenômeno, o que se alia ao papel de intérprete, exercido pelo pesquisador, tanto no que diz respeito ao discurso dos informantes, quanto à análise do contexto em que este discurso é construído (THOMPSON, 1997).

No mesmo sentido, Arnould e Wallendorf (1994) mencionam que o método etnográfico se caracteriza pela possibilidade de compreender questões culturais subjacentes ao comportamento e às experiências dos indivíduos inseridos em determinado grupo. Jorgensen (1989) sublinha ainda que o método permite identificar as particularidades dos grupos estudados a partir da inter-relação dos indivíduos, favorecendo a visualização da perspectiva assumida por aqueles que participam do fenômeno investigado. Como destacado por Jodelet (1989), os sujeitos da pesquisa vivem o cotidiano da realidade estudada e, portanto,

constroem suas próprias visões sobre o fenômeno. Essas visões só podem ser, ainda que imperfeitamente, detectadas por pesquisadores que participem do fenômeno.

A etnografia pressupõe a participação do pesquisador na atividade dos indivíduos por algum período de tempo para observar o que está acontecendo, ouvir o que é dito, interagir com as pessoas, fazer perguntas informais no contexto de interação (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995). Segundo Agar (1980), o envolvimento intensivo no campo é uma característica distintiva de um estudo etnográfico. Desta forma, o resultado da pesquisa encontra-se fundamentado na experiência direta do campo, contribuindo para que a interpretação dos dados esteja mais próxima do ponto de vista dos sujeitos que vivenciam o cotidiano do fenômeno estudado (JODELET, 1989).

Na mesma direção, Elliott e Jankel-Elliott (2003) consideram que o método etnográfico pode ser útil para a compreensão profunda da “experiência viva” dos consumidores. Os autores destacam ainda os aspectos práticos que o método etnográfico – notadamente a observação participante e as entrevistas – oferece para que o pesquisador possa penetrar na “realidade” do grupo estudado a partir da própria experiência de seus membros.

Assim sendo, utilizei métodos de inspiração etnográfica aplicados a marketing na pesquisa de campo: a observação participante de dois grupos de lazer de idosos e entrevistas em profundidade realizadas com participantes dos grupos pesquisados.

Aqui cabe um comentário. O método etnográfico e o uso de algumas técnicas que o compõem foram adaptados para possibilitar sua utilização em um estudo de consumo inserido na disciplina de marketing, como, por exemplo, a necessidade de repensar o tempo e as formas de imersão no campo para coleta de dados, tendo em vista a dinâmica própria e peculiar que envolve os estudos de marketing (ELLIOTT e JANKEL-ELLIOTT, 2003). O detalhamento de como utilizei cada método neste estudo é apresentado a seguir.

3.3.1. Observação participante

A observação participante é aquela em que o pesquisador ingressa no grupo estudado como se fosse membro, procurando participar das atividades que são desempenhadas pelo grupo em questão (STACEY, 1977). Assim, o pesquisador mantém um relacionamento constante com o grupo estudado e compartilha da vida social daqueles que estão sendo observados por determinado período de tempo (EMERSON, FRETZ e SHAW, 1995). A compreensão de determinado fenômeno do “ponto de vista nativo” seria possível por meio da observação participante, que implica uma imersão no grupo que se quer pesquisar para ter acesso a suas vivências do fenômeno e, assim, obter a “descrição densa” de que fala Geertz (1973).

Velho (2013) defende o uso do método no contexto urbano e destaca que a observação participante oferece um caminho adequado para que o pesquisador “nativo” possa compreender os diferentes grupos em seu próprio contexto social, uma vez que a dinâmica da sociedade abarca distâncias culturais entre indivíduos inseridos em uma mesma sociedade complexa, ainda que estejam vivendo próximos.

O trabalho se desenvolve a partir de um processo de comunicação interpessoal, no qual o pesquisador estabelece uma relação com o grupo. Tal relação também faz parte do trabalho de pesquisa. O pesquisador então anota suas percepções, conversas informais, reflexões etc. em seu diário de campo. Nesse sentido, o pesquisador busca a lógica cultural que norteia a vida dos grupos estudados em seu próprio contexto.

Tureta e Alcadipani (2011) destacam que, quando um pesquisador opta por realizar uma pesquisa de cunho etnográfico, em especial uma observação participante, pode ou não informar seus propósitos aos pesquisados. Segundo os autores, revelar ou não seus propósitos é um dilema enfrentado na pesquisa etnográfica. Em casos em que este conhecimento tenha o potencial de influenciar o comportamento dos informantes, podendo gerar vieses nos resultados, seria justificável a realização de uma “pesquisa infiltrada” (TURETA e ALCADIPANI, 2011, p. 213), na qual o pesquisador pode assumir não revelar os seus propósitos de pesquisa durante o período de inserção no grupo estudado. Discutindo o

mesmo tema, Hammersley e Atkinson (1995) chamam a postura que o pesquisador assume durante a observação participante de “manifestada” (*overt*) ou “encoberta” (*covert*), essa última correspondendo à “pesquisa infiltrada” de Tureta e Alcadipani.

No presente estudo, optei por revelar os propósitos da pesquisa nos grupos de lazer estudados, assumindo uma “postura manifestada” (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995). Em minha avaliação, a decisão não gerava risco de vieses para a análise pretendida. Ao contrário, acredito que gerou interesse e boa vontade dos participantes e em nada interferiu nas atividades realizadas pelos idosos ao longo da observação participante: primeiro, porque procurei ser o mais discreto possível em minha participação; segundo, porque o número de participantes, principalmente no grupo de seresta, era bem grande.

3.3.2. Entrevista em profundidade

A entrevista pessoal com sujeitos mergulhados no fenômeno investigado e, portanto, integrados à realidade cultural que se estuda, é um dos métodos mais empregados na pesquisa etnográfica (SEIDMAN, 1998), sendo amplamente utilizado (GASKELL, 2002) e considerado essencial para os estudos de consumo (MCCRACKEN, 1988).

Seidman (2006) sugere que o objetivo de uma entrevista em profundidade é entender a experiência vivida pelo informante para compreender os significados a ela atribuídos. Spradley (1979) também menciona que a técnica de entrevista tem raízes etnográficas e está comprometida em captar as informações como percebidas por aqueles que estão verdadeiramente imersos na realidade do fenômeno em análise. Nesse sentido, como resultado, a entrevista “produz dados empíricos sobre a vida das pessoas em situações específicas” (SPRADLEY, 1979, p. 13).

Denzin e Lincoln (2000) ensinam que as perguntas abertas próprias da entrevista em profundidade favorecem que seja estabelecida uma conversa direta em que a interação entre entrevistador e entrevistado permite a maior penetração na realidade pesquisada. Dessa forma, segundo os autores, a técnica viabiliza que sejam observados padrões que permitem gerar categorias a partir da própria

vivência do informante em relação ao fenômeno investigado, as quais o pesquisador não teria como identificar previamente.

Foi natural, portanto, optar pela realização de entrevistas pessoais com participantes do grupo, identificados no decorrer da observação participante. De fato, acredito que essas entrevistas foram cruciais para que eu conseguisse atingir os propósitos da pesquisa. Para esta pesquisa, foi realizado um total de trinta e duas entrevistas em profundidade, das quais dezesseis entrevistas foram realizadas com alunos do grupo de dança de salão, enquanto quinze entrevistas foram feitas com participantes do grupo de encontro musical de seresta e uma entrevista foi realizada com o fundador dos encontros musicais do Palácio do Catete.

Na elaboração do roteiro de entrevista um dos desafios era reconstruir junto ao entrevistado o processo de ingresso na dança de salão ou no grupo de seresta, assim como os ganhos que os mantiveram como praticantes, e reproduzir as interações e falas cotidianas a respeito dessa decisão. Além dos aspectos mais públicos, conscientes e comunicáveis, era preciso tentar captar também aspectos privados, menos acessáveis, relacionados a percepções e significados. Por essa razão, optei por perguntas abertas em busca de justificativas e aprofundamento, como sugerido pela literatura (DENZIN e LINCOLN, 2000; SEIDMAN, 2006; STRAUSS e CORBIN, 2008; TAROZZI, 2011).

Para cada grupo, elaborei um roteiro de perguntas para me orientar na condução das entrevistas com os entrevistados (ver anexo). O roteiro servia apenas como ponto de partida, mas era aberto o suficiente para garantir a “improvisação”, o que significou: mudar a ordem das questões quando necessário, seguir o fluxo de pensamento dos informantes, incluir temas trazidos durante a realização da entrevista.

3.4. Escolha do Ambiente de Pesquisa

De acordo com Tureta e Alcadipani (2011), o pesquisador deve escolher um local que favoreça a investigação do fenômeno objeto de estudo por meio da observação participante. Desta forma, o ambiente de pesquisa deve proporcionar acesso ao fenômeno que se deseja investigar de modo a ter algum nível de

participação, em maior ou menor intensidade, para mergulhar e vivenciar o contexto que se propôs a conhecer e interpretar (JODELET, 1989).

Entretanto, cabe ressaltar, como Geertz (1973) sublinha, ao realizar a observação participante, o pesquisador deve saber separar o fenômeno do ambiente, não perdendo de vista que o espaço de observação não é o objeto de pesquisa, mas sim onde o fenômeno de investigação se manifesta.

Dada a proposta de buscar entender os significados que consumidores de Terceira Idade atribuem ao lazer, optei inicialmente por conversar com informantes idosos para explorar e identificar atividades de lazer em grupo de que participassem. A partir do conjunto de atividades identificadas, escolhi um grupo de encontros musicais e um grupo de dança de salão para a realização da pesquisa de campo. A escolha se deu ao final de 2012, depois de algumas visitas a estes diferentes espaços de lazer.

Assim, optei por participar de duas atividades de lazer específicas praticadas por consumidores de Terceira Idade: o grupo de encontro musical de seresta que se reúne no Palácio do Catete e a aula de dança de salão oferecida pela escola de dança Ballet Dalal Achcar. A escolha de dois grupos, ao invés de um único grupo, se deu pelo desejo de confrontar duas situações distintas e realizar uma análise cruzada, que me pareceu potencialmente enriquecedora. Dados os resultados obtidos, não tenho dúvidas de que foi uma decisão importante para o entendimento da questão de pesquisa que orientou o estudo.

A observação participante no grupo de encontro musical de seresta ocorreu no período de março de 2013 a outubro de 2013. Cheguei a participar de dois grupos: o grupo de seresta do Vivi e o do Castanha, mas fui particularmente assíduo ao grupo de seresta do Vivi, que se reunia nos domingos à tarde. Frequentei também o grupo de seresta do Castanha, embora com menos assiduidade, e houve ocasiões em que me encontrei com alguns participantes em outras atividades, a convites destes. Nessas ocasiões, foi possível me integrar mais ao grupo e obter informações por meio de conversas informais.

A observação participante nas aulas de dança de salão foi realizada no período de agosto a dezembro de 2013 na escola de dança Ballet Dalal Achcar. As aulas eram realizadas todas as segundas-feiras à noite. Além das aulas de danças de salão, que frequentei regularmente durante um semestre, tive a oportunidade de participar de atividades de dança junto com indivíduos de Terceira Idade, tais

como bailes e festas, e até participei de uma reunião do grupo na casa de uma das alunas da aula de dança. Nesses encontros, estive em companhia dos participantes e vivenciei algumas experiências proporcionadas ao grupo em decorrência da prática da dança de salão. A oportunidade de participar desses encontros promovidos pelos alunos de Terceira Idade da dança de salão, além da interação que foi se desenvolvendo durante a observação participante na aula, favoreceu a integração com o grupo e o acesso mais amplo ao fenômeno investigado.

Nesta pesquisa, o campo se caracteriza pelos espaços específicos da observação participante, que incluíram também a interação com os participantes de Terceira Idade das atividades de lazer selecionadas, e permitiu a realização posterior de entrevistas em profundidade. A identificação dos espaços e a observação detalhada de cada um deles ajudaram a direcionar o trabalho de pesquisa.

3.4.1.

A escolha do Grupo de Encontro Musical de Seresta

Em julho de 2012, fui voluntário, por duas semanas, no asilo Casa Betânia, casa de repouso administrada pela congregação religiosa Orionita e que funciona nas dependências do Colégio Nossa Senhora da Divina Providência, no bairro do Jardim Botânico. Durante o período do voluntariado, tive a oportunidade de conviver, conversar e participar de atividades recreativas com os idosos. Vários idosos da Casa Betânia são independentes e, quando autorizados, têm liberdade de sair e frequentar outros espaços fora do ambiente da casa de repouso. Ao conversar com estes idosos, ouvi muitas histórias de espaços de lazer frequentados em outros lugares, entre eles, bingos, passeios, festas, visitas a amigos ou familiares etc.

Na Casa Betânia, tive a oportunidade de trabalhar ajudando a equipe do artesanato, criando atividades para os idosos. Nessa ocasião, interagi muito com uma idosa chamada Neusa, muito animada e participativa. Ela comentou que gostava de ir a grupos de encontros musicais e mencionou a seresta que acontecia no Palácio do Catete, um ponto de encontro de grupos de Terceira Idade.

A escolha do grupo de reunião musical de seresta no Palácio do Catete para realizar a observação participante ocorreu depois de algumas visitas aos diferentes

grupos e de verificar a adesão de vários idosos a esta atividade de lazer, bem como alguns desdobramentos de consumo decorrente da atividade, tais como produção e gravação de CDs, aulas de canto, aulas de instrumentos, passeios, viagens, saídas em grupos, organização de festas. Especificamente, a decisão de participar do grupo do seresteiro Vivi foi baseada no fato de que este foi o primeiro grupo de seresta a se formar e, nesse sentido, este grupo está ligado à história de criação de grupos de seresta que acontecem no Palácio do Catete. Além disso, muitos frequentadores da seresta do Vivi participam do grupo há muitos anos, sugerindo interações de longo prazo e estabilidade, o que me levou a considerar que este grupo seria favorável para a realização da observação.

3.4.2.

A escolha do Grupo de Dança de Salão

Ao conversar com vários indivíduos de Terceira Idade, enquanto explorava as práticas de lazer a que os idosos se dedicavam, uma atividade que recorrentemente surgia no discurso dos idosos era a dança de salão. Alguns indivíduos informaram que, quando sentiam a necessidade de fazer alguma atividade, optavam pela dança de salão, enquanto vários outros informaram ter o desejo de fazer aulas de dança.

A partir dessa informação, busquei conhecer algumas escolas de dança de salão, assim como academias de ginástica que ofereciam dança de salão como opção de atividade com exercício aeróbico. De fato, verifiquei *in loco* a existência de uma demanda expressiva de consumidores de Terceira Idade por aulas de dança, confirmando que a dança de salão é uma atividade que tem despertado o interesse de muitos idosos. Dessa forma, considerei a dança de salão uma atividade de lazer interessante e adequada para investigação do fenômeno de interesse.

A escolha da escola de dança Ballet Dalal Achcar ocorreu após visitar algumas academias de dança de salão, quando percebi que ali seria possível desenvolver com mais facilidade o papel de aluno para condução da pesquisa. Por não estar familiarizado com a dança de salão, seria necessário que eu me inserisse na atividade como iniciante. As outras escolas de dança separam os alunos por fase, enquanto na academia Dalal Achcar, especificamente para o ensino de dança

de salão, conduzido pela professora Dorinha, todos os alunos ficam juntos, independente do conhecimento de dança de salão que o aluno já tenha previamente. Considerando que a turma era constituída, principalmente, por alunos de Terceira Idade, a professora de dança de salão preferia manter a turma toda junta, uma vez que os alunos mais avançados poderiam ajudar e servir de estímulo aos iniciantes. Desta forma, eu poderia interagir com todos os alunos de dança de salão, uma vez que existia uma única turma. Além disso, a professora tinha um projeto para inserção da Terceira Idade em aulas de dança, que se mostrou em alinhamento com meus objetivos de pesquisa. O grupo de alunos de dança de salão da Dalal Achcar me recebeu de modo muito acolhedor, o que abriu caminho para uma imersão mais profunda no cotidiano do grupo, fato que se revelou uma vantagem para a realização da observação participante e a investigação do fenômeno de interesse neste grupo.

3.5. Coleta de Dados

A opção por realizar uma pesquisa de inspiração etnográfica me permitiu utilizar diferentes técnicas de coleta de dados, típicas da etnografia, tais como observações, entrevistas informais ou casuais, gravações, fotografias, além de entrevistas em profundidade formais (ELLIOTT e JANKEL-ELLIOTT, 2003; HOLBROOK, 2006; SHERRY, 2006, SPRADLEY, 1979; TURETA e ALCADIPANI, 2011).

3.5.1. As observações participantes

A observação participante pode ser desfocada ou focada (JORGENSEN, 1989). A observação desfocada é característica da fase inicial do campo, quando o pesquisador começa a mergulhar no fenômeno e observar tudo que está a sua volta e a se relacionar com o objeto de estudo. Neste momento, o pesquisador deve estar aberto para conhecer um pouco mais do fenômeno e, a despeito do conhecimento obtido na literatura sobre o assunto, deixar emergir aspectos novos,

que podem ser incluídos na pesquisa. Desta forma, a observação inicial deve ser desfocada porque visa a explorar o ambiente e compreender melhor aspectos do fenômeno. A observação focada diz respeito a um momento em que, passada a etapa da observação inicial, o pesquisador já está mais familiarizado com o fenômeno, direcionando seu olhar para tópicos específicos de interesse.

Tendo em vista esta recomendação, procurei obter inicialmente uma visão mais ampla do fenômeno durante a observação participante, assumindo uma postura mais exploratória e reunindo as percepções e dados coletados no diário de campo. Considerando que tanto as observações do grupo de seresta quanto das aulas de dança de salão ocorreram em alguns meses, a observação mais ampla foi me ajudando a incluir questões intermediárias sobre o fenômeno, viabilizando que a pesquisa fosse assumindo uma perspectiva mais focada ao longo do tempo. Essa combinação entre a observação desfocada e a observação focada contribuiu para que eu refinasse as questões de pesquisa durante a execução da própria observação participante, auxiliando na elaboração do roteiro para as entrevistas em profundidade.

Os dados colhidos durante a realização de uma observação participante devem ser registrados sistematicamente para evitar perder informações importantes da pesquisa, ainda que, a princípio, possam parecer irrelevantes. No entanto, a recorrência e a relação da informação com o fenômeno em análise podem mostrar posteriormente que são importantes para a pesquisa (ELLIOTT e JANKEL-ELLIOTT, 2003; TURETA e ALCADIPANI, 2011). Dessa forma, a elaboração de um diário de campo é um recurso recomendável ao registro de informações e de impressões, conversas informais ou outros dados coletados durante a observação (SHERRY, 2006). No mesmo sentido, faz-se oportuno que o pesquisador busque estabelecer uma rotina de registro de dados, visando a reuni-los de modo acessível. Esse procedimento é importante para que os dados obtidos não se percam, sejam devidamente armazenados e, ainda, possam ser acessados continuamente durante a execução da pesquisa (STRAUSS e CORBIN, 2008; TAROZZI, 2011).

O diário de campo consistiu nos registros por mim feitos ao final de cada período diário de observação, a partir de anotações no decorrer da própria observação. Esse registro incluiu tanto aspectos do contexto e minhas percepções quanto dados obtidos durante as práticas do lazer ou em encontros em outras

atividades de lazer a convite de algum indivíduo do grupo. Além disso, produzi um acervo de fotografias no período em que estive imerso no fenômeno com os participantes, durante as atividades de lazer.

Os registros em diário e as gravações foram feitos sistematicamente a fim de preservar a memória do que ocorreu durante o trabalho de campo. As fotografias foram utilizadas apenas para me ajudar a interpretar o contexto em que as atividades de lazer se desenvolviam. Registrei aspectos relativos ao ambiente de ambas as atividades de lazer que constituíram o trabalho de campo. Incluíram-se aí a estrutura em que as atividades de lazer aconteciam, o desenvolvimento das atividades de lazer, o comportamento dos praticantes do lazer de Terceira Idade, a composição do lugar, os indivíduos que transitavam no espaço, as conversas casuais e as entrevistas informais. O diário de campo foi elaborado manualmente, complementado pela transcrição de algumas gravações.

As entrevistas informais foram realizadas à medida que surgiram oportunidades. Essas entrevistas não seguiram roteiro estruturado, mas eu havia feito uma lista de assuntos a serem abordados. Os informantes de Terceira Idade pareceram sentir-se bastante confortáveis e se mostraram muito interessados em compartilhar informações sobre o lazer praticado. Em geral, evitei fazer perguntas diretas, em função da natureza do fenômeno investigado. As perguntas eram feitas de forma natural e sugeriam que eu estava interessado nas atividades de lazer e nos benefícios que poderiam trazer aos indivíduos que as praticassem. O tempo das entrevistas informais era livre, durando enquanto houvesse interesse de ambas as partes. As entrevistas informais foram muito importantes para elaboração do roteiro de entrevistas formais realizadas posteriormente, pois nesse momento exploratório surgiram algumas questões instigantes sobre a percepção da prática do lazer, que ajudaram a gerar tópicos a serem aprofundados nas entrevistas em profundidade.

3.5.2. As entrevistas em profundidade

As entrevistas em profundidade foram realizadas com emprego de um roteiro desenvolvido a partir de fatores identificados na literatura consultada e a partir da própria observação participante. Denzin e Lincoln (2000) ensinam que o

pesquisador deve buscar dados que permitam gerar categorias a partir da própria vivência do informante em relação ao fenômeno investigado. Assim, as perguntas abertas, próprias da entrevista em profundidade, favorecem a interação entre entrevistador e entrevistado, permitindo maior penetração no universo dos informantes.

O pesquisador deve elaborar um roteiro prévio, mas este não deve ser rígido ao ponto de não permitir que durante a entrevista surjam novas questões sobre o assunto investigado. Ao contrário, o pesquisador deve ter a sensibilidade de incluir novas perguntas conforme a experiência do entrevistado revele algum tópico específico sobre o fenômeno estudado (STRAUSS e CORBIN, 2008; TAROZZI, 2011). Strauss e Corbin (2008) alertam que cabe ao pesquisador deixar que os entrevistados abordem os tópicos com liberdade, procurando, inclusive, aprofundar com os entrevistados novos tópicos que venham a surgir durante a entrevista. Os autores destacam que o pesquisador aprende no campo a cada entrevista e este processo leva a um contínuo aperfeiçoamento do roteiro de entrevista, que a cada caso ou conforme o direcionamento dado pelas informações trazidas pelo entrevistado permite que novas questões possam ser incluídas:

Aderir rigidamente às diretrizes iniciais durante toda a pesquisa, como é feito em algumas formas de pesquisa qualitativa e quantitativa, atrapalha a descoberta porque limita a quantidade e os tipos de dados que podem ser coletados. (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.199).

Segui essas recomendações ao realizar entrevistas pessoais com os meus informantes de Terceira Idade. Parti de um roteiro previamente estabelecido, composto por perguntas abertas, de caráter geral o suficiente para permitir que o entrevistado pudesse falar livremente sobre os temas. Durante a condução da entrevista, incluí novas perguntas que entendi serem oportunas para explorar questões trazidas pelos próprios entrevistados, aprofundando situações do fenômeno que ainda não tinham sido vislumbradas nas entrevistas anteriores. Como mencionado por Cotte e Kistruck (2006), as respostas a perguntas abertas podem ser altamente reveladoras, trazendo à tona perspectivas individuais desconhecidas pelos demais atores envolvidos no mesmo fenômeno social investigado, fato que enriquece o conhecimento do assunto pesquisado. Isso ocorreu claramente ao longo da pesquisa.

Com relação à forma de conduzir a entrevista, também procurei seguir as recomendações na literatura. Strauss e Corbin (2008) alertam que os pesquisadores devem procurar estabelecer uma relação de proximidade com os entrevistados para favorecer que estes abordem os tópicos com liberdade, procurando, inclusive, aprofundar com os entrevistados em novos tópicos que venham surgir durante a entrevista. Marchetti (1995) também sublinhou que a aplicação do método de entrevista em profundidade requer a habilidade do pesquisador em permitir que o informante se sinta o mais livre possível durante o momento da entrevista.

Por fim, as entrevistas em profundidade foram integralmente gravadas e transcritas. No total, as 32 entrevistas contabilizaram mais de 40 horas de áudio, convertidas em 880 páginas de texto transcrito. Cada entrevista foi lida pelo menos três vezes; contudo muitos trechos foram revistos várias vezes.

3.6. Seleção dos entrevistados

A seleção de entrevistados seguiu alguns critérios, buscando alcançar indivíduos de Terceira Idade que pudessem dialogar com o pesquisador sobre o fenômeno em estudo.

O primeiro critério para seleção foi a recomendação da ONU (2007), que sugere que, em países em desenvolvimento como é o caso do Brasil, considerem-se indivíduos de Terceira Idade aqueles com mais de 60 anos completos. Dessa forma, todos os entrevistados dessa pesquisa deveriam ter 60 anos ou mais. No entanto, procurei entrevistar indivíduos de idades variadas, já que poderia haver diferenças interessantes entre os mais jovens e mais velhos participantes de Terceira Idade.

Os demais critérios dizem respeito às atividades de lazer investigadas na presente pesquisa.

Para o grupo de encontro musical, inicialmente pensei em entrevistar unicamente participantes de Terceira Idade assíduos ao grupo. Contudo, logo percebi que a frequência do participante variava de acordo com o momento do ano e questões de sua vida pessoal. Desse modo, considerei razoável entrevistar

indivíduos que frequentassem a seresta com alguma regularidade, tais como frequentadores assíduos, frequentadores que compareciam à seresta pelo menos uma vez ou mais ao mês, ou mesmo frequentadores contínuos em determinadas épocas do ano, como verão e primavera.

Para o grupo de dança de salão, o entrevistado deveria ser aluno de dança de salão da escola de dança Ballet Dalal Achcar, local em que ocorreu a observação participante. Logo de início, observei que a professora Dorinha destacava os alunos mais experientes na dança de salão para ajudar os alunos iniciantes e com mais dificuldade. Dorinha considera esta decisão estratégica para motivar os alunos a permanecerem na aula e defende que esse procedimento também é uma forma importante de aprendizado, sobretudo para indivíduos da Terceira Idade, que desejam sentir-se úteis nos ambientes de que participam. Entendi que os alunos que assumiam a condição de ajudantes estariam igualmente qualificados para entrevistas, pois ainda permaneciam na condição de alunos e, ainda, mantinham um profundo envolvimento com a dança de salão. Descartei, porém, entrevistar ajudantes de dança profissionais, ainda que estes estivessem com 60 anos ou mais (caso de dois ajudantes), uma vez que não estavam na condição de aluno e tinham uma relação profissional com os demais membros do grupo.

Em ambos os grupos de lazer considerei ainda o critério de tempo de prática da atividade de lazer, assumindo como mais adequado selecionar indivíduos de Terceira Idade que já estivessem por pelo menos seis meses na atividade. Optei pelo uso de nomes fictícios neste trabalho, buscando, assim, garantir o anonimato dos informantes.

3.7. Abordagem dos entrevistados

O caminho escolhido para abordar os informantes foi o estabelecimento de um relacionamento com estes, o que foi possível durante a observação participante. Adotei estratégias de aproximação com os indivíduos de Terceira Idade em ambos os grupos, sendo que em cada um deles o esforço de inserção foi peculiar à atividade de lazer.

De acordo com Rocha e Rocha (2013), o principal objetivo no estabelecimento de relacionamento com os informantes é ganhar sua aceitação e confiança. Esse é um importante caminho para obter dados de qualidade e desenvolver um relacionamento harmônico com os participantes. Ao aproximar e estabelecer uma relação com as pessoas de Terceira Idade nos espaços de lazer analisados, verifiquei a validade dos ganhos descritos por Rocha e Rocha (2013). Alia-se a isso, o fato de que, uma vez estabelecida uma relação harmônica com o entrevistado, abria-se caminho para coletas de dados mais constantes em conversas informais durante a observação participante e, sobretudo, para conseguir posteriormente, com relativa facilidade, o agendamento das entrevistas pessoais.

Durante a condução da observação participante em ambos os grupos estudados, eu me apresentei como estudante, mencionando que o meu trabalho de conclusão de curso consistia na pesquisa daquela atividade de lazer (encontros musicais ou dança de salão, conforme o caso). No entanto, não indiquei que se tratava de tese de doutorado, para evitar que os menos instruídos percebessem um distanciamento muito grande devido à disparidade de nível de instrução. Conforme desenvolvia um relacionamento com algum participante de Terceira Idade, pedia informações sobre a atividade e, depois, perguntava ao informante questões relativas a percepções e significados relativos à prática do lazer.

3.7.1.

Abordando os idosos no encontro musical de seresta

Após algumas visitas às serestas que aconteciam no Palácio do Catete no período em que eu selecionava as atividades de lazer que seriam objeto de análise nesta pesquisa, dei início à observação participante em março de 2013. Sabedor do local em que o grupo de seresta do Vivi realizava seus encontros musicais, eu cheguei cedo e me dirigi para lá. Alguns idosos e cadeirantes foram chegando, até que chegaram algumas pessoas com os instrumentos e passaram um tempo conversando e se organizando. Permaneci silencioso observando o ambiente e a interação de algumas pessoas que se reconheciam ao se encontrarem. Observei que o grupo estava sendo conduzido por um casal, que depois descobri frequentar o grupo há muitos anos. Eles tocam instrumentos e estão plenamente envolvidos

com a participação no grupo. Naquele dia, este senhor anunciou o início da seresta por volta de uns dez minutos depois do horário marcado. No discurso de abertura, ele agradeceu a presença dos demais, deu notícias do fundador do grupo, o Vivi (que estava afastado para cuidar de sua saúde), e, por fim, puxou uma música abrindo a seresta.

Naquela oportunidade, fiquei entre duas senhoras, Magda e Maria Eunice, que foram as primeiras pessoas com quem interagi. Ambas eram idosas. Mostrei que estava apreciando o ambiente e fiz algumas perguntas sobre o grupo de seresta. Magda mostrou-se mais comunicativa, dispondo-se a descrever tudo que lembrava sobre o grupo. Maria Eunice, que interagiu no primeiro momento, desligou-se da conversa. Entretanto, ao lado de Magda estava outra senhora de Terceira Idade, chamada Alice, que ficou interessada e passou a conversar comigo e Magda sobre a formação do grupo e sua importância para a vida dos frequentadores. Depois de um tempo de conversa, agradei às duas senhoras e me afastei, contornando o grupo pelo parque de modo a apreciar a seresta de outro ângulo. Já sentado do outro lado, interagi com Luciano e sua mulher, Aurea. Eles informaram vir sempre ao grupo de seresta porque Aurea gosta de cantar. Ela estava ansiosa para se apresentar, até que foi chamada. Luciano ficou apreciando sua mulher cantando e destacou a beleza de sua voz. Em seguida, foi chamada Elizinha, que teve, em minha opinião, a melhor performance entre as pessoas que se apresentaram naquela tarde. Ao final, a idosa foi bastante aplaudida, sugerindo que a apresentação dela fora realmente muito boa e havia despertado a atenção também de outros espectadores.

Muitos curiosos que passavam pelo jardim do Palácio do Catete paravam e perguntavam sobre a seresta. Alguns ficaram um pouco e logo seguiram seu caminho, mas alguns pararam e acompanharam as apresentações até o final. Em frente ao local de apresentação dos seresteiros, um pouco afastado do grupo, há um chafariz, onde permanecem alguns apreciadores. O grupo que ficava nas proximidades do chafariz parecia mais jovem e estava ali porque não desejava permanecer até o final. Eram homens que estavam fazendo uma caminhada nos jardins do Palácio, mães com crianças pequenas, pessoas mais maduras que ficavam pouco tempo e logo deixavam o local.

Por volta das seis horas da tarde, a seresta foi encerrada e os músicos se despediram das pessoas com um agradecimento e uma oração do Pai Nosso. Notei

que alguns idosos, principalmente os cadeirantes, foram se dispersando. Entretanto, outros idosos, especialmente os que cantavam, encaminhavam-se para outra seresta, conduzida pelo seresteiro Castanha, que tinha seu início logo a seguir.

Naquele dia, optei por retornar para casa, mas, ciente dos horários de apresentação desse outro grupo, decidi que em alguns dias iria estender a observação participante até a finalização do grupo de seresta do Castanha. Eu havia percebido que muitos idosos que cantam ou participam como ouvintes na seresta do Vivi emendavam com a seresta do Castanha. Nesse sentido, eu poderia observá-los no outro grupo e dispor de maiores oportunidades para interagir com eles.

Durante o primeiro mês, fui me ambientando com o grupo, conhecendo pessoas. Assisti a algumas apresentações e, em alguns momentos, tomava distância para refletir sobre o ambiente, momento em que gravava algumas informações ou parava para tomar notas. Observei que muitas pessoas tiravam fotos das apresentações, então perguntei aos seresteiros se poderia fazer algumas fotografias de suas apresentações. Eles prontamente aceitaram e, em algumas ocasiões, ao perceber que a fotografia seria tirada, o seresteiro pousava para a foto. Quando me dei conta de que as fotos eram bem-vindas, passei a manter a máquina fotográfica fácil de ser acessada rapidamente, de modo a que a fotografia registrasse as apresentações de modo mais natural possível.

Em abril, o fundador da seresta, o Vivi, retornou ao grupo. Ainda bastante frágil, mas com muito desejo de retornar às suas atividades, Vivi fez questão de voltar a tocar no Palácio do Catete nas tardes de domingo. Ele foi recebido com música e aplausos. No discurso de retorno, agradeceu o carinho, as orações e comentou sobre como foi seu processo de recuperação de saúde. Logo, em seguida, começou a tocar.

Com o tempo, passei a ser conhecido por alguns participantes da seresta. Em uma ocasião, Magda chegou, sentou-se ao meu lado e começou a conversar. Em outra ocasião, Alice procedeu da mesma forma. Foi interessante perceber a facilidade de interação com os frequentadores da seresta, ou mesmo a facilidade de interação que eles tinham entre si. Não tive dificuldade de me aproximar e fazer contato com os participantes de Terceira Idade e logo esse processo se tornou natural.

Contatei Elizinha em uma ocasião em que ela se apresentou e ofereceu seus CDs aos frequentadores. O contato se deu quando ela parou de cantar e eu a procurei para comprar um CD. Neste momento, Elizinha e eu conversamos bastante sobre suas atividades com música. Ao final, Elizinha me convidou para o lançamento oficial de seu último CD, que ocorreria no salão do Fórum da Gávea, ao lado da PUC-Rio. Compareci ao evento para prestigiar Elizinha e nos tornamos mais próximos. Em outra ocasião, na seresta do Vivi, depois que se apresentou, Elizinha veio sentar ao meu lado e perguntou como estava a pesquisa. Iniciou-se uma nova conversa. Quando a seresta do Vivi acabou, Elizinha me convidou para ir à seresta do Castanha. Lá, ela tornou a se apresentar. Ao terminar, Elizinha me convidou para outro evento musical que aconteceria na praia de Copacabana. Todavia, diante da necessidade de iniciar o registro de campo da observação participante daquele dia, agradei e declinei o convite.

Ainda assim, em outras oportunidades, participei de encontros com os seresteiros fora do espaço da seresta no Palácio do Catete. Elizinha, que se mostrou bastante inclusiva, foi responsável pelos convites iniciais, que depois foram sendo intensificados também por outros seresteiros.

Essa estratégia de aproximação funcionou bem para ganhar a confiança dos idosos que vivenciam o lazer do encontro musical. Quando chegou a etapa de selecionar os informantes, logo após outubro, quando o roteiro de entrevista ficou pronto, tive muita facilidade para convidar os informantes que me pareceram mais indicados ao longo do período anterior de observação e receber um pronto aceite. Algumas das entrevistas ocorreram no próprio Palácio do Catete, em algum espaço do parque, enquanto a seresta acontecia. Outros optaram por marcar em outro local, como Elizinha, que me propôs que a entrevista fosse realizada no Parque da Catacumba na Lagoa.

A entrevista com o seresteiro Vivi foi considerada estratégica para o trabalho, tendo em vista seu papel no grupo e o fato de ter sido pioneiro na formação de grupos de seresta no Palácio do Catete. Entretanto, o agendamento com o seresteiro se mostrou muito difícil. A cada tentativa que eu fazia, o seresteiro postergava, até que, em um domingo, fortes chuvas atingiram repentinamente a cidade do Rio de Janeiro. Eu e Vivi já havíamos chegado ao Palácio do Catete, mas a seresta teve que ser cancelada. Considerei essa uma ótima oportunidade de realizar a entrevista e convidei o Vivi para um café, no

restaurante mais reservado do Palácio do Catete, onde a entrevista me foi finalmente concedida.

3.7.2.

Abordando os idosos da aula de dança de salão

Em julho de 2013, selecionei a escola de dança Ballet Dalal Achcar para a observação participante em um grupo que pratica a dança de salão. A observação participante se iniciou a partir do retorno das aulas de dança de salão, que se deu em agosto. No ato da matrícula, conversei com a professora de dança de salão sobre a pesquisa, surgindo uma certa empatia, pois a professora Dorinha tem um projeto de dança direcionado para a Terceira Idade, fora da academia Dalal Achcar, vinculado à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O projeto incentiva os idosos a praticarem uma atividade física para ajuda-los na obtenção de melhor qualidade de vida na velhice.

No início da primeira aula, fui apresentado à turma pela professora apenas como um novo aluno, o que também era um fato. Somente ao final dessa aula, Dorinha propôs uma roda em que todos deram as mãos – que ela chama de “roda da saúde” – que tem a função de repassar os informes enquanto os alunos confraternizam. Nesse momento, fui apresentado à turma de dança de salão como estudante da PUC-Rio que desenvolvia um estudo sobre a dança de salão e, por isso, estava iniciando as aulas com o grupo. Os colegas da aula de dança pareciam muito animados com a chegada de um novo aluno e, por isso, não pareceu ter feito diferença o fato de o grupo ter sido informado que aquele espaço seria o campo de pesquisa do novo aluno. Entendi que, para o grupo, não importava a razão pela qual a pessoa procurava a dança de salão: a cultura de acolhimento era sempre a mesma. Havia um misto de satisfação pelo fato de ter entrado um novo aluno para fazer parte do grupo, aliado ao fato de esse aluno ser mais um cavalheiro (uma vez que a turma era composta pelo dobro de damas), e também pela cultura do grupo de acolher e ensinar as pessoas que desejam aprender a dançar.

Nesse contexto, o grupo se mostrou muito receptivo à chegada do novo, o que se confirmou ao longo do processo. Primeiramente, o comportamento acolhedor não variou ao longo do tempo e, além disso, no decorrer da convivência, eu era sempre convidado para os bailes e encontros organizados

entre os alunos, o que aumentava a minha sensação de inclusão no grupo. Em segundo lugar, percebi que quando um novo aluno chegava à turma, o acolhimento era sempre o mesmo.

Nas primeiras aulas, eu me dediquei ao processo de aprendizado do ritmo da dança de salão que era ensinado ao grupo. Esta foi uma boa estratégia de aproximação porque, considerando a característica de iniciante, não faltavam alunas que pediam para dançar comigo e, assim, me ensinar e dar algumas dicas para execução dos passos. Para elas, era uma oportunidade de trocar de cavalheiro. De outro lado, os demais cavalheiros, sempre que podiam, me davam informações, orientavam quanto aos passos e davam algumas “dicas” durante a execução da coreografia, conforme o tipo de dança.

Além da professora Dorinha, havia alguns ajudantes: dois homens (Figueiredo e Celso) e duas mulheres (Ana e Rosa), sendo que Figueiredo e Ana já estavam na Terceira Idade, sendo, inclusive, aposentados. Mas, como dançarinos experientes, dedicavam-se a ensinar a dança com muito prazer. Celso e Rosa eram mais jovens, mas tinham passado por um treinamento para trabalhar com alunos de Terceira Idade, tendo em vista a necessidade de ensinar adequadamente os passos da dança, mas em uma dinâmica diferenciada devido às características do grupo. Os professores tinham o cuidado de permanecerem rítmicos, mas introduzindo os passos suavemente, até que puxavam a dança com maior velocidade.

Percebi que a preferência das alunas era dançar com Celso, pois ele tinha uma metodologia de ensinar os passos com mais paciência, enquanto Figueiredo tinha um perfil mais exigente ao ensinar. Em uma ocasião, depois que os passos foram introduzidos, uma das idosas dançou com Celso para assimilar os passos, e, em sequência, na troca de pares, dançou comigo para ensaiar um pouco. Quando veio a nova troca de pares, ela me disse: “Agora já posso encarar o Figueiredo para ver se eu estou fazendo direito”.

Eu chegava cedo às aulas de dança e ficava sentado na recepção. Não tardava muito e chegava algum colega da dança do salão que se aproximava para conversar. Eu deixava a pessoa falar o que desejava e, em seguida, introduzia a dança na conversa. Essa estratégia funcionou bem e ajudou a colher as informações iniciais das diferentes razões que contribuíram para os idosos praticarem a dança de salão. Na abordagem do assunto com os participantes eu

geralmente partia de alguma coisa relacionada aos últimos passos do ritmo estudado na aula anterior, mencionando a facilidade ou dificuldade. Isso era o suficiente para se estabelecer uma conversa sobre a dança de salão. Em geral, rapidamente o participante começava a expor sua opinião e como se sentia praticando aquele ritmo e na execução dos passos. Depois disso, outros assuntos sobre a dança de salão surgiam e variavam muito, conforme a pessoa com quem eu conversava. O assunto poderia passar pela dança na história de vida do idoso, ou mesmo pelos benefícios atuais que a dança trazia para quem a praticava.

Eu só podia conversar com as praticantes de Terceira Idade na segunda metade da aula, pois no início a aula era individualizada, com a professora passando os passos do ritmo trabalhado no dia em frente ao espelho e, depois, os ajudantes ou alunos mais avançados ensaiando individualmente com cada aluno. Na segunda parte da aula, as duplas eram formadas e a cada música os alunos tinham que trocar de parceiro. Nesse momento, as pessoas interagiam e conversavam. Um procurava conhecer o outro, saber o que fazia e compartilhar a experiência. Um elemento bastante recorrente no discurso desse grupo foi o sentimento de pertencimento àquela turma de dança de salão.

Os alunos da dança de salão pareciam se dar muito bem e procuravam participar de bailes, sair para jantar juntos e até organizar festas em suas casas. Tive a oportunidade de participar de três festas, em casa de idosas. Além disso, fui a bailes organizados pelas academias de dança, que ajudaram a conhecer melhor os indivíduos e vivenciar um pouco da rotina do grupo.

A facilidade de inserção no grupo ajudou a perceber a dinâmica de relação entre os alunos de Terceira Idade. O grupo se tornou um espaço para eles que significava mais do que simplesmente aprender a dançar ou praticar alguma atividade física: um ponto de encontro entre amigos com um interesse em comum. Desde o contato na fase de observação, os idosos mencionavam que o grupo de dança lhes trouxe mais liberdade e novos comportamentos.

O contato direto com o grupo durante a observação participante permitiu, apesar de o ambiente ser fortemente marcado pelo acolhimento e inclusão, perceber a existência de alguns conflitos entre os participantes. Percebi, por exemplo, que as demais mulheres tinham alguma reserva com relação a três de suas colegas da aula de dança.

Durante o semestre, a observação participante mostrou que havia nítidas variações de preferência pelos ritmos ensinados na aula de dança de salão. Em geral, as mulheres gostavam mais do bolero, enquanto os homens faziam pressão para que fosse colocado algum samba, nem que fosse para finalizar a aula. Além disso, alguns alunos queriam voltar a ensaiar o tango, enquanto outros tinham resistência porque os passos coreográficos eram mais elaborados e exigentes. Entretanto, achei que a professora Dorinha negociava muito bem com o grupo e, tendo em vista o ambiente de bom relacionamento, era muito fácil para a professora encontrar um consenso e harmonizar os diferentes interesses do grupo durante uma mesma aula.

O nível de exigência é maior para o homem em uma aula de dança de salão, isto porque, como cavalheiro, é o homem que conduz a mulher na dança. Por essa razão, muitos idosos de sexo masculino que chegavam para aprender a dançar na Terceira Idade desistiam com facilidade, diferentemente do que ocorria com as mulheres, que, por serem conduzidas durante os passos de dança, tinham mais facilidade e, por isso, eram mais perseverantes. Contudo, a estrutura das aulas facilita muito para que os homens permaneçam e vários deles, mesmo tendo começado ali, insistiram e conseguiram aprender a dançar e ter o domínio na condução dos passos, como foi o caso de Alberto, Elias, Leone e Sandro. Além disso, Dorinha incentiva o apoio aos cavalheiros, buscando destacar as evoluções e conduzi-los nos passos simples até que tenham dominado bem os passos, para somente depois passar para outros. Em alguns casos, os iniciantes são convidados a permanecerem praticando os passos mais elementares de um estilo musical, enquanto os alunos mais experientes avançam em passos mais exigentes.

O contato com o grupo me ajudou a confirmar o apoio do grupo aos homens que estão começando na dança. Na condição de aluno iniciante, senti que o início é uma etapa crítica para a permanência de um cavalheiro na aula. Nesse sentido, as colegas da turma eram generosas, ensinavam e apontavam quando sentiam alguma evolução do colega iniciante. Outra forma de estímulo era a troca constante de parceiros, que estimulava os alunos a aprenderem uns com os outros. Desse modo, um aluno iniciante passava por colegas mais experientes e outros menos experientes, recebendo diferentes instruções e visões do estilo de dança, que enriqueciam seu processo de aprendizado. Houve algumas aulas em que

cheguei a dançar com todas as damas. Quando os passos eram mais elaborados, o aluno iniciante desenvolvia com a professora de dança.

Considerando que a estratégia de aproximação com o grupo foi bem sucedida, ao final de um semestre eu já era considerado parte do grupo. Rosa disse: “Depois das férias, a gente vai se ver? Você volta para o ano que vem, não é?”. Fernanda comentou: “Você avançou muito bem nesse período, não some não, fica com a turma”.

Ao final do semestre de aulas de dança, eu já havia identificado os alunos de Terceira Idade da escola de dança que seriam potenciais entrevistados para a pesquisa. Solicitei que me dessem uma entrevista durante as férias sobre a dança de salão e pedi alguma forma de contato. Todos me forneceram o seu telefone. Durante as férias, entrei em contato e o agendamento das entrevistas ocorreu com muita facilidade.

3.8. Análise dos Dados

A análise foi realizada a partir das informações obtidas (i) nas observações participantes na academia de dança de salão e junto ao grupo de encontros musicais de seresta no Palácio do Catete, assim como (ii) nas entrevistas em profundidade com informantes selecionados de cada grupo.

A análise de dados fundou-se em etapas que foram se processando gradativamente ao longo do trabalho de campo: (1) desenvolvimento de um conjunto de categorias e temas iniciais; (2) identificação nos diários de campo e nas transcrições de entrevistas de partes descritas no discurso dos informantes correspondentes àquelas categorias; (3) identificação de novas categorias e temas que emergiram do campo; (4) reagrupamento de categorias e temas; (5) nova leitura do diário de campo e das transcrições, incluindo retornos constantes à teoria para cotejar com o resultado das categorias e temas reagrupados; (6) seleção de novos trechos dos discursos dos informantes correspondentes às novas categorias; (7) nova consulta à teoria conforme emergiram categorias e temas no conteúdo colhido que não tinham sido contemplados inicialmente. Cada grupo foi analisado separadamente e só depois foi feita uma análise cruzada dos grupos.

Os dados coletados foram analisados por meio de técnicas de análise de discurso (DOLAN e AYLAND, 2001; FRANCO, 2008; SEIDMAN, 1998), procurando identificar as percepções e os significados atribuídos ao lazer. A leitura exigiu um exercício denso, a partir do trabalho sistemático de criação de “etiquetas” iniciais e genéricas nas diversas unidades ou trechos de textos. Alguns desses códigos foram sugeridos pela literatura; outros foram sendo criados no processo de leitura e releitura das entrevistas e do diário de campo. Os dados foram analisados progressivamente à medida que eram organizados, utilizando a técnica de comparação constante descrita por Strauss e Corbin (2008), visando a extração de significados preliminares para o encaminhamento de uma análise posterior mais aprofundada. Essa comparação permitiu evidenciar nuances, pequenas diferenças na forma como os conceitos eram apresentados ou, ainda, como diferentes informantes atribuem significados diversos para um mesmo evento. Assim, os temas e as categorias preliminares viabilizaram uma análise mais acurada e focada nos dados previamente sistematizados, resultando em desdobramentos e em uma nova análise mais refinada dos dados colhidos e da teoria (DOLAN e AYLAND, 2001).

A análise sistemática levou à comparação de conceitos presentes na teoria e nos temas que se apresentam nas diferentes entrevistas. Segundo Strauss e Corbin (2008), esse procedimento permite tanto refinar os códigos criados quanto evidenciar diferentes lógicas de comportamento entre os indivíduos entrevistados. Ao final de uma última leitura, orientada pelo processo de agrupamento e codificação dos temas e categoria anterior, foi possível destacar novos pontos considerados relevantes no conteúdo do diário de campo e das diversas entrevistas. Esse exercício de comparação do material colhido no trabalho de campo levou a reconhecer padrões nos discursos dos entrevistados, o que permitiu ao pesquisador “etiquetar” os fenômenos identificados (STRAUS e CORBIN, 2008). A identificação de tais fenômenos específicos dentro do fenômeno maior objeto de análise permitiu uma consolidação e confirmação dos aspectos de maior destaque em cada entrevista, permitindo conhecer e rememorar cada caso em sua particularidade.

O trabalho de entendimento do conteúdo de cada entrevista em profundidade, além de facilitar o exercício posterior de comparação dos depoimentos dos diversos entrevistados, permite uma análise transversal de

comparação e aprofundamento de uma entrevista com a outra – trabalho realizado em constante comparação com a teoria, o diário de campo e outras fontes utilizadas. Uma vez que as categorias foram definidas, fiz uma releitura de cada entrevista, seguindo a lógica “*cross-case analysis*” (KOHLBACHER, 2006; YIN, 2005), técnica de análise que considera cada entrevista como um caso. A análise comparativa e sistemática permitiu identificar padrões de fenômenos singulares relativos ao fenômeno maior de lazer investigado, fazendo emergir assim as categorias de análise identificadas nesta pesquisa. Assim, depreende-se que as categorias de análise são resultado dos relatos dos próprios informantes.

3.9. Limitações do Método

O método de pesquisa é o caminho selecionado pelo pesquisador para observar um fenômeno da realidade. Cada método possui limitações que lhe são inerentes. Devido à abordagem interpretativa escolhida para condução do presente estudo, foi possível apreender o fenômeno sob a perspectiva de quem o vivencia. Se por um lado, essa perspectiva permite investigar em profundidade os significados atribuídos a uma atividade de lazer a partir da observação direta do fenômeno estudado e do contato pessoal com os informantes, de outro, não possibilita a generalização dos resultados, uma vez que a análise fica circunscrita ao microcosmo dos grupos objeto de análise.

Em uma perspectiva geral, os métodos selecionados possuem limitações, entre as quais se destacam que a qualidade dos resultados depende em grande parte da habilidade do pesquisador na condução da entrevista e no desenvolvimento e aplicação do roteiro de entrevista. O fato de o roteiro de entrevista ter sido elaborado somente após a realização da observação participante no contexto do lazer em que seriam selecionados os entrevistados ajudou a diminuir o impacto dessa limitação, enquanto a habilidade na condução da entrevista pôde ser aprimorada ao longo do trabalho de campo.

Como em todo trabalho de pesquisa, especialmente os de natureza qualitativa, é preciso considerar a subjetividade do pesquisador e sua interferência

no processo de coleta dos dados, bem como na interpretação dos resultados obtidos por meio do trabalho de campo.

A abordagem específica dos indivíduos de Terceira Idade em seu contexto de lazer apresentou alguns desafios. No grupo de seresta, há uma recomendação para que os ouvintes não conversem enquanto o seresteiro se apresenta. Ao longo da observação participante, tive que me sujeitar a esta restrição, e como tinha interesse em interagir com os idosos, procurei sentar-me em diferentes lugares, preferencialmente mais distantes dos músicos, para poder conversar. Além disso, foi difícil obter entrevistas durante a seresta. Essa dificuldade pôde ser contornada quando passei a frequentar outros eventos em que os seresteiros, cantores, instrumentistas e ouvintes se encontravam, como festas, apresentações musicais, reuniões etc. Desse modo, fui conhecendo os seresteiros e agendando entrevistas.

No grupo de dança de salão, a dificuldade consistia em conversar durante as aulas, pois apesar de assumir uma postura manifestada quanto aos propósitos da pesquisa, ingressei nas aulas de dança como iniciante e precisava prestar atenção aos passos. Somente ao final das aulas era possível dançar com mais liberdade, o que viabilizava interagir com algumas alunas de dança da Terceira Idade. Para conversar com os alunos de Terceira Idade, também precisei superar algumas dificuldades, pois apesar de amigáveis, o contexto da aula não era favorável para passar algum tempo conversando com eles. Superei essa limitação ao me colocar disponível e participar de encontros de dança juntamente com eles, em bailes fora da academia, festas e outros eventos organizados pela turma de dança, pois estes eram locais neutros que favoreciam a interação entre as pessoas.

Em sentido oposto, no caso específico da dança de salão, surgiu uma limitação com relação às entrevistadas, quando era preciso entrar na questão da sensualidade que a dança desperta nos participantes. O tema foi fácil de ser conduzido até o limite da beleza, a arte da dança e a sensualidade corporal em geral, porém revelou-se sensível quando se tratava da questão do ponto de vista pessoal. Embora o assunto sensualidade tenha emergido de forma bastante recorrente no discurso dos entrevistados, houve pouco espaço para avançar no assunto com as senhoras que concederam entrevistas, diferentemente do que ocorreu entre os homens, que falavam abertamente da percepção de sensualidade na dança de salão e de forma livre trouxeram experiências dos efeitos da sensualidade na relação com algumas mulheres com quem dançaram.

Além disso, pode ser considerado limitador o fato de eu me encontrar em uma faixa etária distinta da dos entrevistados nos grupos pesquisados. Acrescente-se que a opção de trabalhar com indivíduos de Terceira Idade acarreta que esses possam omitir alguma informação relevante em função de restrições relativas à memória, quando a pergunta remete a algo que o entrevistado tenha dificuldade de lembrar. Cabe mencionar ainda que a omissão de informações é uma limitação inerente ao método, uma vez que os informantes podem optar por não responder alguma pergunta que considerem sensível ou simplesmente apresentar uma resposta com o viés de aceitação social. Busquei minimizar essa limitação pela forma de condução da entrevista, procurando estabelecer um clima amigável com o entrevistado anteriormente e durante a realização da entrevista.

Outras limitações foram percebidas. Tanto o ambiente da aula de dança de salão quanto o do encontro musical eram ruidosos, em função da própria proposta de lazer. Além disso, no momento em que o lazer era vivenciado era muito difícil retirar o idoso da atividade para conversar ou realizar uma entrevista. Isso chegou a ser possível, algumas poucas vezes no grupo de encontro musical, mas era inviável no grupo de dança de salão. É uma limitação característica do próprio fenômeno investigado. Os indivíduos de Terceira Idade estavam no ambiente para realizar a atividade de lazer, desta forma, apesar de estarem mais facilmente acessíveis naquele ambiente, era inconveniente propor uma entrevista naquele contexto. Assim, optei frequentemente por propor ao idoso um encontro para realização de entrevistas em outros espaços, o que tornou mais trabalhosa a realização das entrevistas. No caso do grupo de encontro musical, algumas entrevistas foram marcadas para o final da seresta do Vivi, que se encerrava às seis horas da tarde. Contudo, no caso do grupo de dança de salão, como as aulas se encerravam às nove e meia da noite, os participantes não tinham condições de concederem entrevistas, tendo em vista o fato de os idosos considerarem este horário já avançado, sendo mais viável propor entrevistas em outros dias e horários.

4

Os Encontros Musicais Do Palácio Do Catete: A Seresta

Este capítulo apresenta os resultados da observação participante realizada no período de março de 2013 a outubro de 2013 com os grupos de seresta que se reúnem no Parque do Palácio do Catete. Além de conviver durante um período de tempo com os grupos de seresta – em particular o Grupo de Seresta do Vivi – tive a oportunidade de realizar entrevistas em profundidade – gravadas e transcritas – com 16 idosos participantes do grupo, que me ajudaram a entender melhor de que forma o grupo se articulava e a identificar os significados atribuídos a estes encontros musicais. Também conversei informalmente com outros visitantes e transeuntes no decorrer da observação participante, cujas observações não foram gravadas e transcritas, como no caso dos 16 informantes, mas foram registradas em meu diário de campo.

O capítulo se inicia com uma apresentação do contexto que deu origem aos encontros, seguindo-se uma descrição do local em que esses encontros ocorrem. Apresento, então, os principais personagens, em particular o seresteiro Vivi e os 16 entrevistados, e traço um quadro de como se dá a dinâmica do grupo. Por fim, encerro este capítulo descrevendo os significados atribuídos a esse tipo de lazer pelos idosos na pesquisa.

4.1.

O Contexto

Os encontros musicais de seresta reúnem pessoas para ouvir, tocar e cantar músicas antigas no Palácio do Catete. De acordo com os frequentadores, os encontros acontecem há mais de 20 anos. Seu início estaria associado a Vivaldo, mais conhecido pelos frequentadores como “Vivi da Seresta” ou “Vivi de Manhumirim”. Vivi partilhou comigo o início de sua trajetória no grupo de Seresta do Palácio do Catete:

A minha Seresta foi a pioneira. Eu cheguei aqui no Palácio do Catete fazem uns 20 anos. Peguei meu instrumento e comecei a tocar. As pessoas foram gostando e parando para ver, até que foi formando um público... Estou aqui até hoje...

A ideia animou os frequentadores do Parque que fica no interior do Palácio do Catete e, atualmente, existem diferentes grupos com seresteiros, que se encontram em dias variados para cantar, ouvir música e tocar em grupo. Vivi se reúne aos domingos à tarde, com o início da seresta entre as duas e as três horas da tarde, e o término às seis. Acontece também aos domingos a reunião de outro grupo, conduzida por outro seresteiro, conhecido como Castanha, que se inicia às seis horas da tarde e termina às oito horas da noite. Muitas pessoas que chegam cedo e participam da Seresta do Vivi, permanecem para a Seresta do Castanha. Há também outros grupos de encontro musical que se reúnem durante a semana, e ainda outro que se reúne aos sábados. Anteriormente, os encontros musicais dos seresteiros iam até as nove horas da noite. Mas, com a mudança da direção do complexo do Palácio do Catete, o horário de funcionamento do Parque foi reduzido em uma hora, passando a fechar às oito horas.

Participei de dois grupos de seresta, o do Vivi e o do Castanha. Eu assistia inicialmente ao encontro musical de Seresta do Vivi e, em seguida, ficava para participar do grupo de Seresta do Castanha. Mas o meu foco principal, no decorrer da observação participante, esteve sempre no Grupo de Seresta do Vivi.

4.2. O Cenário dos Encontros Musicais

O Palácio do Catete está situado no bairro do Catete, na cidade do Rio de Janeiro, sendo considerado um importante espaço cultural e de entretenimento da cidade. O Palácio do Catete foi construído entre os anos de 1858 e 1867 por Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, para ser sua residência. Em 1896, o prédio foi adquirido pelo Governo Federal, durante o mandato do presidente Prudente de Moraes, e tornou-se a sede da República brasileira. Como sede da Presidência da República, o prédio vivenciou os momentos mais marcantes da nascente República brasileira, até a transferência da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília em 1960. Neste mesmo ano, foi inaugurado, na ocasião do feriado de 15 de novembro, foi inaugurado o Museu da República, no prédio da antiga sede nacional (Fotografia 1).

Fotografia 1: Prédio Principal do Palácio do Catete – Museu da República

Fonte: Palácio do Catete. Disponível em < <http://www.museudarepublica.org.br/>>. Museu da República. Acesso em 07/02/2015.

O Museu da República dispõe de acervo que compreende desde mobiliário e obras de arte até fotos, documentos e livros referentes ao início do período republicano. Dentro do espaço do Palácio (Fotografia 2), além do museu, funcionam, em um prédio anexo, a administração e um espaço cultural, com cinema, teatro, livraria e café, esse último ponto de encontro para os frequentadores.

Fotografia 2: Interior do Museu da República

Fonte: Palácio do Catete. Disponível em < <http://www.museudarepublica.org.br/>>. Museu da República. Acesso em 07/02/2015.

O Palácio do Catete abriga um grande parque em seu espaço interno, com uma vasta área verde, conhecida como Jardim do Palácio (Fotografia 3), pois o terreno foi adquirido pelo Barão de Nova Friburgo para ser o jardim de sua casa. O parque possui um restaurante, uma gruta, um lago, um chafariz, além de uma área com brinquedos para crianças. O espaço é aberto diariamente para visitação pública. A Seresta do Vivi ocorre no meio do parque, em um espaço próximo ao chafariz, onde há bancos para as pessoas apreciarem o jardim. Nos dias de seresta, a administração do parque fornece cadeiras adicionais aos frequentadores.

Fotografia 3: Jardim do Palácio do Catete



Fonte: Jardim do Palácio do Catete. Disponível em < <http://cidadedorio.com/>>. Cidade do Rio. Acesso em 07/02/2015.

O cenário em que se dão os encontros musicais de seresta – o Jardim do Palácio – é parte integrante do espetáculo, tanto para os que participam regularmente dos encontros, como para espectadores ocasionais. Simultaneamente atores e plateia, os participantes comungam o prazer da música em um espaço aberto (Fotografia 4).

Alguns entrevistados consideram o local dos encontros ideal para os idosos, salientando que o Jardim dispõe de boa estrutura, tendo em vista que bancos, áreas verdes, lagos, além de banheiros e segurança. Além disso, o Palácio do Catete dispõe de outras atividades de lazer que variam durante os dias da semana, como exposições ao ar livre, apresentações de circenses, recitações de poemas etc.

Fotografia 4: Freqüentadores assistindo a seresta



Fonte: Acervo do Pesquisador. Visita de 13/10/2013.

O local em que se realizam os encontros musicais também atrai visitantes ocasionais, como turistas, ou pessoas que fazem, por outros motivos, uma visita ao Palácio. Em uma ocasião, observei um casal de turistas franceses, acompanhado pelos filhos. Eles chegaram no início da tarde, quando estava começando a Seresta do Vivi, e pararam para apreciar. Creio que gostaram, pois acabaram por passar toda a tarde acompanhando a música, chegando mesmo a tentar cantar.

Muitas vezes, um visitante ocasional acaba por se tornar freqüentador assíduo. Por exemplo, Donato informou ter encontrado o grupo de seresta ao fazer exercício no Jardim do Palácio em uma tarde de domingo, e então passou a participar do grupo. Ele acha que ouvir música ao vivo na área verde do jardim é muito convidativo. A época em que os jasmims florescem é quando se sente mais motivado a permanecer por mais tempo no Parque, ouvindo música:

Com o cheiro de jasmim, ficar aqui é impressionante, é muito agradável. É um ambiente tranquilo, sossegado, eu gosto. Não gosto de frequentar lugares tumultuados, com muita gente. Aqui tem uma área verde espetacular.

Da mesma forma, uma senhora, com quem conversei informalmente, disse que vem ao jardim para passear e para ouvir música. Ela também descobriu a Seresta quando passeava em um domingo à tarde pelo jardim. Para ela, poder ouvir a “música ao vivo” ao mesmo tempo em que pode “curtir o ambiente e a natureza” é uma motivação a mais, pois coincidem duas práticas de lazer que lhe proporcionam muito prazer.

4.3. O Grupo de Seresta do Vivi

Observei, nos encontros de que participei, que os frequentadores mais assíduos são pessoas idosas. Segundo o seresteiro Vivi, “*a Terceira Idade é a cara da seresta*”. Ele acredita que os idosos apreciam as músicas antigas porque trazem recordações de pessoas e momentos de sua vida. Também os que cantam nos grupos são, em sua maioria, da Terceira Idade.

Os idosos participam de formas distintas dos grupos de seresta. Alguns vão para cantar, outros apenas para ouvir e desfrutar o momento do encontro musical, apreciando o ritmo, o estilo musical e a música ao vivo. Outros, além de ouvir, acompanham as músicas formando um coro. Alguns chegam a dançar durante as apresentações musicais da seresta.

Ao longo da observação participante, chamou minha atenção um casal de idosos sempre presente. Eles tocam instrumentos musicais e cantam, eventualmente, algumas músicas, sobretudo o marido, que gosta de cantar músicas italianas. Este senhor fez um *pot-pourri* de músicas em italiano (com diversas estrofes de músicas italianas, fazendo uma mistura heteróclita das canções). O casal está plenamente envolvido com a participação no grupo, ouvindo, cantando e, em especial, tocando. Muito dedicados, é comum levarem consigo partituras de músicas para ensaiar. Em uma ocasião, ela se levantou para cantar, enquanto ele acompanhava com os instrumentos. Depois, sentado, ele começou a cantar também. Cantava para ela, e um grande coro se formou. Uma participante do grupo comentou:

Eles vêm aqui há muitos anos! É muito bonito de se ver, ele cuida muito bem dela. Estão juntos há mais de 50 anos! Eles tocam bem, quase não faltam. Quando olho para eles, eu sinto como se eles estivessem em uma grande apresentação de música, e quando estão mexendo com o público, ficam em êxtase.

No entanto, os grupos de seresta de que participei não reúnem somente pessoas de Terceira Idade, muito embora seja esse o segmento etário majoritariamente presente nas apresentações, dado que todos os que cantam e tocam instrumentos são idosos. Entre aqueles que participam ouvindo e contribuindo para o coro durante as apresentações, há variações quanto à faixa etária. Porém, os mais jovens tendem a ser participantes ocasionais, que param para ouvir e, geralmente, participam apenas uma vez ou outra.

Observei a chegada de casais jovens ao grupo, alguns sozinhos, outros com crianças ou carrinhos de bebê, que paravam e depois seguiam. Casais mais adultos costumavam se integrar aos idosos e apreciar as músicas por mais tempo, sendo estes que, eventualmente, retornavam em outras ocasiões em que passeavam pelo Parque. Apareciam também adultos acompanhando idosos – possivelmente pai ou mãe – ao grupo de seresta. Alguns deles assistiam com os idosos, enquanto outros ficavam apenas por algum tempo e os deixavam lá, retornando ao final do encontro.

Há também cadeirantes que participam do grupo de seresta do Vivi (Fotografia 5). Eles chegam acompanhados de familiares ou cuidadores, passando um bom tempo ouvindo e acompanhando as músicas no coro. Uma das idosas, cadeirante, também canta na seresta. Ela vai sempre aos domingos e participa do encontro musical comandado por Vivi. Destacando a importância da solidariedade que permeia o grupo do encontro musical, Vivi observa que a Seresta ajuda muito os cadeirantes, a maior parte de Terceira Idade, que, frequentemente, têm a participação na seresta como única atividade de lazer.

Cantam-se estilos diferentes de música. Poucas músicas são recentes. A maior parte do repertório musical é de músicas que foram sucessos dos anos 1940, 1950, 1960 e 1970. Algumas marchinhas de carnaval foram lançadas nos anos 1930. Alice, uma das idosas participantes, canta algumas vezes no Grupo de Seresta do Vivi. Ela comentou: “Aqui, o pessoal gosta muito de cantar samba-canção, bolero, músicas italianas, marchas de carnaval, músicas da velha guarda. São muito boas!”.

Fotografia 5: Apresentação da seresta



Fonte: Acervo do Pesquisador. Visita de 13/10/2013.

Vivi é o fundador do grupo de encontro musical, conhecido como Seresta do Vivi, que acontece no Palácio do Catete. As pessoas o chamam de Vivi ou de “seu Vivi”. Mas, ele se apresenta como “Vivi de Manhumirim” ou “Vivi da Seresta”. O seu nome é Vivaldo e tem 81 anos. Hoje mora em Copacabana, em uma casa alugada por frequentadores do grupo Seresta, como forma de incentivo para continuidade de seu trabalho.

Como fundador e principal animador da Seresta do Palácio do Catete, Vivi deu algumas entrevistas para a imprensa, no intuito de divulgar a atividade de lazer realizada no Palácio do Catete. Inclusive, Vivi deu entrevista ao jornal português *Público*. A edição *online* do jornal intitulou a matéria: “O Rio que entenece nos jardins do Catete”. No artigo, Vivi é apresentado como “o mentor, o guia, o maestro, o publicista e o animador das serestas” (PÚBLICO, 2014).

Fotografia 6: Vivi na Seresta do Palácio do Catete

Fonte: “O Rio que Enternece nos Jardins do Catete”. Disponível em <<http://www.publico.pt/>>. Jornal *Público*. Matéria publicada em 21/01/2014. Foto: Vera Moutinho. Acesso em 11/08/2014.

Vivi chegou ao Rio de Janeiro em 1991 e tentou “ganhar a vida” com a música. Começou a tocar o cavaquinho naquele mesmo ano aos domingos no Palácio do Catete. A cada final de semana, ele foi percebendo que a plateia aumentava. Começou a nascer assim o encontro musical a que Vivi deu o nome de Seresta. Ele se orgulha de seu grupo de seresta ter sido o pioneiro entre os demais que acontecem no Palácio do Catete. De fato, a iniciativa de realizar encontros musicais inspirou várias pessoas que passaram a frequentar o Palácio do Catete para se encontrarem em razão da música.

Aqueles que frequentam o grupo há mais tempo manifestam grande admiração por Vivi. Ele sofreu um acidente vascular cerebral e se afastou por alguns meses entre o final de 2012 e o início de 2013, só voltando a frequentar o grupo em abril de 2013. Eu estava presente no domingo em que ele retornou. Músicos e cantores o receberam com muita alegria e ele logo quis mostrar que continuava tocando muito bem. Na ocasião, Vivi explicou que seu retorno à Seresta era muito importante, por ser fundador do grupo de encontro musical, mas, sobretudo, por considerar a seresta como parte fundamental de sua vida:

Minha vida é estar aqui cantando, vocês sabem disso! Sem isso, perde-se o sentido. Para mim, estar aqui é obrigatório. Eu agradeço todo o apoio e as orações recebidas. O meu cavaquinho está afinado e agora estou de volta para tocar, para alegrar o domingo de vocês!

Durante os intervalos, Vivi partilha suas experiências com a música. Ele comenta sobre apresentações e convites recebidos para apresentações. Além disso, fala de sua trajetória musical, destacando, sobretudo, como foi o crescimento do grupo de seresta ao longo dos anos. Vivi pertence ao segmento de artistas que Colbert (2012) define como aqueles que, ao manifestarem sua arte, precisam do reconhecimento dos pares e daqueles para quem a arte é apresentada.

A minha vida sempre foi a música, mas foi a Seresta que me abriu as portas para o reconhecimento das pessoas como músico. A minha maior alegria é ver que as pessoas reconhecem que eu canto e toco realmente.

Vivi comenta que o grupo de seresta lhe trouxe equilíbrio emocional, pois ele canta desde os 11 anos de idade e desejava muito ser bem sucedido com música. O grupo de encontro musical foi a materialização desse desejo. Nesse sentido, para ele, a Seresta significa um “enorme contentamento”, uma vez que foi nesse grupo de encontro musical que Vivi entende ter se realizado como músico. Ele descreveu sua relação profunda com o encontro musical:

A Seresta é tudo na minha vida porque eu coloco Deus no meio... Aqui eu canto, toco, declamo poesia, dou uma palavra amiga. Isso me realiza como pessoa. Quando alguém reconhece o meu trabalho, isso me basta para viver... Mesmo com a idade que eu estou, eu tenho atividade social todo o dia. Eu toco em três casas depois de tocar na missa e venho aqui na seresta todo domingo. Amo estar aqui na seresta, a minha motivação é justamente dessas pessoas acharem que vir à seresta traz algum bem para suas vidas. Escrevi uma vez uma carta para um parente: ‘Eu cantei no Palácio do Catete... Ah, achei no Palácio do Catete o que eu queria da vida’.

Tocar e agradar ao público o “satisfaz inteiramente”. Essa satisfação tem base em fatos concretos, tais como os convites para tocar em outros espaços, a vivência do grupo por anos, as matérias jornalísticas sobre a seresta do Palácio do Catete, e até mesmo as indicações de psicólogos para que seus pacientes participem da seresta. Vivi também já foi chamado para animar com música o setor de geriatria de um hospital e foi levado em viagens para se apresentar fora do Rio de Janeiro. Por vezes, é convidado por participantes a ir a suas casas.

Tudo isso acarreta sentimentos que ele mesmo define como sendo de paz, alegria, realização e inclusão. O reconhecimento faz sentir que sua vida foi preenchida de sentido. Vivi sublinha que a Seresta é um espaço social de libertação e de reafirmação de identidade em sua própria vida:

A Seresta me liberta quando eu estou aqui me apresentando, eu sou o Vivi de Manhumirim e sou cantor. Eu fico feliz em fazer o que eu gosto. Mas, a minha arte faz a vida de outras pessoas felizes também. A música é o chamariz...

Eu amo a Seresta. Estar aqui me traz um sentimento nobre... Estar aqui é obrigatório para mim porque fui eu que ajudei a criar... Aqui eu me tornei músico! A minha motivação é que as pessoas acharem que eu canto realmente e toco realmente. Depois daqui, eu sou convidado para fazer apresentações em outros eventos e recebo pelas apresentações em outros lugares... A seresta me liberta, eu não sofro discriminação. Por isso, a seresta e o Vivi estão interligados, o grupo me completa.

A atividade foi ainda fundamental para o equilíbrio de suas finanças pessoais, pois, como aposentado, teria uma renda muito pequena, que não poderia cobrir os seus gastos e, além disso, morar na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A renda adicional é obtida por meio de contribuições voluntárias de participantes, que as colocam em um saco que circula durante a seresta, doações de apreciadores enviadas a ele, e ganhos em apresentações que é convidado a realizar em eventos ou residências particulares. Alguns admiradores mais próximos, residentes como ele em Copacabana, também fazem doações, pagando contas de supermercado e de farmácia. Vivi reconhece nessas contribuições expressões de gratidão e reconhecimento por seu trabalho.

Eu me realizo com a música e a seresta me ajuda financeiramente... Já juntei dinheiro para comprar uma casa. Quem dirige o meu dinheiro é o Santander. A menina daqui que me dá assessoria me disse: “Vivi, você já tem dinheiro pra comprar uma casa na sua terra natal”. Que eu vou passar a velhice lá, mas vindo ao Rio sempre. Eu recebo doações, recebo das apresentações que sou convidado para fazer e também recebo contribuições de algumas pessoas que vem aqui na Seresta... Olha, o carioca gosta muito disso. Essa sacolinha foi uma iniciativa da Júlia, que me disse que poderia reunir o dinheiro durante as apresentações. Aí que eu vi que o carioca, além de aplaudir, além de escutar, recompensa a gente financeiramente. Eu também já ganhei instrumento musical. Eu ganho muito como forma de incentivo.

Vivi destaca os benefícios que os encontros musicais trazem aos idosos. Em sua visão, os idosos ficam por muito tempo sujeitos à vontade das pessoas mais

jovens com quem vivem, determinando o que têm que fazer, quando fazer, onde podem estar. Assim, a proposta do grupo de encontro musical favorece um ambiente em que os idosos vivenciam um espaço próprio, em que podem desfrutar de um lazer por eles escolhido, a partir de seus próprios interesses e preferências.

Vivi sublinha ainda que a participação nos encontros musicais acaba por gerar novas amizades entre os idosos e trocas de experiências e conhecimento que ajudam a viver esta fase da vida. A Seresta seria, então, um espaço libertador também para os idosos:

O pessoal da Terceira Idade gosta de estar aqui, faz bem para eles estar aqui. Eles cantam músicas de 50, 60 anos atrás, e são eles que direcionam o repertório. Eles têm o prazer de reviver momentos em sua mente. Aqui, eles também não se sentem sós. Não sentem ter que fazer algo determinado por outros. Por isso, as pessoas me falam para continuar aqui cantando e tocando. Quando eu não posso vir por um motivo ou outro... Nossa Senhora!... O telefone toca até quase meia noite. Eu tenho responsabilidade no lazer dessas pessoas, para mim, estar aqui se tornou obrigatório, mas, na verdade, é o meu maior prazer.

Vivi exerce diferentes papéis no grupo: ele anima, canta e é o instrumentista. Normalmente, ele fica no cavaquinho e puxa algumas marchas, embora, algumas vezes, cante com as senhoras. Também procura levar mensagens de otimismo aos frequentadores do encontro musical. Para ele, a seresta tem um caráter muito construtivo para os frequentadores, que estão sempre aprendendo alguma coisa nova, dentro de seu próprio interesse. Alguns “criam coragem” e aprendem a cantar. É comum ele incentivar o participante a “se soltar”, sobretudo quando observa na plateia “alguém que canta bem”. Ele pode convidar um ou outro, mas sempre sondando se o participante conhece alguma música que ele saiba tocar. Outros aprendem a “mexer em instrumentos”, enquanto outros ainda aprendem a gostar de outros gêneros musicais.

Vivi valoriza as relações de amizade que advieram da admiração de sua dedicação pela música, destacando que as pessoas que conheceu no grupo de encontro musical que se tornaram seus amigos são hoje a sua verdadeira família, ele complementa:

O grupo foi bom para minha vida social, pois as pessoas me convidam para tocar, as pessoas vão à minha casa. A Seresta me deu muitos amigos e admiradores. Eu faço ainda muitas amizades aqui.

O Grupo de Seresta do Vivi apresenta forte diversidade na seleção musical, pois são tocados diversos tipos de músicas. Quando aparece alguém de outra região do país, Vivi logo toca músicas conhecidas daquela região. Observei que ele fazia isso em duas ocasiões: a primeira, quando da presença de uma visitante nordestina, ocasião em que, em sua homenagem, cantou “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga; a segunda, por ocasião da participação de uma senhora de Campinas, quando Vivi cantou “Trem das Onze”, de Adoniran Barbosa, natural de Valinhos, cidade vizinha a Campinas. Normalmente, no Grupo de Seresta do Vivi, as músicas tendem a se repetir em vários domingos.

O número de frequentadores no grupo de Seresta do Vivi varia muito. Nos dias de menor frequência se reúnem em torno de 30 a 40 pessoas, contando aqueles que param um pouco, observam e escutam uma música. Entretanto, observei que, em algumas ocasiões, o número era superior a 60 pessoas, ficando o espaço tão cheio que algumas pessoas ficavam próximas ao chafariz do parque, apreciando as músicas à distância.

O saudosismo aparece de forma recorrente no discurso dos participantes no grupo de encontro musical. Várias pessoas comentam da oportunidade que a Seresta representa de escutar sucessos antigos, que remetem a histórias antigas do seu passado. As músicas reúnem lembranças de momentos, pessoas e fases da vida. Em um dos encontros, uma senhora, Marieta, comentou comigo:

Eu fico tocada quando escuto essa música do Noel Rosa. Eu acho linda, eu me lembro da minha juventude e, particularmente, de um momento feliz que eu vivi e essa música era muito popular na época. Ai, quando eu escuto, eu sempre me lembro e fico feliz. Por isso, eu faço a ligação. Naquela época era que se fazia música boa. Noel Rosa, Adoniran Barbosa. Esses eram cantores que faziam música que ajudava a mexer e, ao mesmo tempo, tocam ao coração.

Em certa ocasião, no grupo de Seresta do Vivi, assisti às apresentações próximo a duas senhoras. Uma delas, Matilde, era muito animada e disse que vai sempre ao grupo de Seresta porque gosta de cantar e ouvir músicas antigas. O grupo de Seresta é uma oportunidade de viver uma vida com satisfação, porque ali ela sente que encontrou um espaço que identificou como “seu”. A outra senhora, Eneida, de 82 anos, disse que as músicas da Seresta faziam-na lembrar-se de sua mocidade. Eneida é muito ativa, apesar de já possuir 82 anos, sendo uma das senhoras mais dinâmicas do grupo. Quando a música lhe agrada, é a primeira a levantar e começar a dança e logo é seguida por outras pessoas.

Também conversei informalmente, em outro encontro, com Carlos, 86 anos, que vai sempre aos encontros do grupo de Seresta do Vivi, desde que se aposentou, e isso já tem vários anos. Para ele, a seresta é uma opção de entretenimento para as pessoas não ficarem em casa sem ter o que fazer, sem companhia, e evitar ficar vendo só televisão. Ele comentou:

A maioria das pessoas aqui é de aposentados como eu. As pessoas vêm aqui para passar o tempo, conversar e se distrair. Olha, tem uma história interessante, uma senhora curtia tanto isso aqui, era a vida dela na velhice. Pouco antes de morrer, ela pediu para ser cremada e ter as cinzas jogadas no lago do Palácio do Catete.

Como também participei várias vezes do grupo de seresta do Castanha, que se reúne logo a seguir ao do Vivi, observei algumas diferenças. O Castanha é um seresteiro de 66 anos de idade. Ele compõe e canta suas canções no grupo de encontro musical que organizou e conduz. Já gravou CDs, que vende ao público que frequenta a seresta nos domingos à noite. No grupo do Castanha, o critério de apresentação de quem quer cantar é diferente. Os interessados dão o nome e ficam esperando sua vez. Ao serem chamados, geralmente, cantam uma a duas músicas. Quando todos já cantaram, é possível alguém cantar de novo, a convite, ou se inscrevendo novamente. Alguns cantam músicas de autoria própria.

No grupo de Seresta do Castanha, conversei com uma senhora que compartilhou a percepção de que as pessoas aproveitam o grupo de seresta para cantar as músicas de que mais gostam, aquelas que marcaram sua vida, ou que despertam alguma emoção. Alguns aproveitam também para cantar músicas que se dedicaram a aprender e consideram a seresta como um espaço para treinar o seu repertório. Registrei um depoimento dessa senhora:

Teve um dia que me marcou muito aqui. Uma senhora cantou em castelhano e emocionou aquele senhor ali entre os músicos, que toca cavaquinho. Foi muito bonito. Ele comentou que aquela música tinha uma história na vida dele e chorou... As pessoas lhe deram apoio e ele falou que se emocionou porque se lembrou de um amor muito especial de sua vida.

Nessa ocasião, também vivenciei uma situação especial no grupo de Seresta do Castanha. Uma senhora “puxou” uma música antiga que grande parte dos idosos presentes conhecia. Em pouco tempo, formou-se um coro e as pessoas começaram a acompanhar. Ela foi ficando animada e cantava com mais satisfação

e motivação. Ficou tão feliz que começou a dançar e os demais aplaudiram de pé quando ela concluiu. Ao final, ela se emocionou e agradeceu o carinho do público.

4.4.

Os Idosos Entrevistados no Encontro Musical da Seresta

Foram entrevistados, além do seresteiro Vivi, quinze idosos frequentadores de grupos de serestas do Palácio do Catete, sendo sete homens e oito mulheres. O Quadro 2 apresenta dados demográficos dos entrevistados.

O perfil econômico dos entrevistados varia substancialmente. À luz da classificação socioeconômica do Critério Brasil (ABEP, 2013), alguns entrevistados são de classe média-alta, pertencendo aos estratos B1 e B2, enquanto outros têm renda abaixo de R\$ 1.685 e, portanto, são classificados como de classe média baixa, pertencendo aos estratos C1 e C2. Dois entrevistados não pertencem à classe média. Artur, um espanhol que trabalhou por mais de 30 anos como garçom em restaurante, vive com uma aposentadoria de um salário mínimo, o que leva a considera-lo membro da classe D. Por sua vez, o médico Leo, canadense que veio para o Brasil depois de aposentado, trabalhou como médico especializado em gerontologia nos Estados Unidos e tem uma renda de cerca de 15 mil dólares mensais, podendo ser classificado como pertencente à classe A. Já Donato, que informou não ter renda, é casado e disse viver com conforto.

Quadro 2: Perfil dos Entrevistados do Grupo de Seresta

Entrevistado	Idade	Gênero	Formação	Ocupação	Bairro	Menciona família	Renda
Alice	70	F	Formada em Desenho e Moda	Design overloquista Aposentada	Copacabana	Mora sozinha	R\$ 1.900
Almerinda	77	F	Ensino Médio completo	Funcionária do INSS aposentada	Penha	Mora sozinha	R\$ 4.100
Artur	72	M	Ensino Médio	Garçom aposentado	Santa Teresa	Mora sozinho (viúvo)	R\$ 724
Donato	60	M	Ensino Médio Completo	Experiência em agropecuária	Flamengo	Mora com a mulher	Desempregado
Elaine	67	F	Administração e Ciências Contábeis	Aposentada e trabalha como promotora de viagens	Catete	Mora com o irmão	R\$ 5.000
Elizinha	68	F	Ensino Fundamental	Pensionista	Botafogo	Mora sozinha	R\$ 1.800
Gisela	71	F	Ensino Médio	Pensionista	Flamengo	Mora com a filha (viúva)	R\$ 3.000
Jorge	60	M	Ensino Médio	Motorista e DJ de discoteca	Santa Teresa	Mora com a irmã	R\$ 1.500
Justina	81	F	Advogada	Advogada aposentada	Flamengo	Mora sozinha	Não informou
Leo	77	M	Médico gerontologista	Médico aposentado	Dorinha	Mora sozinho	US\$ 14.500
Luciano	75	M	Radialista	Radialista aposentado	Meier	Mora com a mulher	R\$ 2.000
Mario	79	M	Ensino Fundamental	Mecânico de transportes aposentado	Copacabana	Mora sozinho	R\$ 1.500
Marta	68	F	Professora Normalista	Professora aposentada e balconista de restaurante	Laranjeiras	Mora sozinha	R\$ 2.500
Matilde	83	F	Ensino Médio	Costureira aposentada e Pensionista	São Cristóvão	Mora sozinha	R\$ 1.850
Vivi	81	M	Ensino Fundamental incompleto	Aposentado e músico	Copacabana	Mora sozinho	Não informou
Walter	66	M	Ensino Médio em Técnico em Administração	Auxiliar Administrativo da Eletrobrás	Laranjeiras	Mora com a mulher	R\$ 3.500

Fonte: Elaboração própria.

A maior parte dos entrevistados que frequenta o encontro musical da Seresta do Vivi no Palácio do Catete mora sozinha. Entre os que informaram viver com outras pessoas, Donato, Luciano e Walter vivem apenas com a mulher, enquanto Gisela passou a viver com a filha depois que ficou viúva. Elaine recebeu o irmão em sua casa para lhe fazer companhia, tendo em vista que ambos ficaram solteiros. Jorge vive na casa que foi dos pais, dividindo o espaço com a irmã e a família que ela constituiu. Segue-se uma apresentação de cada entrevistado, como se deu sua inserção no grupo e os significados atribuídos por cada um à experiência.

Em alguns casos, incluí também, além das entrevistas, anotações de meu diário de campo, relativas especificamente a cada um dos entrevistados.

- **Alice**

Alice tem 70 anos e mora na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Já no início da entrevista, Alice conta que sempre teve muito prazer em ouvir música e em cantar. Na juventude pensou, inclusive, em se dedicar à música, mas diante da oposição da família, optou por não seguir este caminho. Ela relata:

Na minha juventude, a Prefeitura colocava uns palanques nas praças comuns e cantava quem queria. Subia lá e cantava. Aí, eu comecei cantando assim. E depois, eu tive um trauma, a família achava que cantar era coisa de quem não prestava. Eu levei uma surra, todo mundo vendo, e eu fiquei muito traumatizada, não cantei mais. Fiquei 50 anos sem cantar. Voltei a cantar agora.

Alice conheceu o grupo de seresta a convite de uma amiga, em razão de seu interesse por música. Encantada com a proposta dos encontros musicais, tornou-se participante assídua, frequentando o local todo domingo. Inicialmente, Alice somente ouvia, mas ao ouvi-la cantar com a plateia, outra participante, Elizinha, percebeu seu talento musical, incentivando-a a se apresentar algum dia. Tornaram-se amigas. Este impulso foi fundamental para que Alice passasse a cantar ativamente nos encontros:

Eu já frequentava a seresta, mas sempre fiquei na minha, porque eu achava que eu nunca mais fosse cantar. Um dia, eu contei pra ela essa história do meu passado. Daí, quando foi numa seresta, eu ouvi todo mundo chamando: “Alice, Alice...” Eu pensei: “Ué, tem outra Alice aqui? Nunca conheci nenhuma Alice.” “É você mesma...”. Aí eu falei: “Meu Deus, a Elizinha me paga. Fazer uma dessa comigo, assim, desprevenida.” Fiquei sem saber se eu ia ou se eu ficava. Eu fiquei

envergonhada. Se eu não for, vão dizer que eu estou fazendo doce. Se eu for, vou pagar um mico danado. Aí, eu fui. Mas, como na minha casa – eu não cantava mais pra público – eu cantava muito “Madureira chorou...”. Foi a música que veio na minha ideia. Então, eu cantei, agradei, o pessoal gostou... Eu agradeço muito à Elizinha, porque eu jamais voltaria a cantar. [...] Pra mim, foi uma dádiva.

Para Alice, começar a cantar significou a superação dos bloqueios do passado, de tal forma que ela chegou a cantar para a família e foi muito apreciada. Ela considera que já é tarde para “ganhar dinheiro” com a música:

Eu canto por esporte, porque me faz bem, eu gosto de cantar. Eu lavo a alma, eu saio daqui com a alma lavada. [...] Chego em casa, tomo um banho, lanchinho, bato na cama e só vou acordar... Nem vejo televisão. Eu, às vezes, durmo das 7 às 7, direto.

Para Alice, o grupo de Seresta é “uma família só”, pois encontrou “amizade, alegria e união”:

Nós somos todos muito unidos, é muito bom... Companheirismo é bom... [...] Acaba se tornando uma amizade até pra quem não canta. Quem vem passear... porque quando você chega assim, é um sorriso... Um sorriso, um cumprimento, um sorriso... [...] Não é só música, é também conversa e a gente se alegra com os outros. [...] Eu sinto falta quando não tem a seresta, eu sinto falta...

No entanto, para estar mais próxima da seresta, ela acabou por deixar outras atividades para trás. Por exemplo, ela gostava de cinema, era “cinéfila”, mas deixou de lado, por falta de tempo. A família e os amigos também se queixam:

A minha vida social virou um caos. Porque a minha família vive ligando, reclamando que eu sumi, que eu não ligo mais. E eu já não tenho mais desculpa pra dar. Meus amigos não ligam mais pra mim. Não ligam. Eu tenho muitos amigos, mas de tanto ficar aqui, não posso ficar ligando, não posso atender telefone, eles se afastaram de mim. Eu tenho amizade aqui, amizade de antes... [...] Para falar a verdade, quando tem um evento que eu tenho obrigação de ir, até na casa da minha família, aniversário, eu até vou. Mas meu pensamento fica aqui. E fico, assim, doída pra dar uma desculpa e cair fora. [...] Eu estou em falta com os amigos, com a minha família, mas eu não posso deixar de cantar. Minha vida tá de pernas pro ar. Mas tá numa boa. De pernas pro ar, numa boa.

Ela vê na música, não só uma superação do trauma que marcou sua juventude, mas também um emblema da conquista de uma liberdade que a própria idade lhe permitiu alcançar. Ela menciona, com relação a uma potencial relação amorosa:

Sabe como é. “Já vai?” Eu não gosto disso. Nem com a minha família. “Já vai?”. Eu digo: “Epa...” “Vai voltar que horas?” Epa... Já passei da idade, hein. Não quero mais esse negócio comigo não. Eu sou livre, bela e solta.

Além da amizade, outro aspecto marcante do grupo é que as diferenças entre os participantes se anulam, fazendo com que sejam ignorados demarcadores sociais, ou mesmo, deficiências físicas:

Porque você aprende muita coisa cantando. Bem, eu sempre respeitei as pessoas, mas aqui o carinho... Nós tratamos bem uns aos outros, tratamos com carinho as pessoas cadeirantes, as pessoas que moram em comunidades sempre são bem vindas, são recebidas bem. Não tem diferença, somos todos iguais. O tratamento de carinho, de respeito...

Alice percebe que sua participação no grupo trouxe uma nova perspectiva a sua vida. Em função disso, ela se percebe se “produzindo mais”, o que acentuou sua autoestima. Alice avalia que agora está se vestindo melhor, procura se maquiar e tem usado diferentes estilos de óculos escuros que devem combinar com a bolsa escolhida para o dia. Embora tenha trabalhado com moda durante toda a vida, ela se percebia como que trabalhando para os outros se cuidarem, mas agora, pela primeira vez, ela considera que se dedica a si mesma.

Para Alice, a Seresta permite viver melhor. Ao cantar, além da autoestima de se perceber apta a se apresentar em público, o exercício de cantar lhe permite trabalhar a mente, porque, ao decorar a letra, mantém a mente em atividade. Alice comenta que gosta quando as pessoas pedem outra música, porque assim percebe que está agradando. Ela diz ainda que está ficando conhecida como “Alice Duarte, a cantora que canta com arte”.

A seresta também tem inspirado Alice a praticar outras atividades, pois ela se interessou em aprender a tocar instrumentos musicais. Tem evoluído no canto, como ela explica:

Eu sou suspeita em dizer. Mas meus colegas de canto, mesmo a Elizinha, eles disseram que eu fiquei muito desembaraçada, que eu estou me desenvolvendo cada vez mais. Porque, quando eu comecei, eu estava constrangida ainda, pelo que me aconteceu na minha juventude. E eu ainda tinha aquilo na minha cabeça. Comecei a cantar assim, um pouco tímida, porque eu tenho um timbre de voz muito alto. Eu cantava baixinho. Agora não.

- **Almerinda**

Almerinda é uma senhora de 77 anos de idade, bastante ativa. Ela mora na Penha, bairro suburbano do Rio de Janeiro. Foi criada, desde os dois anos, por outra família, em cuja casa sua tia trabalhava.

Um dia, passeando com uma amiga que mora no Catete, resolveu “dar uma volta” no Palácio do Catete e encontrou o grupo de seresta. Gostou da música e das pessoas que conheceu, passando a frequentar com regularidade: “Venho todo dia. Só não venho segunda. Mas estou aqui de terça a domingo”. Ela não canta nem toca nenhum instrumento, sendo apenas ouvinte.

Como gosta de fazer bolo, ela começou a se oferecer para organizar os aniversários e levava para a seresta bolos e doces, que cozinhava com recursos próprios. Também se mostrava disponível para ajudar no que fosse necessário e logo começou colaborar na organização do encontro. Hoje, Almerinda participa do grupo como uma espécie de “assistente”, como ela mesma se designou, colaborando para que os músicos possam se apresentar.

Almerinda me disse que fica muito alegre nos dias em que vai ao encontro musical. Ouvir música a deixa feliz, considerando este um lazer que promove distração e relaxamento da mente. Ela diz que a música lhe permite voltar ao passado (“a gente lembra e tal”) e as letras das músicas antigas lhe fazem refletir sobre a vida, mais do que as músicas de atualmente, em sua opinião (“as músicas de hoje, não tem nada, não diz nada”).

Entretanto, a principal razão de Almerinda frequentar o grupo de encontro musical são as amizades. Como mora sozinha, ir à Seresta é uma oportunidade de interagir com outras pessoas, sobretudo porque gosta muito de conhecer gente nova e conversar. Como o grupo de encontro musical é composto, principalmente, de pessoas na Terceira Idade, ela encontra pessoas na mesma faixa etária com quem pode se relacionar. Almerinda considera a Seresta “um presente de Deus” na sua vida.

É gostoso a gente ficar aqui, chegam as amigas... Depois que acaba, a gente fica conversando, um conta um caso, outro conta outro caso, e tal... De vez em quando tem umas fofoquinhas... Quando a gente vem aqui, esquece as coisas tristes...

Quando a gente fica sozinho em casa, sem ouvir conversa, sem ouvir música, só fica pensando em coisas ruins. E aqui a gente fica mais alegre, esquece, acha graça, com os colegas... A gente se sente muito bem... [...] Deus me livre, se não tivesse isso aqui... Se eu não tivesse descoberto isso aí, eu nem sei...

A interação com outros participantes do grupo foi se tornando mais intensa com o passar do tempo, de tal maneira que estas relações de amizades foram tomando um espaço importante em sua vida. Almerinda começou a ser convidada para festas e para sair com as amigas que fazia no encontro musical.

Eu venho todo dia, fico até o fim da seresta. Às vezes, uma pessoa faz aniversário e vamos a um bar. Ontem mesmo teve um encontro lá na Andrade Coutinho, no bar. “Ah, você vai ter que ir...”. Eu nem ia. Aí, fiquei lá um pouco, mas depois disse que ia embora. “Eu vou me embora. Vocês moram por aqui e eu vou pra Penha ainda.” Mas eu não posso nem faltar que daqui a pouco o telefone tá tocando, se eu demorar a chegar, nossa... “Ih, ela não vem, ela vem, será que ela vem?”

O aprofundamento das amizades no grupo de seresta, como ocorreu com Alice, levou a um afastamento de outros amigos:

Eu não vou mais nem na casa de amiga. Se chamar pra almoçar, eu “ah, não vou”. Porque venho pra cá. Eu não consigo deixar de vir na seresta. Tinha um aniversário ontem e eu disse: “ah, não posso ir não, que tenho outro aniversário pra ir, já estou comprometida”. Não, não vou não.

Almerinda encontra no grupo, uma relação de prazer no convívio mútuo, que ela não identifica com familiares ou pessoas mais jovens. Seu depoimento revela um sentimento de discriminação com relação aos idosos:

A pessoa, às vezes, tem mais convivência aqui do que se tivesse com a família. Eles aqui se preocupam mais que, às vezes, a família, ainda mais quando a gente é da Terceira Idade, que às vezes só dá trabalho, eles não querem saber muito. Se a gente mora com alguém mais novo, essa pessoa não dá importância, não dá confiança. Nem liga. E aqui eles se preocupam muito. [...] Às vezes, a pessoa fica em casa, mas ninguém dá confiança, não quer conversa nem nada. Aí, vem aqui, se distrai, conversa com um com outro... [...] Antigamente, eu ia muito a dança. Mas hoje, a Terceira Idade, se ela não tiver um par constante, ela não dança. Toma chá de cadeira. [...] Tem uns amigos aqui que são mais do que parentes. Mais do que parentes.

A minha intenção de vir aqui é amizade. É porque aqui é aquela amizade... Que as pessoas, às vezes, quando a gente demora, elas sentem falta... Ontem mesmo um que frequenta outra seresta fez o aniversário num bar ali na Andrade Coutinho. Aí, eu não tava [estava] nem sabendo. Então uma amiga daqui disse: “Você não vai lá no 51?”. Eu digo: “Ah, não sei.”. Aí ela: “O que? Não sabe? Não, vai ter que ir.”

Tem uns aqui que a gente não tem muita amizade, mas tem outros que tem. Mas, o grupo aqui me ajuda a aumentar muito as minhas relações de amizade. A gente

conhece as pessoas aqui justamente pra ficar alegre, se divertir. E passar o tempo. Por isso que o pessoal vem pra cá. E tem que vir. Quando não vem, a gente pega o telefone “Fulano, você não vai vir não?”. “Não, vou sim, estou indo...”. O que me marca aqui mesmo é a amizade das pessoas.

Também para Almerinda a seresta é um espaço de liberdade e independência, a tal ponto que ela prefere ir sozinha, já que suas amigas “não ligam para seresta”:

Eu gosto mesmo é de vir sozinha, que eu vou embora na hora que eu quero ir. Se eu chegar mais tarde... Aí, vem com outra pessoa “Não, vamos essa hora, vamos até que hora”, e tal...

De acordo com Almerinda, estar no grupo lhe faz muito bem porque ouvir música ao vivo é melhor do que ficar ouvindo um CD em casa sozinha. Contudo, destaca que o mais importante é estar com o outro, pois embora a música desperte um sentimento, para ela estar com compartilhando canções com o grupo tem um significado especial. Há ainda uma relação de solidariedade, que se estende além dos encontros musicais:

Porque a gente se importa com a gente. Quando acontece qualquer coisa, a gente faz o que pode. Quando uma não vem... [...] Teve uma [senhora] que frequentava [o grupo] há muito tempo, ela já tinha bastante idade. Ela ficou com pneumonia, queria vir, o filho deixou. Depois não veio mais. Vinha gente só pra perguntar por ela. E a gente não sabia. Era guarda perguntando, era todo mundo. Ela tinha morrido, a gente não sabia.

• Artur

Artur é espanhol, viúvo e tem 72 anos de idade. Vive no bairro de Santa Teresa, próximo ao Centro do Rio de Janeiro. Veio ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Logo que chegou conseguiu um emprego em um restaurante no Largo do Machado, local em que trabalhou por 48 anos, até se aposentar. Atualmente, é aposentado e mora sozinho. Lacônico, ele responde de forma muito sucinta, embora amável, a minhas perguntas.

Ele me contou que começou a passear para preencher o tempo e, um dia, ao passar pelo Parque do Palácio do Catete ouviu a música e observou o grupo de seresta. Então, aproximou-se e resolveu parar. Gostou tanto que começou a vir com frequência. Artur participa do grupo de Seresta há cerca de um ano e meio. É

apenas ouvinte, porque acha que está “muito velho para tocar” e “não gosta de cantar”.

Ao lhe perguntar as razões de sua participação no grupo de Seresta, em uma conversa informal, ele me respondeu que eu era “menino novo”, portanto, não tinha como compreender o prazer das pessoas da idade dele em estar ali. Artur comentou que a família acredita que ele deveria ficar em casa, não sair e evitar que lhe aconteça alguma coisa. Entretanto, ele acredita que os familiares não querem ter trabalho, pois eles praticamente não o levam a lugar nenhum. Então, ele sai por sua própria conta porque não suporta ficar vendo televisão o dia todo. Mas, não pode ser para qualquer lugar. Por isso, a Seresta foi um “achado” na sua vida, pois tem música “do seu tempo”, além de encontrar pessoas da sua idade, com “os mesmos gostos” e com “um papo sadio”, o que ajuda a “preencher o tempo”:

Depois de velho não tenho mais que fazer nada, só descansar e passear. [...] Meu programa é descanso. Passear... Vivo sozinho, então pra não ficar em casa sozinho, venho pra cá passar o tempo. Venho todos os domingos. É uma forma de ocupar o tempo, deixar a vida passar. Porque não tem o que fazer na vida, tem que passar o tempo em alguma coisa. [...] Eu acho que a diversão, a essa altura [da vida], é boa pra todo mundo. Se for pra estar preso [em casa], vai logo pra cadeia.

Para Artur, o grupo de encontro musical é uma oportunidade de recordar músicas antigas, que conheceu logo que chegou ao Brasil. Ele gosta de ficar deixando “a memória trabalhar” enquanto curte a música.

Dá alegria, você escutar uma música do teu tempo... Uma música daqueles tempos em que nós fomos crianças... Hoje nós somos velhos. Mas já fomos novos. E escutar aquelas coisas boas...

Artur também destaca que uma motivação importante para ir ao encontro musical é a oportunidade de encontrar pessoas da mesma idade para um “papo sadio”. Ele comenta que já frequentou lugares em que as pessoas não se aproximam. Já no grupo de Seresta, ele pode conversar com pessoas da mesma faixa etária, as quais se interessam em conversar com ele sem outros interesses, mas sim pelo prazer de conhecer e conversar. Ele prefere conversar com pessoas com idades próximas à sua, pois tem mais facilidade de encontrar assuntos em comum:

Aqui só tem velhos e amigos, não tem gente jovem, então pra mim é uma diversão passar a tarde de domingo. Eu gosto de conversar com pessoas da minha idade, não com garotada, que não adianta nada. Porque velho tem que ter amizade com velho, não é? Faço muita amizade aqui. [...] Eu acho uma boa gente, eu gosto de todos eles. São gente idosa igual a mim, e gente muito boa. Não tem risco, não tem pessoas más. Uma tranquilidade. [...] Eu chego, cada dia tem uma pessoa nova. E batem papo uns com os outros. Isso pra mim é bom. Porque você escuta canções antigas, bate papo com uma senhora, bate papo com um senhor, e vai levando.

Depois que sai da Seresta, ele diz que chega em sua casa com a mente leve e tranquila, deixando-o mais alegre com a vida. Após ter começado a frequentar a seresta, percebeu que está dormindo melhor:

Eu estando em casa sozinho só penso besteira, velho só pensa besteira. E vindo aqui, renovo o pensamento, renovo a cabeça, renovo as coisas. Venho conversar com pessoas da minha idade, ouvindo músicas boas, e não se fala de coisas ruins. E vou pra casa com a cabeça livre.

Artur observa que a experiência oferece diversos atrativos adicionais: música ao vivo, não se paga nadar para estar ali e poder ouvir pessoas se dedicando a cantar para os outros. Além disso, o ambiente natural é “uma coisa maravilhosa, coisa de natureza, limpo, céu azulado, ninguém te perturba”.

- **Donato**

Donato é uruguaio, casado, tem 60 anos e mora no Brasil há cerca de dez anos. Ele encontrou o grupo de seresta acidentalmente. Como mora no Flamengo e gosta de correr na Praia, vai ao Parque praticar exercício quando o dia está ensolarado. Exercitando-se um dia no Palácio do Catete, contemplava a área verde do Parque e escutou a música. Ao conhecer o grupo de seresta, ficou impressionado com que chamou de “a energia da turma da Terceira Idade” para cantar as canções antigas:

Parecia que eu estava voltando 30, 40 anos... uma outra época, outra vida, outra situação. Fora do normal. As pessoas juntas, idosos, pra passar uma tarde, um momento fantástico. Foi isso que eu admirei mais. A alegria que eles gostam de ficar, de cantar, mesmo que... tenha uns que cantam melhor que outros, eles não se importam com isso não, eles só vêm curtir o momento, desfrutar...

Donato frequenta o grupo há mais de um ano. Quando é domingo, ele reserva um tempo para assistir à seresta, mas não mais de uma hora. Ele se define como um “outsider”, por ser mais jovem do que a maioria dos participantes mais

ativos. Ele não se considera “idoso”, ou de “Terceira Idade”. De fato, Donato é mais um observador externo, como explica:

Sou uma pessoa muito tímida, não faço amizade muito fácil. Nunca fui de conversar muito não. Fico muito na minha. Apareço aqui só para olhar, pra ouvir, e mais para olhar as pessoas, que realmente elas gostam... [...] Eu gosto muito de ouvir. Não me arrisco [a cantar], mas gosto de ouvir. [...] Talvez quando eu ficar mais velho, eu venha a participar mais. Por enquanto não cheguei a essa idade...

Eu fico impressionado com a coragem as pessoas na Seresta. Eles não se preocupam se estão cantando bem ou não, se vão acertar ou errar. Eles cantam e pronto. Quando erram, continuam e seguem bem, o negócio fica tão bom como se não tivesse errado. Eu já participei de vários shows profissionais, que eu tive que pagar e, alguns não foram tão bons como a música que eu tenho aqui. Eu gosto muito de parar e ficar, nem vejo o tempo passar! Tem a música ao vivo e a energia das pessoas que também conta muito!

Donato não se identifica com o grupo, mas diz admirar o que fazem. Ele se define como “um homem silencioso”, que aprecia viver seus momentos de lazer individualmente. Ele, às vezes, conversa com pessoas próximas, mas não se interessa por fazer amizades. Para ele, o melhor é desfrutar a música estando imerso em seus sentimentos, pensamentos e lembranças.

O que motiva Donato é exatamente o contexto que envolve a seresta, como a alegria dos idosos, o acolhimento despretensioso para os que chegam e querem curtir o momento, as expressões de felicidade pelas músicas cantadas, o nível baixo do som (como ele acha que a música ao vivo tem que ser) e, em especial, o estilo musical: música romântica, música que “fala ao coração”. Outro ponto que chama a atenção de Donato é a “democracia” no grupo:

O visual das pessoas, a simplicidade... Ver as pessoas que vêm pra cá... Não importa a forma como elas estão vestidas, ou como elas cantam... elas só ficam juntas, é só curtição total. Elas valorizam o grupo delas. Você vê as pessoas aqui, pode ter pobre, pode ter rico, pode ter todo tipo de pessoa, estão no grupo, e todo mundo é igual.

Ele observa que todos que querem cantar têm espaço. Aqueles que ainda não estão seguros são incentivados a participar. Donato diz já ter percebido, ao longo desse ano em que tem assistido às apresentações, que alguns começam a se apresentar com muita timidez e, mais à frente, se mostram bem mais seguros.

Donato partilha comigo que a Seresta é um momento “fantástico” porque oferece música ao vivo em um ambiente de grande beleza. Como trabalhou por muitos anos nos Estados Unidos com atividades agrárias, gosta muito de áreas

verdes. Ele destaca que quando é a época de o jasmim florir, além da música, a seresta é regada a perfume, momento em que ele diz refletir que não há lugar melhor para se estar. Observou, inclusive, que desejaria que sua mãe fosse viva para participar:

Sempre penso na minha mãe, que seria uma coisa fantástica se ela tivesse hoje em dia, estivesse aqui comigo, seria uma coisa fantástica para ela, para ficar curtindo... Porque ela já faleceu faz muitos anos, mas penso nela, porque ela ia gostar demais.

- **Elaine**

Elaine tem 67 anos, é aposentada e tem nível superior. Ela encontrou o grupo há mais de 20 anos, quando Vivi começou a seresta, em 1991. Um dia, foi visitar o museu no Palácio e se encantou com a proposta do seresteiro, mas se deu conta de que a atividade tinha começado há pouco tempo, ainda era muito incipiente e havia muito que organizar. Aproveitando a proximidade da aposentadoria e desejosa por preencher o seu tempo, já que se considerava uma pessoa muito ativa, Elaine se ofereceu para ajudar na organização. Quando se deu conta, já era “oficialmente” uma das organizadoras dos encontros musicais. Atualmente, Elaine é uma pessoa importante para a organização e o funcionamento do encontro musical.

Não, eu participo [cantando]... Eu faço um trabalho social, digamos assim, quem precisar de mim, eu estou sempre disposta a ajudar. É, se precisar de mim pra fazer lista, pra ajudar... Eu estou sempre pronta e sempre dando atenção... A gente tem um compromisso de amizade... Eu sou bastante conhecida aqui... E as pessoas sempre que precisam: “A Elaine vai resolver, a Elaine vai ver, a Elaine...”. Então, sou muito requisitada.

A Seresta hoje é parte importante da vida de Elaine. Mais do que apreciar a música, as relações de amizade que ela construiu entre os frequentadores são constitutivas de sua principal rede de relações. Ela planeja como o espaço vai ser utilizado, colabora com o transporte dos instrumentos – transportando de carro ou pagando um taxista. Elaine também ajuda a organizar atividades com o grupo de seresteiro fora do Palácio do Catete, inclusive com viagens para outros Estados, onde os idosos são convidados a se apresentar.

A minha presença lembra o que eu faço. As viagens, que também é uma atividade pra Terceira Idade muito boa... E com isso eles comentam: “ah, a Elaine tá ali... A Elaine, ah, vou viajar com a Elaine”. Então, realmente, a minha presença também influencia... Digamos, nas festas, ou na excursão, quando eu estou perto delas, eu elogio muito. “Poxa, que legal! Você tá bonita! Nossa!... não sei o que!”. Isso pra elas é muito importante. E viajando te dá a oportunidade de você conversar muito mais com o outro e interagir muito mais... E foi daí que eu fui surgir com o turismo. Fazendo excursão com o pessoal da Terceira Idade.

Desta forma, a seresta foi responsável por ajudar Elaine a trabalhar com turismo depois de aposentada. A partir da experiência que foi construindo com a organização dos eventos do encontro musical, Elaine começou a incentivar os idosos a passearem e conhecer pontos turísticos em grupo. Assim, Elaine começou a vender pacotes de turismo para a Terceira Idade em conjunto com uma agência de viagens do Rio de Janeiro. Vários idosos frequentadores da Seresta aproveitam a oportunidade para viajarem em grupos, com pessoas conhecidas. Durante o passeio, além do lazer turístico da viagem, eles aproveitam para tocar e cantar músicas que compartilham na Seresta.

Elaine diz que a participação no grupo de Seresta trouxe um novo significado para sua vida, uma vez que este grupo passou a ser central em suas relações sociais. Um ponto importante para ela é a sensação de ser “querida”, que a vivência no grupo lhe proporcionou. Nesse sentido, o grupo significa possibilidade de convívio para Elaine, uma vez que ela se define como uma pessoa bastante relacional. Assim, a interação com as pessoas é uma necessidade preenchida pelo grupo de encontro musical.

Porque eu me sinto querida e isso é importante pra mim. Então faz com que eu esteja sempre. Sou aceita. Sou requisitada. E, então, é tudo pra mim isso aqui. É tudo... Muito importante por causa dessa integração. Eu gosto da música, por isso que eu te digo, eu aqui sou mais do convívio.

Elaine crê que a Seresta é um bom espaço para ouvir música ao vivo, pois oferece mais liberdade do que um *show* profissional. Dessa forma, uma pessoa que frequenta o grupo e sabe cantar pode exercitar se apresentando para os demais. Quando alguém consegue se apresentar razoavelmente bem, várias pessoas elogiam e incentivam uma nova apresentação. Por outro lado, quando se percebe que uma pessoa não canta bem, a experiência das pessoas no grupo é muito eficiente para acolher essa limitação. Elaine comenta que já incentivou

várias pessoas a cantarem ao longo desses 20 anos de participação. Ela conta que já comprou vários CDs amadores dos músicos que se apresentam na seresta para incentivá-los.

Para Elaine, a Terceira Idade ganha muito com proposta de lazer como a oferecida pelo grupo de encontro musical. A música, na visão dela, é apenas um elo entre os frequentadores, pois reúne pessoas que têm interesse por músicas antigas, mas é, sobretudo, uma possibilidade de a pessoa se relacionar, trocar ideias.

A Seresta tem custo zero. Então, é um entretenimento que você não paga nada. Elas vêm. Vêm também não só pra cantar, mas pra interagir. Pra se relacionarem. Pra ter com quem conversar, trocar ideias, né? É, e muitos que cantam vêm pra cantar. Mas mesmo esses que vêm pra cantar, também eu acho, que o forte é esse interagir.

Elaine acredita que encontrar alguém para conversar é uma ocupação saudável e, que na Terceira Idade, não se tem garantia de encontrar esse apoio junto à família. Nesse sentido, o grupo oferece qualidade de vida e suporte psicológico aos idosos, por oferecer música, pessoas para dividir momentos, pessoas para conversar, relaxamento e possibilidade de realizar outras atividades fora do espaço da Seresta.

- **Elizinha**

Elizinha tem 68 anos de idade e mora em um bairro vizinho. Conheceu o grupo de encontro musical da Seresta passeando pelo Palácio do Catete em companhia do marido, há cerca de seis anos atrás. No início, ela participava apenas como ouvinte, junto com o marido. Nesse momento inicial, a Seresta era uma alternativa de passeio, pois quando o marido era vivo, ela se dedicava mais às atividades da casa.

Passeando lá dentro [do Palácio do Catete]. Cheguei lá, estava a seresta rolando lá, e eu cheguei, fiquei sentada ouvindo. Então, comecei a ir todo domingo... Não!... Na época, era sábado de manhã, que eu ia lá. O Seu Vivi era sábado de manhã e domingo à tarde. Eu só ia na Seresta do Seu Vivi. Agora não, agora eu vou em várias.

Um ano após ter conhecido a Seresta, Elizinha conta que ficou viúva e uma forma que encontrou para deixar a vida seguir o seu curso foi manter sua rotina. Para se distrair e ter companhia, ela começou a ir todo domingo ao encontro musical. Ela me disse que sempre gostou muito de música, mas as demandas da vida não permitiram que se dedicasse a este prazer pessoal.

Bem, quando eu comecei a participar lá, meu marido ainda estava vivo. Isso tem mais de seis anos. Só que eu não cantava. Eu chegava, ficava sentada, ouvindo, igual você fica, né? E, às vezes, cantando junto. Até que o Seu Vivi me viu, ele olhou para mim, viu que eu estava cantando e resolveu me chamar para cantar, que foi aonde eu comecei...

Elizinha conta que, ao cantar no coro, Vivi percebeu que sua voz e sua vontade de cantar se destacavam, então ele a encorajou a cantar no grupo. Como sempre se considerou muito prática e corajosa, aceitou o desafio e se levantou para cantar. Elizinha cantou muito bem e a apresentação foi um sucesso, ela mesma ficou muito surpresa com sua performance. Ela pontua que esse foi um momento marcante de sua vida, pois, mesmo já tendo vivido tanto, uma vez que essa experiência foi vivida aos 63 anos de idade. Ela afirma que essa foi a maior sensação de realização pessoal que tinha experimentado até aquele momento. A partir desse dia, ela começou a cantar sempre que ia ao encontro musical do Palácio do Catete. De outro lado, ela começou a fazer canto e aulas de instrumento no Centro de Convivência da Lagoa. Ao longo desses cinco anos, ela foi melhorando muito e crescendo em suas apresentações, incluindo não apenas o desempenho com a voz ao cantar, mas também o desempenho com os instrumentos.

Eu comecei a fazer aula, aprendi a tocar. Eu comecei a fazer aula de percussão. Agora, eu toco cantando, eu toco pandeiro, eu toco afoxé, toco triângulo, toco chocalho. Eu comecei a levar pandeiro e toco pandeiro lá.

Ela conta que toca o instrumento quando outra pessoa está cantando, para ajudar no desempenho do companheiro ou companheira. Quando canta, no entanto, Elizinha prefere se concentrar na letra e no ritmo da música e, dessa forma, evita cantar e tocar. Embora, já esteja conseguido cantar e tocar com violão.

Diferentemente do que acontece na apresentação do grupo do Vivi, no qual ela cantou três músicas determinadas por ele, no grupo do Castanha, ela aproveitou para cantar duas músicas que ela pôde escolher e optou por trabalhar músicas que ela tem ensaiado para suas apresentações. Por isso, Elizinha passou a frequentar outros espaços musicais no Palácio do Catete.

A participação na Seresta tem preenchido a vida de Elizinha, ela declara que se sente vivendo o melhor período de sua vida. Percebe-se saudável, feliz e com muita disposição para fazer suas atividades. Hoje, ela mora sozinha e cuida de seus afazeres domésticos com muita independência e rapidez. Em que pese ela reconhecer que sente o peso da idade, que se revela na diminuição da força física e na sensação de cansaço que se impõe a noite. Entretanto, acorda muito cedo e vive o dia de forma intensa e, segundo ela, “muito bem vivido”. Quando não é dia de Seresta, ela vai ao centro de convivência da Lagoa interagir com outros idosos.

A seresta mexe comigo. Foi lá que eu descobri o que me faz feliz. Apesar da minha idade, isso é novo para mim, de seis anos para cá, eu nem sabia que eu sabia cantar, eu nunca cantei. Eu fiz muitos amigos lá... Ah, amigos sim. Nossa, os meus amigos. Sinceramente, eu acho que me colocam num pedestal que eu nem chego à metade, mas todo mundo acha que eu canto muito bem. Eu não sei. Eu tenho um objetivo especial com a música, que é chegar a um programa de televisão de grande audiência. Vai ser muito bom isso para mim porque eu vou poder cantar, dividir o meu exemplo, e falar do projeto Casa de Convivência, que tem pouca divulgação. Que é uma coisa que eu costumo dizer: é uma benção essas casas que Deus colocou na nossa vida, e muitos idosos não sabem e muitos prefeitos não sabem.

Ah, agora, ninguém segura Elizinha mais! Caramba, é muito bom! Acho que eu estou vivendo, eu vivo o melhor período da minha vida. O quê? Meu Deus! É uma delícia! Cada ano que passa fica melhor! Nossa, eu sou muito saudável, muito feliz. Não sinto dor de nada, eu não tenho problema nenhum com doença. Aliás, eu costumo dizer, eu vivo o céu aqui na terra.

Hoje, Elizinha se vê como uma mulher independente, que vive a sua vida de forma livre e dedicada àquilo que gosta. A música e a Seresta têm importante papel em seu processo de autonomia. Um episódio marcou a vida de Elizinha foi uma experiência de solidão que viveu quando foi chamada para participar de um churrasco na casa de um filho cerca de cinco anos atrás, quando teve que deixar de ir fazer o que gostava para ajudar a preparar o churrasco. Embora estivesse presente fisicamente, percebeu que não era notada e se questionou se estaria vivendo a sua própria vida ou sendo um suporte estrutural para vida dos

familiares. Elizinha sente que, ao decidir deixar o churrasco, tomou uma decisão para si, optando por fazer aquilo que é mais prazeroso para ela, escolher com quem estar e escolher fazer aquilo que ela mesma deseja. Em suas palavras:

Eu vou te contar uma história. O meu filho mora em Jacarepaguá, numa casa... Aliás, agora nem é nessa casa mais. Ele morava numa casa imensa, num condomínio fechado, com uma piscina imensa e tudo. E foi aniversário da minha nora, que hoje é ex-nora, eles fizeram um churrasco lá, com os colegas de trabalho da minha nora, fizeram um churrasco para ela, na casa dela. Eu fui para a casa, me convidaram, eu fui para a casa dela de manhã, né, e fiz os ingredientes lá para o churrasco, aquele negócio todo, arroz, maionese, essas coisas lá que acompanham o churrasco. Chegaram as amigas dela. Bem, aí me apresentou, minha nora, que era diretora do hospital da Amil em Campo Grande, veio os amigos dela todos, as médicas, né, aquela gente da equipe dela lá, e começaram a conversar. E eu sentei do lado e fiquei ouvindo. Ninguém olhou para a minha cara, ninguém me notou. Aí eu fiquei, fiquei, fiquei, escutando a conversa dela lá, falando sobre o trabalho delas. Eu saí, sentei na beira da piscina. Meu filho estava no churrasco com os amigos, com os maridos das amigas da minha nora, falando de futebol, um encarnando no outro. Aí sentei, fiquei, fiquei, fiquei, fiquei, fiquei. Ninguém falou nada comigo. Sentei na beira da piscina, as crianças brincando, pulando lá, fiquei, fiquei, fiquei... Me levantei, troquei de roupa e falei: "Tchau, estou indo". Ninguém ouviu... O meu filho foi me ligar – ele mora em Jacarepaguá, e eu em moro na Praia de Botafogo – Quando eu estava chegando em casa, ele me ligou: "Mãe, cadê a senhora, estou pensando que a senhora está dormindo!". Eu falei: "Eu estou chegando em casa". "Que isso! Como é que a senhora saiu e não se despediu!?". Eu falei: "Eu me despedi. Ninguém viu... ninguém ouviu". Se eu tive solidão na minha vida, foi nesse dia. Uma solidão cercada de gente pra caramba.

Ela encontrou na reunião com os outros idosos um novo sentido para sua vida, pois entre os iguais Elizinha consegue interagir, sentir-se incluída, e compartilhar bons momentos e, sobretudo, dividir com eles o talento que tem desenvolvido com a música. Para Elizinha, encontrar o seu lugar e ter para onde ir é a verdadeira felicidade.

No sentido de felicidade, de coisa boa, de saber que eu tenho para onde ir, também, porque é terrível você não ter para onde ir. Chegou um dia de domingo e você tem que ficar dentro de casa, você não tem para onde ir, você não tem amigos, você não tem ninguém. Fica aquela solidão dentro de casa, vendo televisão, com esse calor, ar condicionado ligado o dia inteiro, terrível... Aí, no fim do mês, a conta vem alta pra caramba. Então é gostoso ir para lá, é gostoso encontrar você lá, me ouvindo, é gostoso encontrar outras pessoas, é gostoso aquela palma do pessoal, isso faz um bem, levanta o ego da gente. É maravilhoso.

Agora, Elizinha também reúne alguns amigos em casa, quando canta e aplica o que sabe sobre música em sua voz e em seus instrumentos. Ela participa

ainda de “happy hours” à noite com os amigos, em especial na orla da praia de Copacabana. Olhando para sua vida, Elizinha percebe que precisou se encontrar na música para ser verdadeiramente livre: “Só agora, depois de tanta idade, eu estou participando da noite carioca. Aliás, quando casada, eu nem sonhava que um dia teria essa rotina na minha vida”. Ela partilha ainda que teve um profundo encontro com a música e pontua que a música dá prazer e felicidade por meio da alegria e dos sentimentos que vêm à memória, em suas palavras:

Para mim, música é tudo. Para mim, música é a essência da vida porque eu acho que sem música... a vida é triste. Cantar é muito bom... A gente coloca os sentimentos, a gente vive a música, a gente... Sei lá... Fica feliz! Eu acho que a música nos faz ficar feliz!

Aí, eu era aquele passarinhozinho, que vivia dentro de uma gaiolinha, e de repente bateu asas e quer voar, voar, voar!... Essa é a Elizinha, que agora está voando por aí... Agora, eu posso cantar. Agora eu posso comprar o que eu quero, agora eu posso voar para onde eu quiser. Para mim, é importante fazer parte da Seresta, é muito importante. Muita gente já tem o meu CD... e muita gente escutando o meu CD em vários locais já, né? É muito bom isso. Ah, é importante porque pelo menos alguém está conhecendo a gente. Você fica conhecida... Às vezes, eu entro dentro do metrô e escuto: "Ah, eu vi você cantando lá no Catete", "Ah, eu vi você cantando na Tijuca". Quantas vezes eu entro no metrô e isso acontece... Aí, eu penso que sou conhecida pra caramba... [...] As pessoas ficam te conhecendo pela sua arte de cantar, eu não imaginava que um dia viveria essa alegria. Quando alguém gosta, principalmente quando você canta uma música, como aconteceu ontem, como quando você desce de um palco, todo mundo vem te cumprimentar, e todo mundo vem te abraçar, é uma delícia, é muito bom. É aquele prazer de ser aplaudida, entendeu? É o prazer de poder doar alguma coisa de bom para alguém. Hoje, eu acredito que sou uma pessoa muito feliz e realizada. A música me realizou e me tornou uma pessoa livre de verdade.

A música se tornou o centro de sua vida. Elizinha já gravou três CDs em razão das músicas que canta na Seresta, e outras que foi aprendendo para melhorar o seu repertório musical. Não se trata de CDs profissionais, mas de CDs amadores produzidos para registrar o trabalho que ela tem desenvolvido com a música. Os CDs foram vendidos na própria Seresta, a amigos, em casas de convivência e em suas apresentações. A gravação de cada CD tem uma história, que ela partilha com muito entusiasmo:

Depois que eu me interessei em fazer aula de canto, eu melhorei muito. Isso me ajudou a aprimorar forma de eu cantar. O André Gonçalves, que foi o meu primeiro maestro na Casa de Convivência Dercy Gonçalves, me influenciou muito. Quando eu comecei a cantar, eu tinha medo, tremia como todo iniciante, aí ele disse para mim: "Elizinha, você tem potencial, você pode melhorar, vamos fazer

umas aulas de tom". Foi onde saiu o meu primeiro CD, que não era para ser CD, era apenas para ser aulas de tom de música para eu cantar melhor, e do resumo dessas aulas de tom, saiu o meu primeiro CD que foi aceito pra caramba. Minha filha fez a capa do CD para mim. Eu vendi cinquenta CDs no dia do lançamento, na minha casa. Aí, eu mandei fazer mais cem, foram vendidos os cem CDs. Mandei fazer mais cem, e foram vendidos os cem CDs... Eu vendia por dez reais.

Depois disso, o Miguelzinho, um amigo que fiz aprendendo a tocar, falou: "Elizinha, o que você acha de gravar um CD comigo". Eu: "Ah, Miguelzinho, não dá, não, eu não tenho dinheiro para isso, não. Muito careiro, de jeito nenhum que eu vou gravar um CD". Então ele disse: "Faz o seguinte, eu vou fazer um CD pra você. Aluga um estúdio, que eu vou lá e vou fazer o CD com você. Eu vou tocar e você cantar". Só que eu estou pensando que ele ia tocar junto comigo. Fiz um repertório, e ele falou: "Só tem uma coisa, você não pode errar, e eu não vou ensaiar contigo, porque eu não tenho tempo. Então, você faz o seu repertório, me dá as músicas e você, depois, vai lá botar voz". Aí, eu falei: "Tudo bem". Fiz o meu repertório, dei para ele, quando passaram uns quatro dias depois ele me ligou: "Elizinha, já aluguei o estúdio, setecentos e cinquenta reais, e você tem que fazer esse CD em cinco horas, você não pode errar". Bom, um cantor de verdade leva seis meses, um ano, para fazer um CD. Eu falei: "Caramba, e agora?". Bom, encarei o desafio. Quando eu cheguei lá no estúdio, que eu coloquei aquela coisa no ouvido, ele tinha gravado baixo, cavaquinho e pandeiro. Já estava gravado. Ele estava num violão, numa outra sala, não ficou perto de mim. Aí, eu pensei: "E agora? Como é que eu fui entrar nisso aí?". Mas, deu certo, em cinco horas, eu gravei um CD. O cara que mixou o CD falou: "Eu nunca vi uma coisa dessas", porque em cinco horas o CD ficou pronto. Eu vendi esse mais que o primeiro CD.

Bom, aí veio o terceiro. Estou eu tocando violão, fazendo as aulas de violão e aprendi a tocar uma música do Padre Zezinho. No dia em que eu aprendi a tocar a música, eu falei: "Caramba, essa música ficou tão bonita, está em voz e violão". E comecei a sonhar em fazer um CD de voz e violão e comentei com minha filha. Ela, que separou do marido, conheceu outro rapaz com quem está morando junto agora, mas na época estavam se conhecendo, chamado Roger. Quando foi em um dia, de manhã cedo, a minha filha ligou para mim e disse: "Mãe, eu tenho uma surpresa para a senhora". Eu falei: "O quê?". Então ela disse: "O Roger falou para a senhora fazer um repertório que ele vai produzir um CD". Eu falei: "O Roger?". Aí eu falei: "O Roger vai pagar para produzir um CD para mim? Um CD é muito caro, Eduarda". Ela falou assim: "Mãe, o Roger tem estúdio de gravação. Ele está de férias e falou para a senhora fazer o repertório que ele vai lhe dar, vai produzir um CD". Eu falei: "Gente, eu não acredito que Papai do Céu botou isso na minha vida de novo!". Aí, esse CD, esse último, eu levei dois dias, de oito horas da manhã, que eu chegava na casa dele, até sete e meia da noite. A gente só parava para comer durante dois dias. Ele foi muito exigente, mas foi o CD que eu mais gostei.

Depois que gravou os CDs, Elizinha começou a ser convidada para se apresentar em alguns eventos. Ela foi chamada para cantar em asilos. Além disso, organizou uma apresentação na sua cidade natal em Minas Gerais, evento que contou com o apoio e a participação de outros seresteiros, que alugaram um ônibus para ir prestigiá-la em sua apresentação em outro estado. Elizinha descreveu uma experiência que marcou sua trajetória de cantora amadora e que

ela identifica como o episódio que mais lhe ensinou e lhe ajudou a ter mais segurança em suas apresentações:

Olha, por exemplo, eu fui cantar num asilo no Rio Comprido, na Rua Santa Alexandrina; agora eu sou convidada para fazer um show lá todo ano. É um asilo de gente rica. Então, no primeiro dia que eu fui cantar, a diretora falou uma coisa assim para mim: “Elizinha, eu vou dizer uma coisa para você, eu já trouxe várias pessoas para cantar aqui, mas, quando eles não gostam, eles levantam um atrás do outro e vão embora”. Poxa, isso me deu uma certa insegurança. Ela continuou: “Eu já estou te avisando, porque nem de todo mundo eles gostam e, quando começa...”. Então eu falei para a Carla – que me acompanha nos meus shows: “Carla, a gente tem que fazer um repertório para segurar a velharada!”. Então, eu resolvi começar com músicas quentes. Primeiro, eu coloquei aquela música Pinga ni mim do Sérgio Reis, coloquei Bate Coração da Elba Ramalho, e coloquei um forró do Luiz Gonzaga. Disse: “Vamos começar com essas três músicas. Vamos ver. Se ninguém levantar, aí eu vou fazer... Aí, eu canto algumas minhas”. Então, enquanto eu ia cantando, eu dizia: “Vamos cantar junto comigo, minha gente”. “Bate, Oi, tum, tum, bate coração/Oi, tum, coração pode bater”. A velharada tudo cantando junto. Aí, eu pensei: “Opa, estou agradando”. Então, cantei um forró do Luiz Gonzaga, todo mundo cantou junto. Por isso, é importante conhecer o público e selecionar músicas que ajudem a agradar o público.

Para Elizinha, a seresta foi um local importante para o seu desenvolvimento humano por meio da música, pois lá ela aprendeu a cantar com sentimento e, em especial, considerar que para agradar o seu público, ela precisou aprender a não cantar para ela, e sim para as pessoas. Ela defende que, que o importante não é cantar para si mesma, mas para o público.

Eu gosto mesmo é de cantar, uso a minha voz para deixar os outros felizes. Eu encontro a felicidade também quando estou lá cantando e vendo que estou agradando. Isso me ajuda a repensar o meu papel, meu lugar no mundo. A Seresta me ajuda a aprender mais, melhorar o repertório, ajudando a cantar melhor porque lá eu aprendo na prática.

Tem gente que canta para si e tem gente que canta para o público. Eu, por exemplo, canto para o público. Eu me doo de corpo e alma para o público, entendeu? Quando eu estou cantando, eu coloco sentimento na música, eu coloco amor naquela música. Eu olho se estou agradando no olho de cada pessoa, para ver se as pessoas estão abrindo boca e cantando, ou estão levantando e saindo.

Elizinha também compartilha a experiência de estar cantando na Seresta, destacando como se sente realizada:

Cantar foi a grande descoberta da minha vida. Agora eu vivo realmente. Antes, eu vivia a vida para os outros, cuidando de casa, marido, filhos. Hoje, eu cuido de mim... Quando estou cantando, eu vivo uma experiência muito bonita que não saberia te explicar, é como se nada mais existisse ou importasse. É meio como se a

realidade da vida fosse outra. Eu nem sinto que tenho a idade que eu tenho! Eu canto, dou prazer àqueles que escutam e sinto prazer em cantar. Na verdade, para mim, é um prazer dobrado, porque me sinto feliz cantando e vendo a felicidade nos outros. Agora, eu vejo o quanto cantar me faz uma pessoa completa.

- **Gisela**

Gisela tem 71 anos de idade e conheceu o grupo de Seresta por intermédio de uma amiga que já frequentava o grupo. Isso aconteceu em 2008, quando ela se mudou do Leblon para o Flamengo, perto de onde ocorre o encontro musical. As pessoas que ali conheceu foram o que mais lhe chamou a atenção e o que fez com que retornasse para participar da Seresta. Isso ocorreu independentemente da amiga, pois Gisela foi construindo amizades com outras pessoas frequentadoras da Seresta:

Olha, foi uma amiga que me convidou. Até uma vizinha minha, lá do prédio onde eu moro. Ela me chamou “vamos lá, vamos lá pra distrair um pouquinho”... Eu nem queria. Até no primeiro dia, não vim não. Mas depois, ela insistiu tanto comigo, que eu acabei vindo... Cheguei aqui, arrumei uma porção de amizade, conheci várias pessoas. Como até agora, tem várias conhecidas minhas ali. Aí, venho duas ou três vezes no mês. Tem época de eu vir até quatro vezes no mês... Quando eu venho mais, é aos domingos...

Gisela mora apenas com a filha, que é muito amiga, mas trabalha muito e tem pouco tempo disponível. Diz que vai ao encontro musical para se distrair, ouvir uma boa música, mas destaca que o principal, para ela, é se relacionar. Ela diz que no grupo fez “uma porção de amizade”. Ela disse ainda que gosta muito de conversar, e que isso a ajuda a sentir-se mais alegre.

Eu ouço... E fico ali no bate-papo, conversando com as pessoas... Às vezes, os cantores tão cantando, e as vezes, eu acompanho eles assim, de longe, sentada no banquinho, na cadeirinha... Ouvindo eles... Porque tem coisas que eu gosto, músicas que eu gosto de ouvir, que eu gosto de ficar ali só pra ouvir mesmo. Eu gosto daquilo, me sinto alegre ali... A gente faz uma porção de amizades aqui, eu gosto muito de conversar. [...] Pra mim, é uma diversão, uma distração. Porque, pra não ficar só em casa, vendo televisão e comendo muito... A gente sai um pouquinho e fecha a boca. Em casa, come toda hora, fica beliscando... Aqui conversa e faz amizade... Ah, é importante sim. Faz muita falta, isso é muito importante. Distrair também, se diverte... Isso tudo. Ajuda muito. Faz uma higiene mental também.

Nesse sentido, para ela, ir à Seresta significa encontrar os amigos, compartilhar momentos, fazer “higiene mental”. Ela reconhece um aspecto terapêutico na Seresta: para pessoas de Terceira Idade como ela, a possibilidade de conversar é muito importante, porque tem o que ela acredita ser um viés de terapia. Ela coloca ainda que é um espaço de divertimento também, pois tem as músicas e as brincadeiras das pessoas que conduzem. Gisela diz que se sente incluída, pois já foi convidada para participar de festas de aniversários de pessoas que conheceu no encontro musical. Durante a entrevista, Gisela mostrou fotos de uma festa de aniversário de que participou, de uma amiga que conheceu na Seresta. Além disso, Gisela destacou que as amizades feitas na Seresta ficaram para além do Palácio do Catete, mencionando outras atividades que já fez em conjuntos com as novas relações construídas no grupo. Sente que as pessoas sentem falta de dela e que, por isso, encontrou um grupo sólido de amigos.

Ela me dá mais conhecimento, conhecendo mais as pessoas. A gente vive conhecendo as pessoas, isso é uma alegria muito grande, porque você passa a conhecer. Aí, um chama pro almoço, um chama pra um lugar... “tem um evento ali no clube, tem evento lá no outro clube”. Uma sala de diversão... Eu vou sempre que dá... Ah, isso é... Tomar chopp, pra festa, pros bailes... Isso é muito importante... Porque você tem uma companhia ali, com quem conversar, com quem dialogar... Assim, amigos, companheiros...

Gisela já comprou CDs de diferentes músicos que cantam no encontro musical. Ela comenta que comprou “para dar de presente para outra pessoa”, pois ela não gosta de ficar ouvindo as músicas cantadas na seresta fora daquele ambiente. Isso sugere que, de fato, para Gisela, o atrativo do grupo de Seresta são as relações que ela constrói junto aos frequentadores.

Gisela diz ainda que a Seresta tem benefícios para mente porque contribui para mantê-la mais ativa, além de ajudar a ganhar conhecimento, a distrair, a aprender com a experiência do outro, a entender “o outro lado da vida”, a pensar em coisas novas, enquanto oferece a oportunidade de ir conhecendo pessoas novas que passa uma mensagem sob outra perspectiva. Tudo isso, para ela, permite que a pessoa de Terceira Idade se perceba vivendo e se manter em plena atividade.

Porque a pessoa de Terceira Idade distrai... Você ganha mais conhecimento, é... Entende outro lado da vida. Você pensa uma coisa, vai conhecendo as pessoas, outro lado da vida. Porque cada um passa uma mensagem pro outro, não passa? Tem uma troca que ajuda muito.

- **Jorge**

Jorge tem 60 anos de idade e mora em Santa Teresa, bairro próximo ao centro da cidade do Rio de Janeiro. Ele contou que frequenta o parque e conheceu o grupo de encontro musical, retornando sempre que possível por causa do samba. Depois foi apreciando outros estilos de música. Ele diz que a música é o principal motivador para sua ida ao encontro musical, em função de vivências anteriores. Ele trabalhou como DJ em uma discoteca no Catete, auxiliando outros DJs na seleção de música. Como Jorge tinha uma relação com músicas antigas, ele foi contratado para balancear os ritmos da discoteca.

Só que, agora, eu não discoteco mais... Eu fiquei... Tocar numa festa é complicado hoje. Só um cara mais novo toca lá. Que ele só vive na internet, ele sabe tudo... Aí se for uma festa rave, eu vou tocar o quê? Eu não sei nada daquilo, certo? Isso é que é complicado. Não dá. E minha cabeça não entra. E eu já murchei a bola também sobre isso. Eu hoje monto o som. Mas, nem participo... E a minha cabeça não dá mais, entendeu? Ainda pior, a maioria dos CDs que tem hoje, tudo é CD cópia... Se lembra do LP. Você pegava, você não errava uma. Hoje, não dá mais pra minha cabeça. Hoje são milhões de músicas. Eu estou na terceira geração. Que música que eu vou tocar? Quando vão fazer uma festa dos anos sessenta ou setenta, eu sei tudo.

No grupo de Seresta tocam-se músicas antigas, inclusive de gerações anteriores à de Jorge – ele se considera recém-ingresso na Terceira Idade. Ao buscar a ampliação do seu conhecimento sobre “música antiga”, ele se interessou em frequentar o encontro musical do Palácio do Catete. Jorge comentou que fica apreciando as músicas, curtindo o momento com música ao vivo, sente-se “empolgado” por estar ali. Quando se interessa por uma música, Jorge procurar saber o nome e o compositor, e vai atrás da versão original na internet. Ele informou que já encontrou assim bons materiais para o seu trabalho e várias vezes se viu em situações em que a música foi uma surpresa feliz para o seu público.

Grande sensação... Por causa do samba de raiz, que eu adoro, entendeu?... Prazeroso. Vim eu perguntando como era o nome da música pra abrir aqui a internet e ver a originalidade da música. Gravação original. Eu procuro futucar tudo na internet. Ouço uma música, escrevo num caderno pra depois ver na internet como é que é o original, porque várias pessoas cantam a mesma música. Mas, eu vou a fundo na originalidade da música... Isso é um aprendizado pra mim.

Jorge se define com uma pessoa muito sensível e por isso gosta muito de música. Nesse sentido, o grupo de seresta é um espaço muito bom para conhecer pessoas com os mesmos interesses musicais.

Eu sou todo, assim, sensível, entendeu? As músicas são importantes na minha vida... A música desperta sentimentos. Aprofunda sua sensibilidade. Desperta uma empolgação danada a música.

Jorge destaca ainda que o grupo de encontro musical é um ambiente muito bom para pessoas de Terceira Idade porque ajuda a curtir a vida de forma prazerosa por meio das músicas oferecidas na Seresta do Palácio do Catete, que variam em diferentes ritmos. Além disso, a frequência à seresta contribui para mudar a rotina, aprende com outras pessoas, conversa e se diverte com as apresentações, mesmo sem cantar.

Eu não gosto de estar na bagunça, eu não gosto. Negócio de choperia, essas coisas. Porque primeiro que eu também não bebo... Um pouco assim, tomo uma cerveja... Quando era no pagode do Sacopã, aí sim. Eu vivia lá... Aqui tem outro tipo de música, por isso aqui é bom para pessoas da Terceira Idade. Mas também, ah, por essa área aqui não tem lugar nenhum pra você ir. Ou domingueira que tem baile. Só tem lá, às oito horas vai começar um, da Terceira Idade, no Clube dos Democráticos. Então, a minha tarde é... aqui dentro do Palácio do Catete.

Jorge menciona que fica encantado com as músicas e com a coragem das pessoas porque estas cantam do jeito que sabem. Isso é um motivador para quem assiste, pois essa dinâmica permite contribuir para que o outro possa realizar o desejo de cantar com o apoio do grupo. Jorge, contudo, diz que não se aventura a cantar, pois ele acredita que a sua voz não ajuda. O seu prazer no grupo de Seresta é mesmo ficar ouvindo e apreciando as canções que são cantadas pelos outros.

Mas isso aí é um passatempo. Isso aqui não... é nada profissional... Isso aí. Canta do jeito que sabe. Aqui eu aprendo sobre a música e sobre a vida... Eu fico só ouvindo... Eu não tenho voz. Minha voz, não dá pra cantar.

- **Justina**

Justina tem 81 anos de idade e frequenta o grupo de Seresta porque é uma atividade de lazer muito próxima de sua casa. Ela diz que o prazer está no fato de que o grupo ajuda o idoso a se distrair pelas conversas que o espaço favorece.

É que eu moro aqui perto e fiquei sabendo. Ah, aqui você se distrai, conversa com outras pessoas, tem um círculo grande de amizades... Tem calor humano. A pessoa vem aqui é mais por causa do calor humano... Eu frequento esse palácio desde que eu tinha sete anos. Então, tudo o que acontece aqui a gente vai sabendo. Tem exposições, tem várias coisas. Ouvir o pássaro cantar aqui, ó!

Por tudo isso, Justina incentiva outras pessoas de Terceira Idade a frequentarem o encontro musical e outras atividades que ocorrem no Palácio do Catete. No grupo de encontro musical o tempo passa melhor e isso lhe permite ter mais interação com outras pessoas.

Nós temos um outro grupo, Canto e Poesia... Esse aí, esse grupo [da Seresta], volta e meia... Aqui, já trouxe umas duas pessoas. Mas, no [grupo de] Canto e Poesia também. A gente se reúne duas vezes por mês. E é bom... É melhor do que ficar em casa, ouvindo uma televisão, vendo um programa bobo... Só há programa bobo na televisão. É mais gostoso estar aqui com as pessoas.

Justina gosta de ver um ou outro cantando. Ela aprecia algumas músicas antigas, mas prefere curtir o ritmo. Contudo, a música está longe de ser o seu principal motivador, ela prefere mesmo encontrar as pessoas e ficar conversando. Justina chegou a afirmar que não escolheu esse tipo de lazer, mas o frequenta sempre por comodismo, tendo em vista que é o lugar mais perto de sua casa que reúne pessoas de Terceira Idade que querem conversar em um ambiente bonito, agradável e seguro. Ela não se sente parte do grupo, mas simples espectadora:

É gostoso estar aqui. Satisfaz a gente, aqui é agradável e seguro... Eu não escolhi este grupo de atividade de música. Aconteceu. Porque é do bairro, e tal, a gente não precisa se deslocar para ter uma tarde agradável com um bom lazer e sempre tem gente da nossa idade pra conversar. [...] Mas eu não faço parte do grupo. Eu faço parte da plateia, dos que assistem.

Nesse sentido, Justina acredita que as pessoas vão à Seresta porque é agradável e permite a socialização. Na visão dela, a música é só uma “desculpa”, a vontade de conversar um ponto em comum que os idosos têm para optarem pelo entretenimento do encontro musical.

Ela destaca ainda que a Seresta inclui cadeirantes que frequenta e se divertem. Justina mencionou o caso de Miriam que, segundo ela, tem mais de noventa anos e canta na cadeira de rodas para o público.

Essa seresta é boa por isso também. Porque essas pessoas [idosos cadeirantes]... Têm três ou quatro cadeirantes que vem todos, todo domingo. Isso é uma beleza pra eles. Todo domingo tem seresta e eles estão aqui. Porque eles se divertem ouvindo. Muitos cantam também, mesmo na cadeira de rodas, eles cantam, ah sim, a Mirinha, a Mirinha canta na cadeira de rodas. Está com noventa e tantos anos. É uma delas. Agora no momento tem umas quatro lá.

- **Leo**

Leo tem 77 anos de idade, é canadense de Toronto e mora no Rio de Janeiro no bairro da Dorinha. Passa até seis meses por ano no Brasil, como ele mesmo explica:

Moro aqui seis meses, máximo, por ano. Porque quando seis meses passam, policia federal chega no meu apartamento e diz “gringo, você precisa ir embora”. Porque você não tem visa para residência. E precisa visa de residência. [...] I’m a lucky person. I’m a lucky person, porque estou aqui no Rio de Janeiro. Meus amigos no Canadá brrrrrrr... Muito frio. Eu tenho praia, música ao vivo, cerveja, mulher, boa gente... Comida boa, tudo.

Leo não fala bem o português, e às vezes sou forçado a repetir a pergunta em inglês, durante a entrevista. Ele mistura o português e o inglês ao responder, mas se esforça por se fazer entender em português.

Ele exercia a medicina nos Estados Unidos e quando se aposentou decidiu vir para o Brasil. Conheceu o grupo de Seresta porque tem amigos que moram perto do Palácio do Catete. Em uma ocasião em que veio visitar os amigos, passeava pelos jardins quando percebeu a música e resolveu parar. Desde então, Leo passou a frequentar o grupo de encontro musical em 2012.

Eu tenho amigos moram perto aqui. No domingo, andei aqui e descobri [a Seresta]. Desde ano passado, no começo ano. I discovered. As an accident... I come usually...twice a month.

Leo destaca que a “música romântica” ao vivo é seu principal motivador. Enquanto vivia nos Estados Unidos gostava de música romântica, mas o trabalho

consumia o seu tempo. O fato de o encontro musical da Seresta ocorrer no Palácio do Catete também é um ponto importante na opinião de Leo:

[Eu venho] only to relax. This an oportunidade. Para mim passa tempo muito suave, música muito romântica, música de coração. Eu gosto música romântica. My motivation is to share this music. Because this is ao vivo, estou vivo, graças estou vivo e outras pessoas com mesmos interests. The same interests. [...] Este lugar... Gosto do Palácio do Catete. Praça, verde, seguro, ótimo lugar Rio de Janeiro. Eu gosto daqui. Chafariz... Maravilhoso... Eu gosto música com carinho...

Ele destaca que o grupo é um importante caminho para sua inclusão, tendo em vista que é um estrangeiro e não domina bem o português. Nesse sentido, as músicas em português lhe ajudam a compreender melhor as formas de comunicação realizadas pelas pessoas que estão presentes nas músicas românticas. Ele mencionou ainda que o grupo permite conhecer pessoas e conversar, isso também ajuda na prática da língua e, sobretudo, a relacionar-se com as pessoas o que frequentam o espaço, fato que o entrevistado considera importante fator de inclusão social. O gosto pelo passeio também é mencionado como fator de participação no grupo de Seresta aos domingos:

No domingo, acordo 10 horas da manhã, fui ao mercado de rua [feira], em frente à Rua da Dorinha. Tem mercado, muitas barracas, eu compro melancia, pêssego, abacaxi, tomate, alface americano... E depois, fui tomar um suco. Almoço e depois aqui. [...] Eu gosto de vir aqui, eu gosto da música. Eu gosto de música romântica, música do coração. I like all, tudo. Música, boa gente, esse local. [...] Porque eu precisa sair [do] apartamento, precisa andar na rua e precisa falar com outras pessoas. E precisa activity, é fresco aqui, interesting...

Leo destacou a apresentação de Vivi, chamou-o de o “Cantor do Cavaquinho”. Ele diz que a alegria do Vivi incentiva os outros a participarem e as músicas acompanhadas por seu cavaquinho ficam mais bonitas. Ele aprecia muito a performance do Vivi, embora lamente que o seresteiro fique distante e não haja amplificação suficiente da música. Mesmo assim, consegue acompanhar:

The strong point is this singer. The cantor. He knows all the words, ele sabe todas as palavras da letra. Outras, mais ou menos. Ele faz a guitar, o cavaquinho... It's an intimate moment, this man looks in the eye and he tells you “I love you”. He sings lovely things, beautiful things, with his eyes and his music. You can see it in his face. Eu não falo português muito bem, mas eu entende essa música do coração. From the feeling, you can hear in the music, you can hear. You don't need the words. And if I want to sing, I can sing. Even sometimes I don't know all the words, I can say “coração...” I can count on “coração” somewhere in the

song. You will hear it. [...]. It is food for my soul. Takes me away from the problems, everyday problems.

Ao observar as pessoas dançarem, incentivando umas às outras, isso o fez perceber um “calor humano” que não encontra nos Estados Unidos, onde “muitas pessoas [passam] toda vida no apartamento”. Assim, procura interagir bem com as pessoas, ser cordial com os músicos, o que faz com que seja bem recebido pelo grupo.

Leo, por ser estrangeiro e dominar pouco a língua portuguesa, ressalta que o espaço da Seresta é adequado para conhecer pessoas novas e construir relacionamentos de amizade. Por se tratar de um homem sozinho, Leo considera importante fazer amigos para ter com quem interagir e se relacionar, reconhecendo que isto é parte importante da vida.

I'm part with the other people. This is part of my social life. Eu não fico minha casa, sozinho, com televisão. Não. É andar aqui da rua, com outras pessoas, to integrate. To interact with other people. Quando você tem muito anos, você precisa [de] outras pessoas. Interact [com] outras pessoas. Essencial. Eu faço algumas amizades aqui. Uma pessoa [daqui] fala: “Vem pra minha casa, vem pra minha casa” e fui lá para o churrasco, várias carnes... Mas, usualmente, brasileiros don't invite estrangeiros em casa. Usualmente, encontro você no restaurante. Encontro você aqui no parque. Em casa não.

Contudo, o canadense pontua que a construção de relacionamentos não é o ponto central de sua vida, até porque se considera um homem muito livre em relação às pessoas, colocando como exemplo a sua opção de morar seis meses no Brasil e seis meses no Canadá ao longo dos últimos três anos. Nesse sentido, Leo reconhece a necessidade social de se relacionar e o quanto o grupo da Seresta pode contribuir para esse fim, mas, para ele, as relações de amizade são um motivador a mais e não um motivador fundamental:

Yes, but I wouldn't die without them. You know... I enjoy it very much... I wouldn't say it's central to my existence, but I enjoy it.

Leo mencionou que o grupo é uma “festa” para idosos, pois a alegria das pessoas motiva os demais e os incentiva a retornarem. Por outro lado, as músicas antigas ajudam a se lembrarem de momentos especiais de seu passado. Ele considera que as pessoas de Terceira Idade do Rio de Janeiro têm vários espaços privilegiados para viver bem o envelhecimento. A Seresta é um espaço bastante

especial, porque não é cobrado, mas oferece música ao vivo, em um ambiente verde seguro e agradável. Além disso, tem os CDs que os seresteiros gravaram, e vendem para as pessoas poderem ouvir aquelas músicas em casa.

Dessa forma, na opinião de Leo, a Seresta configura um lazer para quem gosta de músicas antigas, pois promove a alegria, o divertimento, gera novos relacionamentos, reaviva a memória, favorece o incentivo e o apoio àqueles que se apresentam. Nesse sentido, Leo diz que encontrar um lugar em que se possa vivenciar tudo que a Seresta oferece permite ao idoso ter um espaço para uma velhice ativa, tranquila e feliz.

- **Luciano**

Luciano tem 75 anos de idade, mora no Méier, e sempre que possível vai ao Palácio do Catete assistir às apresentações do grupo de Seresta do Vivi. Como é radialista, sempre apreciou muito a música, que considera uma excelente forma de se expressar e de se comunicar. Frequenta a Seresta há mais de 40 anos, motivado pela vontade de ouvir canções antigas de sua juventude:

Eu venho aqui há mais de quarenta anos. Ninguém me falou. Por acaso eu estava aqui pra visitar [o Palácio], marquei encontro com uma pessoa aqui, “vamos aproveitar hoje de tarde e vamos dar uma volta lá no jardim do Palácio que é muito interessante”. E viemos aqui no jardim pra dar um passeio e coincidiu que estava no horário [da Seresta]. E eu achei muito interessante e ficamos até encerrar o movimento. Foi muito bom aquele dia. E aí fiquei com isso guardado. Sempre que eu posso e tenho a oportunidade, eu venho dar uma passada por aqui.

Ele vai ao Palácio do Catete acompanhado da mulher, que gosta de cantar, embora ele prefira ficar apreciando a música, embora “de vez em quando” cante, “mas só se for no coro”. A Seresta faz tanto bem a Luciano e sua mulher, que ele está sempre divulgando o encontro musical a amigos:

Nesse jardim... pra rever esse movimento de seresta. E, sempre que eu posso e tem algum amigo que desconhece, eu aproveito pra trazer ele aqui, para que ele tome ciência do que está acontecendo, dentro, no centro da nossa cidade, que a maioria dos cariocas desconhece. Hoje mesmo estou trazendo mais um amigo, que também gosta de cantar.

Luciano destaca que o fato de a Seresta acontecer no Palácio do Catete é muito positivo porque considera o espaço “um pequeno pulmão de revitalização para o povo de melhor idade”. Ele diz que as músicas cantadas na Seresta lhe permitem reviver bons momentos, e isto lhe desperta sentimentos que faz com que ele “se sinta vivo”. O prazer de estar ali, ouvindo músicas de sua juventude, permite-lhe ativar sua memória e retornar mentalmente a bons momentos do passado. Poder dividir esse sentimento com sua mulher é bastante gratificante para ele.

Porque aqui a pessoa começa a reviver, revitaliza tanto essa geração do passado, que hoje está vivendo o presente, aqui nesse momento. Ai, vem aqui, começa a agilizar coisas a participar, a querer organizar, a arrumar. Alguém diz: “Olha, você sente mais aqui, você quer cantar, você quer isso!”... Eu trago a minha mulher que gosta de cantar. Ela participa direto, cantando, e eu só incentivo. [...] Ela gosta de cantar, sabe cantar, estudou música e continua estudando música.

Ele contrasta esse espaço de liberdade do idoso com a vivência em família:

Você não canta em casa, porque o seu filho não gosta que você cante. O seu sobrinho não gosta. E essa pessoa é uma pessoa que gosta de cantar. E em casa não pode cantar porque ela é discriminada pela própria família. Então, aqui ela encontra [esse espaço]. Se você começar a criar métodos de organização, você começa a tolher essas pessoas. E vai impedir a espontaneidade de cada um.

Luciano também considera o encontro musical “muito especial” para os idosos, significando “saúde” e “vida” para as pessoas de Terceira Idade. O movimento de sair de casa e ir até o grupo é importante para o idoso, que realiza a escolha de participar de alguma atividade que agrada a ele. Ele defende que a reunião para cantar estabelece um processo de liberdade para o idoso, que leva à saúde física, emocional e social.

Eu creio que esse grupo significa saúde pras pessoas. Traz vida, que representa uma esperança nova. Eu acho que tem uma importância fundamental isso aí. Isso é uma coisa que aconteceu sem que a instituição tomasse conhecimento. Quando viu, já acontecia. São coisas que aparecem no meio social sem que haja intenção para tal coisa. Não houve uma produção, isso aconteceu. Um cara chegou aqui com o violão e outro chegou com um pandeiro, o outro começou a cantar e virou essa seresta, que dá essa tranquilidade pra todas as pessoas.

As pessoas são muito amigas aqui. Desde sempre aí, uma amizade muito boa. Uma preocupação. “A fulana não veio hoje! O que será que aconteceu?”, “Ah, cadê a fulana?”... Olha, eu, agora mesmo, fiz uma coisa importante, antes de você

chegar. Tem um rapaz que participa sempre as Seresta, e eu cheguei uns cinco minutos atrasado, ele já tinha terminado de falar. Ele vai ser internado pra uma operação. Então, ele veio comunicar ao grupo que vai se internar. E o que o grupo fez nesse momento? Parou a seresta para rezar uma oração para o retorno dele o mais breve possível. Assim, parece aqueles negócios de antigamente.

Eu acho que contribui muito para a mente dos idosos. Isso aqui é fortalecedor... Porque me enriquece ver a força dessas pessoas que estão ali em volta, o desejo... É como se fosse você ali colocando a gasolina no tanque do seu carro pra você ligar o seu carro e, e ter uma força maior e caminhar. Às vezes chegam pessoas aqui que mal conseguem caminhar, mas com uma vontade de cantar terrível. Isso nos fortalece. Você chega e diz: “Poxa, eu poderia estar fazendo alguma coisa mais, o cara não está conseguindo nem andar direito, mas chega aqui cheio de disposição pra cantar!”. E eu vejo às vezes determinadas senhorinhas, que, às vezes eu acho que chegam com dificuldade aqui no grupo. E eu olho assim: “Coitadinha! Como foi que ela chegou hoje aqui?”. E de repente ela esquece o jeito que chegou, ela começa a reviver.

Ouvir em grupo, para ele, é muito bom porque os idosos apreciam em conjunto, conversam sobre as músicas, e ajudam aqueles que desejam a ter coragem de se apresentar. Assim, Luciano acredita que o grupo é como se fosse “uma nova família” para muitos. As pessoas que frequentam a Seresta valorizam o idoso, pois é um espaço em que vários iguais se encontram, por isso ele entende que no grupo as pessoas são tratadas como “seres humanos” em sua autonomia, consideradas por aquilo que são. E podem até mesmo expressar sua individualidade:

Às vezes até determinadas pessoas se manifestam através do cantor. “Ah, eu não sei cantar, mas eu gostaria que você cantasse essa música que eu gosto tanto e nunca ouvi!”, “A rádio não toca!”... “Você pode tocar?”, “Você pode cantar?” Aí o outro diz: “Ah, ela não sabe? Mas eu sei essa música e eu posso cantar pra você!”. Então, essa participação, ela muda um pouco, como eu posso dizer? Não é interação. Ela muda um pouco até o comportamento da pessoa. Porque talvez ela tenha chegado aqui com um problema muito grande. Ao escutar essa música, que ela tinha vontade de escutar e alguém cantou pra ela, mudou totalmente aquela coisa que tinha acontecido durante o dia inteiro na vida dela. E ela começa a relembrar coisas que conhece. “Que coisa boa eu ter escutado essa música que eu sempre amei!”.

Luciano entende que o lazer proporcionado pelo encontro musical é importante para fazer o idoso se revitalizar, trabalhar a mente e suas relações sociais em que uma atividade escolhida pelo próprio idoso no espaço do Palácio do Catete, que oferece uma boa área verde. Há ainda a possibilidade de usufruir do lazer enquanto se aprende:

Você vai saber por que tem essa palmeira maravilhosa, quem plantou, tem uma pessoa da área de história fazendo esse serviço aqui. E quem procura um pouco mais pode se informar a respeito e ler um pouco sobre o que aconteceu aqui...

Eu passo no museu pra rever por onde nós andamos esse tempo todo, pelo menos eu, algumas coisas da minha vida... Porque eu fiz parte dessa história e eu vou sempre rever alguma pra ver aonde eu estava naquele momento.

A Seresta traria o benefício de manter as pessoas de Terceira Idade praticando uma atividade sadia, que intensifica sua rotina e ajuda a permanecer ativo. Ele compartilha comigo os aprendizados que a experiência com o grupo lhe ajudou a obter, nesta fase mais avançada da vida:

Eu considero que a gente vai chegando ao ponto em que a cada dia as coisas vão melhorando. Porque a gente foi acumulando algumas experiências e algum saber na vida. Então, eu tinha um tipo de comportamento e hoje isso mudou. Eu acredito que mudou a minha maneira de ver. Porque antes eu não enxergava determinadas coisas. Hoje eu passei a enxergar... Então, eu vejo as pessoas, procuro incentivar também nas pessoas que convivem comigo, que essas pessoas também passem a entender que o mais importante desse movimento que eles tão fazendo é que seja um movimento de amor, de carinho com os outros, de segurar na mão, do abraçar...

Eu hoje escutei uma palavra que foi muito importante pra mim. E é uma coisa que eu venho me debatendo já há algum tempo, a questão do servir. Porque eu sempre fui uma pessoa que gostei de ser servido. Então, hoje em dia eu estou começando a entender a importância na vida, que você só conhece com algum tempo... Porque a gente luta a vida inteira para ter o poder, para saber, para determinar e para mandar. E ser servido. No momento em que você começa a ter consciência de como é bom a gente servir! Porque o servir, a cada momento em que eu chego em determinado lugar, eu começo a aprender o que eu nunca aprendi durante toda a minha vida. Porque eu servi uma pessoa que me deu tanto carinho, tanto amor, e eu digo: “caramba, era isso que eu precisava, estava perdido e eu não sabia onde encontrar!” Agora estou começando a encontrar.

Isso é um lazer especial não só para mim como para várias pessoas. Estou com uma qualidade de vida melhor. Mais experiência de vida, que é uma coisa maravilhosa... Escolho o que eu quero fazer, tenho o que fazer aqui e isso me estimula a estar sempre em movimento.

- **Mario**

Mario tem 79 anos, é espanhol, mora em Copacabana. Frequenta o grupo de Seresta há cinco anos. Entretanto, a frequência de Mario não é contínua: ele informou vir de forma habitual algumas épocas, depois se afastar por cerca de dois, três meses, e então retornar. Ele costuma participar do encontro com mais

frequência no verão e na primavera. Veio inicialmente a convite de amigos, mas que depois gostou tanto que passou a vir por si mesmo. Mario diz que encontra hoje na Seresta sua principal atividade de lazer. A Seresta representa “distração” para Mario, para ouvir as músicas antigas e conversar com as pessoas, sendo uma forma de “passar o tempo”.

Esse é meu lazer. Geralmente aqui são músicas, a maioria, canções antigas... Essas canções são de seresta mesmo, mas de longas datas, de artistas que já se foram, mas que estão em nós, no coração e na memória... Converso com as outras pessoas e me divirto muito. [...] Eu gosto de música ao vivo. Eu já pensei em ficar em casa ouvindo, mas não... Já não tenho muito essa ideia, não. Prefiro assim. Sinto uma emoção forte que mais faz bem e isso me faz vir sempre aqui. Eu gosto das músicas românticas que se canta aqui. As músicas que são tocadas falam com o meu romantismo, pois geralmente retratam situações de amor, de encontros e desencontros. Eu acho que aqui faz bem, porque a gente se sente bem espiritualmente. Então, eu acho que a música, de certa forma, renova os sentimentos das pessoas.

Mario diz que as amizades são muito importantes para sua frequência à Seresta. Entretanto, no seu caso, ficar ouvindo música no grupo é tão importante quanto fazer amizade. Ele entende que a Seresta lhe oferece diferentes atrativos que são muito bons e destaca que a possibilidade de sair e encontrar pessoas são atividades muito boas para mente do idoso. Ele se identifica com as pessoas que frequentam o encontro musical:

Meus amigos também, eu venho aqui por causa deles, das minhas amizades. [...] Porque são pessoas interessantes, a maioria das pessoas, aqui, vem aí para cantar, para se distrair, para distrair outras pessoas. Claro que a gente se sente, eu me sinto bem participando, porque, de alguma forma, eu também estou contribuindo para o bem-estar das pessoas, de um modo geral.

Ele valoriza a oportunidade de participar dos encontros do grupo, uma vez que esse tipo de lazer representa uma ação que ajuda a sair de casa, distrair-se, ver outras pessoas além da família. Ele comentou que conversa bastante e, em determinada ocasião, encontrou também uma senhora cuja conversa lhe gerou muita satisfação:

Conversar. E você conhece pessoas aqui. Eu já tive oportunidade, aqui, de conversar com pessoas que jamais pensava, de várias, várias, várias camadas da sociedade. Recentemente, eu tive uma conversa com uma senhora, aqui... Uma senhora bem idosa também, que, aparentemente não dava nada, mas, olha, a

conversa dela me fez um bem que você não queira nem saber. Em matéria, principalmente, de saúde, ela me deu várias, várias dicas, várias coisas, coisas que ela já passou, que viveu, que viajou... Essa troca de experiência, para mim, foi muito agradável, muito legal.

Os idosos, em sua opinião, estão na Seresta pela música, pois é uma possibilidade de relembrar músicas de que gostavam. Além das músicas, há ainda a possibilidade de interação social, que considera como fundamental para os idosos. Essa ação ajuda a ter uma vida mais saudável.

Olha, eu acho que, para a Terceira Idade, a seresta é um lazer interessante porque são as músicas, você vai revivendo músicas antigas, canções antigas, que você já gostou, já amou. E a oportunidade mais coisa de você reviver essas coisas é assim, num grupo desses, com pessoas que procuram sentir a mesma emoção que você. Isso te ajuda também a fazer mais amigos, que fundamental para a gente nessa fase da vida. Tem muito idoso que leva uma vida amargurada. Em casa, com a família. Então, ele tendo a oportunidade de sair e frequentar um local como esse, pelo menos ele refresca a memória, refresca as ideias e sai daquele martírio.

Para a Terceira Idade, é uma vida difícil, difícil. Não pra todo mundo, naturalmente tem exceções, mas a maioria tem problema. Problema de toda ordem, não é somente financeiro, problema de toda ordem, problema familiar, problema de saúde, uma série de coisas. Então, se o indivíduo for ver tudo isso e se acomodar em casa, sentar numa poltrona, numa cadeira lá, aí não dá. E, se você parar, totalmente, aí não tem como, não vai. A cada dia você se amofina mais, a cada dia, você bitola mais. A pessoa tem que sair, tem que encontrar um ambiente diferente, onde se sinta bem.

- **Marta**

Marta mora também em bairro próximo, tem 68 anos de idade, e possui uma relação particular com a música, pois afirma gostar da prática do canto e aprecia músicas românticas. Ela informou que começou a frequentar o grupo praticamente de curiosidade, pois sabia da Seresta anos antes de passar a vir, mas não se interessava. Entretanto, em uma ocasião em que ouviu sua irmã conversando com uma amiga que explicou como as pessoas se encorajavam a se apresentar e isso a animou para conhecer.

Praticamente de curiosidade. Eu sempre soube dessa seresta muitos anos atrás, mas tinha meus filhos pequenos e não dava, porque o horário dele era 11 horas da manhã, então não dava pra eu vir por causa disso. Mas, uma vez a minha irmã falando com uma amiga que costumava frequentar e disse que era a partir das 15 horas... Agora tinha passado pras 15 horas. Aí, eu comecei a vir. E aí fiquei freguesa.

No início, Marta ia somente para o encontro musical do Vivi, depois passou a frequentar outras serestas.

Fiquei vindo só nessa, depois eu passei a frequentar as outras... Passei a frequentar as outras, e adoro. E comecei a conhecer outros lugares por aí que tem isso também, que eu chamo de encontro musical do que propriamente seresta. Eu acho que seresta é um típico específico de música. Se você for ao conservatório, como eu já fui muito... Adoro conservatório, vou agora em abril, aquilo é seresta... Que são aquelas músicas que cantam. Porque existe assim... a diferença inclusive entre seresta e serenata. Seresta é dentro de um ambiente fechado, serenata é na rua. Isso pra mim é encontro musical. Porque é um lugar onde se canta bolero, onde se canta samba, se canta marcha... não é seresta. Marcha e samba não é seresta... Então pra mim isso é um encontro musical, não é seresta. Mas eu acho maravilhoso, tem a finalidade é a mesma, o objetivo é o mesmo...

Marta comenta que o encontro musical é um lazer no qual as pessoas que gostam de uma boa música podem apreciar bons momentos ao ouvir canções antigas. Além disso, o encontro musical favorece os que gostam de cantar, aqueles que se permitem se apresentar ao público. Por isso, ela considera que o grupo traz benefícios tangíveis para os frequentadores, por proporcionar diferentes formas de viver o lazer, fato que motiva as pessoas, principalmente da Terceira Idade, a retornarem continuamente.

Ah, eu acho que música é tudo de bom. Acho que a gente bota toda a emoção da gente pra fora. Você exprime a emoção que você sente, tudo. Embora tenha gente... eu especificamente. Eu gosto de cantar samba canção. Como eu disse: música de dor de cotovelo. Adoro aquelas músicas antigas, adoro.

Marta aproveita o espaço proporcionado pela Seresta para cantar, que é a atividade que considera mais prazerosa. Nesse sentido, a participação no grupo de encontro musical foi um importante achado, uma vez que contribuiu para sua relação com a música. Ela conta que teve vontade de ser cantora da noite, mas não se dedicou a isso. Já participou de festival e frequenta outros espaços de música, como a roda de chorinho e o conservatório de música.

Eu gosto de cantar e até canto em casa sozinha. E acho que eu me expresso muito. Eu tenho que cantar música que eu ponho minha alma toda pra fora. Eu nunca fiz aula de canto. O que eu sei é no talento e observando muito... Eu comecei a observar as pessoas cantando, o que eu gostava, o que eu não gostava, no gênero

da pessoa cantar, a maneira da pessoa cantar, a maneira da pessoa se expressar... Eu comecei a observar o que eu gostava e o que eu não gostava.

Por muito tempo eu sonhava... Até quando eu era jovem... Eu tinha muita vontade de ser uma cantora de bar da noite. Coisa que não existe mais hoje em dia. Bar da noite, na minha época, cantava Helena de Lima, aquele negócio de bar de cotovelo, como a gente chamava. Não existe mais. Mas eu gosto de cantar. Muito. Sou meio seletiva. Já participei de festivais de música. Eu acho que a expectativa que eu tenho é de continuar cantando o máximo que eu puder, frequentar esses lugares que tem música, na boa. Conservatório, acho maravilhoso. Roda de chorinho...

Em relação a sua participação no grupo de Seresta, Marta diz que é um espaço que permite criar vínculos, ajuda na construção de amizades e também ajuda a aprender a ser melhor como pessoa a partir da relação com o outro:

Ah, aqui há troca de informação sim. De amizade, eu acho que você pode fazer grandes amizades. Graças a Deus eu tenho grandes amigos. Amigos que eu tenho certeza, e são sinceros... Nesses grupos, a gente aprende a viver bem, aprende a lidar com cada pessoa, pois são de diferentes níveis. [...] Eu acho que a gente cria um vínculo, uma amizade boa. Claro que tem uns senões, a gente tem que ficar sempre de pé atrás, porque tem sempre aquele que vai te dar um contra e vai te passar a perna. Mas isso em qualquer grupo, Mas que você faz boas amizades, você faz. Você aprende... Eu acho que se você souber equilibrar a balança, os prós e os contras, você mantém o equilíbrio. [...] Eu acho que eu fui me aprimorando. A gente aprende a viver também. São outras pessoas, são outros níveis, tem de tudo que é nível, tem todo tipo de pessoa, a gente tem que saber lidar com cada pessoa.

Ela diz que foi importante aprender a receber elogios e críticas de forma neutra e assim aprimorar-se e crescer em suas apresentações. O grupo de encontro musical abriu um importante espaço para que Marta pudesse trocar informações sobre música. Além da Seresta, Marta se apresenta também em outros espaços de música, já tendo participado de um festival de música. Ela comenta sobre o seu desempenho com a música:

Assim como Elizinha, Marta também produziu CDs, no seu caso uma única produção, que comercializou entre amigos com quem quis partilhar seu trabalho com a música, bem como em algumas apresentações fora do Palácio do Catete. Marta se sente realizada em participar das serestas que acontecem no Palácio:

Eu acho que agora é que eu sou feliz de verdade. Gravar esse CD foi importante, não sei nem explicar o porquê direito. Foi a realização de um projeto pessoal para mim. Se eu tiver uma chance de gravar mais... Acho ótimo.

Todo mundo devia fazer parte de alguma coisa. Eu que gosto de cantar. Como é que eu ia chegar a gravar um CD se não participasse de grupo de música? Quem

que eu ia conhecer? Tem gente que conhece músicos. Então, foi nessa de grupos, quando eu cantei num grupo que tinha ali em Laranjeiras, que até o cara do violão disse que eu tinha que gravar um CD, nem que seja pra deixar pros seus filhos e netos. Mas ele tanto falou, tanto falou, ficou um ano falando comigo, que acabei gravando o CD com ele.

Ela diz que o grupo de encontro musical lhe faz muito bem, pois se sente realizada quando as pessoas ficam felizes em suas apresentações e acompanham suas canções formando um coro. Além disso, o grupo a ajudou a ter mais autocontrole para receber críticas, sendo que a partir dessa abertura tudo começou a ficar mais fácil no seu processo.

Ah, eu acho que música é tudo de bom. Acho que a gente bota toda a emoção da gente pra fora. Você exprime a emoção que você sente, tudo. Eu gosto de cantar samba canção. Como eu disse: música de dor de cotovelo. Adoro aquelas músicas antigas, adoro. Eu quero aprender certo. Isso é o que eu digo que às vezes eu me dano com as pessoas que querem cantar, cantam errado, a gente vai lá, a gente mostra que está errado, não é possível que elas não tenham quem diga que está errado. Eu gosto da crítica, ela me ajuda a aprender certo. Sou muito crítica. Procurar melhorar, procurar estar com gente que saiba cantar, que possam ajudar...

Todavia, Marta é enfática ao afirmar que o grupo de Seresta não é apenas música, não se trata apenas de ter pessoas cantando, outras tocando, enquanto outras ficam de “braços cruzados ouvindo”. O grupo é mais do que a música, mas é um espaço para pessoas se conhecerem, relaxarem, distrair-se.

Tem gente que acha que tem que chegar na seresta ficar calado, mudo, não pode... Muito seresteiro, donos da seresta, comandam essas coisas. Não acho, não. Uma vez eu disse pra um “Olha aqui, a gente não vem aqui só pra cantar não. A gente vem aqui pra ver os amigos, conversar, participar e observar também. E ouvir música. Não é só ficar plantada de braços cruzados escutando, não”.

Nesse sentido, Marta crê que o grupo atrai pessoas de Terceira Idade porque com o tempo as pessoas vão ficando isoladas, não são prioridades na agenda da família, por isso o convívio entre as pessoas que frequentam a Seresta é um atrativo a mais para os participantes. Em seu caso, Marta – que se diz “de Terceira Idade, mas não idosa” – se diz atraída porque essa forma de lazer atende seu interesse em cantar, ouvir uma boa música, socializar com os outros e, sobretudo, aprender com as pessoas sobre música e sobre valores humanos.

Eu acho que é boa essa interação. Você ter pessoas perto de você, poder conversar com outras pessoas, ouvir outras ideias. E daí você tira suas conclusões, o que é certo, o que é errado. Eu acho que a gente aprende a respeitar as pessoas, a ouvir as pessoas, não fazer pré-julgamento, acho que você aprende muito a viver nesses convívios. Você vive, você aprende, você vive. Se você ficar dentro de casa você não vai aprender nada na sua vida. Você vai ficar limitada.

Ela vê no grupo uma forma de preencher o tempo e não colocar suas necessidades de convivência como um peso para a família:

Porque eu acho que as pessoas que chegam na Terceira Idade – eu já estou na Terceira Idade também – as pessoas vão ficando muito... meio isoladas... Isso é uma coisa natural. Se isolam, a memória vai ficando fraca, os amigos vão morrendo... Isso é uma Terceira Idade mais avançada. Mas já morreram vários colegas do grupo. Você vai ficando sozinho, porque a família tem sua vida também. Não vou querer que a vida inteira meus filhos fiquem colados em mim, meus netos também. Não tenho essa pretensão. Cada um tem a sua vida. Não me incomodo absolutamente com isso. Então acho que aqui a gente tem um convívio, a gente tem com quem conversar, se precisar de alguma coisa sabe com quem... porque tem gente com quem pode contar.

- **Matilde**

Matilde é uma senhora de 83 anos de idade, que reside no bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Ela descobriu a Seresta do Palácio do Catete com o marido, com quem passou a frequentar o encontro musical eventualmente. Depois que ficou viúva, há nove anos, Matilde encontrou no grupo de Seresta o lugar onde poderia se “reconstruir”.

Eu gosto muito de música, sempre me dediquei muito à música, e vivo sempre aqui... Eu vim uma vez e o Vivi me convidou. Ele me viu cantando no coro e perguntou se eu podia participar cantando. E comecei a participar também do Castanha, que é logo agora a noite lá do outro lado...

Matilde expõe que sempre se dedicou muito à música, que, para ela, tem um efeito terapêutico. Particularmente, o grupo de encontro musical teve um papel fundamental para enfrentar momentos difíceis:

Às vezes, eu vinha assim com meu marido passeando, costumávamos entrar aqui pra ver as pessoas cantarem, mas essa época eu não cantava. Frequentava com meu marido quando ele vivia, mas depois ele morreu, aí eu... comecei a frequentar com mais intensidade. A música é como se fosse um

sedativo... Por exemplo, hoje nem teria condições de ter vindo aqui. Fui à feira, voltei assim muito cansada porque esse calor cansa muito, mas eu tenho isso como uma terapia. Eu não sei como se vive sem música. No dia que eu deixar de gostar de ler e de escutar música, eu acho que eu morri.

Além disso, o repertório apresentado é composto de músicas antigas e românticas, que ela diz já ter aprendido ou ouvido em outras épocas da vida. Em alguns casos, ela se lembra da letra da música, relembra quem gravou e considera isso um ótimo exercício para memória.

Porque música é assim. Se você escuta uma música, músicas sempre lembram uma passagem na sua vida, entendeu? Eu falo isso pra você, você é um menino, podia ser meu neto. Eu tive um relacionamento que, na época, saiu aquela música do “Esse cara sou eu”. Então eu, influenciada, fui e comprei. Não para dar pra pessoa. Comprei pra eu escutar, exercitar a mente, reviver os momentos. Isso é ótimo para a cabeça da gente.

Teve um senhor – esqueci o nome dele – que cantou uma música... não sei se você escutou – “Mulher”. “Mulher de estranha magia, teu corpo irradia... e me deixa louco...” Eu até falei com ele: “Senhor, a sua música me trouxe hoje um prazer enorme porque eu era criança na época, e minhas primas namoravam e cantavam as músicas dos bailes que elas iam”. Então aquilo me deu uma saudade gostosa dessa minha prima que ajudou a me criar, entende. Aí eu falei pra ele: “O senhor me trouxe uma felicidade muito grande ao ouvir aquela música”.

O grupo incentivou Matilde a cantar. O Vivi percebeu sua participação no coro e um dia a incentivou a cantar uma música que ela conhecia a letra enquanto ele a acompanhava com o cavaquinho. Ela considera esse momento como libertador, pois cantou muito bem e as pessoas a aplaudiram com entusiasmo. Depois disso, começou a treinar em casa para se apresentar mais vezes aos domingos. Também considera fazer aulas de canto.

Olha, eu penso que eu sou muito velha... Mas eu penso talvez em fazer uma aula de canto para poder entrar no tom certo. Porque as pessoas quando cantam sabem, dó ré mi fá, lá... aquela coisa toda da música. Eu gostaria de entender isso. Porque os que não sabem e não entendem de música, você vai cantar, a pessoa começa a te acompanhar. Mal você abre a boca a plateia já seguiu na tua frente. [...] Eu gostaria de fazer umas aulas de canto. Eu ainda tenho isso.

Matilde considera importante contribuir financeiramente com os seresteiros, por isso sempre que pode faz alguma contribuição em dinheiro. Também compra os CDs de pessoas que cantam na Seresta para ajudá-los e investe tempo para

aprender suas canções, porque sabe que isso vai agradar e motivar os companheiros.

Eu acho importante porque tudo na vida é pago, você entra no cinema e tem que pagar. Você pertencer a uma igreja, uma religião, você dá dízimo. Porque ali tem energia, tem água, tem quem limpe o recinto... Bem, eu comprei até CD como uma forma de colaborar. Porque o cara está sempre me vendo ali, de repente ele passa, mas não que seja o meu tipo de música.

Matilde diz que a música é a “felicidade da vida” e que permite traduzir em beleza os sentimentos. Apesar de não ser religiosa, ela ilustra o que diz a partir dos louvores cantados a Deus nas mais diversas formas de expressões religiosas, acreditando que a música em forma de louvor agrada a Deus. Diz que a música também pode afetar os sentimentos e fazer com que as pessoas experimentem diferentes sensações, tais como prazer, satisfação, relaxamento, alegria, saudade etc.

Minha atividade de lazer é essa. Saio, pego o ônibus... Eu sinto também uma coisa que me relaxa muito. Começo a me lembrar dos romances, das coisas desde criança que eu fui muito ligada a música e a leitura. Eu me sentava assim num canto da casa, e pegava um romance, um livro grande assim, eu passava a tarde toda, no outro dia eu já tinha terminado. É uma fascinação assim que eu tenho por isso.

Outro ponto importante mencionado por Matilde foi que a frequência ao grupo de Seresta ajudou a melhorar sua autoestima. Ela gosta de se apresentar bem vestida e, nesse sentido, a participação no encontro musical a estimulou a comprar roupas, maquiagem e acessório para se sentir bem quando se apresentasse, sobretudo nos dias em que canta:

Porque eu me sinto viva. Aqui é meu ponto de encontro com os amigos também. Por isso me arrumo muito para vir para cá. Faço a unha toda semana, eu faço sempre o cabelo... Eu tenho que trocar de roupa, não venho sempre com a mesma, não é? Comprar maquiagem, comprar umas rasteirinhas mais ou menos combinando com a roupa.

No caso de Matilde, ela valoriza não são apenas os momentos em que canta, mas também quando ouve as músicas no coro. Quando está ouvindo uma música que lhe desperta sensações, curte aquele momento e quando a música termina, se

sente saciada, às vezes até mais do que com suas próprias apresentações. Ambas as experiências integram sua relação com a música.

Eu só canto e faço parte daqui do coral. Então aquilo sacia, eu saio assim liberta, livre. Por exemplo, ao chegar em casa, eu não ligo muito em televisão, meu caso mesmo é música ao vivo, entende? Eu faço terapia toda semana, mas não me sinto tão bem quando venho aqui, e posso dizer que sempre achando na música um alento.

Matilde sempre teve uma relação com a música muito profunda, desde jovem. A música lhe serve como terapia, funcionando como um canal que acessa para se acalmar e sentir prazer. Ela comparou o prazer de ouvir uma boa música com um sedativo, que acalma seu interior e por isso lhe faz muito bem e lhe gera muito prazer. A Seresta abriu uma outra frente de prazer, pois antes ela apenas ouvia as músicas que apreciava, ao ser encorajada a cantar, ela descobriu uma nova forma de explorar as opções de lazer que o grupo de encontro musical oferece. Matilde se declara apaixonada por música e faz declarações emocionadas acerca dos benefícios que a música e o grupo de Seresta trazem para sua vida:

O meu caso é música ao vivo. A seresta é a minha principal atividade de lazer, pois me relaxa muito. A música é a beleza da vida. A minha felicidade é a música. O grupo me traz alegria, eu me sinto viva... Eu vivo aquilo... Eu sou apaixonada por música porque ela me modifica... Me faz melhor.

Olha, por exemplo. Eu venho aqui, participo, e fico esperando a minha vez de cantar. Às vezes fico pensando: “será que não vão me chamar?”, porque a minha finalidade aqui também é essa, poder ouvir e cantar também, por que não? Se aqui eu posso ser cantora... Eu convido pessoas também, amigos, digo “Vamos lá... Vamos me ver cantando”. Outro dia, eu estava fazendo a unha, aí eu falei, comentei, “Por que vocês não vão no Catete, tão bom, a gente distrai”. Aí a garota disse: “dá uma palhinha aqui pra gente no salão”. Puxa vida... Eu me sinto uma pessoa completa quando canto e quando ouço uma música que eu gosto... Olha, cada música que eu ouço me lembra de alguém. Cantar também representa a força do poema, é algo especial. Eu me sinto muito feliz e naquele momento eu não tenho problemas. Eu estou vivendo aquele momento, entende? Quando eu saio dali, eu saio leve, inteira.

Matilde destaca também que a convivência com as pessoas do grupo de Seresta é boa para ela porque lhe permite se relacionar com outras pessoas da Terceira Idade. Ela também incentiva outras pessoas a participarem do grupo, sempre militando no sentido de que a música ajuda as pessoas a serem mais felizes, tal como ela sente que foi sua experiência. Ela diz que o grupo lhe serve

de “âncora”, pois como é viúva e sozinha no Rio de Janeiro, as amizades do grupo contribuem para que viva melhor essa fase da vida. O grupo de seresta lhe trouxe benefícios para além da satisfação de ouvir e cantar, pois ela diz que encontrou o seu lugar, percebendo-se viva e no mundo.

Eu me sinto muito bem e com muita energia para fazer as coisas. Quando eu estou feliz não tem quem me segure. Mesmo quando estou cansada. Faço um grande esforço e venho para cá. E luto. O cansaço não me vence. E os outros idosos não se deixam acomodar... Limpo minha casa, ponho roupa na máquina, tiro, passo, passo minha roupa. Entendeu? Se eu vestir um vestido hoje, eu não saio com ele amarrotado amanhã. Eu tenho que repassar. Os lençóis têm que estar sempre limpos, cheirosos, boto sabonete entre eles. Porque eu posso morar sozinha. Mas pode chegar uma amiga, eu posso oferecer uma dormida... Assim, eu não me sinto velha. Eu acho que velha é a cabeça das pessoas. É divertimento que me faz feliz. Eu esqueço as minhas mágoas, aprendo alguma coisa nova, aqui eu sinto que a vida é bonita.

- **Walter**

Walter tem 66 anos e começou a frequentar a Seresta porque gosta de música. Descobriu o grupo de encontro musical porque mora perto do Palácio do Catete. Ele começou a frequentar o encontro para ouvir as canções, mas como interagia bem com as pessoas, foi sendo chamado para ajudar como assistente. Um dia, Walter foi convidado para tocar; ficou intimidado, mas resolveu enfrentar o desafio.

Eu comecei como assistente aqui. O pessoal me chamou pra tocar, e eu não sei cantar, não sei tocar, era tímido e perdi a timidez. Aí um dia, a colega me convidou - aquela que está dançando com a menina ali - me convidou pra cantar, eu comecei a cantar e perdi a timidez de vez. Assim começou o Walter cantor. Agora eu canto tudo.

Segundo Walter, a sua relação com a música é antiga. Mas, a vida de funcionário público e as atividades intensas não contribuíram para que pudesse se dedicar à música. Ele diz que gostava de estudar as letras das músicas e criar versos até compor a música inteira, o tempo escasso do dia-a-dia fez com que ele não tivesse muita motivação de se focar nessa atividade. Entretanto, ao encontrar a Seresta, o sentimento pela música reavivou-se e ele voltou a se dedicar às suas composições. Walter contou que já compôs quatro canções e que as canta no

grupo do Castanha. Depois de apresentar suas músicas na Seresta, ele passou a ser convidado para outras apresentações musicais. Ele pontuou: “onde tiver seresta, que me chamarem, eu canto”.

Walter não canta apenas as músicas que compõe, mas gosta de se apresentar também com músicas de ritmos que aprecia, sobretudo o samba. Em razão de sua preferência por música, tanto para ouvir quanto para cantar, ele também considera a Seresta sua principal atividade lazer. Apesar de não ter se aposentado ainda, hoje o seu principal interesse é poder participar do encontro musical com entusiasmo, para expor suas músicas e ter novas inspirações.

Tenho quatro músicas compostas. Eu não gravei mais porque eu não tive tempo de procurar os cantores pra mostrar. É isso. Tem que ter tempo. Um dia eu pretendo gravar. Gravar minha música aí, ser divulgada no rádio. Mas, para isso é preciso compor mais, e o ambiente aqui do grupo me ajuda. O pessoal aqui me incentiva muito. Isso me ajuda bastante, claro. Me ajuda a melhorar cada vez mais.

O grupo de encontro musical trouxe benefícios reais para Walter. Ele esclarece que estava muito triste, mas não sabe se estava deprimido, porque não procurou ajuda médica especializada. Aguardava sua aposentadoria sem motivação para o trabalho e, além disso, tinha um enorme mau humor com a família, o que tornava o convívio familiar difícil.

Porque a seresta faz bem pra saúde da gente. Antes de frequentar aqui, eu andava muito mal. Porque eu tinha sido demitido, tinha que arrumar um emprego novo, ou senão ia entrar em depressão, mas a idade não ajudava. Então pensei: “Vou procurar uma distração.” Eu vim pra cá e comecei a cantar aí. A gente fica mais feliz, chega em casa mais contente. Esquece problema da vida, tudo isso. Aí eu fui reintegrado no meu emprego, e melhorou mais ainda.

Ao encontrar o grupo da Seresta, sua rotina mudou para melhor. A música trouxe um novo ânimo para sua vida. Ele passou a ter mais equilíbrio emocional e comenta que o grupo contribui para a saúde mental das pessoas. Atualmente, ele chega em casa bem e feliz, e isso permitiu melhorar significativamente suas relações com a mulher e os filhos.

A ideia é boa, porque a gente procura distrair. A pessoa vive muito mais. A gente procura se distrair. Porque se distrair é melhor que se aborrecer. Se aborrecer não leva a nada. A pessoa alegre vai vivendo muito mais ainda. Ajuda a viver

mais. Cantando a gente vai se distraindo, pensando só em coisas boas. Não pensa em coisa ruim. As coisas ruins, a gente esquece tudo. [...] Os benefícios de vir para cá foi me realizar com a música e restabelecer a paz com a minha família. Quando eu chego em casa também agora já percebo. É diferente.

Walter diz que a música o deixa mais alegre e cantar o torna realizado, faz bem para sua autoestima:

É bom para o psicológico você vê as pessoas te aplaudindo, você se sente muito bem. A impressão é que está agradando a eles. Se a pessoa está ali, é porque está agradando. Eu me sinto feliz. Isso já aconteceu. Acabei de cantar e uma senhora veio chamar “Vai cantar de novo?”, eu disse que não. Porque aqui existe ordem e os outros têm que cantar também. Aí ela foi embora mais cedo. Sei lá, o pessoal gostou.

Ele revela que quando alguém o reconhece como seresteiro do Palácio do Catete sente muita satisfação, por ter encontrado o lugar que faltava em sua vida. Acredita ainda que, como seresteiro, é importante estar sempre se apresentando, pois pode acontecer de alguém gostar da originalidade das músicas compostas por ele:

Vir aqui é muito importante, principalmente a título de lazer. Mas, também é bom porque aqui se aprende a cantar mais, se distrair. De repente gravar um CD se alguém convidar a gente. Pode aparecer algum empresário de repente querer patrocinar a gente.

Quando canta e percebe que o público está gostando, sente-se emocionado por ter conseguido agradar as pessoas:

A música me ajuda a me expressar melhor, é como se vivesse outra pessoa em mim naquele momento... Uma parte de mim que estava guardada... Para mim é bom demais fazer parte desse grupo. Eu venho pra cá porque eu gosto muito. Ajuda em tudo, todos os sentidos. Porque a mente se exercita para aprender e lembrar a letra... A gente evolui cada vez mais. A intenção é unir o útil ao agradável.

Walter pretende entrar na aula de violão porque se sente inspirado pelos músicos que frequentam a Seresta:

Não toco instrumento nenhum. Por enquanto é só a voz. Eu tenho violão em casa. Não consegui conseguir aprender a tocar sozinho. Por isso, quero fazer uma aula de violão. Se tiver o domínio do violão, eu vou poder treinar melhor em casa para minhas apresentações na seresta e acertar o arranjo das minhas músicas.

Walter reconhece que o grupo permite fazer várias amizades, pois ele mesmo já fez vários amigos desde quando começou a frequentar. No entanto, o principal, para ele, é apreciar as músicas que são apresentadas, o que defende ser a principal fonte de prazer proporcionada aos que frequentam o grupo de encontro musical do Palácio do Catete. Ele acha importante, para a Terceira Idade, distrair-se, como forma de afastar pensamentos negativos:

As amizades que a gente faz aqui. Isso é importante. Porque é como se nós fôssemos irmãos uns dos outros. A gente aprende muita coisa. Aprende a arrumar amigos, ter boas amizades. [...] Eu acho tudo interessante. As pessoas cantando, mais velhas do que eu, ou da minha idade. O pessoal chama sempre... “Vamos lá, tem seresta em tal lugar essa semana”... Aí, eu vou. A gente aprende também muita coisa aqui sobre música. Porque eu gosto de música, esse sempre foi o meu principal prazer. Eu sempre ouvi música, há muito tempo.

4.5.

Significados Emergentes da Prática de Lazer no Grupo de Seresta

Esta seção discute os significados atribuídos à prática do encontro musical no grupo de Seresta do Palácio do Catete, apresentando as categorias emergentes na análise. As observações e as entrevistas foram analisadas conjuntamente e formaram diferentes categorias, que emergiram das análises. Finalmente, uma nova análise do material levou ao reagrupamento de algumas categorias, cujos significados se encontravam muito próximo. As seis categorias finais e os significados a elas associados são apresentados no Quadro 3. Além disso, procurei indicar, na minha percepção, qual seria a categoria dominante de significado para cada um dos entrevistados (inclusive o Vivi da Seresta).

Quadro 3: Categorias: Descrição, Significados e Principais Termos e Expressões Associados – Grupo de Seresta

Categoria	Descrição da categoria	Significados e Principais Termos e Expressões Associados	Categoria Dominante para:
Significado Hedônico	Utiliza o conceito de Holbrook e Hirschmann (1982), englobando	- <i>Feelings</i> – “feliz”, “felicidade”, “gosto”, “gostoso”, “alegre”, “alegria”, “satisfação”, “de alma lavada”, “faz bem”, “carinho”,	Donato Jorge

	duas das três dimensões sugeridas por esses autores: sentimentos (<i>feelings</i>) e diversão (<i>fun</i>). A terceira dimensão fantasia (<i>fantasy</i>) não foi encontrada.	<p>“emoção forte”, “botar a emoção para fora”, “botar a alma para fora”, “expressar emoção”, “sentir-se liberta, livre”, “beleza”, “felicidade”, “sentir-se viva”.</p> <p>- Fun – Adquire duas conotações, com intensidades diferentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ lazer como diversão propriamente dita – “dar e receber prazer”, “divertir”, “diversão”, “distração”, “rir”, “passear”, “curtir”, “energia”, “a gente aplaude”, “gosto de ouvir”, “por esporte”, ○ lazer como descanso – “descansar”, “relaxar”, “paz”, “passar o tempo”, “nem ver o tempo passar”, “passar uma tarde agradável”, “passar tempo muito suave”. 	
Espaço de Sociabilidade	Espaço social de encontro entre pessoas de Terceira Idade, proporcionando amizades, interação social e suporte mútuo.	<p>- Amizade – “é uma família”, “a família que você construiu”, “irmãos uns dos outros”, “amigos que são mais do que parentes”, “a turma”, “amigas”, “grupos de amigos”, “uma porção de amizades”, “muita amizade aqui”, “rodinha da gente”, “companheiros”, “companheirismo”, “colegas”, “círculo de amizades”, “criar mais amigos”, “criar vínculos”.</p> <p>- Interação Social – “convivência”, “é um social muito bom”, “conversar”, “dialogar”, “contar casos”, “fofoquinhas”, “conversar com pessoas da minha idade”, “convívio”, “integração”, “companhia”, “vida social”, “integrar”, “interagir”, “troca de informação”, “ponto de encontro”, “tem eventos, aniversários”, “dar confiança um para o outro”.</p> <p>- Suporte – “não ficar abandonado”, “aqui se preocupam mais com a gente”, “se eu precisar, vão fazer alguma coisa por mim”, “calor humano”, “preocupação”.</p>	Almerinda Elaine Justina
Nostalgia	Inclui sentimentos de saudade associados a momentos felizes do passado, evocados pela música, e a recordação prazerosa de músicas antigas.	<p>- Retorno ao Passado – “volta ao passado”, “lembrar as coisas boas do passado”, “lembrar alguns entes passados”, “outras memórias: quando o primeiro beijo, primeira sacanagem, primeiro tudo...”; “lembrar de algumas coisas do seu passado”, “amor lembrado”, “músicas sempre lembram uma passagem na sua vida”.</p> <p>- Recordação das músicas –</p>	Mario M ^a . José

		“recordar canções”, “lembrar músicas antigas”, “música daqueles tempos”, “resgatar canções antigas”, “reviver canções de amor”, “música de dor de cotovelo”, “canções de artistas que já se foram”.	
Qualidade de Vida	Inclui elementos de saúde física e mental proporcionados pela atividade.	<p>- Saúde física – “exercício”, “atividade”, “não sinto mais dores”, “pressão arterial baixa”, “mais saudável”, “não sinto dor de nada”.</p> <p>- Saúde mental – aparece com três conotações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Afastar tristezas – “esquecer as coisas tristes”, “não pensar em tristeza”, “não pensar em coisas ruins”, “esquecer as mágoas”, “esquecer problemas”, “não pensar besteira” ○ Renovação – “ver vida”, “se sentir viva”, “com a cabeça livre”, “renovar o pensamento”, “distrair a cabeça”, “liberdade”, “estar sempre em movimento”, “refrescar as ideias”, “higiene mental”, “terapia”, “alento” ○ Fuga à solidão – “não ficar em casa sozinho”, “não ficar preso em casa”, “sair de casa”, “não se sentir sozinho”, “ter para onde ir”, “ter o que fazer”. 	Artur Gisela Leo Matilde Walter
(Re) Construção da Identidade	Consiste em se reinventar como pessoa, por meio da descoberta do novo e de superação do passado; de reforço à autoestima; e de renovado cuidado de si mesmo.	<p>- Descoberta – “dádiva”, “presente”, “descoberta da vida”, “uma parte de mim que estava guardada”</p> <p>- Superação – “voltar a cantar”, vencer “trauma”, “ninguém me segura”, “bater asas, voar”, “desenvolver”, “crescer”, “ficar desembaraçada”, “tornar-se uma pessoa completa”, “realizar projeto pessoal”, “fazer bem a si mesmo”.</p> <p>- Autoestima – “ser requisitada”, “agradar [aos outros]”, “massagear o ego”, “passar confiabilidade”, “influenciar”, “ser reconhecido”, “ser aplaudido”, “aplauso para o ego”, “bom para o psicológico”.</p> <p>- Cuidado de si mesmo – “produzir-se”, “cuidar de si”, “arrumar-se”, “ajeitar-se”.</p>	Alice Elaine Elizinha M ^a . Cecília Vivi
Aprendizado	Inclui o aprendizado musical, ou seja, aprender músicas e a tocar instrumentos; o aprendizado social, isto é, aprender a	- Aprendizado Musical – “aprender a tocar”, “fazer aula”, “melhorar/aumentar o repertório”, “aprender mais músicas”, “aprender mais letras”, “descobrir o balanço da música”, “entrar no tom certo”, “acertar o arranjo”, “procurar cantar melhor”, “saber a música toda”, “ver	Luciano

	lidar com a diversidade entre pessoas, principalmente de classe; e o aprendizado prático.	a posição dos dedos [no instrumento]”, “ganhar conhecimento”. - Aprendizado Social – “não tem diferença”, “somos todos iguais”, “movimento de amor, de carinho com os outros”, “saber lidar com cada pessoa [de diferentes níveis]”, “aprender a respeitar as pessoas, a ouvir as pessoas, a não fazer pré-julgamento”. - Aprendizado Prático – “dar uma ideia para o outro”, “ouvir outras ideias”, “passar mensagem”, “aprender sobre a vida”, “dar dicas”, “trocar experiências”.	
--	---	--	--

Fonte: Elaboração própria.

É interessante perceber que os variados contextos em que se inserem os idosos influem para que se manifestem diferentes significados com relação ao lazer. Coupland et al. (1991) verificaram esta fragmentação nos interesses dos indivíduos de Terceira Idade, de tal modo que suas identidades sofreriam variações com o tempo e o contexto, refletindo as circunstâncias locais em que esta identidade foi construída e a realidade em que se encontra inserida.

Os Quadros 6 a 11, apresentados no anexo I, mostram, para cada um dos quinze entrevistados, exemplos de falas que incluem os significados associados a cada categoria. Observe-se que, em alguns casos, não há falas associadas a determinada categoria por um ou mais entrevistados, o que indica que esse significado não surgiu na entrevista. A seguir, é feita uma síntese dos significados principais e secundários que emergiram para cada entrevistado.

4.6. Análise das Categorias

Esta seção apresenta a análise das categorias que emergiram nesta pesquisa. As observações e as entrevistas realizadas formam seis diferentes categorias: (1) significado hedônico; (2) espaço de sociabilidade; (3) nostalgia; (4) qualidade de

vida; (5) (re)construção da identidade e; (6) aprendizado. Estas categorias são detalhadas a seguir.

4.6.1. Significado Hedônico

Os encontros musicais são, essencialmente, uma atividade hedônica, na percepção dos entrevistados. No entanto, o significado hedônico remete não só à música em si, mas a outros aspectos dos encontros musicais. Pode ser analisado sob a perspectiva da diversão em si (diversão, distração, passeio, passatempo, curtidão) e dos sentimentos (prazer, alegria, felicidade, empolgação, relaxamento, paz, emoção, libertação). Essas são, na verdade, duas das categorias identificadas por Holbrook e Hirschman (1982) com relação ao consumo hedônico, por eles chamadas de *fun* e *feelings*. A terceira categoria, *fantasies*, não foi identificada. Também de acordo com Guido, Capestro e Peluso (2007), a experiência hedônica ocorre quando o objeto de consumo tem um valor que vai além de seus atributos utilitários, incluindo também os atributos emocionais e multissensoriais. No caso do grupo de Seresta, conforme se observa no discurso dos entrevistados, o encontro musical ultrapassa o simples ato de apreciar uma boa música, seja cantando, ouvindo ou dividindo o momento com outras pessoas que participam da Seresta, despertando sentimentos por eles descritos.

Nesse sentido, a experiência proporcionada pela participação no grupo de encontro musical do Palácio do Catete possui um apelo hedônico, conforme se pode depreender das falas dos idosos entrevistados. Holbrook e Hirschman (1982) ensinam que o apelo simbólico motiva as pessoas para o consumo de algo em razão do impacto que a experiência promove nos sentidos e nas emoções, sendo esta a motivação hedônica do consumo de um determinado produto ou atividade. Podem incluir várias atividades lúdicas, prazeres sensoriais, devaneios, prazer estético e respostas emocionais que podem promover a motivação hedônica, que acontece não pela atividade em si, mas pelo valor e significado que a atividade tem para os seus participantes. Desta forma, a expectativa experiencial pode influenciar o comportamento de consumo, pois os indivíduos partem de um estado essencialmente subjetivo de consciência com uma variedade de significados, que

geram respostas hedônicas. Essas respostas hedônicas surgem a partir dos significados que as pessoas conferem à participação no encontro musical.

As falas dos entrevistados mostram ainda que a motivação hedônica remete ao desejo pelo consumo a partir da experiência proporcionada pelo contato com o objeto de consumo (BRAKUS, SCHMITT e ZARANTONELLO, 2009). Segundo Taschner (2000), é possível considerar que consumo e lazer são duas palavras interligadas, tendo em vista a existência de uma dimensão de lazer em algumas formas de consumo. Jameson (2001) complementa observando que a dimensão do consumo cresce dentro do tempo e dos hábitos de lazer. Nesse sentido, a aquisição de CDs dos seresteiros ou o consumo das músicas por outros meios (compra de CD dos cantores originais em loja, rádio, *internet* etc.), além do interesse por comprar ou aprender a tocar instrumentos, revelam que a participação no grupo de Seresta pode impactar decisões de consumo dos frequentadores, definindo hábitos ou reorientando preferências.

Os depoimentos dos frequentadores da Seresta relativos à experiência de participar do grupo de encontro musical evidenciam o caráter hedônico do consumo de suas atividades e produtos ali oferecidos, como o CD dos Seresteiros. Ainda que indiretamente, o grupo de Seresta proporciona experiências em seu ambiente (PINE II e GILMORE, 1998), seja oferecendo música aos ouvintes, seja incentivando ou abrindo espaço para as pessoas cantarem, seja favorecendo as pessoas a se conhecerem e interagirem, proporcionando um espaço prazeroso de lazer aos frequentadores de Terceira Idade ao satisfazê-los de diferentes formas. Como ressaltam Vargo e Lusch (2004), quando o consumidor se envolve no processo de compra, assume a posição de coprodutor de valor do bem ou serviço ofertado, o que pode ocorrer a partir da experiência favorável experimentada no ato do consumo. De acordo com Schmitt (2001), essas associações afetivas podem resultar em experiências que mexem com suas emoções, gerando estímulos cognitivos em relação ao grupo de encontro musical e aos benefícios que o grupo oferece. Esses benefícios, segundo Brakus, Schmitt e Zarantonello (2009), podem representar experiências capazes de influenciar positivamente a decisão de retorno continuado dos frequentadores do grupo de encontro musical.

4.6.2. Espaço de Sociabilidade

Praticamente todos os entrevistados convergiram em ressaltar a importância do encontro musical para construção de relacionamentos. Alguns entrevistados sublinharam que sua motivação para participação no grupo de Seresta era encontrar um lugar onde pudessem interagir com pessoas que se interessassem em conhecer novas pessoas e fazer amizades.

No entanto, a profundidade e extensão desses relacionamentos podem variar de “conhecidos” (Justina) a “irmãos” (Walter) e “família” (Alice, Elaine). Por sua vez, Donato não se vê como parte do grupo, mas como um estranho, um *outsider*, dado que não estabeleceu relações de amizade. São também estranhos aqueles frequentadores ocasionais.

O seguinte extrato de uma entrevista mostra como foi livremente construída a posição de *outsider* por um dos entrevistados no encontro musical:

PESQUISADOR: Você aprecia ouvir música em grupo com os outros participantes?

DONATO: Talvez quando eu ficar mais velho, e venha a participar mais. Por enquanto não cheguei a essa idade, por causa disso, eu acho que não...

PESQUISADOR: Como você se vê em relação a fazer parte da Terceira Idade?

DONATO: Eu não sou velho. Eu sou um *outsider* no grupo.

PESQUISADOR: Sei... [pausa]. Mas oficialmente a Terceira Idade no Brasil começa aos 60 anos.

DONATO: Com certeza? Então, já estou... [pausa]. Já estou... [longa pausa]. Só por causa da minha idade também, eu não sou velho igual a eles. Estou com 60 anos e a média das pessoas ali é 70 pra cima, não é?

Por não se ver como pertencente ao grupo de idosos, Donato rejeita a noção de Terceira Idade, já que seu autoconceito não inclui o “ser velho”, como notado por diversos autores (BLAU, 1956; BULTENA e POWERS, 1978; MOSCHIS, 2003; SOLOMON, 2011). Em decorrência, não se identifica com o grupo, a que não deseja pertencer, definindo-se como um *outsider*.

Para alguns, tais como Almerinda e Elaine, os elos de amizade estabelecidos com outros são o elemento principal da experiência vivida no grupo. Esses vínculos envolvem ainda a certeza de que alguém “se preocupa”, “se importa” com a pessoa, pessoas “que sentem falta”, “mais que, às vezes, a família”. Porque se está falando, para alguns, de uma outra família, “aquela família que você não

herdou, aquela que você construiu”, que pode ser “a mais importante”. As relações sociais que se estabelecem no encontro musical geram novos encontros: festas, aniversários, outros encontros musicais, *happy hour*, em barzinhos, restaurantes ou na casa de alguém, solidificando os laços entre os participantes.

A experiência desses consumidores remete a fenômenos já estudados por pesquisadores de marketing e de comportamento do consumidor, como a influência do grupo social. Segundo Ward e Reingen (1990), algumas atividades de consumo advêm da experiência compartilhada por grupos de amigos e, nesse sentido, a experiência de cantar e ouvir música em grupo pelos participantes da Seresta do Palácio do Catete revela diferentes influências no comportamento de consumo dos idosos entrevistados. A começar pelo consumo da própria atividade, em que a interação entre as pessoas de Terceira Idade que frequentam o local contribui para sua atração e permanência. Muitos deles incentivam uns aos outros a contribuírem com a “caixinha” dos músicos. Além disso, alguns elaboraram CDs amadores que são consumidos por muitos frequentadores. As festas de aniversários, os passeios e as viagens em grupo são formas de consumo indiretamente promovidos e facilitados pelas interações sociais que emergiram entre os frequentadores da Seresta. Como pontua Solomon (2011), no comportamento do consumidor essas expressões de consumo ocorrem em função da influência do grupo em que o consumidor está inserido. Da mesma forma, a pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013) mostrou que a população de Terceira Idade é fortemente influenciada pelos grupos de que faz parte, o que promove trocas relativas a diferentes atividades de consumo, entre elas, as opções de lazer. Por sua vez, Motta e Schewe (1995), ao abordarem a necessidade de valorização do mercado de consumidores idosos, mencionam que a melhor forma de compreender este segmento de consumidores é procurar entender como eles se satisfazem em relação ao seu consumo. O discurso dos entrevistados do encontro musical, por exemplo, informa que a realização de atividades em grupo, que promovem interação, construção de amizades e troca de experiências, pode se revelar ambiente propício para o fomento de atividades de consumo para a Terceira Idade.

4.6.3. Nostalgia

A nostalgia surge no discurso dos entrevistados de duas formas. De um lado, quando destacam que a participação no encontro musical permite, por meio da música, reviver bons momentos guardados na memória, lembrar-se de pessoas queridas, ou lembrar-se de momentos especiais vividos. De outro, quando valorizam ouvir e resgatar músicas antigas, do passado, que apreciavam e que, por vezes, já perderam em parte a lembrança. Este resgate de lembranças do passado permite despertar sentimentos relacionados à experiência anterior, fato que, segundo os entrevistados, desperta o desejo de retorno e, em alguns casos, de participação mais ativa nos encontros musicais do Palácio do Catete.

De acordo com Holbrook e Hirschman (1982), a nostalgia é um sentimento envolvido na experiência de consumo que merece atenção dos estudiosos de marketing porque favorece a identificação de aspectos que contribuem na formação das preferências das pessoas ao longo da vida. Essa perspectiva é pertinente à análise, tendo em vista que os consumidores de Terceira Idade se valem da experiência do passado para reviverem um sentimento positivo. Alguns pesquisadores acreditam que as pessoas podem ser mais nostálgicas durante os períodos de transição da vida (UNGER *et al.*, 1991; HAVLENA e HOLAK, 1991). Nesse sentido, conforme os indivíduos envelhecem, tornam-se mais suscetíveis ao sentimento de nostalgia e, dessa forma, esses indivíduos ficam abertos a experiências que nutram esse sentimento.

De acordo com a literatura sobre o tema (UNGER *et al.*, 1991; HAVLENA e HOLAK, 1991), a nostalgia pode se apresentar de duas maneiras: a primeira seria a nostalgia individual e a segunda seria a nostalgia coletiva. A nostalgia individual está relacionada aos eventos pessoais ou às experiências passadas da vida privada. A nostalgia coletiva está relacionada a sentimentos de alegria, prazer e segurança que emanam de imagens de eventos históricos, ou tempos partilhados com outros, os que são percebidos como especiais. No presente estudo identifiquei as duas formas. Por exemplo, Alice e Jorge, possivelmente em função de seus interesses como músicos amadores, valorizam o resgate das canções do passado sob uma perspectiva individual. Já Almerinda, Artur, Leo e Mario percebem um

resgate conjunto do passado. Luciano vê, inclusive, uma conotação de resgate político da música de sua geração. E Donato, embora se veja como um *outsider*, ficou deslumbrado com a volta ao passado, encarnada pelas canções de 30 ou 40 anos atrás.

O fundador do grupo de Seresta do Palácio do Catete, Vivi, menciona que “a Terceira Idade é a cara da Seresta porque tem músicas de 50, 60 anos atrás”. Dessa forma, Vivi acredita que ir ao encontro musical representa o prazer de viver, ou seja, quando se reúnem na Seresta, os idosos compartilham em grupo a alegria de estarem vivos relembrando momentos já vividos que remetem a sensações positivas relacionadas aos eventos e às experiências guardadas na memória ao ouvirem as canções de quando eram mais jovens. Conforme salientado por Goulding (1999), as reações nostálgicas recreativas do lazer para os indivíduos de Terceira Idade atuam como estímulos, pois quando a atividade de lazer resulta em uma boa experiência, o idoso tende a se sentir estimulado a realizar novas visitas, tornando-se participativo de modo a obter familiaridade com a prática daquela atividade.

A mente humana guarda uma coleção de fragmentos de lembranças da vida pessoal que ficam na memória e podem ser positivamente distorcidos (UNGER et al., 1991). Quando a lembrança sobre um tema provoca bons sentimentos, o indivíduo tende a criar estratégias para dar continuidade a estas lembranças em suas vidas. Para Holbrook (1993), o sentimento de nostalgia parte da ideia de que as coisas do passado eram melhores do que as coisas de agora, o que faz as pessoas desejarem reviver eventos já vividos na tentativa de manter ou prolongar as sensações positivas que esses eventos proporcionaram. De fato, entre os entrevistados que participam do grupo de Seresta, os depoimentos de retorno a momentos do passado ao ficar ouvindo músicas antigas são carregados de sentimentos e remetem a contextos diversos, tais como experiência de amor, experiência de relações familiares, experiências da juventude.

Holbrook e Schindler (1994) complementam esse debate ao colocar que o sentimento de nostalgia ajuda a compreender as preferências em relação a objetos (pessoas, lugares ou coisas) que eram comuns em algum momento anterior da vida do indivíduo. Outros estudos na área de marketing têm relacionado as experiências vividas com o desenvolvimento de gostos e preferências, tais como o gosto musical, aparência pessoal, produtos culturais etc. Essas pesquisas

defendem que tais experiências tendem a influenciar o comportamento do consumidor em outras fases da vida (HOLBROOK e SCHINDLER, 1989; SCHINDLER e HOLBROOK, 2003; HOLBROOK e SCHINDLER, 1994; KITAGIMA e MOTTA, 2004).

Nesse sentido, os depoimentos dos entrevistados sugerem que os idosos encontram no grupo de Seresta sentimentos positivos a partir das músicas antigas lá cantadas que lhes permitem realizar uma ligação com pessoas ou momento especiais de suas vidas. Esse afeto é vivido de forma compartilhada com outras pessoas que, eles sentem, buscam os mesmos sentimentos, resgatando assim a emoção da lembrança que favorece a manutenção do prazer experimentado no momento anterior. Por outro lado, a experiência anterior permite a geração de outra forma de prazer, autônoma com relação à anterior, mas que emerge a partir dela, a qual influencia e motiva os idosos a frequentarem o grupo de encontro musical para dividir esses momentos de lazer com outras pessoas da Terceira Idade.

A nostalgia possibilita o reforço de suas identidades a partir da memória e da manutenção de fatos positivos que os indivíduos reconhecem como “seus”, isto é, fatos que dão sentido a sua existência (HAVLENA e HOLAK, 1991). Dessa forma, apesar das transições por que passam, as lembranças do passado promovem sentimentos de identificação que permanecem contínuos na vida dos indivíduos, mesmo em diferentes momentos do ciclo de vida.

4.6.4. Qualidade de Vida

A categoria “Qualidade de Vida” engloba significados positivos e negativos, que foram agrupados em duas grandes dimensões, correspondendo à saúde física e mental.

O primeiro eixo de significados é quase objetivo, ao englobar as questões relativas a exercício e atividade, pois embora não haja atividade física específica associada ao encontro musical, sua localização no parque permite que se faça uma caminhada, o que é registrado por alguns. Além disso, associa-se alguns benefícios físicos à atividade que emanam, possivelmente, do bem-estar

psicológico e que seriam não sentir mais dores no corpo, ou mesmo baixar a pressão arterial.

Um segundo eixo de significados dentro dessa categoria se refere à saúde mental, ao bem-estar, a “viver mais” (Walter), ou, simplesmente, a “viver”: “você não está morto, está vivendo” (Gisela). São inúmeras as menções, nas falas dos entrevistados, a aspectos relacionados à saúde. Por exemplo, Luciano considera que “contribui muito para a mente dos idosos”; Marta fala de “higiene mental” e Matilde vê como “terapia”. Como Doll (2007) observou, muitos indivíduos têm chegado à Terceira Idade em boas condições físicas e de saúde e têm procurado atividades que lhes permitam manter tais condições na velhice (SEARLE et al., 1998), como forma de garantir um processo de envelhecimento com saúde e bem-estar. Além disso, atualmente, os idosos têm se mostrado muito cuidadosos com a saúde e com a aparência, o que os ajuda a procurar alguma atividade física (MULLER, 1996).

Dentro da saúde mental, aparecem os sentimentos e sensações positivos oriundos de maior qualidade de vida: tranquilidade, novo ânimo, relaxamento, fortalecimento, estímulo, alento, enriquecimento e paz interior, porque “a música lava a alma da gente” (Marta), traz “outra mentalidade” (Artur). Ao discutir os significados sociopsicológicos nas escolhas de lazer, Venkatesh (2006) aborda o papel exercido pelo lazer para o relaxamento das pessoas, permitindo aos indivíduos desligarem a mente das responsabilidades cotidianas. Provonost (2011) também aponta que a decisão do consumo de lazer inclui o investimento na saúde psíquica e mental, proporcionando momentos de prazer e alegria, e possibilitando evadir-se das dificuldades e dos sofrimentos da vida.

Por fim, há a fuga de sentimentos negativos (tristeza, depressão e solidão), de “pensamentos ruins” (Artur), de “mágoas” (Matilde), de “problemas da vida” (Walter). É preciso fugir desses sentimentos, pensamentos e realidades, e a melhor forma de fazer isso é sair de casa, buscar a convivência com outras pessoas da mesma idade, que têm coisas em comum em sua experiência de vida. Na opinião dos entrevistados, o grupo de Seresta permite superar essas dificuldades, tornando-se um abrigo, um consolo, uma distração. Segundo Neder (2005), os idosos buscam na interação social uma forma de afastar-se dos problemas pessoais. Venkatesh (2006) também sugere que o lazer pode servir como importante escape para a vida mundana.

4.6.5. (Re) Construção da identidade

Segundo colocam Barnhart e Peñaloza (2013), cada vez que a pessoa de Terceira Idade realiza com sucesso uma atividade de consumo desejada por si mesma, ela reafirma sua capacidade física e cognitiva diante de si e dos outros, significando autonomia e valorização do “eu”. No caso do grupo de encontro musical, a participação na Seresta é recorrentemente descrita como um momento pessoal, escolhido pelo próprio entrevistado. Em alguns casos, o discurso revela o viés libertador que a escolha dessa atividade de lazer traz para o participante. Por exemplo, Almerinda ressalta que gosta de ser livre e independente. Ao começar a frequentar o grupo da Seresta no Palácio do Catete e ao se inserir como colaboradora, ela compreende que encontrou um lugar para viver um lazer escolhido por ela: “A Seresta é um programa que é meu”. Para Luciano, a possibilidade de escolha é o motor para que prossiga: “Escolho o que eu quero fazer, tenho o que fazer aqui e isso me estimula a estar sempre em movimento.”

A escolha da Seresta como forma de lazer que remete à liberdade encontra suporte nos resultados da pesquisa da Barnhart e Peñaloza (2013), que trouxeram à tona a resistência em relação às práticas de atividades imposta aos idosos pelas pessoas mais próximas, como familiares e cuidadores, que tendem a escolher o que as pessoas de mais idade podem fazer, a despeito daquilo que elas desejam fazer. As pessoas de Terceira Idade resistem às atividades impostas pelos outros porque se sentem inferiorizadas e, dessa forma, optam por posicionarem-se como forma de garantir a autonomia perante suas escolhas. O posicionamento em torno de suas escolhas revela uma forma encontrada pelos idosos para reforçar sua identidade. Esta também é a posição de Bauman (2005), ao sublinhar que é comum que, quando o indivíduo se percebe submetido a um tratamento de inferiorização, ele tenda a resistir, uma vez que a identidade é uma construção social que se revela por meio do discurso e das ações do indivíduo. Bauman (1999) sugere que o preenchimento das necessidades de autonomia pessoal, na busca por uma vida autêntica, pode ocorrer por meio do consumo de bens ou pela prática de atividades.

A questão da reconstrução de identidade se manifestou no discurso dos entrevistados por meio da descoberta do novo e pela superação de barreiras, levando a autorealização e fortalecimento da autoestima e do ego, e a renovado cuidado de si mesmo.

Na categoria “(re)construção da identidade” há quatro casos marcantes, que merecem ser mencionados individualmente: os de Alice, Elaine, Elizinha e Marta. Além deles, não se pode esquecer o Vivi, fundador do grupo. Estes entrevistados revelaram que a Seresta promoveu um encontro mais profundo consigo mesmos, propiciando, já na Terceira Idade, uma oportunidade de realização pessoal, que trouxe novo significado a suas vidas.

Vivi, o fundador do grupo de encontro musical no Palácio do Catete, acredita que a Seresta reorientou a sua vida. A opção por trabalhar com música trouxe uma série de dificuldades na vida em razão de não encontrar um espaço em que pudesse viver do dom que acredita possuir. Dessa forma, quando começou a se apresentar no Palácio do Catete aos finais de semana, observou o interesse das pessoas pelo estilo de música apresentado e percebeu que alguns estavam retornando para ouvi-lo. Vivi compreendeu então que havia uma boa oportunidade de expor seu trabalho naquele espaço. Ao conquistar um público mais cativo, a Seresta foi se consolidando no Palácio do Catete e se formou o grupo de encontro musical, que, aos poucos, adquiriu uma identidade coletiva (JENKINS, 2005). Os participantes foram se envolvendo com o músico de modo a viabilizar a iniciativa, de tal forma que o encontro começou a reunir muitas pessoas, sobretudo idosos que recorriam ao grupo para usufruir das diferentes dimensões que esta forma de lazer lhes proporcionava. Desta forma, Vivi conseguiu se realizar como músico com a criação da Seresta ao mesmo tempo em que também conseguiu o apoio financeiro necessário para manter-se com a música. Assim, como observam Giddens (2002) e Arnould e Thompson (2005), o encontro do seresteiro Vivi com os que começaram a formar o grupo de Seresta permitiu-lhes construir uma identidade comum motivada pelo desejo de continuidade do encontro musical.

O grupo permitiu a Alice superar os traumas de infância e cantar em público. Alice, que diz sempre ter tido esse desejo, encontrou no grupo de Seresta o espaço para se apresentar. O começo foi bastante desafiador (“eu cantava baixinho”), já que havia ficado 50 anos sem cantar, mas ela queria muito viver essa experiência. À medida que passava o tempo, ela foi ganhando confiança e se

apresentando melhor. Hoje, Alice vai ouvir música ao vivo na Seresta e se realiza por poder cantar para as pessoas no grupo, particularmente ao perceber que seu canto é apreciado. O sucesso fez com que ela passasse a se preocupar mais com sua apresentação pessoal, reforçando sua “autoestima”, seu “ego”. Para ela, o encontro com a música “foi uma dádiva”.

No caso de Elaine, o grupo de encontro musical permitiu reunir, já na Terceira Idade, a prática de atividades que lhe conferem prazer com a oportunidade de se dedicar profissionalmente à atividade de turismo. Elaine menciona que gosta de interagir com os outros e de ajudar, sendo assim “muita requisitada para qualquer coisa”. Às vezes, segundo ela, fica se policiando para não se envolver com as questões alheias e assumir como suas. Crê que passa “confiabilidade”, aceita “responsabilidade” e tem “espírito de liderança”. Quando encontrou a Seresta, Elaine gostou das relações que foram surgindo no ambiente e foi promovendo atividades para integração dos idosos. Depois, veio a ideia de fazer passeios, até que teve a oportunidade de trabalhar com turismo de uma forma mais profissional. Ela acha que seu trabalho “é considerado” e “está sendo reconhecido”. Em função disso, sente-se “aceita”, “querida”. A forma como Elaine se identifica com o grupo de Seresta caracteriza bem o processo de identificação individual que permite que o indivíduo se encontre “consigo mesmo” a partir de suas preferências (JENKINS, 2005). Esse processo promove impacto também na identificação coletiva, pois os indivíduos tendem a se cercar de outros com que se identificam, de modo a se reunir e formar um grupo coeso, imprimindo a ideia de unidade, mesmo que coexistam algumas diferenças individuais.

Elizinha, mais do que qualquer outro entrevistado, é quem melhor representa a categoria “(re)construção da identidade”. Ao se tornar cantora amadora, mas já com incursões profissionais, ela teve “a grande descoberta” de sua vida: “Agora eu vivo realmente. Antes, eu vivia a vida para os outros...”. Elizinha menciona que a Seresta abriu caminho para seu encontro pessoal com a música. Elizinha é um caso peculiar, pois somente depois de ser ouvida no coro da Seresta por Vivi e convidada a cantar, ela descobriu o seu potencial para cantar. Ao encontrar prazer em cantar, além do prazer de estar ouvindo, Elizinha foi a Casas de Convivência da Terceira Idade para fazer aula de canto e de instrumento. Nesse sentido, Elizinha foi se realizando com a música, que se tornou

efetivamente o “centro de sua vida”, o que não aconteceu de maneira planejada, mas sim de forma espontânea. Inclusive, ela considera o fato de ter gravado três CDs um “presente da vida”, pois nenhum deles foi idealizado, surgindo em forma de oportunidade como reconhecimento a seu talento. Atualmente, Elizinha se vê como uma mulher realizada e feliz, e tem uma vida muito intensa com as apresentações que é constantemente convidada a realizar. Nesse contexto, Elizinha passou por uma reestruturação identitária, em que a música, assim como as atividades relacionadas (aulas de canto, aulas de instrumento, produção de CDs, apresentações musicais etc.), serviram de principal motivador na direção do encontro com seu novo “eu”. Bauman (2005) já salientou que as identidades não são fixas, mas fluidas, e se modificam no tempo e no espaço. Nesse sentido, dada a experiência de encontro vivida, Elizinha não deixa de ir aos domingos se apresentar na Seresta, onde tudo começou. Holt (2002), por sua vez, pontua que a estruturação de uma identidade passa pela criação de significados atribuídos a coisas e atividades com que o indivíduo se identifica, que são úteis para transmitir seus valores e referenciá-los em seu contexto social.

Por sua vez, Marta menciona que o movimento da Seresta a encorajou a aprofundar sua relação com a música e com sua voz. Como desejava ser cantora, mas se tornou professora, foi no grupo de encontro musical que voltou à prática do canto. Depois de se apresentar na Seresta, ela se apresentou em festivais de música e gravou um CD amador. Firat e Venkatesh (1995) salientam que a identidade do indivíduo passa pela forma como este se vê e, nesse contexto, a autoidentificação como cantora está presente na identidade construída por Marta, o que também está relacionado à questão da identidade escolhida, de que fala Bauman (2005).

Os exemplos de Marta e de Elizinha mostram que a atividade com música desenvolvida e motivada pela Seresta fomentou a produção de seus CDs. Conforme destacado por Colbert (2012), a produção amadora de um produto artístico está intimamente relacionada ao desejo de auto realização do artista. Este aspecto fica evidente no discurso das entrevistadas, pois revela que o principal desejo ao produzir os CDs era divulgar e partilhar sua música. No caso de Elizinha, tal aspecto é ainda mais evidenciado, pois, em todos os casos, ela foi convidada a produzir os seus CDs. Entretanto, apesar de produzir e lançar os CDs para venda, Marta e Elizinha praticaram um preço simbólico, sugerindo que a

ideia é a exibição da arte e não a comercialização do produto em si (COLBERT, 2012). A participação no grupo foi importante, inclusive, para a venda dos CDs a seus frequentadores.

4.6.6. Aprendizado

A última categoria identificada, entre os significados atribuídos pelos idosos ao encontro musical, foi a oportunidade de aprendizado. Estudos recentes também sugerem que os consumidores de Terceira Idade podem buscar atividades novas nessa fase da vida por meio de, entre outras coisas, aprendizado e auto realização (BIRTWISTLE e TSIM, 2005; FOX, ROSCOE e FEIGENBAUM, 1984; MYERS e LUMBERS, 2008) e, para tal, as atividades de lazer podem ser um importante caminho para concretização desse percurso (HORNEMAN, CARTER, WEI e RUYS, 2002).

Alguns entrevistados destacam que a participação no grupo de seresta abriu caminho para o aprendizado musical. A seresta proporcionou a possibilidade de os participantes aprenderem a cantar em público, como no caso de Alice, Elizinha e Walter. No caso de Elizinha, este envolvimento ajudou em suas apresentações como cantora amadora. Alice também entrou em aulas de canto e se desenvolveu melhor como cantora amadora. Além disso, o envolvimento com a atividade da seresta fez alguns entrevistados ingressarem ou desejarem ingressar em aulas de canto e de instrumentos, como Elizinha, Matilde e Walter. Gergen e Gergen (2000) defendem que a participação ativa de idosos em várias atividades sociais, incluindo aquelas que gerem aprendizado, caracteriza o que vem sendo chamado de “envelhecimento positivo”.

No mesmo sentido, Venkatesh (2006), ao discutir os significados do lazer, destaca que este pode ser escolhido em função da novidade e da instrução que oferece. Foi o que ocorreu com Matilde e Walter, em quem a seresta despertou o desejo de aprender mais sobre música. Matilde se sentiu naturalmente inspirada a ter aulas de canto, enquanto Walter comprou um violão e deseja aprender a tocar o instrumento. Por sua vez, a seresta despertou em Jorge o desejo de aprender mais sobre músicas antigas, levando-o a pesquisar na internet. Vale mencionar, ainda, o

aprendizado de Elizinha com a produção de seus três CDs amadores, que serviu como meio importante para divulgação de sua arte, ao mesmo tempo em que a atividade de lazer se revela a expressão de uma atividade artística manifestada como forma de auto-realização (COLBERT, 2012).

Searle et al. (1998) sugerem que o lazer ensina o idoso a ter senso de independência e de bem-estar psicológico. Aquilo que for aprendido por meio de atividades de lazer tem o potencial de manter a independência do idoso, refletindo-se em sensação de bem-estar. Percebi claramente, no discurso de alguns entrevistados da seresta estes benefícios no aprendizado no ambiente social de lazer, como nos seguintes depoimentos: “aprende a lidar com os diferentes tipos de pessoas” (Marta), “ajuda a saber conviver com cada um” (Justina); “se vive o lazer enquanto se aprende sobre muitas coisas: a história do parque, da música” (Luciano). Nesse sentido, o lazer também surge como oportunidade de aprendizado na Terceira Idade e, assim, contribui para maior satisfação na vida pessoal e social, tal como Searle et al. (1998) identificaram em sua pesquisa.

Outro ponto que identifiquei neste grupo foi o aprendizado social, quando os entrevistados mencionaram que a seresta permite “aprender com a experiência do outro e, assim, entender o outro lado da vida” (Gisela); “aprende-se muita coisa cantando [...] a respeitar as pessoas, tratar com carinho [...]” (Alice); “aqui se aprende sobre a música e sobre a vida” (Jorge); “aqui se aprende o que nunca aprendi durante toda a minha vida [...] porque eu servi uma pessoa que me deu tanto carinho” (Luciano).

5

A Dança de Salão para a Terceira Idade: Ballet Dalal Achcar

Este capítulo apresenta os resultados da observação participante realizada no período de agosto de 2013 a dezembro de 2013 nas aulas de dança de salão que aconteciam no Centro de Arte e Cultura Ballet Dalal Achcar, ministradas pela professora Dorinha, com ajuda de professores assistentes. Da mesma forma que com relação ao grupo de seresta, convivi durante um período de um semestre com os alunos e os professores da aula de dança de salão, período em que tive a oportunidade de realizar entrevistas em profundidade – gravadas e transcritas – com 16 idosos participantes do grupo, que contribuíram para que eu fosse construindo um entendimento da forma pela qual o grupo se articulava e a identificar os significados atribuídos à dança de salão pelos participantes. Conversei informalmente com a professora Dorinha, que tem um projeto para inclusão de idosos na aula de dança de salão. Também tive várias conversas informais com outros alunos e professores assistentes no decorrer da observação participante. Essas observações não foram gravadas e transcritas, como no caso dos 16 informantes, mas foram registradas em meu diário de campo.

O capítulo se inicia com uma apresentação da academia de dança Dalal Achcar, onde a observação participante ocorreu, para apresentar, em seguida, a dinâmica das aulas durante minha participação. Em seguida, falo de cada um dos 16 alunos de aula de dança entrevistados e apresento minha interpretação de como se dá a dinâmica do grupo. Por fim, encerro este capítulo descrevendo os significados atribuídos a esse tipo de lazer pelos idosos na pesquisa.

5.1.

A Academia de Dança Dalal Achcar

A escola de dança Dalal Achcar fica na Gávea, bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O nome oficial da escola é Centro de Arte e Cultura Ballet

Dalal Achcar, sendo considerada uma das principais referências no ensino do ballet clássico no país. A escola leva o nome de sua fundadora, que foi uma bailarina que seguiu o estilo do ballet russo. Depois de formada, Dalal Achcar se dedicou à conscientização da necessidade de fomentar escolas de dança no Brasil que primassem pela qualidade de ensino. Fundou a escola de dança na Gávea e atuou como diretora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Fotografia 7: Academia de Dança Dalal Achcar

Entrada Externa e Interna



Fonte: Carioca DNA. Disponível em <<http://www.cariocadna.com/editorias/sport/work-out/ballet-fitness-2/nggallery/slideshow>>. Agenda: Ballet Fitness. Acesso em 16/02/2015.

A academia de dança na Gávea foi fundada em 1971, tendo o ballet como a principal oferta da escola. Com o tempo, outras atividades foram sendo oferecidas, tais como alongamento, jazz, sapateado, dança espanhola, jiu-jitsu, ginástica natural, hidroginástica e dança de salão. As diferentes modalidades oferecidas na academia são consideradas como cursos livres voltados para diferentes faixas etárias, buscando atender diferentes objetivos, como aprender a dançar, buscar manter a forma física, ou diminuição do estresse (DALAL ACHCAR, 2015).

Fotografia 8: Academia de Dança Dalal Achcar

Antessala e Sala de Dança



Fonte: Carioca DNA. Disponível em <<http://www.cariocadna.com/editorias/sport/work-out/ballet-fitness-2/nggallery/slideshow>>. Agenda: Ballet Fitness. Acesso em 16/02/2015.

As aulas de dança de salão são oferecidas pela professora Dorinha. Dorinha tem um projeto para incentivar pessoas de Terceira Idade a fazerem dança de salão como forma de cuidado com a saúde. Ela também dá aulas de dança em outros espaços, tendo a academia Dahal Achcar se interessado pelo projeto e incentivado Dorinha a ter uma turma também em sua escola. Apesar de o foco de Dorinha estar em ensinar dança para a Terceira Idade, as aulas de dança de salão na academia Dahal Achcar estão abertas para outras faixas etárias, diferentemente de outros espaços em que Dorinha ensina dança de salão. Sobre essa questão, conforme registrei em meu diário de campo, tive oportunidade de conversar com Dorinha, que esclareceu:

Aqui na Dahal Achcar temos alunos de todas as idades, inclusive um menino que quis aprender a dançar cedo! Uma graça... A maioria é, sem dúvida, de idosos porque é o público que mais tem despertado o interesse para dança. Mas, temos adultos e alguns jovens também... Eu acho interessante, pois na outra aula só tenho alunos com mais de sessenta anos, e assim amplio um pouco minha perspectiva, mas o apelo para saúde é o mesmo... Dançar faz muito bem para o corpo e para alma.

Participei das aulas de dança de salão na academia Dahal Achcar, com a professora Dorinha, por todo um semestre. Os encontros aconteciam uma vez na semana, com início às sete e meia da noite e se estendendo até as nove horas, sempre às segundas-feiras.

5.2. As Aulas da Dança de Salão

As aulas de dança de salão atraem pessoas interessadas em aprender a dançar diferentes ritmos musicais que podem ser executados em salões por um par de dançarinos. A dança de salão inclui variados tipos de dança, tais como samba de gafieira, forró, valsa, bolero, tango, jazz, chachachá, soltinho, lambada, zouk, rumba e maxixe, entre outras. Nesse sentido, a dança de salão pode incluir desde danças mais clássicas até as danças mais populares (SOUZA, 2010).

Dorinha dispõe de dois professores assistentes para ajudarem nas aulas da academia Dalal Achcar, tendo em vista que o número de damas é mais que o dobro do número de cavalheiros inscritos. As aulas de dança de salão são compostas por diferentes ritmos musicais, mas considerando que a maioria dos alunos é de Terceira Idade, os ritmos mais recorrentes são o bolero, a valsa, o forró, o soltinho e o samba. Eventualmente, outros ritmos são contemplados e os passos ensinados, principalmente as diversas variações do forró e do samba.

Fotografia 9: Ensaio de Passos de Bolero



Fonte: Acervo do Pesquisador. Aula de 21/10/2013.

Durantes as aulas, os alunos se revezam em dançar com os colegas. Assim, tive a experiência de dançar com idosas que já se encontravam em estágios mais

avançados do aprendizado de dança de salão. Essas alunas me incentivavam a continuar, elogiando os acertos e dando dicas para fazer bem os passos mais difíceis. Além disso, também tive a oportunidade de dançar com idosas que não dominavam a dança, realizando com elas apenas os passos mais básicos.

É interessante destacar que muitas idosas tinham dificuldades em aprender os passos dos ritmos de dança que eram trabalhados; algumas, inclusive, já frequentavam há bastante tempo, mas avançavam pouco. Entretanto, mesmo participando das aulas de dança há alguns anos, a professora e os assistentes, bem como os colegas, procuravam incentivá-las a continuar praticando. A professora Dorinha explica as razões disso, conforme as anotações do meu diário de campo:

A Terceira Idade não busca a aula de dança de salão apenas para aprender a dançar. Eles estão aqui para viver, conhecer suas capacidades, desenvolver suas habilidades, investir em sua saúde, fazer amigos. E tudo isso fazendo algo que dá prazer, em um ambiente divertido. Aprender a dançar não é o mais importante, estar aqui e continuar praticando é que é. Dançar é uma atividade aeróbica que ajuda a exercitar o corpo, a distração e a atenção para aprender os passos, além do nosso apoio e também do apoio dos colegas, que é uma motivação a mais para que eles continuem a fazer a aula.

Dorinha me contou que escolheu trabalhar com o segmento de Terceira Idade porque acredita que a dança de salão traz muitos benefícios à saúde dos idosos. Ao perceber os bons resultados obtidos com alguns idosos que foram seus alunos, ela teve a ideia de abrir turmas específicas para a Terceira Idade, conforme a fala a seguir, que não foi gravada, mas que registrei no meu diário de campo:

O show não pode parar! Os idosos de hoje estão chegando à Terceira Idade cheios de vitalidade e energia. Por isso, é preciso se dedicar a atividades que lhe ajudem a permanecerem saudáveis. A dança é ótima para isso, porque movimenta o corpo, ajuda o idoso a se exercitar, mais do que isso, a aula de dança é um espaço para eles se relacionarem. Nessa idade, é muito bom, porque as famílias, em geral, não tem tempo. Nessa idade, grande parte das enfermidades, elas são causadas por problemas emocionais, as chamadas doenças psicossomáticas. Então, com a dança, os idosos fazem amigos, se divertem, aprendem ao som de música. Eu trabalho a autoestima deles. Tudo isso ajuda a combater as doenças psicossomáticas. Eu acho que a gente tem muito para viver depois do sessenta anos e, dependendo da gente, a vida tem que ser vivida com muita alegria e muita saúde.

Ela acredita que só estar ali se esforçando para aprender, ajudando e sendo ajudado, contribui para a autoestima dos idosos: “saber que você ainda dá conta e acredita em si mesmo é fundamental para ser pleno consigo mesmo”.

Nas aulas de dança, é comum as pessoas irem se conhecendo e procurarem saber sobre os demais. Muitos alunos estão conectados em *sites* de relacionamento, principalmente o Facebook, e trocam contatos. Esse fenômeno, de alguma forma, contribui para a inclusão digital dos demais, pois aqueles idosos que ainda não têm um perfil na rede social logo se animam a participar.

Como na turma há mais damas que cavalheiros, algumas idosas reclamam que os cavalheiros não fazem par com elas. Embora os professores assistentes se esforcem para dançar com cada dama, é muito comum não conseguirem atender a todas, tendo em vista a dinâmica das aulas, que além da dança com pares, envolve também aprendizagem de passos novos. Durante a introdução de novos passos, os alunos acompanham as orientações dos professores e dançam individualmente ensaiando os passos a cada instrução. Somente após as orientações iniciais, ocorre um treinamento com pares. Dessa forma, nem sempre os cavalheiros presentes, entre assistentes e outros alunos, conseguem atender a todas as damas. Nesse caso, é comum as damas dançarem entre si, sendo que uma passa a conduzir, assumindo a posição de cavalheiro.

Fotografia 10: Praticando Passos de Dança em Pares



Fonte: Acervo do Pesquisador. Aula de 21/10/2013.

Dorinha segue o mesmo método em quase todas as aulas. Começa ensinando passos novos ou, conforme o caso, reforçando os passos de um estilo que começou a ensinar há pouco tempo. De acordo com os avanços da turma, passos mais ousados relacionados aos ritmos podem ser introduzidos também nesse momento inicial. O momento seguinte é dedicado a dançar as músicas com parceiros, visando à prática dos passos ensinados no início da aula, bem como a reforçar os passos anteriormente aprendidos. Mas, ao final, é possível que Dorinha permita algumas variações, mesclando músicas de ritmos já ensinados. Entretanto, isso ocorre apenas algumas vezes. O foco principal encontra-se em ensinar os passos do tipo de música que está sendo introduzido, o que normalmente demanda uma aula inteira.

Ao final da aula, Dorinha interrompe a música e pede para formar a “roda da saúde”. Nesse momento, todos os alunos dão as mãos e formam uma roda, e ela dá os avisos finais e realiza uma pequena confraternização de incentivo. Alguém é sempre colocado no meio, por alguma razão (aniversariante, aluno novo, alguém que se destacou naquela aula etc.). Para se despedir, os alunos levantam a mão e se aproximam até se encostarem em quem se encontra no meio da roda, representando um grande abraço coletivo, momento em que todos falam em voz alta: “Saúde!”.

Ficou claro para mim que as aulas transcendem o aprendizado dos passos da dança de salão. A turma se torna um grupo de amigos com um interesse comum, em que a música e a dança representam uma oportunidade de investimento em saúde física, mental e social, conforme já apontado em outras pesquisas sobre o tema (BALLSTAEDT, 2007; CHICK, 1998; FOX, ROSCOE e FEIGENBAUM, 1984; MYERS e LUMBERS, 2008; NEDER, 2005; NAM et al., 2007; PETER e OLSON, 2009; SOLOMON, 2011; ZALTZMAN e MOTTA, 1996).

5.3.

O Ambiente e a Interação entre os Alunos de Dança

Na aula de dança, assumi diferentes papéis: ora acompanhava as aulas, dançando com os outros alunos, ora sentava para “descansar”, momentos que

proveitei para conversar com outros alunos e tirar fotos. Algumas das conversas revelaram que os homens idosos da turma geralmente preferiam o samba, enquanto as mulheres gostavam mais do bolero. Os cavalheiros iniciantes comentavam sempre que para mulheres é muito mais fácil aprender a dançar, pois na dança é o cavalheiro que conduz a dama. Nesse sentido, entendiam que a aula exigia mais dos homens.

Sandro gosta de convidar as pessoas para irem a locais que têm espaço para confraternizar e dançar, informando sobre rodas de sambas, festas com músicas, encontros musicais etc. Ele me disse que o grupo já foi a bailes organizados para alunos de academias de dança de salão, tendo a oportunidade de interagir com alunos de outras escolas. Há interesse do grupo em identificar outros bailes dessa natureza, de tal forma que, se alguém obtém alguma notícia a esse respeito, passa imediatamente aos demais. Outra forma de confraternização são reuniões organizadas nas casas dos próprios alunos, principalmente nas férias, quando as aulas são suspensas. É comum também, por ocasião de um aniversário, haver uma festa surpresa ao final da aula.

Os limites impostos pela qualificação do parceiro na dança criam algumas diferenças entre os alunos. Algumas damas se mostram mais generosas que outras e ajudam os cavalheiros iniciantes a aprenderem os passos, ensinando a conduzir e a acompanhar o ritmo da música, e estimulando a prosseguir. Outras damas, contudo, evitam os iniciantes, dando preferência aos cavalheiros mais experientes em dança de salão.

As aulas aparecem como uma oportunidade de curtir a vida e se desligar de compromissos e questões pessoais, como observou Vania: “Eu nunca falto às aulas de dança, porque vir aqui me tira as preocupações, esqueço de tudo. Eu esvazio a minha mente e vivo o momento. A dançar me dá muita alegria e prazer, eu me imagino em um salão de festa”. E Fernanda: “Aprender a dança é libertador, nada me chateia, e eu me sinto livre, como se eu estivesse nas nuvens, eu viajo com a música e com os passos da dança”.

Vania e Fernanda são amigas e sócias em uma empresa de arquitetura. Vania é bastante dedicada à atividade física, praticando ginástica e musculação há muitos anos. Contudo, ela diz que desejou por muitos anos fazer aulas de dança porque acha muito bonito. Fernanda, por sua vez, diz-se resistente à atividade física e encontrou na dança uma forma prazerosa de se exercitar. Contudo, Vania

acha que foi muito boa para ela a insistência da amiga, porque até então a vontade de fazer aulas de dança ficava tão somente no desejo e, com o incentivo da amiga, Vania finalmente deu início à atividade.

Algo que contribui para motivar os alunos para as aulas é fazer passos novos que valorizem a beleza de dançar. A dança surge como forma de expressar a arte, revelando-se em coreografias e balanços do corpo de forma rítmica e em sintonia com o parceiro. Anotei no diário de campo o comentário de Amélia:

Na última aula, foram ensinados passos mais avançados de bolero e eu ficava encantada vendo as pessoas dançando com o assistente da professora. Que belo! Eu via e pensava quando seria a minha vez... Até que eu dancei com ele também e quando ele me rodou, eu me senti uma mulher muito feliz, desejava ser vista, que as pessoas achassem bonito! Eu me senti uma artista!

Durante a observação participante, em uma única ocasião, houve uma aula que tinha mais cavalheiros do que damas. Segundo Dorinha, é caso raro. Foi uma aula muito divertida porque as damas eram concorridas, e as pessoas brincavam e interagiam o tempo inteiro. Havia revezamento de damas e a própria Dorinha participou da dança de forma mais intensa. Nessa aula, os homens que sabiam conduzir eram os mais concorridos, mas todos dançaram animadamente, dado que Dorinha e sua assistente dedicaram um tempo maior aos iniciantes.

Na última aula do período, Dorinha anunciou, no início, que seria composta por três boleros, três sambas, três forrós, e, depois, por músicas dançantes a pedido dos alunos. Dancei com Ana, que é assistente social e já completou sessenta anos, ingressando formalmente na Terceira Idade. Ana dança há muitos anos e está ali pelo prazer de dançar. Ela faz outra aula em outra escola de dança, além da Academia Dalal Achcar, onde já está há três anos. Ana tem uma aparência muito jovem e é uma pessoa muito dinâmica, dança vários ritmos e afirma que a dança é parte muito importante de sua vida. Aposentada, investe tempo dançando e isso é uma forma de ficar ativa e ter uma vida social intensa.

Dancei com diversas damas na última aula, até que dancei com Joana, uma senhora muito simpática com quem já tinha dançando em outras aulas. Joana informou que dança “para aprender”, mas que só vai mesmo porque acompanha a irmã e a cunhada, que também fazem a aula. Registrei no diário de campo parte da

conversa: “Eu curto passar o tempo aqui e fazer amizades, é também uma forma de passear... Eu acho que dançar é bom para se distrair!”. Já sua irmã, Letícia, praticamente não dança. Letícia participa de uma música ou outra, dança com o assistente da professora, e depois fica sentada conversando. Para Joana, os interesses com relação à dança de salão são outros: “Ela só se matriculou mesmo para sair de casa”.

Dancei também com a cunhada de Joana, Fernanda, que se mostra desejosa de conhecer pessoas, mas não é muito animada com a dança propriamente dita. Fernanda não se interessa em praticar novos passos, reproduz apenas os passos mais simples e curte o momento da dança de forma prazerosa, sem se cobrar passos sofisticados. Planeja aumentar sua carga horária para o próximo ano: “uma vez na semana é muito pouco, eu quero mais aulas. Eu acho que vai me ajudar a praticar mais e vou aprender melhor”.

Nesta última aula, tive a oportunidade de dançar novamente com Dorinha, que brincou um pouco, como era seu costume e depois me ensinou passos de samba. Depois, um ajudante novo, chamado Ferreirinha, me ensinou alguns últimos passos de dança individual, o que foi acompanhado por vários alunos. O grupo todo interagiu, revelando uma intimidade construída ao longo do período de convivência e cumplicidade entre os alunos.

Também aproveitei a última aula para conversar sobre questões que ainda me intrigavam e para tirar as últimas fotos do grupo dançando e do ambiente das aulas.

5.4. Os Idosos Entrevistados na Aula de Dança de Salão

Realizei entrevistas em profundidade com dezesseis pessoas do grupo de participantes das aulas de dança de salão, dos quais nove são mulheres e sete são homens. O Quadro 4 apresenta dados demográficos dos entrevistados.

Quadro 4: Perfil dos Entrevistados do Grupo de Dança de Salão

Entrevistado	Idade	Gênero	Formação	Ocupação	Bairro	Menciona família	Renda
Alberto	72	M	Graduado em Administração	Funcionário de universidade Aposentado	Gávea	Mora sozinho (viúvo)	R\$ 4.000
Amélia	71	F	Ensino Fundamental	Pensionista	Gávea	Mora com o filho	R\$ 2.100
Alvaro	64	M	Ensino Médio Técnico em Mecânica	Trabalha no ramo de móveis para cabelereiro	Jacarepaguá	Mora sozinho	R\$ 4.500
Aurélia	75	F	Graduada em Música	Professora de piano aposentada e pensionista	Leblon	Mora sozinha (viúva)	R\$ 10.000
Elias	76	M	Ciências Econômicas e Ciências Contábeis	Contador Aposentado	Botafogo	Mora com a mulher	R\$ 6.000
Elza	66	F	Ensino Médio	Do lar	Catete	Mora com o marido	R\$ 2.800
Fernanda	60	F	Arquiteta	Sócia de empresa de arquitetura	Gávea	Mora com o marido e dois filhos	R\$ 9.500
Helena	66	F	Psicóloga	Secretária Executiva aposentada	Gávea	Mora com o filho	R\$ 4.800
Leone	81	M	Bacharel em Teologia	Aposentado	Botafogo	Mora sozinho	R\$ 1.000
Lucia	80	F	Contadora	Pensionista	Leblon	Mora com dois filhos	R\$ 3.000
Margarida	72	F	Pedagoga	Professora aposentada	Botafogo	Mora com o marido	R\$ 3.500
Rogério	83	M	Ensino Médio	Adjunto de contabilidade e aposentado	Gávea	Mora com a mulher	R\$ 11.500
Sandro	61	M	Graduado em Direito	Funcionário de hospital	Rio Centro	Mora com a mulher e a filha	R\$ 4.000
Sérgio	64	M	Ensino Fundamental	Funcionário de empresa aposentado	Catete	Mora com a mulher	R\$ 2.300
Vania	74	F	Ensino Médio Completo e cursos de Decoração	Sócia em uma loja de arquitetura: responsável decoração de interiores	Leblon	Mora sozinha (viúva)	R\$ 9.300,00
Zeni	72	F	Ensino Fundamental	Secretária de Paróquia Aposentada	Gávea	Mora com o filho	R\$ 4.000

Fonte: Elaboração própria.

O perfil econômico dos entrevistados do grupo de alunos de dança de salão mostra pouca variação em comparação com o grupo de seresta. À luz da classificação socioeconômica da ABEP (2013), conhecida como Critério Brasil, os entrevistados pertencem predominantemente aos estratos superiores da classe média (B1 e B2) e classe alta (A), havendo apenas três informantes com renda inferior a R\$ 2.654,00, valor de renda limite da Classe B2, segundo o Critério Brasil. Entre eles estão Amélia e Sérgio, que informaram possuir rendas de R\$ 2.100,00 e de R\$ 2.300,00, respectivamente, sendo classificados na Classe C1, enquanto Leone informou dispor de renda em torno de R\$ 1.000,00, sendo classificado na Classe C2.

A maior parte dos entrevistados mora com a família, companheiro e, em alguns casos, com filhos que ainda não deixaram a casa dos pais. Cinco entrevistados moram sozinhos.

Como a Academia Dalal Achcar fica no bairro da Gávea, a maior parte dos alunos reside na Zona Sul da cidade. Entretanto, provêm não apenas dos bairros próximos da Gávea, mas também de bairros mais distantes. Dois entrevistados residem fora da Zona Sul da cidade.

A seguir, apresenta-se cada entrevistado do grupo de dança de salão individualmente.

- **Alberto**

Alberto tem 72 anos e nasceu no interior do estado do Rio de Janeiro. Veio morar no bairro da Gávea, onde conseguiu emprego, estudou e se graduou em Administração.

Alberto me contou que nunca foi muito hábil com a dança e que, quando jovem, apenas se permitia “brincar” ao ritmo da música. Após ficar viúvo, como se sentia muito sozinho, decidiu aprender a dançar:

Eu comecei a caminhar na praia e ficar na orla conversando com os amigos. O pessoal se reunia para beber e cantar e, às vezes, surgia uma roda de dança. Então, veio daí a minha motivação pra fazer a dança de salão. Como eu estava dizendo, eu tinha vontade de dançar e tinha vergonha.

Alberto me disse que sempre desejou muito dançar e chegou a frequentar alguns bailes com colegas de trabalho, mas não pôde se dedicar porque, na época, sua mulher ainda era viva e não apoiou.

Eu comecei a aprender a dançar no baile, todo mundo dançando e eu tropeçando no pé da dama. Eu ficava com vergonha. Eu pensei, “bom, eu vou e quem quiser rir de mim, que ria... Estou aprendendo”. Então, entrei [em aulas de dança] e depois comecei a ir a bailes... Engraçado, a minha esposa não queria não. Eu dizia: “Vamos lá, vamos!”, ela respondia: “Eu não...”. Então, decidi: “Eu vou no baile, vou sozinho”. Eu ia com os colegas. Depois de um tempo, ela disse: “Ah, esse negócio que você está indo pra baile, chegando tarde da noite, não está legal. Pode parar com isso”. Aí, começou a dar em cima. Eu tive que parar. Dançava só nas aulas. Foi quando ela começou a dançar nas aulas também, depois comecei a levar ela pouco a pouco nos bailes. Nos bailes que tinha, do Olímpia, Anchieta... Mas, logo que ela se abriu [para a dança], ela faleceu...

Alberto soube das aulas de dança da academia Dalal Achcar por meio de uma vizinha, também idosa. Ele ficou interessado, pois viu ali uma oportunidade de preencher o tempo com uma atividade aeróbica que apreciava. Tendo aulas há quatro anos, Alberto afirma que seu objetivo ao praticar a dança de salão é se exercitar, se divertir e mexer o corpo, mas não tem grandes pretensões:

Não desejo aprender a dançar prioritariamente... A gente sempre aprende um pouco mais. Mas não é prioridade aprender a dançar. Participar do grupo, convivência mesmo, e praticar uma atividade física.

Alberto precisou se afastar da dança porque operou a coluna, mas seus médicos recomendaram que fizesse atividades físicas, entre eles a dança e a natação. A princípio buscou ritmos mais leves, mas depois sentiu que estava voltando ao seu ritmo naturalmente:

Eu estava com problema de coluna e médico falou pra eu não nadar, pois eu gosto de nadar. Aí, eu voltei para dança. Eu acho importante porque se a gente fica muito parado, enferruja. Com a dança, bate um papo nas aulas e conversa durante a dança, a gente ri e descontraí. A dança é uma coisa boa, porque exercita e é um lazer... Vou nadar agora novamente também. Eu fui em outro médico que disse: “Rapaz, você deve nadar sim”. Só está dependendo agora de arranjar atestado médico pra começar. Eles querem o atestado do cardiologista por causa da idade.

Eu vejo benefícios práticos [com a dança]. No próprio corpo, por exemplo. Eu tenho problema na coluna e estou com problema nessa perna aqui meio travando, dolorida. E eu já percebi que quando eu danço, melhora um pouco porque libera, me movimenta.

Ele também se percebe mais desinibido em diferentes situações, como, por exemplo, ao convidar uma senhora para dançar, e em seu relacionamento com outras pessoas:

A vida está melhor... Está melhor no sentido de me aceitar mais como sou. Meu irmão comprou... Como é que chama? Um “muquifo”, em um local de praia... Às vezes, ele me chama pra ir pra lá, eu vou com ele. Ele comprou uma lancha, é uma praia muito boa. Nado... Me descontraio... E ele gosta quando vou junto. Com a dança, eu me libertei um pouco para fazer amizade com as pessoas e me relacionar. “Você chega e agita o ambiente... Chegou o irmão divertido”. Incentivo a turma a botar uma música, tomar uma cerveja e quando nos damos conta, eu estou dançando.

Eu tinha muita vergonha de dançar. A impressão que eu tinha é que estava todo mundo me reparando, menos eu. A partir do momento que eu comecei a dançar, quando eu junto com a rapaziada, eu vou lá e danço, pode olhar quem quiser se eu estou dançando errado. Eu tenho liberdade de chegar [chamar a dama para dançar]. As aulas me dão descontração mesmo, tira a inibição. Por exemplo, eu participo também da aula de percussão. Eu comecei a ir, tocar pandeiro. Eu tinha vergonha de pegar no pandeiro, mas sempre curti o som e tocar assim [imita o som]. Hoje eu, por exemplo, estava com visita essa semana, fomos ali para o Jobim. Passaram uns caras tocando bandolim, pandeiro. Aí eu comecei lá na mesa batucando. Aí eles: “ah, pega aqui, bate aqui”. Me deram o pandeiro. Por isso, eu acho que depois da aula de dança, eu fiquei mais desinibido, eu tenho mais liberdade.

A dança passou assim a ter um significado especial para Alberto:

A dança foi um encontro... Encontro sim, pois tenho alegria e descontração. Gera um prazer estar com o pessoal nas aulas e a própria dança também. Você dançar e fazer os passos, dá prazer. É uma satisfação interna. Você está proporcionando a si mesmo e também à outra pessoa aquela interação conjunta... Eu acho que a dança exercita corpo e também a mente. Acho que são dois pontos fortes da dança. Você está dançando, você se descontraí, ri. Para a mente é bom e para o corpo também, pelo movimento que se faz do corpo.

Ele também valoriza o ambiente da academia de dança. E quando há algum evento de dança promovido pela escola, Alberto tenta prestigiar, porque sabe que nessas festas as pessoas se conhecem mais, divertem-se, conversam etc. Para ele, as aulas de dança de salão representam um espaço de inserção social, em que é possível fazer novas amizades, sobretudo considerando o interesse comum na dança.

- **Amélia**

Amélia tem 71 anos de idade, casou-se cedo e tem um filho, com quem vive. Nunca trabalhou, tendo se dedicado aos afazeres domésticos e ao filho. Ao ficar viúva, passou a viver da pensão que o marido deixou. Acha que foi feliz. No entanto, diz que vive agora a melhor fase de sua vida, pois se sente muito mais do que no passado. Ela argumenta que tanto o pai quanto o marido tinham uma postura que classificou de “machista”. Diante disso, buscando evitar certos desgastes, optou por se dedicar à família e, em especial, à criação do filho, opção que afirma lhe ter rendido muitas alegrias. Entretanto, viúva e com o filho criado, Amélia se sente mais à vontade para dedicar parte de seu tempo a atividades de lazer e entretenimento, sendo a principal delas a dança de salão:

Fui procurar alguma atividade para os idosos. Comecei a visitar academias. Descobri a dança, descobri as atividades para o físico. E descobri muitas coisas para os idosos. Principalmente a dança. A dança, quando eu vi, foi uma maravilha, porque você se diverte e faz atividade física junto! Porque, quando era moça, novinha, nossos pais não deixavam a gente dançar. Moça de família não ia a festa. Só se fosse muito em família... Então, eu não sabia dançar muito. Sabia dançar assim: arrastar um pouquinho, um forrozinho. Mas, dançar mesmo, eu estou aprendendo agora.

Amélia esclarece que a dança surgiu de forma inusitada em sua vida. Ela conta que estava cansada de ficar em casa, quando foi incentivada pelo filho a procurar alguma coisa para se dedicar. Inicialmente pensou em procurar uma academia de ginástica com algum pacote específico para pessoas de Terceira Idade. Ao visitar as academias, percebeu que muitos idosos frequentavam aulas de dança de salão. Foi então que resolveu procurar aulas de dança de salão:

Meu filho me ajuda muito. Ele me incentiva a não ficar em casa parada. Por isso, eu fui procurar uma atividade para idosos. Ele não é contra nada que eu faça. Você tem que sair pra ver as coisas. Você compartilha com outra pessoa. Compartilha com seu amigo, sua amiga. Você dança, você se diverte. É muito bom.

Ao começar a frequentar a escola de dança de salão, Amélia foi descobrindo a dança, sentindo-se mais motivada à medida que percebia seu desenvolvimento nas aulas. Ela sentiu que “levava jeito para dançar” e começou a se dedicar à

dança na academia e fora dela, treinando em casa, participando de eventos e encontros de dança divulgados na escola ou a convite de amigos.

A decisão de ficar na aula de dança foi porque experimentei e amei. A aula de dança, eu descobri que é uma coisa muito alegre. Você esquece toda preocupação. Às vezes, você passa por um momento triste, um momento familiar – marido, amigos, filho mesmo ou família. Eu já ouvi muita conversa sobre isso lá. Ali, você esquece tudo, fecha os olhos, aí você está se divertindo, ouvindo aquela música... você dançando! Ah, coisa maravilhosa! Muito bom! [...] Eu incentivo a participação em outros eventos pra Terceira Idade, que são organizados pela escola. Isso ajuda a aprender cada vez mais. A aprender cada vez mais porque se dança com pessoas diferentes, que aprenderam de outro jeito, e ficam incentivando outras pessoas a fazerem a dança, porque a dança traz muita coisa boa.

Amélia dança há cinco anos seguidos e diz que já aprendeu vários ritmos. Ela conta que gosta de dançar com todos os colegas, desde o mais experiente até o iniciante. Diz sentir um “prazer inexplicável” em dividir um pouco do que sabe com quem está começando. Ela conta que, além do bolero, já consegue dançar muito bem o samba e o forró, mas considera o tango o ritmo mais desafiante:

Eu comecei a dançar há cinco anos, e dei continuidade sem parar. Eu acho que agora eu já sei um pouquinho. Por isso, eu fico incentivando outras pessoas a fazerem a dança porque a dança te traz muita coisa boa. Partilhar isso com o outro. Amigos e amigas. Quando chega algum aluno novo gosto de ensinar aquilo que eu sei. Porque a pessoa no começo não sabe dançar nenhum passinho. Aí entra um, entra outro, ensina alguma coisa e a pessoa vai aprendendo. Aquela pessoa fica alegre, fica satisfeita.

Amélia sublinha que a dança lhe permitiu descobrir várias coisas em si mesma, resgatando aspectos de sua feminilidade. Ela, primeiramente, passou a se vestir melhor para dançar, adotando vestido rodado e se maquiando para ir às aulas, ou sair para dançar. Com o passar do tempo, começou a assumir esse mesmo estilo fora do contexto da dança, percebendo que se tornou uma mulher mais vaidosa e mais cuidadosa com a aparência.

Eu acho que a dança de salão me ajuda muito porque eu aprendo em outros aspectos da minha vida também. Porque até me vestir, eu aprendi a me vestir melhor, observando a ocasião. A gente compra mais vestidos bonitos, compra saias longas, os colares, se maquia. Essa saia longa que eu estou usando agora é pra rodar. Isso traz alegria pra gente, traz prazer. O cavalheiro roda a dama e a saia ganha destaque no salão. Eu me cuido mais. A Amélia que faz dança é muito mais bonita! Do que a Amélia de antes. No tempo que eu trabalhava também. Acordava, tomava banho, penteava os cabelos, só passava um batom e já estava

bom. Eu acho que agora me cuido mais e me valorizo muito mais. Isso me alegrou. Acho que fiquei mais jovem.

Ela menciona que a dança lhe trouxe muitos benefícios, tais como dinamismo, disposição e segurança. Considera, sobretudo, a forma de se posicionar diante de si mesma e dos outros:

Fazer dança me ajudou a aproveitar melhor a vida. Eu vivo mais agora. Além de dançar, a gente faz mais amigos, fica mais alegre, mais relaxada, sei lá. Você com o seu corpo, dançando, você fica mais relaxada. Você fica muito relaxada. Eu tenho mais ânimo, eu saio mais de casa. Venho pra cá, vou pra outros lugares. Faço o meu café, tomo e lavo a louça já correndo. Meu filho que mora comigo. Ele sai cedo, seis horas da manhã. Mas, antes dele sair, eu já estou de pé e temos o prazer de tomar café juntos.

- **Alvaro**

Alvaro tem 64 anos. Nunca se casou, tendo optado pela vida de solteiro. Ele diz que gosta muito de dançar, praticando a dança desde a juventude. No entanto, no início, dançava de forma intuitiva, aprendia com a dama, ou vendo os outros dançarem. Mas, a identificação com esta forma de lazer foi crescendo e, depois dos 40 anos, decidiu aprender a dançar de fato. Ao começar a aprender os passos, percebeu que a dança exigia mais do que ele imaginava, sobretudo por parte do cavalheiro. Aos poucos, foi aprendendo os passos novos e a conduzir uma dança com técnica. Para ele, o aprendizado é um processo e, sob essa perspectiva, não considera adequado pedir mais do que a pessoa pode dar:

Desde rapaz que eu danço. Mas aprendi naturalmente, sem técnica. Depois, mais tarde, eu comecei a frequentar academia. Fui fazer aula de dança nos anos 90 e estou até hoje. Eu pude perceber que tinha muito a aprender, ainda mais como cavalheiro. Eu gosto muito ver as pessoas dançando, acho bonitos os movimentos sincronizados durante a execução de um passo... Tem muitos que sentem isso como vaidade... Eu não tenho essas coisas. Para mim, se alguém me vê dançar, e acha bonito e gosta, que eu seja um incentivo para ele dançar.

Eu aprendi muito depois que comecei a fazer aula de dança. A aula de dança é mais exigente para os homens. Como cavalheiro a gente tem a responsabilidade de conduzir as damas. As aulas me ajudaram muito nisso. Eu tive muita dificuldade no começo em aprender a conduzir, o meu segredo foi não cobrar muito de mim. Curtir a aula e ir aprendendo aos poucos. Isso ajuda ser independente e nos posicionar com a dama. Tem dama que quer se impor e outras são duras demais, ao invés de serem mais leves. Mesmo quando não sabe dançar, se a dama se deixa conduzir, a dança flui. Toda dama tem que ser assim. Então, se você pega uma

dama que ela pouco sabe, mas ela é molinha, aí você consegue girar porque ela vai.

Ao longo dos anos, Alvaro foi se devolvendo gradativamente e acha que hoje já dança muito bem. Ele já participa de aulas de dança de salão há vários anos e a dança se tornou sua principal atividade de lazer. Alvaro sente muito prazer em dançar e, por isso, acha importante não deixar de praticar a dança de salão, frequentando vários espaços de dança da cidade.

Meu lazer é dança. Eu não pratico nenhuma outra atividade de lazer. Quando eu vou sair, salão de baile pra dançar, conhecer pessoas... É assim. Dançar me dá um prazer danado, eu sinto um êxtase que eu não sei explicar... Me preenche. Eu vou a vários lugares de dança há muitos anos. É motivação para me manter equilibrado no meu trabalho, é motivação para lidar com meu dia-a-dia. A dança está no meu espírito. Eu saio, trabalho o dia inteiro aqui. Depois, eu saio à noite para dançar; se tiver sequência, eu fico.

Ele comenta que é muito discreto e quando chega ao baile costuma sentar e observar o salão:

Eu não sou muito de me expor. Então, o meu objetivo é sair para dançar. Você está num lugar, tem uma pessoa que você vê que dança. Normalmente, eu chego, sento e peço uma bebida. Eu fico observando. Quando eu vejo uma dama que pode fazer par comigo aquela noite, eu vou lá e tomo a iniciativa de convidar. Ela normalmente vai achar que eu provavelmente não danço, porque eu não estava no salão dançando ainda. Aí, eu tiro pra dançar e mando ver, elas ficam impressionadas. Esse é meu “efeito surpresa”.

Alvaro é o aluno que mora mais distante da academia de dança. Ele diz que a sua relação com a professora é o motivador para se deslocar de tão longe para as aulas.

Eu fui para aquela academia pela professora que dá aula lá. Não foi por propaganda da academia. Eu até já fui em academia por anúncio, porque eu já faço aula há vários anos, já passei por muita academia de dança. Foi por anúncio que eu vi no muro, aí eu fui lá, gostei. Fiquei um tempo. Já teve casos que eu fui na academia, mas não fui com a cara da pessoa, então não fiquei. Nessa, eu fui pela professora, eu a conheci em um evento do dança, quando ela falou do seu trabalho para Terceira Idade. Eu não danço porque sou da Terceira Idade, danço antes de ter 60 anos, mas porque eu gosto. Mas, eu gostei da apresentação dela e dos alunos e fui falar com ela. Falou que dava aula ali naquela academia e eu fui pra lá. Mesmo longe, eu gosto do jeito que ela ensina dança, do clima que ela estabelece entre os alunos, aprendo também sobre os benefícios da dança que a professora sempre frisa para os participantes.

Por já se considerar um bom dançarino, embora sem a pretensão de ser um profissional, se sente independente e seguro como cavalheiro para conduzir uma dama em diferentes estilos de música e em qualquer ambiente de dança.

Olha, meu objetivo é dançar. Eu me sinto um dançarino. Mas, não quero ser dançarino de concurso... Quero pra mim. Para minha consciência... Sim, eu já danço independente. Já conduzo a dança só pelo ritmo da música. Mas, está difícil de arrumar parceira boa por aí. Então, eu estou indo na academia para ver se eu consigo uma parceira que entenda um pouco de dança.

Na outra academia, eu participei de uma apresentação de gafieira. Foi lá no teatro do centro. A coreografia foi feita lá, toda na academia, porque tinha muita gente, muita dança de balé, sabe... Quando me convidaram, foi como se tivessem me dado o diploma de dançarino. Eu senti comigo mesmo que agora eu sei dançar.

A dança já entrou em sua rotina. Como trabalha muito durante o dia, quando chega o horário da aula, se sente animado e vai para a academia. Alvaro afirma que depois de um dia de trabalho, poder se dedicar à dança lhe dá prazer e energia para continuar sua rotina diária:

Ah, vou sempre dançar à noite. Durante a semana, nas aulas de dança e nos finais de semana nos bailes de dança de salão. Ah, eu faço lá e em outra academia. Assim, eu posso treinar mais os meus passos e praticar a dança todo dia...

A dança é um êxtase, um prazer, alegria... Você está dançando, a mente vai embora. Você fica ligado na música, na dança... Você libera o estresse. Isso contribui para o bom funcionamento da mente, eu acho. Porque ajuda para mente aprender o movimento... Se desenvolve, sua mente fica mais ativa em tudo. Por isso, acho que isso é bom para gente e ajuda em outras coisas. Meu trabalho também é venda, vou vender, vou entregar, faço tudo. Preciso estar com a cabeça boa e a dança ajuda. A dança já entrou na minha vida, fico esperando a hora para ir dançar... Quando você está dançando, você está vivendo aquela hora e vivendo tudo que está aqui fora depois de forma mais sadia. Eu danço realmente para ser feliz. Quando o baile está bom mesmo, eu danço a noite inteira, três, quatro horas. Não canso.

- **Aurélia**

Aurélia tem 75 anos e mora sozinha, é viúva e professora de piano aposentada, tendo a assistência de uma empregada que lhe dá suporte com os afazeres da casa. Ela tem dois filhos que já constituíram família.

Aurélia se graduou em música pelo Conservatório Dramático de São Paulo, especializando-se em piano, e ministrou por muitos anos aulas em escolas particulares. Ao mudar de cidade, Aurélia passou a ensinar piano em residências.

Aurélia começou a fazer aula de dança depois que ficou viúva há quase três anos. Logo que ficou viúva, ela relata que passou por um período de isolamento, que gerou bastante preocupação nos filhos e nos amigos. Aurélia, no entanto, coloca que precisou desse tempo para refletir sobre a vida.

Aurélia relata que já dançava com o marido quando este era vivo, mas sem muito aprofundamento. Depois de viúva, começou a sair com as amigas, e algumas comentaram que faziam aulas em academia de dança, onde aprendiam a dançar diferentes estilos musicais. Como gosta muito de dançar, sentiu-se incentivada a entrar na aula de dança. Para sua própria surpresa, as atividades com a dança na academia lhe trouxeram novo ânimo e começou a participar assiduamente, sobretudo pelo acolhimento das pessoas e pelo círculo de amizades que começou a construir. Isso foi muito importante para o momento por que passava:

Minhas amigas ficaram insistindo dizendo: “vamos, vamos, vamos”. No início, eu estranhava todo mundo porque eu não estava acostumada. Mas, a gente foi se adaptando e fui gostando de dançar. Então, conheci um rapaz que eu disse que era um personal, e eu falei: “Então, dou todas as fichas pra você”. Fiquei a noite toda dançando só com ele. E daí pra cá foi assim, eu me interessei e procurei uma aula de dança. Só que o que aconteceu é que, quando a gente começa a ir, a gente começa a conhecer as pessoas que já estão lá, que já frequentam. Amigo de uma, amigo de outro, que começaram a ser meus amigos. Então, fica todo mundo na mesma frequência ali, na mesma sintonia.

O meu círculo de amizades se renovou completamente porque lá conhece um, conhece outro. Um dia, eu cheguei, as pessoas me abraçam e disseram: “Ah, que bom te ver, bom baile”. Eu vi que elas gostavam de mim, e me abraçaram de novo no final da aula. É assim no início, quando você chega. E você vai praticamente conhecendo um monte de gente, as mulheres e os rapazes que dançam com as mulheres, que já dançam muitos anos. Tem gente que já faz aula de dança de salão há quatro, cinco, dez anos e tem personal... Então, é uma coisa bem gostosa, bem tranquila.

Passado esse primeiro momento, Aurélia resolveu continuar a fazer dança para se distrair. Mas, quando foi passear com amigos da aula de dança em Buenos Aires, Aurélia decidiu aprender mesmo a dançar. O grupo saiu à noite para dançar

e Aurélia ficou marcada por essa experiência: a viagem lhe ajudou a entender a dança como uma atividade que lhe dava prazer e lhe fazia bem.

Nós fomos pra Argentina com um pessoal da dança, com a professora e um professor que sabia tango, e mais outras pessoas que faziam aula. Foi um cruzeiro até a Argentina, uma viagem gostosa, muito boa. Em poucos dias, mas gostosa. Nós fomos num grupo de amigas da aula e os rapazes que dançam com a gente também foram. No navio teve o Dançando a Bordo que a gente aproveitou. Eu não dancei muito na Argentina porque eu não sabia dançar tango, e eu não ia começar ali, em um dia, dois dias. Passeamos, dancei bolero e observava o tango. Naquele dia, eu fui feliz. Eu voltei a experimentar essa sensação de alegria e fiquei contente demais por ter encontrado a dança. Quando chegou aqui, eu comecei a ter aula de tango particular. É muito bonito, não? É uma postura bonita pra caramba, mas é difícil. Não é fácil não, dançar tango.

Ela conta que participa de muitos encontros de dança, estando aberta para variados estilos musicais. Aurélia percebe-se mudando de valores, pois, por ter uma formação clássica, diz sempre ter tendido a valorizar determinados estilos de músicas, o que perdurou até as aulas de dança. Aurélia destacou comparecer até em rodas de samba, o que era impensável em outras épocas de sua vida.

Tudo foi uma descoberta. Um processo de libertação. Música pra mim era só clássica. Eu acho que não sei se é porque eu desde criança eu tocava piano, tocava só música clássica. Mas, eu queria tocar música popular, eu tirava de ouvido no piano o popular. Minha mãe ficava brava: “Você não está tocando música...”, dizia ela. Na graduação, quando eu estudava no Conservatório, tinha uma formação super conservadora... Mas eu sempre tinha um ouvido muito bom pra tirar no piano as músicas que não faziam parte do meu estudo. E agora, dançando, posso dizer: como a música popular é boa!

Em pouco tempo, Aurélia percebeu muitas mudanças em sua vida. Deixou de ser uma mulher caseira e passou a sair com muita frequência. Aurélia pontua ainda que se tornou uma mulher mais ativa e segura em diferentes áreas de sua vida, após frequentar espaços de dança. Como quase todas as atividades relacionadas à dança ocorrem à noite, passou a chegar mais tarde em casa, diferentemente do que ocorria no passado, quando evitava dirigir à noite. Atualmente, dirige em qualquer horário, sem se sentir intimidada.

É muito bom dançar. A gente dança de 20 horas à meia noite. Então, eu sinto que a vida mudou muito, muito. Eu posso dizer que eu sou outra pessoa agora depois de anos que eu já estou dançando. Posso dizer que eu sou mais aberta, mais feliz mesmo... Pra te dizer a verdade, eu não vivia depois de 20 horas da noite. Eu não saía de casa porque 20 horas pra mim já era tarde pra pegar o carro sozinha. E

depois da dança mudou tudo. Agora não paro em caso, eu fiquei muito mais disposta. O meu filho, às vezes, comenta: “Minha mãe é mais ativa do que eu”. Eu devo tudo isso à dança. Se não tivesse dançando, não teria saído de jeito nenhum. A dança, para mim, foi essa coisa de crescer, de não ter vergonha, de ser livre para sair, de ver que eu estou viva. Se tiver que sair às 20 horas e voltar meia noite, agora está tudo bem para mim.

Praticar dança foi a forma que Aurélia encontrou para se colocar novamente no mundo depois que ficou viúva. O resultado dessa escolha, segundo ela, foi muito feliz:

Eu não imaginava e nem procurava isso quando comecei a fazer aula de dança. Mas, o fato é que a minha vida ficou muito mais interessante depois que aprendi a dançar. Muito mais. E faz bem para o físico, para alma, para o ego, para a autoestima, para tudo. Dá alegria. Para a postura física é muito bom também. Porque eu uso o salto nove, eu danço com salto nove. Eu danço com salto altíssimo. Hoje sim, eu me vejo como uma mulher independente e segura. Não devo nada para ninguém, não devo satisfação nenhuma pra ninguém. Meus filhos têm a vida deles, eu tenho a minha vida. Tenho as minhas coisas, eles também têm a vida deles, mas a gente se junta e está tudo bem. Então, nisso tudo eu tenho outra postura para estar com eles.

- **Elias**

Elias tem 76 anos, é contador aposentado e mora com a mulher, que também pratica dança de salão. O casal tem uma filha, que já mora com a família que constituiu. Como aposentado, Elias comentou que estava desejoso por descansar. No entanto, logo ficou entediado por ficar sem atividades, buscando viajar quando possível ou passar finais de semana na chácara da família.

Por incentivo de sua mulher, ele começou a fazer caminhada para praticar alguma atividade física, até que o casal de vizinhos com quem costuma caminhar propôs que seria interessante praticar uma atividade mais regulada, além da caminhada. Assim, segundo Elias, ele e sua mulher resolveram visitar academias para pesquisar os exercícios disponíveis. Foi nesse contexto que perceberam o interesse da Terceira Idade pela dança de salão. Inspirados nisso, Elias e a mulher foram fazer uma aula experimental, ele gostou e propôs que se matriculassem juntos.

Bom, na verdade, eu tenho um amigo que mora na rua que estava na academia e a gente se encontra uma vez ou duas por semana para fazer caminhada juntos.

Fazemos um tour com os amigos aqui na rua. Ele comentou sobre a academia. A Margarida [sua mulher] se interessou também em participar da academia, fazer a hidroginástica que ela estava querendo fazer também. Foi assim, no meio dessa procura de academia, que encontramos essa escola de dança de salão uma vez por semana... Aí, eu falei, “vamos participar”. E iniciamos.

Elias conta que se motivou a fazer a dança de salão porque estava com vontade de exercitar o corpo. Além disso, gosta de dançar e a ideia de investir tempo nisso lhe pareceu agradável porque é mais fácil se dedicar a uma atividade física quando se gosta. Ele menciona ainda que o fato de estar na academia de dança com a mulher é um incentivo a mais, pois é uma oportunidade de fazer uma atividade da companhia dela e, também, de aprender com uma parceira fixa.

Como eu também gosto de dançar, ela também, vamos aprender um pouco mais juntos... Já estamos na aula de dança há um ano mais ou menos. É muito bom porque você não fica só ali na aula. Não é sempre, mas a gente tem a oportunidade de estar indo em danças e coisa e tal. Eu já tive oportunidade sim. Nós fomos lá no baile onde a professora tem contado. Nós já fomos lá duas vezes. Foi bom. Conseguimos praticar. Deu pra fazer alguma coisa. Lá eu só dancei com a Margarida. Por isso que é bom ter já uma parceira quando se está começando.

A aula de dança de dança tem ajudado Elias a aprender novos ritmos de dança e, como faz a aula junto com a mulher, eles têm por hábito praticar os novos passos em casa, antes de ir para aula. Isso tem ajudado a apreender melhor as coreografias, sobretudo para ele, que precisa conduzir a dama e, dessa forma, dominar bem os passos.

A gente dançava dança de salão do nosso jeito, acompanhando a música e tal. Olhando, observando. O processo é razoavelmente bom, porque você aprende novas configurações de passos. Tem alguns mais difíceis. Principalmente, os movimentos de giros. Desafia. Que nem aquele movimento que você tinha que entrelaçar. Como te falei, o meu objetivo era exercitar o corpo, agora que comecei a gostar da coisa, o objetivo ampliou, quero ter a aprendizagem para conduzir bem a minha mulher quando a gente sair para dançar. Mas, a exigência para nós, homens, é muito maior, porque somos nós quem conduzimos a mulher na dança. Então, eu quero dominar direitinho os passos para aprender a dançar bem.

Elias comenta que a principal razão de fazer aulas de dança de salão é porque precisava preencher o seu tempo com uma atividade saudável. Depois que se aposentou, sua preocupação era evitar ficar ocioso e manter a mente e o corpo em atividade.

Mesmo que você não fique totalmente ocioso, porque você tem atividade em casa. Eu, por exemplo, tenho aqui e faço meus serviços na chácara e coisa e tal. Mas, isso não é suficiente, você também tem necessidade de outros tipos de atividades. Praticar dança é bom por isso, porque você aprende a ter um pouco mais de domínio sobre o corpo, sobre o movimento. Você aprendeu um, aprendeu outro, no final o movimento, fazer o movimento. Enquanto se distrai. E ainda tem me ajudado na concentração. Concentração naquilo que você está fazendo, no movimento. Você precisa decorar os passos e o cérebro tem que se concentrar pra poder acompanhar.

Elias menciona a importância do grupo no processo de aprendizado, colocando que essa é uma vantagem a mais em se fazer aulas em turmas com pessoas de Terceira Idade em que a integração do grupo é constantemente trabalhada.

É importante fazer parte de um grupo de dança porque você não dança só para você não. Você dança também para as outras pessoas verem. Por isso, a turma de dança é importante para você poder aprender mais, você tendo outras pessoas como apoio. A questão da troca. Tudo na vida é interpessoal. Cada pessoa tem a sua característica e tem uma forma de seguir o ritmo. Você pode ter dificuldade, e as pessoas dividindo como entenderam o passo pode te ajudar. Então, eu acho que você aprende com as características diferentes das pessoas. Você está aqui fazendo outras pessoas dançar, você também estimula o aprendizado. Na dança, aprender individualmente é mais complicado. A troca de experiências é importante.

Elias pontua que a dança foi uma excelente escolha, ajudou a praticar uma atividade aeróbica que tanto desejava e, além disso, ajudou a criar mais cumplicidade com sua esposa, pois ambos se ajudam nos passos, sobretudo porque dançam juntos.

- **Elza**

Elza tem 66 anos e vive com o marido, que é aposentado, e tem três filhos, que já estão casados. Elza nunca trabalhou, tendo se dedicado aos cuidados com o lar e à criação e educação dos filhos. Ela vive com os recursos da aposentadoria do marido, tendo se matriculado na dança de salão na academia de dança gratuitamente, uma vez que já conhecia o trabalho social da professora de dança e pôde, a partir disso, conseguir uma bolsa para fazer aulas de dança de salão. Por ter facilidade para dançar, pode servir de motivação às demais alunas e, oferecer algum suporte para a professora durante a introdução de novos passos.

Então, é um espaço aberto, as pessoas que querem fazer vão chegando e vão fazendo a dança de salão. Não precisa ter conhecimento prévio de dança. Tem todos os ritmos. Como eu gosto de dançar, sempre gostei, e então eu comecei a ir com meu marido. Isso já tem acho que uns sete anos, eu acho. De um tempo pra cá, eu comecei naquela academia, as aulas ficaram gratuitas para mim, porque ajudo a professora. Olha, eu tenho até uma facilidade, modéstia à parte...

Elza acredita que dança bem e que os anos de curso lhe ajudaram a se aprimorar mais. Ela desenvolveu técnicas para diferentes passos, tendo, inclusive, aprendido a dançar estilos musicais a que não tinha se dedicado antes, como o forró e o samba. Elza partilha o que aprendeu com os colegas das aulas de dança:

Por gostar mesmo. Por gostar. E eu estou sempre pensando em dança de salão. No meu Centro Comunitário, sempre quando tem reunião ou alguma coisa, a gente está sempre falando para os coordenadores: “Olha, a gente gostaria de ter dança de salão para a Terceira Idade!”. Então, é uma coisa que está sempre na minha cabeça, porque eu acho muito bonito. O pessoal que dança esses forrozinhos, eu não gosto muito porque é só aquela dança de sanfona. Aquela dancinha básica. Porque o salão envolve tudo. Eu gosto daqueles ritmos, bolero, sabe... Nossa, o bolero, eu fico assim encantada. Como eu gostaria de saber dançar tango. Aquilo me seduz mesmo, eu fico muito envolvida.

Ao longo destes anos de aula de dança de salão, pôde aprender quase todos os ritmos, mas reconhece que não sabe todas as coreografias, e admite que ainda não domine o tango.

Olha, que eu vejo falar o quanto é bom dançar, sim, mas eu vou mais em busca de prazer. É o bolero, aqueles ritmos que a gente dançava muito antigamente e que agora só dançamos nas danças de salão. Eu gosto muito de dançar, e gosto muito de ensinar um pouco do que eu sei, porque eu sinto que também aprendo muito assim.

Elza considera que a dança não é exclusividade da Terceira Idade, mas que grupos de idosos têm mais tempo para se dedicar do que pessoas de outras faixas etárias.

Bom, eu acho a dança muito importante para as pessoas de Terceira Idade. Eu assisto muito a esses programas, estão sempre falando. Mostram o pessoal da Terceira Idade fazendo a dança de salão, e todos que faz a entrevista sempre falam: “É bom!”... “Eu era deprimido”... “Eu tinha isso, eu tinha aquilo”... “Melhorei!”. Como eu gosto de dançar, eu fui atrás porque me ajuda a não ficar parada e ao mesmo fazer algo que sinto prazer. Mas, a dança de salão não é só para idoso. Mas para nós ajuda muito. O pessoal tem uma ideia errada. Acha que

a pessoa chegou numa certa idade, pronto. Acabou. É só ficar lá vendo a televisão. Nada, isso já era. Porque tem muita gente aí na Terceira Idade que ainda está bem, ainda muito disposto, com vitalidade que dá pra fazer muita coisa. Então, na Terceira Idade, eu acho que vai acontecendo com a pessoa de ela ir ficando meio lenta... A partir do momento que procura fazer dança, que é uma coisa gostosa, prazerosa, ajuda também a se exercitar e se manter movimentando. Porque você tem que ficar atento, você tem que observar bem.

Por isso, ela incentiva as pessoas de Terceira Idade a participarem, pois podem não ter o incentivo de pessoas mais próximas:

Aqui, no meu meio, como eu te falei, os idosos são muito parados, com aquela preguiçinha, e eu estou sempre incentivando eles a fazerem a dança. As pessoas aqui do meu meio do bairro falam: “Ah, eu gostaria de fazer!” Mas querem que seja aqui perto. Por isso, eu estou sempre falando no Centro Comunitário, porque no bairro fica mais fácil de você se deslocar. A dança de salão traz outros benefícios para os idosos. Porque quando chega a uma certa idade, parece que você vai fazendo as coisas meio no automático. Não presta atenção, então a gente começa a falar assim: “ah, eu estou tão esquecida!”. Mas não é, é que você vai fazendo meio que no automático e não fica exercitando a mente. E quando você dança, você tem que prestar atenção. Então, isso ajuda na atenção. Olha, eu acho que deixa a mente mais esperta.

Em seu próprio caso, foi sua a iniciativa de fazer aulas de dança de salão, não tendo recebido nenhum incentivo familiar. Pelo contrário, foi até questionada quanto à disponibilidade para se dedicar à dança. Entretanto, passada quase uma década, todos na família, reconhecem os benefícios que a dança trouxe para sua vida, tais como disposição, dinamismo, vitalidade, alegria, mobilidade etc. Por essas razões, quando chega um senhor ou uma senhora para participar das aulas de dança de salão, ela frisa que procura partilhar com eles aquilo que pode, incentivando-os a continuar, tendo em vista todos os ganhos que a dança pode trazer para vida das pessoas, em diferentes dimensões. Alinhada com a professora da escola de dança, Elza diz que o importante não é a pessoa de Terceira Idade dominar as técnicas de dança, mas sim ter a dança como uma atividade constante para exercitar o corpo e investir seu tempo de forma saudável e descontraída.

A dança é uma atividade que me dá alegria, enquanto eu estou dançando ali, eu estou feliz, eu não estou me lembrando de nada de outras coisas. Eu sinto prazer de estar ali. Eu estou só pensando na dança, então a gente fica concentrada nos passos. Sim. Você tem que observar bem, você tem que ficar atento. Como eu te falei, isso deixa a gente mais dinâmica, com mais vida, porque a gente se movimenta o tempo todo. Sim, é uma ginástica e segundo falam, a dança mexe com o corpo todo.

- **Fernanda**

Fernanda tem 60 anos e é arquiteta. Ela é sócia em uma empresa de arquitetura e está em plena atividade profissional. Fernanda vive com o marido e dois filhos. Muito ativa, procurou a dança porque acha bonito e tem interesse em aprender.

Fernanda conta que procurou uma academia perto de casa, pois, assim, depois de um dia de trabalho, ela poderia ir praticar a dança e, ao mesmo tempo, relaxar, uma vez que considera a atividade da dança muito leve e prazerosa. Outro ponto importante é que ela tinha recomendação médica para praticar alguma atividade física. Contudo, ela diz que não gosta de se exercitar e, após algumas tentativas de atividades físicas, ela decidiu praticar a dança porque imaginou que iria se adaptar melhor, uma vez que gosta dessa atividade.

Eu não gosto de fazer exercício. Então... Eu tenho hérnia de disco, eu tenho problema de joelho, eu tenho uma série de coisas e, por isso, eu preciso fortalecer a minha musculatura. Claro que a dança não me trouxe a solução disso e nem irá me trazer, provavelmente. Mas, eu precisava me movimentar. Tentei natação, tentei girotônico, que eu fiz durante um tempo, mas era uma coisa cara, e andava muito na rua também... Aí, eu pensei: "Sabe de uma coisa? Nada disso vai acontecer... Então, eu vou para a dança, porque é uma coisa que eu tenho certeza que eu vou adorar". Mas, eu tinha desde sempre... Eu tinha certeza que era dança uma coisa que iria me fazer muito bem, mesmo que não fizesse o efeito que era necessário, entendeu, para emagrecer, fortalecer musculatura...

O investimento nas aulas de dança de salão, em sua visão, foi uma boa escolha. Fernanda já pratica a dança há três anos. Confessa que está pouco preocupada em aprender os passos, o que lhe importa é estar na aula e praticar a dança:

É uma coisa que eu acho que isso está dentro de mim há muitos anos e chegou agora a hora. Quer dizer, eu fui uma menina que meus pais não tinham dinheiro para me colocar no balé. Então, eu acompanhava a minha amiga que ia para o balé. Eu ficava sentada olhando ela dançar, nos anos sessenta e setenta, era aquela coisa típica do piano, mas só podia ficar olhando. Quer dizer, dançar já era uma coisa que eu queria muito, desde moça, mas não tinha grana para fazer isso. Apesar de sermos da classe média, mas éramos três irmãos, então, era muita coisa. Escola e o inglês eram obrigatórios, entendeu?

Agora que estou fazendo, eu sinto que foi um ótimo investimento. É muito prazeroso... Ser levada pelo som da música, isso é que me chama. Você sabe que eu nem presto muita atenção nos passos? Eu sei que eles são diferentes. Se você me perguntar como é que é esse passe, eu não sei repetir. Eu não estou ali para isso, se aprender bem, mas estou ali para me movimentar, sentir e saborear aquele momento. Eu sou levada pelo som da música, quem me levar. Mesmo que seja apenas nos dois pra lá, dois pra cá.

A aula de dança lhe fez tanto bem que Fernanda levou algumas pessoas para dançar com ela. Ela acredita que lhe faz bem poder fazer bem aos outros. Nesse sentido, ela gosta de partilhar com as pessoas mais próximas aquilo que descobre e considera bom e benéfico.

Depois que comecei a fazer a dança de salão com regularidade, eu percebo uma relação entre a prática da dança e a minha vida social. Por exemplo, hoje em dia – e já estão fazendo três anos – com o Luís Otávio [marido] que participava das aulas e resolveu não participar mais, saímos muito para dançar em festas. Inclusive, eu o levei para que nós dois dançássemos, para que a gente saísse aonde tocassem uma música, em algum evento em praça pública, se a gente quisesse dançar, a gente iria dançar, onde a gente estivesse. Esse era o meu intuito, mas aí ele desistiu. Mas, por exemplo, se hoje eu estou com ele em algum lugar, eu falo para ele: "Vamos dançar", ele vem dançar comigo, mesmo ele não estando na aula. Então, socialmente, isso mudou para melhor. Eu gostaria que ele ficasse porque acho que seria bom para ele, mas enfim... Eu sou assim mesmo, se é bom para mim, eu divulgo. Eu falo para as pessoas ao menos para eles saberem. Eu já levei, além do meu marido que saiu, as minhas duas cunhadas, que são sozinhas e a Vania, minha amiga. Eu acho muito importante essa troca que existe naquela turma. Lá, o ambiente favorece, pois é um ambiente muito amistoso, muito acolhedor.

Fernanda argumenta que a dança lhe traz mais energia para enfrentar o dia-a-dia. Ela partilha que a dança é um momento muito particular em que se dedica a algo que lhe dá prazer e ajuda a viver melhor o cotidiano:

Eu trabalho muito. Trabalho pesado com arquitetura, com construção, que é uma coisa, assim, pesadíssima! E, diariamente, você lidar com pedreiro, com tudo isso, é uma coisa muito pesada. E, é uma responsabilidade de dinheiro que a gente está na mão dessas pessoas, a nossa própria maneira de encarar o trabalho também... Então, isso tudo me levou a procurar escapes.

É aonde eu vou ter que conseguir um momento que é sou meu. Que tudo, tudo, tudo, eu sou a responsável. Se eu estou gostando de dançar, se eu estou gostando de fazer a coreografia, se está dando errado, a culpa é minha. Ninguém tem nada com isso. Eu sou livre ali, me divertindo e me exercitando, e isso para mim é um grande prazer.

Fernanda comenta que pretende praticar a dança mais uma vez na semana, se não puder na academia que ela faz, pretende estudar frequentar outro espaço também, visando à complementação do que ela acredita estar precisando. Como a aula de dança é apenas um dia na semana, ela liga o som e pratica dança sozinha.

Essa experiência tem sido muito boa para mim. Eu estou tendo agora um compromisso comigo mesma, durante uma hora de dançar em casa para praticar mais dança sozinha, às vezes com o meu marido. Infelizmente, uma vez por semana só é pouco. A gente está com vontade de chegar para ela e falar: "Olha, qual o mínimo de pessoas pagáveis – porque eu sei que tem aquelas que não pagam – para a gente poder ter a certeza de que nós vamos poder ter segunda e quarta?" E a divulgar na turma. Para a gente ter mais movimento. Queria que tivesse mais aulas para que a gente pudesse desenvolver mais, entendeu? Que é interesse meu, das minhas duas cunhadas, e da Vania, eu te garanto também. A gente acha pouco um dia só da semana é muito pouco. Mas, não vou, mesmo que seja só um dia, não vou largar. Eu vou procurar outra academia para complementar.

Durante as aulas, ela diz que simplesmente se diverte, pratica passos antigos ou novos, dança sozinha, conhece pessoas e isso contribui para se sentir bem e relaxada. Esse relaxamento mental foi um ganho obtido a partir das aulas de dança, pois antes ela tinha dificuldades para se desligar de suas obrigações e sempre pensava no que tinha que fazer enquanto se dedicava a alguma atividade de lazer. Agora, contudo, consegue viver o espaço da dança de forma intensa e presente, vivenciando a atividade de maneira que contribui tanto para o seu exercício físico-motor (interesse inicial) quanto para o seu bem-estar emocional e cognitivo, que foi um benefício extra.

Eu gosto muito dessa minha turma de dança, o pessoal se ajuda muito. A aula fica muito mais divertida. Um grupo bom para sair junto. É bom estar em outros lugares com eles, mas sem deixar aquela brincadeira, que eu acho que isso faz parte, sim. Agora, já criei meus filhos, agora eu quero saber de relaxamento, especificamente, poder me desligar do mundo... Agora, eu quero saber, especificamente, se a dança é um instrumento que ajuda a pessoa a relaxar, é nisso que eu quero investir. Quando eu estou trabalhando e veja que já é hora, pego meu sapatinho, boto dentro da saca e digo: "Eu vou assim mesmo". Quando eu chego lá, é uma hora que eu não me aborreço, é um tempo para mim. Entendeu? Eu fechei a mala. Quando eu chegar em casa, eu abro a mala de novo.

- **Helena**

Helena tem 66 anos, é separada e mora com o filho. Trabalhou na IBM como secretária executiva. Apesar de formada em psicologia, nunca chegou a

exercer a profissão, mas não se arrepende de sua escolha, pois declara se sentir muito satisfeita com o rumo profissional de sua vida.

Helena diz que sempre foi muito ativa e dinâmica, e que por toda a vida gostou de se exercitar e, por isso, não aparenta a idade que tem. Dançar, para ela, é uma diversão que pratica desde a juventude. Foi dançando em uma festa de jovens na noite carioca que conheceu seu ex-marido. Ele, contudo, não seguiu o seu ritmo, parando de dançar logo depois do casamento. Como sempre gostou de dançar, independentemente dos benefícios da dança antes ainda da Terceira Idade, ela buscou uma academia:

Eu tinha 52 anos quando eu comecei em academia de dança, porque a gente casa e esquece. Aliás, eu achei que foi uma transformação muito grande, porque o marido da gente [...]. Então, depois que eu casei, meu marido não gostava mais de dançar. Aí, eu parei, fiquei só casa, trabalho e filho. Permaneci dançando só em festa quando eu ia e tinha um par para me conduzir. Aí depois, com 52 anos, eu resolvi entrar [para uma academia], fui muito sem graça e me achando uma velha, mas eu fui... Trabalhava na IBM, saía da IBM e ainda estava casada. Lá, eu notei uma coisa assim, enquanto ensinava, o professor levanta muito a moral da pessoa, ele ensina a pessoa a se valorizar, ensina a mulher a ser sensual... Ele [o professor] falava nas aulas: “Rebola, empina o bumbum, estufa o peito, encolhe a barriga...”. Quando eu comecei a rebolar na aula de dança, eu pensei: “Meu Deus, há quantos anos eu não rebolo!?”. Então, comecei a me soltar e achei uma beleza. E adorei, a minha vida se transformou, a postura. Ele sempre falava, “estica o corpo, se valoriza...”. Acho que me fez muito bem a aula de dança lá. Então, eu ia toda terça e quinta que era uma festa. Muito bom... Muitos amigos que a gente faz. É outra vida. A partir daí abriu-se um leque de opções na minha frente, que eu não via. Muita festa, baile, a gente se relaciona com muita gente...

Nos 15 anos em que se dedica às aulas de dança, a frequência às aulas não atende a uma necessidade utilitária de aprender a dançar, mas ao interesse em se manter praticando. Por isso, quando se aposentou, ela desejava continuar a dançar, mas parou por alguns anos, devido à distância. Contudo, quando descobriu que havia aulas de dança de salão na academia do bairro onde mora, Helena se matriculou e retomou as aulas, voltando a praticar dança de salão semanalmente.

Depois de aposentada, encontrei o negócio de aulas de dança para Terceira Idade aqui na Gávea, pensei comigo mesma, “bom, vou frequentar para não perder o ritmo”. Mas, eu amo! Aqui, quantos amigos, eu amo aquelas senhorinhas todas, amo, ali tem gente de tudo que é jeito, tem madame, tem empregadinha... Eu amo todas elas. E a gente faz muita amizade... Eu mesmo pensei isso: “Mulher velha ir pra aula de dança, vão pensar que eu estou querendo arrumar namorado...” Mas quem gosta de dançar nem pensa nisso. Dança mulher com mulher... Eu conheço gente que fala “Vocês dançam lá mulher com mulher?”. Eu respondo “Dança,

qual é o problema? Quem gosta de dançar, dança. Dança com criança, dança mulher com mulher, dança com quem for”. Claro, é muito melhor dançar com um homem, um homem que saiba conduzir, claro que é muito melhor. Quando eu danço com o professor, eu vou no céu. Mas não tendo, como se diz por aí: “vai tu mesmo”. O importante é praticar os passos!

A prática da dança ajudou Helena a resgatar sua identidade e isso foi importante para se sentir segura e se apresentar socialmente:

Eu me considero uma mulher bonita e sempre tive um corpinho muito bonito também. Por mais incrível que pareça, fazer a dança foi o que confirmou isso na minha vida. Foi importante para eu me afirmar como pessoa, muita coisa que eu tinha vontade de fazer, que seria o meu natural, se eu não fosse tolhida pela sociedade. Porque eu fui muito reprimida por pai e mãe, quando criança. E depois pelo marido. Tudo que eu falava na frente do meu marido, ele dizia: “Você quer me envergonhar?”. Eu já não sabia mais se podia falar. Entendeu? Então, eu estava muito cerceada. A aula de dança me mostrou a vida. “Você está viva, você está viva. Se estica aí, levanta a cabeça...”. Eu voltei a perceber que tudo o que sou, o meu corpo, passei a me favorizar e me sentir mulher. Eu acho que eu fiquei mais segura, entendeu? Por exemplo, eu chego num lugar, eu sou muito extrovertida, sou como eu quero ser. Mas, eu já era, a sociedade estava me podendo. Eu gosto muito de ser bem feminina. Na dança, eu ainda aumento mais... Porque no dia a dia, eu já procuro ser feminina ao máximo. Mas, na dança, na dança eu me realizo. Adoro.

Helena comenta que gosta muito de dançar e, por essa razão, incentiva muita gente a fazer dança, pois acredita que é uma atividade que abre muitas portas. Ela conta, inclusive, que depois que se separou, a dança lhe ajudou a iniciar um romance.

Eu vivo incentivando todo mundo a fazer dança. Meu filho, então, ele é ator, eu falei: “Vai dançar, o ator ele tem que ser completo, não é?” A dança abre muitas portas na vida pessoal. Seja para ajudar na sua autoestima, sua cabeça, trabalhar o seu corpo. Outra coisa que eu vou te confessar: a dança é muito sensual. Realmente, a gente acaba se envolvendo. Quando eu dançava [na outra academia], eu tinha um par constante lá, a gente acabou se envolvendo... O professor incentivava: “gente, tem que dançar perto. Não se consegue se ficar com preconceito e não encostar”. Se é pra encostar, vamos encostar. A gente faz uns passos sensuais, vira, é aquela cara, olhando olho no olho. Então, é muito sensual. A gente acaba se envolvendo, realmente. Então, aí eu vejo os ajudantes do professor, quando eles dançam, os rapazes e as moças, mas é uma coisa linda... A mulherada fica louca, eu acho que as mulheres adoram um homem que dança bem. A dança o deixa sensual, gentil, o homem pode ser feio pra burro, se ele dança bem, a mulherada fica louca... Eu insisto, com todo mundo que eu posso, para dançar.

Helena soma os benefícios psicológicos aos benefícios práticos, que antes não considerava, destacando que a dança ajuda a manter o equilíbrio, a postura, a movimentação do corpo e, nesse sentido, continuar as aulas de dança é um importante investimento em uma longevidade saudável.

A dança melhorou muito a minha vida. Quando eu trabalhava na IBM, eu não aguentava subir uma escada. Ficava o dia todo sentada na IBM. Não aguentava trocar uma roupa de cama, era falta de preparo físico. Depois que eu comecei a dançar, eu subo escada, fiquei ótima, minha saúde melhorou 100%. Os médicos diziam que era sedentarismo, que eu tinha que me mexer, fazer ginástica. Eu não gosto de fazer ginástica não. Aí, eu aproveitei a dança, uni o útil ao agradável. A minha motivação psicológica foi fazer algo que me desse prazer. Por isso, a dança deu certo. Acho isso muito importante para me manter com saúde nos anos à frente.

- **Leone**

Leone tem 81 anos, nunca se casou e vive sozinho, mas tem uma filha de uma mulher com quem namorou na juventude. Leone trabalhou como serralheiro e é aposentado. Já na idade adulta, graduou-se em Teologia, mas nunca atuou na área. Leone começou a fazer aulas de dança a partir de 2006, em outra academia. Como já era idoso, entendeu que a dança seria um exercício físico “excelente” para ele, embora não tenha interesse em se aprimorar na prática da dança, nem se considere um aluno dedicado.

Eu reconheço que a dança é um bom exercício excelente pra quem é idoso... Porque a dança provoca o movimento de todas as partes do corpo, não é verdade? Se a pessoa se entregar de verdade, ela estará exercitando todas as áreas do corpo... O corpo parece que rejuvenesce, os movimentos ficam mais soltos.

Olha, para te falar a verdade, eu não sou uma pessoa dedicada a fazer dança, não busco me aprimorar em dança de salão. Eu simplesmente faço pela necessidade que tenho da idade. Porque acho que faz bem. Então, eu tenho a aula de dança apenas como uma atividade física.

Depois de aposentado, pleiteou uma vaga com bolsa na academia de dança do bairro. A escola de dança, por sua vez, concedeu a bolsa, considerando o interesse do aluno em praticar a dança para se exercitar e por estar precisando de cavalheiros.

A dança de salão é uma das atividades que se tem para oferecer para os idosos se exercitarem. Eu comecei em 2006. Depois, comecei a participar de um projeto social aqui no bairro. Então eu escolhi a casa pra frequentar, pois tendo nela esse espaço semanal de dança de salão, um dia da semana, eu tenho que aproveitar, porque eu acho que me faz bem.

Além disso, por ser um homem sozinho, tem uma motivação a mais para estar na aula de dança, pois encontra na turma uma possibilidade de conhecer novas pessoas e fazer amizades e, sobretudo, considera importante o apoio mútuo que os colegas da turma de dança têm entre si:

A relação que a gente tem aqui é de companheirismo. As amizades que se conquista, dançando, eu acho que isso aí... O grupo é muito receptivo e o entrosamento é muito bom, um ajudando o outro. Quando aprendemos a dar um passo novo, todos se apoiam, é uma alegria de ter vencido uma batalha. Da dificuldade que é para o cavalheiro, aí todos participam da tua alegria. A turma da nossa escola de dança de salão é mais informal, valoriza eventos que ajudam na integração das pessoas e a gente está sempre participando de encontros de dança. Eu tenho minhas relações de amizade muito fortes com essa turma nova.

Quando tem oportunidade, o entrevistado comparece também a bailes junto com os amigos da turma, já tendo, inclusive, colaborado para um evento dessa natureza, quando intermediou um baile entre a nova escola e a sua antiga escola de dança. Apesar de sua motivação ser mesmo os exercícios, a possibilidade de estar entre amigos é um incentivo a mais. Por isso, ele procura divulgar entre outros idosos a importância de fazer alguma atividade física ou de alguma atividade de lazer, para se distrair e poder usufruir de um espaço aberto para fazer amizades:

Eu entrei e até foi muito bom pra mim, porque eu tive a oportunidade de expressar uma vontade que tinha dentro de mim, de fazer e organizar os eventos que eu faço aqui. Eu divulgo os bailes que acontecem, anuncio outros eventos com música. Já organizei um encontro dos colegas com os colegas da outra escola. Isso é bom, porque me ocupa. Gosto demais de música. Por isso me sinto bem na aula de dança. O pessoal é muito aberto para receber e fazer as coisas, eles gostam de se comunicar. Você dançando está se comunicando. Comunicando, você está fazendo amizade. Fazendo amizade, você tem companheirismo. Tendo companheirismo, você tem ações, boas ações. Você tem forma de sair mais aqui, mais ali. Um convida pra cá, porque aquele companheirismo com pessoas que gostam do que você gosta, isso vai trazer um ambiente mais saudável pra você.

- **Lucia**

Lucia tem 80 anos. Ela se graduou como contadora, mas nunca exerceu a profissão, pois logo depois de formada, casou-se e teve filhos. Apesar de formada, Lucia optou por cuidar da casa e dos filhos, pensando em exercer a profissão mais tarde. Mas, como o marido ganhava muito bem, Lucia não deu continuidade a esses planos. Hoje, a entrevistada é viúva e vive da pensão deixada pelo marido, morando com os dois filhos, ambos formados e financeiramente independentes.

Lucia começou a fazer aulas de dança de salão de forma inusitada. Aos 75 anos de idade, com os filhos já criados, ficou desejosa de fazer alguma coisa para sair de casa, porém não gostava de caminhar e tampouco de se exercitar. Até que uma amiga lhe sugeriu fazer dança de salão. Lucia achou a proposta interessante e foi participar de aula experimental. Ela gostou e se matriculou.

O meu único interesse é mais exercitar o corpo. A minha finalidade toda é essa. Porque eu vejo pessoas, muitas conhecidas minhas que estão apagadas, com 80 anos. Eu tenho uma vizinha que sempre convidei, “Vem, vem comigo”, “Ah não, eu tenho que me vestir.” O problema dela é vestir. Eu pego um táxi e venho em cinco minutos. Na volta, eu volto de ônibus porque eu salto na praia, ando dois quarteirões na praia, e depois passo naquela floresta que fica em frente à minha casa, que é uma maravilha, e pronto, já estou em casa. Eu fui fazer aula de dança para exercitar o corpo e porque eu saio daquela mesmice e começo a ter atividades.

Lucia pratica dança há cinco anos, mas até na própria dança evita os passos e os ritmos que requerem muito esforço. Contudo, vê outros benefícios nas aulas de dança:

Eu gosto de fazer dança porque eu preciso de me exercitar e não gosto de fazer outro tipo de esforço físico. A dança trabalha a cabeça, os ombros, os braços, as pernas, a cintura... Então, é uma maneira da gente movimentar o corpo todo. Desde a cabeça até os pés. É interessante. Olha, para eu dançar mesmo varia muito de acordo com o estilo de dança. Hoje, por exemplo, foi bem diferente. Porque eu nunca tinha dançado xaxado e minhas colegas também não, e nós gostamos muito. E talvez a semana que vem eles peguem outro tipo de dança. Mas, olha, é o seguinte. Nessa dança de hoje tinha que rodar. Então, é mais uma atividade diferente que você não tem oportunidade de ficar dando voltas assim. Então o cavalheiro gira você, aí dá movimento de tudo. É interessante essa dança uma vez ou outra, mas eu evito dança com giro ou com muito esforço.

As aulas de dança de salão, segundo Lucia, encantam porque têm a música e a coreografia. Nesse sentido, Lucia considera que a dança oferece um ambiente propício para as pessoas se sentirem mais motivadas a se exercitar:

Olha, primeiro o seguinte: quanto mais você se movimentar, é bom. E a música e o movimento, é um prazer. Logo que você começa a escutar um som bom de uma música, você vai ficando inspirada. Então, ali tem as duas coisas, que é o movimento, que é super importante, e também o enlevo que você tem ouvindo uma música. É uma sensação física e espiritual. Física, do movimento, e espiritual do enlevo a que a música te leva. Tudo isso gera uma enorme vontade de estar ali dançando e aprender a fazer os passos.

Lucia ficou tão motivada que convidou algumas amigas para fazerem as aulas com ela, conseguindo levar duas delas para a mesma escola de dança de salão. Ter amigas fazendo as mesmas aulas ajuda a se disciplinar e comparecer mais aos encontros. Além disso, seus filhos e parentes ficaram muito animados ao vê-la praticando dança, dando-lhe apoio para se manter constante na prática da atividade.

Olha, tenho impressão que é uma boa atividade para se investir. Porque eu falo muito nisso. Eu me sinto satisfeita e acho mesmo que faz bem, não só para o corpo físico, mas para a alma. Toda atividade com música é boa, porque toca a gente lá dentro. Quando eu estou conversando com uma pessoa, automaticamente eu falo assim sobre as minhas atividades. E aí eu cito a dança, cito a dança como a melhor delas. Eu já chamei algumas pessoas, e todas com um bom resultado. Elas me agradecem até hoje. Eu tenho uma prima que me agradece toda a vez... porque ela é absolutamente sozinha, essa atividade preencheu tudo. Depois da dança, ela faz teatro, ela faz uma atividade de artesanato. Ela faz outras coisas, que eu me limito só na dança e movimento. Então, ela me agradece frequentemente por eu ter levado ela pra dançar, que foi o primeiro passo para ela sair de casa. Agora, ela faz bastante atividade. Eu também chamei outras pessoas que vieram. Essa atividade é ótima para a vida social também porque você tem assunto, amigos.

Lucia destaca ainda que teve um ganho a mais, uma vez que percebe que as aulas de dança contribuíram para exercitar sua memória, pois, por ter que memorizar os passos de determinados ritmos, sobretudo os passos de dança desconhecidos para ela até então, precisa fazer um exercício para decorar a coreografia. Ao longo destes últimos cinco anos, Lucia também percebe que a dança contribuiu para ter uma vida mais intensa.

Então, é muito interessante também, que participar dançar da aula ajuda na memória. Você tem que decorar os passos da dança, então você exercita também a memória, e isso me ajuda porque com a idade a gente fica muito esquecida.

Depois que eu comecei a dançar, eu saio mais de casa, tenho mais amigos e acho isso muito bom. No clube Flamengo, que é pertinho da minha casa, uma vez por mês, vai um grupo de senhores que realizam um encontro de dança, chamado 'O Telhado Branco'. O título é pelo seguinte: são todos senhores de cabeça branca, e são engenheiros e médicos aposentados que tocam de graça. Então, uma vez por mês eles vão aqui no clube, perto da minha casa. Então, eu tenho oportunidade de pôr em prática o que aprendo na aula de dança nesse tipo de encontro.

- **Margarida**

Margarida tem 72 anos, é formada em pedagogia e professora do ensino fundamental aposentada. Ela é casada e vive com o marido. O casal tem uma filha, mas que é casada e vive com sua própria família.

Margarida encontrou as aulas de dança de salão por um acaso, pois sua intenção inicial era praticar exercícios físicos:

Eu era muito cobrada, quando eu ia ao médico, ele sempre me cobrava fazer as atividades físicas. E como eu trabalhava nunca sobra tempo pra você fazer alguma coisa. Agora, eu me aposentei. Meu médico começou a falar mais ainda, minha filha começou a me cobrar também. Falei: "agora acho que é hora de eu cuidar um pouco da minha saúde". E comecei, então, primeiro a fazer caminhada. Depois, eu resolvi fazer a hidroginástica, já faço três vezes na semana. E complemento com a dança. Uma que eu gosto da dança. Eu gosto de dançar, sempre gostei. Eu acho que é uma atividade que me traz satisfação.

Para Margarida, fazer aulas de dança foi mais interessante porque gosta de dançar e também porque tem a oportunidade de aprender junto com o marido, o que favorece o entrosamento do casal. Nesse sentido, os resultados das aulas de dança têm sido melhores do que Margarida esperava, pois além de se exercitar, contribui para aprender novos passos e ritmos próprios da dança de salão.

O tempo que você está lá, você não pensa em mais nada. Só pensa em se concentrar e fazer os passos certos. E olha lá ainda, hein, quando faz certo... É uma felicidade. Eu sempre quis aprender a dançar, eu fiquei inspirada ao ver aquela pessoa dançar e aquela vontade de fazer aquilo, e pensava: "eu vou fazer aqueles passos". Até, às vezes, eu vejo com meu marido uns passos muito bonitos e falo: "olha lá, está vendo como que ele faz, como que faz". Porque eu acho que me traz prazer de ver as pessoas dançarem. Eu acho muito bonito... Eu acho também

que de uma certa maneira a gente ganha mais intimidade, mais cumplicidade também, quando resolvemos aprender a dançar juntos.

Na hidroginástica, Margarida diz que trabalha a musculatura, mas na dança trabalha outras partes do corpo, permitindo-lhe soltar mais o corpo, o que ajuda também para realizar os movimentos da dança. Com isso, a informante diz que percebe o seu corpo mais flexível.

Eu acho que a dança de salão trabalha muito o corpo, eu me sinto fisicamente mais flexível depois que comecei a dançar com regularidade. Antes eu era totalmente travada, dura. Acho que é porque trabalha o corpo todo. Por exemplo, eu faço a hidro, mas eu só trabalho a musculatura ali, mas eu acho que com a dança, você se solta mais. Você trabalha mais o corpo, porque é bem movimentado.

Além disso, está mais disposta para passear, sai de casa com mais frequência, percebe-se mais disposta de maneira geral:

Às vezes, eu estou aqui em casa e vou para a aula de dança. Depois eu saio, fiz a dança, sinto que já chego mais leve. Agora, eu paro aqui em casa e ajudo a minha empregada no serviço, eu me sinto com a maior disposição. Pego o jornal, procuro ver os filmes que estão em cartaz, e chamo meu marido ou minha filha e minha neta. Uma outra coisa, e mesmo na hidro também, a gente sai, faz a hidro, nossa! Você já vem com outra cabeça, outra disposição para vida. Eu me sinto muito bem!

Margarida coloca que, no início, teve alguma dificuldade para aprender a dançar, mas agora já consegue desenvolver bem os passos da dança.

Sinto muita facilidade de executar os passos. É, a facilidade que você tem com a prática constante. Porque no começo você tem uma certa dificuldade para pegar os passos e tudo o mais. Mas, depois com o passar do tempo, você começa a ter uma certa facilidade em pegar aqueles passos. Mesmo porque tem muito passo que às vezes é repetitivo.

Outro aspecto vantajoso de fazer aula de dança acompanhada do marido é a oportunidade de praticar e treinar os passos da dança em casa. Ela comenta que procura ensaiar com o marido na sala de casa:

Eu ensaio com o meu marido algumas vezes antes de irmos para a aula de dança, para praticar os passos. Às vezes, meu marido ou minha filha fazem alguma coisa, alguma comemoração em casa. Nessas ocasiões, a gente vai lá e põe um som, a

gente dança e tudo o mais. Eu incentivo muito o meu marido, pelo fato de ser ele a me levar. Por isso é importante ele estar dançando. Ele tem que conduzir. E se ele não aprendeu o passo, eu vou ter que me colocar na frente, está entendendo?

Margarida acha que a dança exprime também um ato de comunicação, tanto entre aqueles que dançam quanto com aqueles que observam. A dança, em especial, oferece mais do que exercitar o corpo, pois ajuda trabalhar a mente. A turma da escola de dança também permitiu fazer amizades, que lhe trouxe trocas que favorecem o aprendizado. Ela diz que isto trouxe alguns impactos na sua forma de se relacionar com as pessoas, percebendo-se mais alegre e aberta ao próximo.

Dançar dá prazer. Eu acho que através da dança você se comunica. É a sutileza, você entende? É a forma de dançar. Por exemplo, eu vejo a professora dançando, nossa! Ela dança maravilhosamente bem. Ela parece que fala com os movimentos. Aquilo me diz alguma coisa. A expressão, o sorriso, a arte, isso me comunica felicidade. Quando vejo um casal dançando bem, a beleza daqui me inspira, como se fosse arte. É a sutileza, eu também sinto essa felicidade quando sou conduzida por um cavalheiro que saber dançar bem. Quer dizer, ele tem aqueles gestos e sabe aqueles movimentos.

A dança ajuda a trabalhar o corpo, mas, para você pegar os passos, tem que prestar atenção e usar da inteligência, aprendendo, executando e repetindo os passos. Então, começa a ter mais facilidade em pegar. Você trabalha a mente também. O cérebro fica trabalhando lá e acho que fica mais fácil de você memorizar.

Eu acho muito importante também o papel do grupo. Ajuda muito as dicas dos colegas e trocar de parceiro também. Eu acho que fazer individual de dança, você não tem aquela troca de experiência. Ensaia mais, mas perde um pouco. Na nossa fase, não precisamos ter pressa. É mais interessante aprender aos poucos. Por isso, eu acho o rodízio dos alunos que a gente faz durante uma dança muito bom, justamente por isso. Para ter aquela troca de experiência. Meu marido dança de uma forma, mas tem outros que dançam de outra forma.

- **Rogério**

Rogério tem 83 anos, é aposentado de uma empresa estatal e reside com a esposa. Sua única filha já é casada e mora com sua própria família. Rogério é muito ativo e dinâmico, conectado à internet e está sempre procurando alguma coisa para fazer:

Antigamente, era antenado; agora, é conectado. A princípio, quando eu não tinha conhecimento, comprava CD com música e DVD com shows de dança. Ouvia uma bonita música, numa festa, ia lá procurava saber até com a pessoa da, né, entre os músicos, né, e comprar o CD. Agora não, porque eu baixo tudo. Depois, com a internet, com o computador, eu passei a aprender. Hoje, eu baixo todas as músicas e shows que eu quero. Baixo as músicas para mim e para os meus amigos da dança, e entrego em CD como presente. Quando saímos para dançar, o pessoal faz foto e me manda, eu faço os álbuns. Eu tenho prazer em fazer as coisas.

O nosso amigo José está aniversariando hoje. Então, o que eu fiz? Ontem, eu fui lá no meu programinha, baixei umas músicas que eu lembro que ele gosta e montei um CD. Não só isso, eu botei uma capa. Eu peguei uma foto que eu tenho, de uma pessoa amiga que mora em São Francisco. Ela me mandou do teatro de lá, eu inseri e botei o nome dele como capa e escrevi: “Parabéns, José”, como se fosse o fundo do teatro. No verso, a numeração e todas as músicas e o tempo delas, de cada um. Eu botei um bolo com o dizer “Happy Birthday”, acompanhada de uma fotografia com um desenho de um casal dançando também. E, inclusive, com nas bordas, o nome do José. Ficou personalizado.

Rogério começou a dançar desde muito jovem, incentivado pelo seu irmão mais velho:

Eu comecei a dançar bem jovem. Eu tenho um irmão, que apesar de dez anos mais velho do que eu (ele está com noventa e três agora), ele participava de bailes e dançava em casa também. Naquela época, ainda daquela vitrolinha a corda, e botava as musiquinhas ali e ficava dançando com as sobrinhas, primas e tudo, e eu o admirava na dança pelos passos, achava muito bonito. Eu falei: “Poxa, você não quer me ensina a dançar?”. Daí, ele começou a me dar os primeiros passos e eu passei a gostar da dança.

Esse interesse da minha família por dança vem da nossa tradição. Teve influência do meu avô, francês. Na época dele, ele foi campeão de dança de valsa. Aquilo, eu escutava isso sobre ele e da minha avó e da família. Aquilo, então, mexeu com o meu interior, e eu me interessei e pensei: “Eu não vou ser o campeão, mas vou querer também ter essa autoestima, essa autosatisfação de dançar bem que ele teve”.

Mas, dançar mesmo, eu só consegui depois de muita idade, dos meus sessenta e seis anos de idade para cá. Isso porque a empresa na qual eu trabalhei, poucos anos antes da aposentadoria, havia reuniões, palestras com as pessoas da empresa, e um dos colegas, denominado Gaúcho, ele pediu para botar aula de dança de salão.

Para incentivar os funcionários, a empresa ofereceu aulas de dança, atendendo a sugestão de um empregado. Foi quando Rogério começou a aprender técnicas mais sofisticadas de dança. A diretoria da empresa pagava uma professora de dança de uma academia de dança famosa e um professor

independente. A atividade foi uma proposta motivacional que durou cerca de três anos, mas que ele diz ter aproveitado bem.

A proposta do Gaúcho foi aceita pela diretoria da empresa. Começamos, então, a aprender a dançar. Então, às quintas-feiras, após o término do expediente, nós íamos para o salão, e ficávamos treinando por quase duas horas, de cinco às sete. Os professores promoviam bailes e tudo. Foi aí que eu consegui, então, aprender os primeiros passos da dança de salão. Por quase três anos houve apresentação na academia. Bom, depois, eu parei. Veio a aposentadoria e dispersou aquele grupo.

Rogério logo sentiu o desejo de voltar. Dessa forma, ele entrou em uma academia de dança para continuar praticando e não perder a técnica:

Eu descobri a dança como um dos meus principais prazeres da vida. Atualmente, ainda participo de encontros com algumas colegas da dança da empresa, porque eu sou convidado a participar. É mais nos bailinhos que acontecem as minhas aulas de dança, porque é praticar no salão propriamente dito. Eu fui para a academia Dalal Achcar, á noite, mais para continuar praticando. Eu fui convidado pela professora Dorinha, justamente para auxiliar na dança, porque ela, sozinha, não estava dando conta de ensinar a todos. Então, ela me pediu, me convidou para participar... Para mim, foi muito bom.

Além de dançar, as aulas na academia de dança lhe ajudam a preencher bem o seu tempo, porque pratica a dança, tem espaço para colocar em prática a sua criatividade e, em especial, estreitar relações de amizade, o que considera muito importante em sua faixa etária.

Eu já sei dançar bem agora. Faço as aulas para continuar praticando e dividir um pouco do que eu sei. Isso é importante para mim porque me faz sentir que estou vivo e útil. Ajuda a manter o meu emocional, a minha autoestima e a minha formação em dia. E manter, o mais importante, com a minha idade, as amizades. Eu participo da dança e construo muitas amizades. Muitos amigos e amigas. Isso é muito bom para mim, essa participação me faz bem, eu sinto falta. Inclusive, quando chega a data como a de hoje, segunda-feira e sexta-feira, eu já estou saindo de casa. Não que a casa seja ruim para mim, eu tenho alta satisfação de estar lá fazendo alguma coisa. Mas, independente disso, nas horas de lazer, eu vou com maior prazer e satisfação. Além da dança, eu ainda vou sabe para onde? Fazer aula de teclado, que eu gosto de tocar música.

Ele diz que esta sensação de ter uma vida ativa e dinâmica ajuda a que não sinta tão profundamente os impactos relativos ao peso da idade.

A dança contribui para que eu me sinta mais jovem. Quando estou dançando em um baile ou na aula de dança de salão, esqueço até a idade que eu tenho, sinceramente.

Rogério diz que a dança é uma atividade que lhe dá prazer, não a pratica por obrigação ou porque é bom para saúde, mas porque se sente muito motivado a dançar. De fato, Rogério é o cavalheiro mais disputado entre as damas da escola de dança, tendo desenvolvido uma habilidade e desenvoltura com os ritmos que tornam seus passos muito bonitos e expressivos.. Rogério menciona que as aulas de dança são muito boas para a mente e a estrutura física das pessoas, sobretudo na Terceira Idade. A mulher de Rogério não faz as aulas de dança, entretanto ele diz que, nas festas de família, ela o acompanha e toda família admira o seu dom para a dança:

Eu acho que encontrei o que eu buscava com a dança. A dança me dá prazer, traz satisfação, ajuda no meu emocional. Por exemplo, com relação aos meus netos, com relação a minha filha, porque eles ficam felizes. Quando conversam sobre isso, eles gostam de saber que eu participo de grupo da dança, inclusive, modéstia à parte, comentam até demais: “Ah, meu pai... Meu pai é o maior dançarino”.

- **Sandro**

Sandro tem 61 anos, mora com a mulher e a única filha e trabalha no setor de saúde. Pretende permanecer na ativa por mais alguns anos, pois ainda sente muita energia para o trabalho.

Sandro gosta muito de dançar. Quando saía com os amigos, era muito comum se juntar numa roda de samba ou forró e tentar dar alguns passos, mas percebia que precisava se desenvolver um pouco mais. Dessa forma, começou a procurar uma academia de dança:

Eu sempre gostei de dança, eu sempre dançava quando saía com os amigos, só não sabia, por exemplo, os passos do bolero e do samba. Eu tinha mais facilidade com o forró mesmo sem dominar, mas sempre quando juntava uma roda de samba, eu tentava também. Meu pai era dançarino, acho que está no sangue, não é? Eu sempre gostei de dançar, só não tinha tempo. Acordava às quatro horas para trabalhar em duas empresas, uma empresa pública e outra empresa privada... Agora, que eu só estou no emprego público, eu fui procurar fazer aula de dança para aprender a dar os meus passinhos de forma correta e para combater o estresse do dia a dia. Eu trabalho muito.

Ele tomou conhecimento da academia de dança Dalal Achcar e do projeto para idosos:

O problema é que há falta de homens, de cavalheiros... O meu problema é que moro longe. Eu queria fazer aulas de dança para aprender a conduzir com mais segurança no que eu estava fazendo. Perto da minha casa não achei, achei aqui. Aí eu me candidatei.

Ele comentou os benefícios da dança:

A dança me proporcionou aquele relaxamento. Você vive aqui no corre-corre, trânsito louco, trabalho, cobrança, chefe, colega, uma crítica, seja construtiva ou negativa. Ai, saí dessa rotina vai para aula de dança. Você chega em casa, depois da dança, você toma seu banho e vai se deitar, você se sente mais aliviado, porque aquela dança ela já te influenciou, já te relaxou.

Sandro teve um ótimo desenvolvimento nas aulas, fruto do seu interesse e dedicação para aprender os diferentes passos dos variados estilos musicais. Ele frequenta as aulas na academia de dança há apenas um ano e dois meses, porém já cresceu muitos em vários ritmos e diz perceber os efeitos disso quando dança na noite ou em festas de família.

Eu danço por prazer... É agora que eu estou começando a dar meus passinhos... Você sente que está aprendendo a dar quando executa bem um passo novo... Eu sinto que estou evoluindo. As damas sentem satisfação de dançar comigo. Eu acho que tenho assimilado com rapidez. Já estou conduzindo bem uma dama e já sei passos de vários estilos de música. Eu estou evoluindo e acho que tenho que aprender mais, tem que estar sempre aprendendo, na vida a gente está sempre aprendendo. No meu caso, eu, como ainda estou aprendendo, ainda não dei o pulo do gato, eu fico meio ansioso... Mas, eu já não fico mais receoso de chegar num baile, pegar uma dama que dança, entendeu?

Sandro conta que, depois entrou na aula de dança, ele melhorou em outros aspectos relacionais de sua vida pessoal.

A dança me transforma, porque nem sempre você está de bem com a vida: uma cobrança doméstica, a esposa, o filho às vezes te dá um aborrecimento. Porque, eu acho que me sentindo mais leve... É difícil agora eu acordar mal humorado, graças a Deus.

Sandro diz que tem um perfil boêmio e lamenta que sua mulher não o acompanhe em suas saídas noturnas, mas ela prefere ficar em casa e não se importa que ele saia para dançar.

Eu tenho liberdade para sair. Isso me faz bem e ela respeita. Poxa, quando eu saio, eu tenho mais tranquilidade... Isso é um dom meu! Em casa, a minha alegria é as plantas. Eu saio muito para dançar, porque me faz muito bem.

Na escola de dança, Sandro incentiva que a turma participe dos bailes fora da academia e tem ajudado a organizar outros encontros:

Às vezes, a gente sai dali, vai num barzinho, troca uma ideia, aí... tem interesse em dançar, já temos uma companhia. Então, nós formamos um grupinho fechado. Semana passada mesmo a gente foi para um lugar que tem música tipo chorinho. O grupo gosta de organizar encontro, seja para dançar ou fortalecer a amizade. Eu ajudei a organizar um encontro de queijos e vinho. A gente ia dançar, porque somos uma turma de dança, mas no final a gente ficou mais conversando mesmo.

Sandro destaca que está muito feliz com a sua turma de aula de dança na academia Dalal Achcar, pois o grupo é muito animado, incentivador e aberto a amizades.

Eu gostei muito da minha turma na academia, acho que é pelo nível daquelas pessoas. Se bem que a Dorinha deixa as aulas acessíveis para o padrão de cada um. Eles praticam com prazer, não sei se você nota. Logo, no início, quando chegam os novos alunos, o grupo faz com que eles se sintam mais à vontade. Na segunda semana, terceira semana, já está interagindo, se comunicando melhor... As pessoas se interessam, quando um falta, todos perguntam na semana seguinte. Eu acho que aquela turma é um grupo que é quase uma família.

Sandro pontua que fazer aulas de dança de salão lhe trouxe muitos benefícios práticos, pois percebe que o seu ânimo melhorou, na execução de seu trabalho, nos afazeres de sua casa, bem como se tornou mais seguro:

A dança me ajudou na minha autoestima. Eu melhorei muito no domínio dos passos com as aulas de dança. Eu não fico mais preocupado se a dama sabe dançar ou tem muita experiência. Eu puxo para dançar e dou aquilo que eu sei. Eu estou me sentindo mais seguro até de bater na bola e de interagir com os colegas de diferentes maneiras... Eu acho que até no futebol, que tem dentro do meu condomínio, eu andei meio afastado, porque um acha que é melhor do que o outro. Eu procuro ser eu mesmo, entendeu? Não quero ser mais que a minha capacidade. Aí, a dança me deu força para eu retornar, pois eu vi que eu posso, fiquei com

outra cabeça e mais seguro diante do mundo. Acho que a dança influenciou nisso também.

- **Sérgio**

Sérgio tem 64 anos, é aposentado e seu último emprego foi como vendedor. É casado e tem uma filha, vivendo atualmente apenas com a mulher, uma vez que a filha já está casada e mora em sua própria casa.

Sérgio é nordestino e sempre teve por hábito se divertir com dança antes de vir para a região sudeste do país. O seu principal lazer, segundo ele, era sair para dançar, especialmente em lugares e centros regionais que apresentam músicas com danças nordestinas, principalmente o forró.

Eu nasci em uma fazenda, onde a principal diversão era dançar. Por isso, eu acho que é de família. Meus primos, minhas primas, todos. A gente sempre dançava em festas, principalmente na festa junina... Pode ver, mesmo aqui, quando é uma banda que toca música só nordestina, a pessoa já conhece logo, é gostoso.

Quando a filha era criança, Sérgio gostava de ensinar a menina a dar os primeiros passos de dança. Quando a menina completou oito anos de idade, ele a colocou para fazer aula de ballet, mas ela não se adaptou e foi fazer dança mais populares, como valsa, bolero, pop rock, samba e forró. Hoje sua filha é dançarina e ele se orgulha em dizer que foi o seu professor inicial de dança:

Aprendeu comigo, dançando comigo... Eu acho que ela aprendeu foi aqui em casa mesmo, ela quando estava com nove... dez anos, ensaiava muito comigo. A gente botava música aqui, ela veio, eu fiz um microfoninho pra ela, comprei uma guitarra pra ela, e tal, e ela teve grande parte do seu desenvolvimento na dança aqui comigo. Dançamos por uns três, quatro anos... E a turma incentivou pra mim: "Leva essa menina pra aula de dança!"

Apesar de ter o marido reconhecido como excelente dançarino e a filha ter se tornada uma dançarina profissional, a mulher de Sérgio não é tão dedicada à música quanto o resto da família. Entretanto, quando há algum evento ou festividade, ela gosta de acompanhar o marido e dançar. Segundo Sérgio, quando o cavalheiro domina muito bem os passos, tem facilidade em conduzir a dama. Mesmo quando ainda não tinha aprendido a técnica, sua mulher confiava nele

como cavalheiro e se deixava conduzir, respondendo aos seus direcionamentos durante a execução da dança.

Pra onde eu vou, eu danço. Eu sei conduzir bem uma dama. A minha mulher não dança muito, mas saímos juntos, ela se sente segura em dançar comigo. Ela trabalhou em uma loja de varejo que tinha concurso de dança na festa de confraternização dos empregados. Eu dancei quatro vezes e ganhamos quatro vezes. Em duas vezes eu ganhei o primeiro lugar e em duas vezes ficamos em segundo lugar. Tudo depende de como a dama acompanha. Quando tiramos o primeiro lugar, nós ganhamos prêmio e tudo. Na primeira vez, nós fomos para um Hotel Fazenda em Indaiatuba, interior de São Paulo. Na segunda vez, como éramos um casal, ganhamos um cruzeiro com tudo pago pela empresa dela como prêmio... Segundo lugar, só ganha crédito para compra na loja...

Agora que é aposentado, tem tempo para se dedicar àquilo que gosta. As aulas de dança são para ele um espaço para praticar e manter o corpo em movimento, mas sua real motivação é o prazer que a dança lhe traz:

Dançar é relaxante, porque o corpo da gente faz todo o manejo do balanço, trabalha as pernas, os braços, tudo. A mente, a cabeça da pessoa, trabalha também. Quando a a gente dança é tão gostoso! Ah, você está dançando, eu digo: “Até que horas vai?”, eu digo: “Nossa, ..., eu queria que amanhecesse o dia!”... Quando entra no embalo da dança, você não acha bom sair do salão, você quer mais. Porque o que incentiva é a música. Se, estiver boa, tocando forró, outros ritmos que você sente prazer em ficar e nem sente o tempo passar. Quando estou dançando, estou fazendo algo que eu gosto muito Por isso, que eu gosto de estar ali.

Na escola de dança, Sérgio tem a vantagem de estar sempre informado de bailes e outras formas de encontros com dança divulgados na academia ou pelos colegas. Além disso, em sua turma de dança, ele tem a oportunidade de estreitar relacionamentos e construir amizades:

A gente faz amizade no nosso grupo. Vale a pena ficar ali dançando com eles. Eu continuo treinando a dança e dividimos o que sabemos, participamos de bailes juntos. Assim, eu criei uma amizade grande aqui. Quando você chega a turma já fica incentivando ali no salão. Já sabe que a pessoa gosta de dançar e a pessoa vai dar um apoio para ajudar o outro a aprender. O nosso grupo faz muito isso. Quando você vai dançar, os outros já ficam olhando, já começa também a dançar para aprender também. Quando eu chego no salão, eu vejo a alegria com que sou recebido, então as amizades é uma motivação a mais para fazer as aulas. E isso não é só ali na aula, a gente vai junto para bar. Quando a gente vai lá no restaurante, fica lotado. Quando eu começo a dançar, com um pouco já chega três, quatro, aí já começa a dançar também. Aquilo ali é um orgulho para mim.

- **Vania**

Vania é uma *designer* conhecida na cidade do Rio de Janeiro na área de decoração de interiores. Atualmente, Vania tem 74 anos, é viúva e mora sozinha. Ela relata um pouco de sua experiência profissional:

Eu e a minha sócia vivemos anos muito bons comercialmente. Profissionalmente, a gente se realizou. Talvez não de muito lucro, mas de muita satisfação e sucesso com os projetos, a repercussão dos trabalhos, de ganhos com conhecimentos incríveis que a gente teve, aprendendo muito e com isso a loja foi acrescentando. Porque a gente tinha muito contato com artistas, a criatividade, criando sempre. Isso é uma atividade muito interessante... E, daí, em 2009, terminei a loja porque minha sócia faleceu. Eu, já idosa, não tinha condições de conduzir tudo sozinha. Foi muito doloroso, vamos dizer assim, porque foi uma coisa muito boa pra gente.

Vania não quis parar de trabalhar, pois se considera uma pessoa com muita energia e vitalidade, e entrou em nova sociedade com uma arquiteta para trabalhar como decoradora e projetista de ambientes das obras que esta assina.

Vania diz que sempre se dedicou muito à musculação e à ginástica. Buscando uma atividade para se distrair e praticar alguma forma de lazer, interessou-se em fazer dança de salão, pois sempre gostou de dançar, mas faltava aprender a dança de fato, uma vez que sempre tinha que se deixar conduzir pelo cavalheiro. No entanto, o interesse em aulas de dança ficou só no projeto por alguns anos, em razão da falta de tempo:

Eu trabalho e trabalhei sempre e com o tempo ficava muito curto. E quanto à parte de movimentação e tal, eu fazia muita musculação e muita ginástica, eu sempre fiz a vida inteira. Então eu me dedicava mais a isso e a dança era sempre uma vontade que eu tinha, de fazer aula de dança e tudo, mas nunca tive muita chance de oportunidade de horários, disponibilidade de tempo. Quando era jovem, eu dançava sempre, as danças eram diferentes, dançava mais junto, depois começou mais a fase de dançar separado. Eu fui aprendendo, pois como mulher era conduzida, muito mais fácil. A aula de dança não fazia muita diferença. Você tendo ritmo, você ia embora! Eu acho aula de dança muito legal porque você conhece pessoas, você tem oportunidades de viver outras coisas que você não consegue. Porque a gente tem objetivos de vida diferentes, mais selecionados. Então, você começa a aula de dança e vai ter contato com um monte de gente diferente, com vidas diferentes, eu acho isso super legal.

Daí veio essa oferta de fazer aula aqui perto, eu achei ótimo. A vida inteira, eu sempre gostei de dançar e tudo mais, mas nunca fiz aula de dança.

Desde então, Vania passou a frequentar as aulas de dança de salão oferecidas na Dalal Achcar, mantendo conjuntamente as atividades físicas em outra academia. Vania faz questão de frisar que o seu objetivo com as aulas de dança é mesmo aprender a dançar:

Fazer aula de dança é muito bom porque além de você melhorar na dança, você está aprendendo outros tipos de ritmo etc., eu acho que é bom pra tudo: pra você crescer também, a tua cabeça, você se concentrar, que isso é uma coisa muito importante. Quando você tem mais idade, isso é uma coisa primordial. Você tem que se concentrar naquilo que você está fazendo.

Vania também menciona que, na Terceira Idade, as pessoas têm mais dificuldade de reter a informação, sendo importante fazer atividades que ajudam a exercitar a memória. Para a informante, a dança é uma dessas atividades.

Se você não se concentrar, sua memória vai falhando. Quando você já está com uma certa idade, então você pode ter problema da memória. Você esquece algumas coisas e tal. Então, a dança é uma atividade muito boa, porque você vai praticar fisicamente, mas você vai trabalhar com a cabeça, vai exercitar a memória. Para ensaiar os passos, você tem que trabalhar com a cabeça.

Nestes dois anos de aulas, Vania percebe que evoluiu muito, mas acha que o tempo semanal das aulas de dança de salão é muito pouco:

Eu acho que uma aula por semana é muito pouco. Acho que a gente tem que ter, no mínimo, duas aulas por semana. E acho que a gente tem que ter uma programação maior para frequentar algumas coisas de dança, entendeu? Ou com as próprias pessoas que fazem aula de dança com a gente, ou com outras pessoas que a gente possa conhecer, ou em outros lugares que têm danças no final de semana, porque senão você não se desenvolve rápido. Você fica naquela mesma parada: de começo, de fazer os mesmos passos. Então, pra você se liberar, se desenvolver na dança, eu acho que precisa ter mais horários de dança e ter mais pessoas que dançam diferentes e tal pra você poder aprender mais... [...] Você também pode ajudar, é claro. Então também tem esse lado. Mas, você também tem que desenvolver mais, mais e mais! Senão vai ficar sempre naquele ponto.

Vania pontua que se sente muito bem fazendo as aulas de dança e que não pretende deixar, nem mesmo mudar de academia porque é a mais perto de sua casa.

Essa alegria que tenho, eu sou muito alegre, e acho que a dança também colabora com isso. Acho que sou uma pessoa realizada, leve, alegre e que aprendeu muito com a vida. Eu acho que eu já passei por muita coisa, então isso me ajudou a ir

crescendo. Eu hoje me considero uma pessoa feliz. Como eu gosto de dançar, eu acho uma coisa bem terapêutica, deixa você mais leve, você dança e você se movimenta. Ao executar os passos você tem necessidade de colocar seu corpo para se movimentar, como se fosse uma ginástica. E ao mesmo tempo colabora porque você fica leve, porque a vida é boa, porque é gostoso viver, é gostoso dançar, eu acho que dançar leva você a isso.

Vania é bastante assídua e animada para dançar:

Eu sou certinha com meus compromissos, mas de qualquer maneira eu me comprometi a fazer a dança e vou fazer a dança. Eu acho que quando não tem aula de dança é até um pouco frustrante, que é gostoso você estar ali, aprendendo e convivendo, isso que eu acho importante. Vai fazer dois anos já.

Vania diz que incentiva as pessoas a fazerem aula de dança, pois acredita muito nos benefícios que a atividade traz para as pessoas de Terceira Idade.

Eu sempre digo pra alguém: “você não quer fazer dança?! Vai fazer dança!”. É muito bom para a gente com mais idade. Falo para as amigas e tal. Mas, às vezes, não aparece oportunidade para as pessoas, por causa de tempo etc. Hoje em dia todo mundo é muito agitado, tudo muito apressado, essa coisa de trabalho muitas vezes impede muito as pessoas de fazer esse lado de lazer.

Para Vania, um dos pontos que merece maior atenção as são amizades que construiu em sua turma de dança, o que vê como um outro benefício que as aulas lhe trouxeram:

O nosso grupo é muito bom. Os amigos fazem com que você fique mais interessada pelas companhias e tal, não só pela dança em si. Então, tudo isso te complementa. É bom estar na aula para você desenvolver isso tudo, a dança, conviver com as pessoas, ter amigos, novos amigos, é bom fazer a aula. Eu acho que na aula de dança você também pode ter essa oportunidade de conhecer, que se aproxime de você, pessoas que se interessem umas pelas outras, que dê certo e mesmo como amigo, como namorado, ou como futuro marido, sei lá.

- **Zeni**

Zeni tem 72 dois anos e vive com o seu único filho. Ficou viúva aos 40 anos de idade e foi trabalhar como secretária para complementar a renda proveniente da pensão que ficou recebendo. Atualmente, Zeni é aposentada e pensionista e se dedica à dança e ao teatro amador, como forma de lazer e entretenimento.

Zeni diz que passou a ter uma vida muito intensa depois que chegou à Terceira Idade. Nunca se dedicou a atividades físicas, apenas trabalhava e cuidava dos afazeres domésticos. Entretanto, sempre gostou muito de dançar:

Na verdade, eu comecei a dançar muito criança. Eu tinha uns oito anos de idade. Fui criada em fazenda. Meu pai tocava acordeão. Aí, botava a lareira porque era muito frio e eu dançava em volta. Todos os dias. E eu sempre gostei de um baile, mas meu pai não gostava que a gente fosse ao baile.

Dançar me faz muito bem. Eu gosto de dançar até em casa sozinha. Quando faço a limpeza, às vezes, eu coloco música. Eu pego uma vassoura, que foi, boto uma, uma música, vou dançar com uma vassoura. Eu acho que eu sou meia maluca. Eu gosto porque está no sangue.

Zeni diz que conheceu o marido dançando no carnaval. Mas, depois de casada, ela parou de dançar porque o marido não se interessava:

Eu casei, meu marido nunca me proibiu de dançar. Depois que casou, ele não gostava de dançar, mas nunca proibiu. Eu saía com uma colega, às vezes. Eu conheci o meu marido no carnaval. Ele me levava no clube com a comadre dele, depois terminava o baile de carnaval e ele ia me buscar. Como ele não dançava comigo, e depois também veio o filho, parei uns tempos. Depois que eu fiquei viúva, voltei a dançar de novo e não parei mais.

Quando eu fiquei viúva, fiquei muito triste, porque fui casada dezenove anos, aí fiquei assim... meio depressiva. Eu fui ao médico e ele falou: “você gosta de dançar, não gosta?” Eu falei: “gosto”. Ele respondeu: “então, comece a sua dança...”. Aí decidi procurar uma aula de dança e logo acabou a depressão, porque eu não posso ver uma latinha batendo que eu já estou dentro dançando... Isso foi muito bom para mim, pois então eu pude perceber o quando dançar me faz feliz. Eu acho que isso me ajudou a me conhecer melhor e reconhecer aquilo que realmente me faz bem. E mais, comecei a aprender a dançar bem... Comecei a aprender mesmo as técnicas da dança depois que entrei na aula de dança de salão...

Zeni compara a aula de dança a uma terapia, destacando os ganhos psicológicos que a atividade lhe trouxe.

Eu adoro dançar. É uma terapia. Qualquer tipo de dança pra mim... Por isso me sinto muito feliz desde quando eu me matriculei na aula de dança.

Zeni optou por entrar na escola de dança Dalal Achcar por ser perto de sua casa. É uma das alunas mais animadas e gosta de dançar com todos os participantes:

Então, tem pessoas ali que dançam muito pouco, é muito difícil para eles porque estão começando. Eu fico muito animada quando chega um aluno novo, porque eu vou ter oportunidade de dançar com ele e ensinar alguma coisa. Porque a gente tem que ter paciência pra aprender a dançar, o básico, dois pra lá, dois pra cá. Mas, eu tenho paciência. Por isso, eles gostam de dançar comigo. Eu acho que você aprende alguma coisa quando está ensinando. Comigo não tem distinção, eu danço com aluno antigo, que sabe muito ou pouco, com aluno novo, com as colegas da dança, e com os professores. Cada um traz uma experiência diferente que te enriquece.

Zeni ficou tão animada com a dança de salão que, atualmente, faz aula em duas academias de dança. Ela acredita que a prática e a troca com os colegas que dançam lhe ajudam a aperfeiçoar a sua própria forma de dançar. Além disso, frequenta bailes que são divulgados nas escolas de dança. Acha importante praticar:

Uma vez por semana é pouco. Depois dos anos que fiquei parada, eu estava meio enferrujada, eu sabia os passos básicos, eu sabia tudo, mas precisou de uma forcinha para retomar. Você aprende a dançar e se você parar, você meio que perde os passos.

Zeni diz que voltar a dançar fez muito bem para sua vida, além de abrir as portas para outras atividades, como um grupo de teatro de que começou a participar, justamente porque algumas peças envolvem musicais nos quais ela tem oportunidade de unir suas duas formas atuais de lazer. Entretanto, é dançando que Zeni diz se sentir realizada, sente-se revitalizada e como se estivesse jovem novamente. Ela diz que foi muito feliz em seu casamento e com a vida que teve, mas considera que é agora na Terceira Idade que se realizou de verdade, porque diz perceber que é agora que pode se dedicar realmente ao que gosta de fazer.

Eu tenho prazer em dançar. Eu fico muito feliz quando eu danço. Eu vou lhe contar algo que me aconteceu, que minhas amigas da aula de dança comentam que foi muito engraçado. Em uma ocasião fomos a um baile juntas. Eu cheguei cedo e sentei com elas, pedi um refrigerante. Quando começou a tocar. Quando eu vi eu estava lá dançando sozinha com a latinha na mão. Essas duas amigas entraram no salão depois e me chamaram atenção para a latinha. Só aí que eu percebi. Depois, começamos a dançar. Dancei três horas e meia sozinha. Cheguei em casa feliz da vida.

Zeni diz que tem muito apoio dos amigos e, sobretudo, de seu filho para dançar:

Meu filho gosta que eu dance. Ele sente muito orgulho, mas ele não gosta de dançar. No sábado, eu cheguei em casa sorrindo a toa, ele me abraçou, chegou com a namorada, e perguntou: “Está feliz?”. Eu falei: “É porque eu dancei. É a dança, dancei sozinha, falei com ele. Então ele respondeu: “Mãe, só a senhora mesmo”. Então ele me abraçou e beijou. Ele acha muito bom eu ter uma atividade e sair para dançar.

Zeni acredita que o fato de começar as aulas de dança trouxe um novo norte para sua vida, tornou-se mais disposta para fazer outras coisas e também para sair mais de casa. Ela menciona também que, com essas atividades, sua vida social se tornou mais intensa, pois com as aulas de dança e de teatro ela pôde conhecer mais pessoas, construir novas amizades, considerando esse um ganho adicional, mas bastante importante:

É porque, por exemplo, lá na dança, você faz amizade, você aprende a conviver mais. Você vê que eu me dou com todo mundo ali. Eu tenho um ciclo de amizade muito grande. Converso mais com as pessoas depois que eu comecei a dançar. Os professores me veem, me abraçam. “Ô, você faltou a aula. Você está fazendo falta”, dizem, quando eu não vou. Arrumei muita amizade com o pessoal da turma. Quer dizer, nós temos um grupo de amizade e saímos nas quintas-feiras para o baile da Terceira Idade. Porque, para mim, dançar é tudo. Eu não fico só com a aula de dança. Eu vou dançar em outros lugares. Com outros amigos que fiz em baile de dança. Tem baile de ficha, tem cavalheiro que vai dançar e têm os dançarinos da casa, esses são professores de dança ou dançarinos que cobram para dançar. Você compra uma ficha, é R\$ 2,00 cada. Eu compro logo cinquenta, sessenta reais. São umas trinta fichas, quarenta fichas. Então, eu vou escolher com quem eu quero dançar... Então, hoje em dia, eu me vejo livre, pois eu posso fazer o que me dá prazer. Eu acho que talvez seja até por isso que me dedico tanto à dança, porque eu gosto mesmo de dançar.

5.5.

Significados Emergentes da Prática de Lazer na Aula de Dança de Salão

Esta seção discute os significados atribuídos à prática das aulas de dança de salão na Academia de Dança Dalal Achcar na Gávea, apresentando as categorias emergentes na análise. As observações e as entrevistas foram analisadas conjuntamente e formaram diferentes categorias, que emergiram da análise. Ao se realizar uma nova análise do material, as observações levaram ao reagrupamento de algumas categorias, cujos significados se encontravam muito próximo. As cinco categorias finais e os significados a elas associados são apresentadas no

Quadro 5. Da mesma forma, busquei indicar, na minha percepção, qual seria a categoria dominante de significado atribuído para cada um dos entrevistados.

Quadro 5: Categorias: Descrição, Significados e Principais Termos e Expressões Associados – Grupo de Dança de Salão

Categoria	Descrição da categoria	Significados e Principais Termos e Expressões Associados	Categoria dominante para:
Significado Hedônico	Utiliza o conceito de Holbrook e Hirschmann (1982), englobando as três dimensões sugeridas por esses autores: sentimentos (<i>feelings</i>) fantasia (<i>fantasy</i>) e diversão (<i>fun</i>).	<p>- <i>Feelings</i> – “alegria”, “alegre”, “prazer”, “êxtase”, “feliz”, “felicidade”, “momentos felizes”, “satisfação”, “prazeroso”, “gostar”, “gostoso”, “sentir”, “sentir-se bem”, “saborear [o momento]”, “sublime”, “leve”, “bom”, “faz bem”.</p> <p>- <i>Fantasy</i> – “estar flutuando”, “estar em outro mundo”, “esquecer de tudo”, “coisa maravilhosa”, “história contada através da dança”, “ser levada pelo som da música”, “romântico”, “levar às nuvens”, “viajar na letra”, “encantamento”, “magia”.</p> <p>- <i>Fun</i> – Adquire três conotações, com intensidades diferentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ lazer como diversão propriamente dita – “divertimento”, “diversão”, “achar graça”, “rir”, “brincar”, “brincadeira”, “entretenimento”, “embalo”, “balanço”, “festa”. ○ lazer como relaxamento – “relaxamento”, “paz”, “descontração”, ○ lazer como estética – “beleza”, “arte”, “bonito”. 	Fernanda Margarida Rogério Vania
Espaço de Sociabilidade	Espaço social de encontro entre pessoas de Terceira Idade, proporcionando amizades, interação social e suporte mútuo.	<p>- <i>Amizade</i> – “relações de amizade”, “círculo de amizade”, “amigos”, “grupo”, “nosso grupo”, “grupo de amigos”, “todo mundo num grupo só”, “turma”, “colegas”, “amor”, “o pessoal”, “quase uma família”, “arrumar namorada”</p> <p>- <i>Interação Social</i> – “conhecer gente/pessoas”, “estar com as pessoas”, “todo mundo junto”, “estar junto”, “sair junto”, “interagir”, “interação”, “se ligar”, “sintonia”, “se relacionar”, “convívio”, “conversar”, “troca”, “estar integrado”, “vivência no grupo”, “comunicação”, “entrosamento”, “participação”, “convívio”, “reunião”, “diálogo”, “comunhão”, “convivência fora da aula”, “bater um</p>	Alvaro Leone Lucia

		<p>papinho”</p> <p>- Suporte – “preocupação com a gente”, “sentir-se aconchegada”, “desabafar”, “dar incentivo um ao outro”.</p>	
Qualidade de Vida	Inclui elementos de saúde física e mental proporcionados pela atividade.	<p>- Saúde física – “movimento”, “exercício”, “exercitar o corpo”, “boas condições físicas”, “não ficar parado”, “se manter movimentando”, “atividade”, “disposição”, “vitalidade”, “energia”, “dinamismo”, “flexibilidade”, “não enferrujar”, “não se arrastar”, “condicionamento físico”, “postura”, “não ficar cansado”, “lubrificar o corpo”, “se mexer”, “não ficar entrevado”, “rejuvenescer o corpo”, “soltar os movimentos”, “não ficar parado”, “não ficar travado”, “não sentir dor”, “manter a pressão”.</p> <p>- Saúde mental – aparece com três conotações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Exercitar a mente – “boa saúde mental”, “estimular a memória”, “terapia”, “mais aprendizado”. ○ Sair de casa – “não ficar parado em casa reclamando da vida”, “sair das quatro paredes”, “sair de casa”, “não ficar alienada”. ○ Desenvolvimento espiritual – “enlevar-se”, “elevar-se”, “bom para a alma”, “bom para o espírito”. 	Elza Sérgio Zeni
(Re) Construção da identidade	Consiste em se reinventar como pessoa, por meio da descoberta do novo e de superação do passado; de reforço à autoestima; e de renovado cuidado de si mesmo.	<p>- Descoberta – ““descoberta da vida”, “melhor coisa da vida”, “começar a ver um mundo diferente”, “vida mais interessante”.</p> <p>- Superação – “não ter vergonha”, “ser mais livre”, “ficar mais corajoso”, “dançar para mim mesmo”, “processo de libertação”, “fase de libertação”, “crescer”, “não dever satisfação a ninguém”, “fazer o que queria ter feito lá trás”, “fazer o que teria feito se não fosse tolhido pela sociedade”, “tomar consciência de que se pode tudo”, “esquecer-se de que tem idade”, “voltar a dançar”.</p> <p>- Autoestima – “bom para o ego, autoestima”, “querer para si mesmo”, “explodir de autoconfiança”, “afirmar-se como pessoa”, “se sentir completa, satisfeita, realizada”, “ser valorizada”, “servir de inspiração”, “sentir-me mais seguro”, “ter orgulho de si mesmo”, “como se me tivessem</p>	Alberto Amélia Aurélia

		dado o diploma”.	
Aprendizado	Inclui o aprendizado da dança; o aprendizado social, isto é, aprender a lidar com a diversidade entre pessoas, principalmente de classe; e o aprendizado prático.	<p>- Aprendizado da Dança – “aprender cada vez mais”, “aprender passos”, “aprender a girar”, “aprender a conduzir a mulher”, “aprender coreografia”, “aprender junto”.</p> <p>- Aprendizado Social – “aprender a diferença de cada um”, “troca de experiências”, “ajudar o outro a aprender”, “ensinar”.</p>	Elias Sandro
Redescoberta do corpo	Inclui o prazer com os movimentos e o reencontro com a sensualidade e a sexualidade.	<p>- Movimentos – “mexer com o corpo”, “pegar no corpo da dama”, “movimentos sincronizados”, “fazer movimento corporal”, “trabalhar o corpo”, “falar com os movimentos”, “interagir com a dama”.</p> <p>- Sensualidade e Sexualidade – “requebrar”, “rebolar”, “se arrumar mais”, “ficar mais bonita”, “estar exposta ao olhar [do outro]”, “sensualidade”, “ser feminina”, “ser sensual”, “se soltar”, “roçar a perna”.</p>	Amélia Helena

Fonte: Elaboração própria.

Os Quadros 12 a 17, apresentados no anexo II, mostram, para cada um dos dezesseis entrevistados, exemplos de falas que incluem os significados associados a cada categoria. Observe-se que, em alguns casos, não há falas associadas a determinada categoria por um ou mais entrevistados, o que indica que esse significado não surgiu na entrevista. A seguir, é feita uma síntese dos significados principais e secundários que emergiram para cada entrevistado.

5.6. Análise das Categorias

A compreensão das propriedades simbólicas de qualquer prática de consumo no ambiente social passa pela percepção do valor conferido pelo consumidor àquele produto ou serviço (MCCRACKEN, 2003). Nesse sentido, como salientado por Hammersley e Atkinson (1995), o valor de troca nem sempre é apenas o valor material, mas pode decorrer de significados simbólicos atribuídos

pelo consumidor que justificam a aquisição do bem ou a prática de uma atividade. Desta forma, a construção e negociação dos significados atribuídos à dança de salão refletem diferentes interesses e valores pessoais dos indivíduos de Terceira Idade entrevistados, relacionando o lazer da prática da dança a diferentes perspectivas, que passam pela realização de um desejo individual de aprender a dançar ou de se exercitar até a busca de pertencimento a um grupo com os mesmos interesses de lazer.

5.6.1. Significado Hedônico

Como não poderia deixar de ser, o significado hedônico é uma categoria que aparece na atividade de dança de salão, como costuma ocorrer com qualquer atividade associada ao lazer. Recorri mais uma vez as três dimensões hedônicas propostas por Holbrook e Hirschmann (1982) – sentimentos, fantasia e diversão, para descrever a categoria “significado hedônico” da dança de salão. As três dimensões se mostraram presentes na análise do discurso dos entrevistados.

As aulas aparecem como uma oportunidade de curtir a vida e, em alguns casos, de se desligar de compromissos e questões pessoais, abrindo espaço para se dedicar a algo prazeroso e divertido. Os sentimentos comuns no discurso dos entrevistados falam de “prazer”, “alegria”, “felicidade” e “satisfação”, dentre muitas outras expressões de sentimentos positivos associados à dança.

O significado de fantasia aparece recorrentemente, associado a uma sensação de encantamento. Para muitos, a aula de dança é vivida como um momento de suspensão da realidade, transitando pela experiência lúdica da dança. Dentre as observações dos alunos nesse sentido, vale mencionar a de Vania, que nunca falta às aulas, porque assim se afasta das preocupações, consegue “esquecer-se de tudo”, “esvaziar a mente” e “viver o momento”, o que a leva a se imaginar “em um salão de festa”. Fernanda também confirma esta sensação, ao se sentir “como se estivesse nas nuvens”, “livre”, “viajando com a música e com os passos da dança”.

A dimensão de diversão, associada ao lazer, tem conotações específicas no caso da dança: é mais diversão do que relaxamento, mas é também o desfrutar de uma experiência estética. Assim, alguns entrevistados mencionam que já sabiam

dançar, mas se inscreveram na aula para continuar praticando a dança devido ao prazer que sentem pela vivência deste lazer, como Helena, que deseja continuar treinando os passos de dança; Rogério, que vê na dança sua principal forma de lazer e “se sente melhor” quando dança; Sérgio, que sente uma “satisfação interna” e “se sente mais forte”; ou Zeni, que “se sente muito feliz quando dança”.

A dimensão estética da dança também contribui para o prazer e o encantamento. A sensação profunda de beleza na dança de salão é fortemente marcada nas falas dos entrevistados. Eles relacionam o desejo de aprender a dançar à admiração ao assistir bailarinos que dominam os passos e sabem se apresentar com beleza e elegância. A associação da dança ao belo faz com que os entrevistados considerem os movimentos da dança como o exercício de uma arte. O prazer e o encantamento proporcionados pela dança do salão estimulam o desejo pessoal de conseguir executar os passos com beleza e arte, o que coloca a dança como algo “sublime”, ou que leva ao “êxtase”. Segundo Souza (2010), esta sensação de prazer com a dança está relacionada à representação de um corpo livre, no qual o prazer também se expressa a partir do desejo de ser observado.

5.6.2. Espaço de Sociabilidade

O espaço social da dança de salão é fundamentalmente um espaço de sociabilidade, até mesmo porque não se trata de uma experiência individual, e o prazer daí decorrente ocorre em grupo. A amizade e a interação social são os significados mais importantes dentro desta categoria.

A conquista de novas amizades aparece como um fator importante na busca e na manutenção da atividade. As aulas de dança são, na prática, um espaço em que os idosos estabelecem vínculos entre si por meio do compartilhamento da atividade. Os laços de amizades construídos vão ao encontro do que foi observado nas pesquisas de Moschis (2003), Myers e Lumbers (2008), e Zaltzman e Motta (1996), que observam o fato de que a população de Terceira Idade compreende essa fase da vida como mais favorável para a socialização e construção de amizade, mas que isso ocorre dentro de grupos em que os idosos se identificam e, dessa forma, as suas relações sociais contribuem para nortear determinados comportamentos de consumo.

O ambiente da aula de dança representa um espaço de interação que contribui para a formação de amizades com outros idosos que valorizam a dança. Foi recorrente na fala dos entrevistados a percepção de sucesso na interação entre as pessoas e, em função disto, terem surgido várias amizades entre eles. As relações construídas no grupo se estendem para além da academia de dança, redesenhando-se em reuniões e encontros de dança em outros espaços. Segundo Burnett-Wolle e Godbey (2007), o lazer emerge nas relações das pessoas de Terceira Idade como um importante caminho para demarcar independência e a realização pela interação social. Goulding (1999) diz que atividades que incluem deslocamento e passeios, entre indivíduos de Terceira Idade, são estimuladas quando há contato pessoal que favoreça uma relação de familiaridade. Assim, as aulas de dança transcendem o aprendizado dos passos da dança de salão. A turma se transforma em um grupo de amigos com um interesse comum, no qual a sensação de pertencimento se evidencia de modo inequívoco no discurso dos informantes.

Joana, por exemplo, valoriza mais a conversa do que a dança em si, dedicando-se apenas aos passos básicos. Também Fernanda não se interessa em praticar novos passos, contentando-se em dançar os passos mais simples e em curtir o momento da dança de forma prazerosa, sem se cobrar o domínio dos movimentos mais complexos e sofisticados.

Nas aulas de dança, é comum as pessoas irem se conhecendo e procurarem saber sobre as outras pessoas da turma. Apesar de vários alunos da dança de salão serem idosos, eles estão conectados em *sites* de relacionamento, principalmente o Facebook, e permanecem em contato fora do ambiente da aula. Esse fenômeno, de alguma forma, contribui para estimular a entrada de outros alunos nas redes sociais, fenômeno observado na pesquisa de Gilly e Zeitham (1985) sobre a adoção de recursos tecnológicos pelos consumidores de Terceira Idade.

5.6.3. Qualidade de Vida

A busca e a preocupação em alcançar melhor qualidade de vida, tanto sob a perspectiva física quanto mental, aparece recorrentemente nas falas dos idosos.

Os entrevistados reconhecem, em geral, que a dança é considerada uma ótima atividade física para a Terceira Idade. Os idosos que já sabiam dançar argumentam que foram buscar uma oportunidade de continuar praticando a dança e reforçam que a decisão está alinhada ao apelo social de que a Terceira Idade deve fazer alguma atividade para se ocupar e exercitar o corpo. Nesse sentido, o consumo de aulas de dança de salão pela Terceira Idade está fortemente relacionado ao discurso social a respeito dos benefícios que a dança pode gerar aos idosos. McCracken (1988) observa que o comportamento de consumo pode transcender a racionalidade quando valores culturais começam a nortear os comportamentos. Para o autor, esse fenômeno, dada sua natureza simbólica, ajuda a delinear projeto coletivo que contribui para formação de uma identidade social relacionada ao grupo em questão.

Os indivíduos de Terceira Idade entrevistados sentem orgulho em se identificar como idosos que dançam. Não se trata, aqui, de ser um dançarino, mas sim de ser um idoso ativo que pratica uma atividade que ajuda a movimentar o corpo, participando de um grupo de idosos com os mesmos interesses. As falas de vários entrevistados seguem nessa direção. Lucia e Helena, por exemplo, criticam outros idosos que conhecem e que não fazem nenhuma atividade física e Vania afirma que o idoso deve se exercitar.

Os informantes destacam que, além dos benefícios da atividade física, a dança de salão contribui para a saúde mental dos idosos, pois enquanto se exercitam fisicamente com a prática da dança propriamente dita, precisam memorizar os passos para executar a dança. Nesse sentido, consideram que a dança de salão é adequada também para exercitar a mente, o que torna a atividade ainda mais indicada para os indivíduos da Terceira Idade. Lucia, por exemplo, informou que precisava fazer uma atividade física, mas não gosta de ginástica, e encontrou nas aulas de dança de salão uma oportunidade de se exercitar de forma prazerosa. Como benefício extra, ela sustenta que a dança ajudou a trabalhar sua memória, pois se percebia muito esquecida, tendo agora mais foco e atenção. Ela reforça o discurso dos benefícios da dança e exemplifica a partir de sua própria experiência.

De forma geral, reconhece-se que sair de casa é importante para a saúde mental do idoso, “para não ficar alienado”. Alguns depoimentos sugerem ainda que a prática da dança se associa à ideia de praticar uma atividade que ajuda o

idoso a se sentir jovem, como no caso de Sérgio, que se sente mais forte, não se percebe cansado e se sente “como se fosse jovem”. No mesmo sentido, Margarida diz perceber que com a prática da dança as pessoas tendem a ficar com uma aparência mais leve. Ela se percebe mais bonita, sentindo-se mais jovem “como se esquecesse da idade que tem”. Tais depoimentos remetem ao autoconceito de juventude, no qual a idade percebida diverge da idade real (SOLOMON, 2011). Desta forma, segundo Moschis (2003), os idosos preferem relacionar as atividades de consumo àquilo que transmite a ideia de juventude. Por fim, para alguns, a dança contribui ainda para o desenvolvimento espiritual, sendo “boa para a alma”.

Nesse contexto, a prática da dança de salão representa, para o grupo estudado, uma oportunidade de investimento em saúde física, mental e social, corroborando estudos que discutem o tema (BALLSTAEDT, 2007; CHICK, 1998; FOX, ROSCOE e FEIGENBAUM, 1984; MYERS e LUMBERS, 2008; NEDER, 2005; NAM et al., 2007; PETER e OLSON, 2009; SOLOMON, 2011; ZALTZMAN e MOTTA, 1996). Ainda que os benefícios sejam possibilidade de ganhos reais, a prática da dança de salão tem consequências no imaginário do indivíduo idoso, tendo em vista que o fato de estar praticando dança de salão faz com que o indivíduo se veja como um idoso ativo, distinguindo-se assim daquele que não pratica e, portanto, não goza dos diversos benefícios que a dança de salão oferece à Terceira Idade.

5.6.4. (Re) Construção da Identidade

É significativo o papel que a dança de salão assume na construção identitária desses idosos. As mudanças podem decorrer da descoberta da dança ou da superação de barreiras construídas no passado, mas, de qualquer modo, desembocam em uma melhoria da autoestima do idoso. Como observa Jenkins (2005), a identidade não deve ser considerada estática no tempo, mas é evidenciada no contexto social a partir de uma constante dinâmica que passa pelo ser algo ou se tornar.

O discurso dos entrevistados revela que a dança representa uma escolha pessoal, demarcando posicionamento na seleção da atividade de lazer. Assim como observado na pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013), é muito comum na

Terceira Idade que a manifestação de preferências assuma o significado de capacidade de posicionamento. Nesse sentido, os idosos encontram nas suas escolhas uma forma de reafirmarem seu “eu”, posicionando-se diante dos demais e de si mesmos quanto às suas preferências e, assim, mostrando-se aptos para selecionar as atividades que desejam realizar. Esse tipo de experiência, segundo Bauman (1999), está relacionado à manutenção ativa da própria identidade, pois uma vez que o indivíduo escolhe o que fazer e o que possuir, este se posiciona e mantém sua autonomia pessoal.

Algumas falas dos entrevistados evidenciam o aspecto libertador que a atividade de lazer possui para os praticantes. A sensação de liberdade está sempre relacionada com alguma descoberta da capacidade ou força pessoal desvendada pela identidade de dançarino. Helena menciona que a dança “é uma libertação” porque lhe “ajudou a ir tomando consciência de que se pode tudo” e a “perder a vergonha”. Por sua vez, Sérgio diz que dançar “é libertador” porque consegue aprender algo que lhe faz bem e alcança satisfação interna. Vania acredita que “a dança sempre libertou as pessoas” porque lhes dá coragem e deixa as pessoas mais desinibidas diante das outras. Alberto e Aurélia comentam que antes de aprender a dança não gostavam de se expor, comportamento que a prática da dança ajudou a superar.

Por vezes, a reconstrução da identidade como idoso aparece pela superação de barreiras que impediram o exercício da atividade em outras fases da vida. No caso do grupo de dança de salão, os discursos mostram que a escolha da aula de dança, para alguns, resgata o interesse em dedicar-se a uma atividade anteriormente desejada. Por exemplo, Elza mencionou que “estava sempre pensando em dança de salão”, porque sempre gostou, mas nunca teve a oportunidade; Fernanda, que vinha “retardando” o início das aulas “há anos”; Vania, que nunca tinha tido a “oportunidade de conciliar com os seus horários”. Alberto ressalta que, antes de praticar dança de salão era um homem bastante tímido e que era conhecido apenas por ser muito dedicado ao trabalho. Depois da aposentadoria, foi se dedicar à prática da dança e se tornou mais corajoso e desinibido para se apresentar em público e fazer amizades, tornando-se o “animado”, nova característica identitária alcançada já na Terceira Idade, que Alberto ressalta com muito orgulho. Aurélia, por sua vez, diz que a dança modificou alguns de seus comportamentos. Antes, evitava sair e, sobretudo,

dirigir à noite, o que mudou com a dança: perdeu os medos e a vergonha. Essa independência migrou para outras áreas de sua vida, percebendo-se com uma postura diferente diante dos filhos e dos amigos. Elza menciona que aprender a dançar foi provar para si mesma que consegue realizar algo difícil, e agora repete para si mesma com muito orgulho: “eu consigo dançar”.

Os depoimentos de alguns entrevistados revelam uma relação mais profunda com a dança, na qual emerge o desejo de ser reconhecido como dançarino. Desejo este que, para alguns, representa uma realização pessoal, enquanto que, para outros, um reconhecimento externo. Como ensinam Firat e Venkatesh (1995), a construção identitária de dançarino no discurso dos informantes revela o desejo do indivíduo de expressar como se vê ou da maneira que gostaria de ser visto. Nesses casos, a prática de dança é uma manifestação e um esforço para construção da identidade de dançarino, conforme ficou evidenciado nas falas de Alberto, Amélia, Aurélia, Alvaro, Helena, Margarida, Rogério, Sandro, Sérgio e Zeni, que revelaram grande satisfação e prazer em permanecer praticando a atividade e serem reconhecidos pela habilidade de executar bem a dança.

A autoestima está ainda relacionada à independência em determinar as direções de sua própria vida, incluindo as atividades a que o idoso vai se dedicar, como nos casos de Aurélia e Helena, que perceberam que são livres para fazer o que quiserem, a despeito da opinião dos outros, inclusive da própria família. Se outrora Helena se resguardava para seguir as imposições sociais do comportamento que ela entendia como adequado para si, depois da prática da dança de salão, tornou-se mais espontânea, mais livre para dançar em qualquer evento. Alvaro e Elza comentam que a dança lhes trouxe o sentimento de superação e confiança em si mesmos, e Alvaro se percebe mais seguro para conduzir uma dama no salão. Depois de alguns anos praticando a dança de salão, ele se percebe mais independente para dançar quando está no baile ou em algum evento social entre amigos em que surge a possibilidade de dançar.

A independência também aparece para os idosos entrevistados como manutenção da capacidade de escolhas bem sucedidas sem a necessidade de interferência de pessoas próximas mais jovens. Searle et al. (1998) sublinham que o lazer está associado ao senso de independência entre os idosos. Segundo Burnett-Wolle e Godbey (2007), as relações na Terceira Idade e o comportamento de lazer geralmente são o caminho escolhido pelos idosos para manterem alguma

independência em suas escolhas. No mesmo sentido, Myers e Lumbers (2008) mencionam que as atividades escolhidas pelos idosos procuram evidenciar independência da família e maior convivência com os amigos e, segundo os autores, quando bem sucedidas são capazes de gerar a sensação de autorealização.

5.6.5. Aprendizado

Os entrevistados destacaram com entusiasmo que o fato de fazerem parte de um grupo de dança coeso é muito favorável para o aprendizado. É interessante notar que a visão é positiva mesmo com os diversos alunos estando em diferentes etapas da dança, já que alguns dominam vários tipos de dança, enquanto outros são iniciantes. São praticamente unânimes em argumentar que a troca de experiências enriquece o aprendizado da aula de dança. Mesmo Rogério, Sérgio, Elza, Zeni e Helena, que já dançavam bem quando se matricularam na escola de dança, concordam que, quando dançam com um iniciante, ao dividir o que sabem, estão tendo a oportunidade de aprender de alguma forma.

A importância atribuída pelos idosos entrevistados ao aprendizado contrasta com a visão de Haim (1994), que vê os idosos como inabilitados para práticas que envolvem processos de valorização da aprendizagem em razão de sua capacidade cognitiva ser diminuída. Gergen e Gergen (2000), por sua vez, defendem que essa visão negativa em relação ao envelhecimento é um mito e que, ao se conhecer mais a população idosa, uma nova perspectiva deve surgir, o que confirmei neste estudo. Os autores destacam que os indivíduos de Terceira Idade conseguem ter uma participação ativa e bem sucedida em processos de aprendizado. Searle et al. (1998) observam que, particularmente, as atividades de lazer têm um efeito benéfico para o processo de aprendizagem da Terceira Idade, pois aquilo que aprendem nos momentos de lazer é apreendido com mais facilidade, ao estimular o senso de independência e gerar bem-estar psicológico entre os idosos.

5.6.6. Redescoberta do Corpo

Um significado importante atribuído à dança de salão refere-se à redescoberta do corpo. A questão da relação entre corpo e envelhecimento já foi

tratada por Goldenberg (2011), para quem essa relação é um campo muito pouco explorado. Na pesquisa, esta categoria emergiu com muita força, embora sua importância fosse distinta para uns e outros idosos entrevistados.

A redescoberta do corpo ocorre em duas perspectivas distintas, embora relacionadas. De um lado, a dança representa o resgate do prazer em movimentar o próprio corpo e, nesse sentido, é um prazer de que se desfruta solitariamente. De outro, a dança é uma representação para os outros, que envolve beleza, harmonia, sincronia e domínio do corpo. É, para o idoso, uma possibilidade de recuperar a sedução e exprimir sensualidade e sexualidade.

Não é à toa que alguns entrevistados disseram que se sentem atraídos pela dança ao ver outros dançarinos e os movimentos sincrônicos dos corpos. Nesse contexto, a decisão de aprender a dançar desperta no imaginário dos idosos algumas possibilidades de resgatar o valor do corpo, tais como tornar-se mais atraente, apresentar-se com sensualidade, exibir-se com postura, encantar e ser encantado por meio da execução bem sucedida de passos de dança.

De acordo com Alves (2003), o espaço em que a dança de salão ocorre favorece a que os indivíduos se apresentem e exibam o corpo em movimento. A dança de salão abre assim a possibilidade de recuperar a capacidade de sedução. Para Souza (2010, p. 194), a sensualidade faz parte da dança de salão, pois é próprio da dança representar um “jogo de sedução que permite que homens e mulheres se aproximem”, mesmo que seja apenas para dançar e executar bem os passos. No presente estudo, esta questão surge claramente nas falas dos entrevistados. Elza menciona que a dança passa uma magia e uma sensualidade que a seduz e Fernanda diz que a sensualidade está naturalmente presente na relação que se coloca entre o cavalheiro e a dama no momento da dança. Para Helena, a sensualidade presente nos passos da dança é o elemento que faz a dança ficar mais bonita e, portanto, mais atrativa.

O encantamento surge no discurso dos entrevistados também pela beleza que o movimento rítmico, os passos e a coreografia permitem realizar. Como a dança de salão envolve diferentes tipos de dança, há uma variedade muito grande de coreografias, o que ajuda na diversidade das apresentações (Massena, 2006). Segundo Souza (2010), o prazer com a beleza da dança é tão importante para quem pratica a dança quanto o domínio de técnica, o que confirmei nas entrevistas realizadas e no decorrer da observação participante.

Para Massena (2006), em uma aula de dança de salão se aprende mais do que os passos de dança, ao se executar um jogo cênico durante a exibição da coreografia, que representa a arte da dança. Nesse sentido, percebe-se a existência de uma construção simbólica em torno da dança que legitima a exibição do corpo do dançarino, ato que representa a expressão do belo ou, para outros, a expressão de uma arte. Esta característica da dança de salão não passou despercebida pelos informantes no meu estudo, uma vez que Amélia, Aurélia, Elias, Fernanda, Margarida, Sandro e Vania argumentam tal característica como inspiradora para a escolha da dança de salão; e Elza, Rogério, Helena, Sérgio e Zeni viram essa característica para que elegessem a prática da dança de salão como um lazer pessoal e contínuo.

Schechner (2003), ao discutir performance na dança, esclarece que os cavalheiros e as damas ao executarem cada passo estão juntos demonstrando uma ação que visa ao diálogo com quem assiste. Dessa forma, a performance não é apenas para si mesmo, mas um envolvimento harmônico entre o executor, o espectador, a música, o espaço, o traje e o parceiro com quem se está dançando ou com quem se deseja dançar. Nesse sentido, o encantamento é um dos resultados possíveis, não apenas para quem vê, mas também para aqueles que se exibem e se mostram com a dança. Por exemplo, Aurélia, Elza, Fernanda, Helena e Margarida destacam que sentem muito prazer em ver uma dança sendo executada. Rogério diz já ter sido elogiado por Sandro, colega de aula de dança, pela forma como dança. Helena diz ainda que a dança lhe ajudou a se valorizar mais como pessoa, o que resultou em uma exibição maior de sua feminilidade e sensualidade: agora ela pode “rebolar”. Margarida considera que a dança fez com que se soltasse mais e se tornasse mais expressiva, porque movimenta o corpo. E Amélia escolhe a saia rodada, melhor para dançar bolero, porque chama mais a atenção.

Assim, a dança de salão pode assumir o significado de uma redescoberta do corpo, que, embora envelhecido, ainda é capaz de transmitir beleza e gerar admiração entre os que assistem.

6

Considerações Finais

Este capítulo apresenta as considerações finais a partir dos resultados obtidos para os dois grupos de lazer investigados. Inicialmente, falo das diferenças gerais na estrutura dos grupos estudados. Em seguida, interpreto os significados que o indivíduo de Terceira Idade atribui ao lazer em grupo à luz de um processo de ressignificação da Terceira Idade. Ao final, saliento as contribuições teóricas do estudo, exploro algumas possíveis implicações gerenciais e sugiro campos de pesquisa futura.

6.1.

Natureza dos Grupos

A convivência semanal, durante dois semestres subsequentes, com cada um dos grupos tornou para mim evidentes as diferenças quanto à natureza dos grupos. Os dois grupos estudados apresentam algumas características distintas que, em parte, explicam as diferenças encontradas nas categorias e significados associados. Além disso, o grupo de dança de salão reunia pessoas com renda e grau de formação maior que as pessoas do grupo de seresta, conforme evidenciado nos quadros 2 e 4, que apresentam os perfis dos entrevistados dos grupos de seresta e de dança de salão, respectivamente. Como se viu, no grupo de seresta predominou idosos pertencentes às classes C1 e C2, que os remete à classe média brasileira conforme a classificação socioeconômica do Critério Brasil (ABEP, 2013), e com formação predominantemente do ensino médio, com algumas exceções. Em sentido oposto, o grupo de dança de salão foi predominado por pessoas de Terceira Idade das classes B1 e B2, que os remete à classe média alta no Brasil, de acordo com a classificação socioeconômica do Critério Brasil (ABEP, 2013). O grau de formação das pessoas de Terceira Idade no grupo de dança era

predominantemente de idosos com curso superior completo, com poucas exceções.

O grupo de Seresta é um grupo aberto, em que não é necessária autorização para ingresso na atividade, bastando o indivíduo ter o desejo de vivenciar a experiência do encontro musical. Em função disto, o grupo de seresta tem fronteiras difusas, ou seja, até onde se pode dizer que determinado indivíduo é membro do grupo? Um transeunte/passante pode ser considerado membro do grupo? Qual a frequência ou envolvimento necessário para que alguém “pertença” ao grupo? Assim, ficou claro para mim que as “regras” de pertinência ao grupo não se encontram claramente definidas. Já a natureza do grupo de Dança de Salão é distinta, pois trata-se de um grupo fechado, sendo necessária autorização para participar, uma vez que o ingresso às aulas de dança se dá de maneira formal, concretizada por meio de matrícula na academia de dança. O aluno pode ser autorizado a participar das aulas, mediante o pagamento das mensalidades, ou de forma gratuita, mediante a concessão de bolsa.

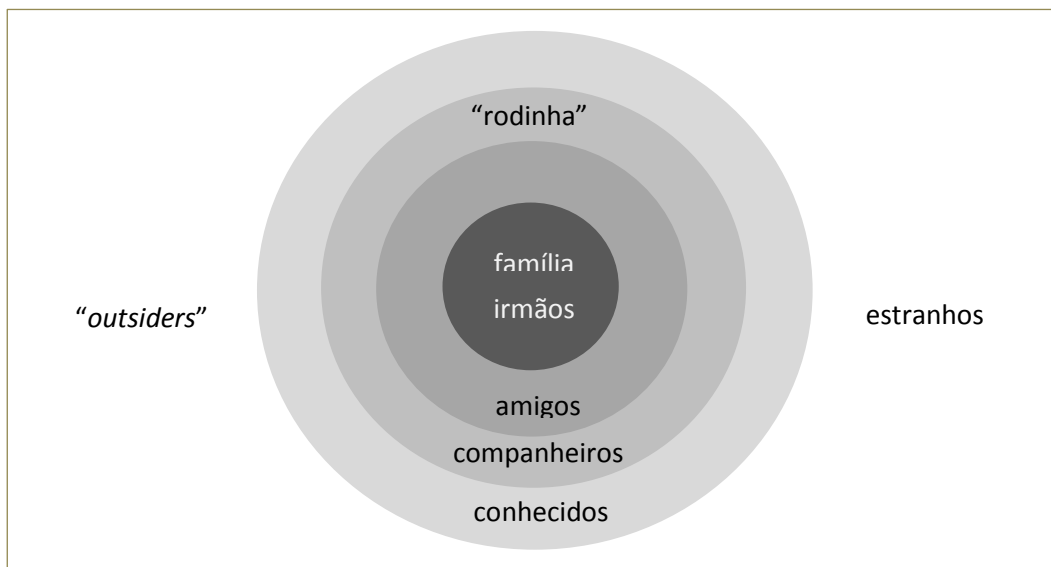
O grupo de Seresta, pela sua própria natureza, é bem maior do que o de dança. O tamanho do grupo de Seresta é variável. Aumenta muito na primavera, dado que no verão os participantes diminuem a frequência em razão do calor e do sol forte. Da mesma maneira, em épocas de frio, há menor número de participantes, sobretudo quando há expectativa de chuva, uma vez que é impossível realizar o encontro musical nessas circunstâncias. Registrei em meu diário de campo durante o período de observação que o número de participantes em um domingo típico de Seresta ficava em torno de 50 a 60. Entretanto, houve dias em que observei um número menor, da mesma forma que, em outras ocasiões, havia até 80 participantes. Quando o número é muito grande, o encontro de Seresta acontece com certa dificuldade, pois as pessoas ficam espalhadas pelo espaço e o som da conversa atrapalha os músicos. Por outro lado, quando a Seresta tem um número em torno de 50 participantes ou menos, é possível maior integração do grupo, o coro se estabelece com mais facilidade, mais cantores conseguem se apresentar e, eventualmente, um novo participante é convidado a cantar. Já com relação ao tamanho do grupo de Dança de Salão, o número de alunos pagantes ficava em torno de 20, além de 10 alunos com bolsa que participavam das aulas. Os bolsistas eram os mais assíduos, sendo muito raro que

faltassem. Mesmo entre os alunos pagantes, houve os que nunca faltaram durante todo o semestre.

O local do grupo de Seresta é aberto, enquanto o local da dança de salão é fechado. O fato de serem duas atividades de lazer distintas, uma aberta e outra fechada, me ajudou a perceber que cada uma tem características próprias conforme a natureza da proposta de lazer específica. O grupo de Seresta se reúne nos jardins do Palácio do Catete, que é um espaço público; por essa razão, a possibilidade de reunir um número maior de participantes é muito grande, pois vários indivíduos que passam por ali têm oportunidade de conhecer e participar do grupo de encontro musical, enquanto a aula de dança de salão ocorre dentro da escola de dança, que é um espaço privado, acessível apenas aos alunos regularmente inscritos. Dessa forma, o acesso ao grupo é restrito.

As características dos grupos, que assinala, fazem com que existam diferenças nos rituais de aceitação. No grupo de Seresta, a pertinência ao grupo é inicialmente demarcada pela simples frequência constante, por meio da qual se vão construindo ao longo do tempo as relações. Os rituais de aceitação passam pelo convite para cantar, pela participação em atividades de suporte à organização do grupo e, de forma mais marcante e definitiva, pelo convite para participar em atividades fora do local do encontro musical. A pertinência, por fim, é consagrada pelas relações de amizade que se estabelecem. Estas características fazem com que um participante do encontro musical possa ser tanto alguém “de dentro” ou alguém “de fora” (ou seja, um *outsider*). Trata-se, em última análise, de uma escolha mútua: tanto do indivíduo, que busca ou não a aproximação, quanto do grupo, que manifesta os sinais de que sua proximidade é ou não desejada. Observe-se ainda que um mesmo indivíduo pode se mover de um círculo mais externo para um círculo mais interno com o tempo, embora o movimento inverso também possa ocorrer.

A Figura 1 mostra os diferentes círculos de relacionamento identificados no encontro musical.

Figura 1: Representação gráfica dos círculos de amizade identificados

Fonte: Elaboração própria.

Já no grupo de Dança de Salão, há um ritual formal na primeira aula, em que o iniciante é apresentado ao grupo. Essa apresentação se dá sempre ao final da aula, quando a professora interrompe a música e pede para que iniciantes e “iniciados” formem a “roda da saúde”. A esse comando, todos os alunos dão as mãos e formam uma roda. Em seguida, a professora traz os avisos e realiza uma pequena confraternização de incentivo. O aluno novo é convidado a ficar no meio da roda e recebe um abraço coletivo, como símbolo de iniciação ao grupo. No momento do abraço, todos falam em uníssono: “Saúde!”.

Os rituais são um elemento importante no consumo, como já observou McCracken (2003). No caso específico dos grupos de lazer, os rituais de aceitação exercem uma função fundamental para os participantes de Terceira Idade, sendo vistos como “acolhedores” no caso da dança, e como símbolos de “agradar aos outros”, ser “requisitado”, “aplaudido” ou “reconhecido”, no caso da seresta. Sem dúvida, a aceitação no grupo de seresta é vista como uma conquista, mais do que no grupo de dança.

6.2.

O processo de ressignificação da Terceira Idade

Nesta seção, procuro apresentar uma interpretação mais ampla de como se dá a ressignificação da Terceira Idade por meio do lazer, a partir da comparação entre as duas atividades de lazer estudadas.

6.2.1.

A escolha da atividade de lazer: independência ou negociação

Os idosos realizam suas escolhas de consumo para expressarem de forma ativa aquilo que “são”, aquilo de que “gostam” e para demarcar suas preferências pelo que fazer ou com quem se relacionar. Na minha pesquisa, os idosos manifestaram que a decisão de participação na atividade de lazer se deu ou por meio de uma escolha independente do lazer que desejavam vivenciar ou que julgavam necessário (ainda que por influência de outros), ou por negociação com familiares.

Assim, o idoso seleciona suas atividades de lazer por si mesmo ou por influência da família, de agentes externos (médicos, psicólogos, assistentes sociais, amigos etc.), ou ainda de pares (amigos, colegas, outros idosos etc.). Dessa forma, o processo de escolha é realizado de forma independente ou é estabelecido por meio de negociações para a realização da atividade. Mesmo assim, entre os idosos com que convivi em cada grupo, a seleção das atividades de lazer emerge sempre, ao final, como uma escolha pessoal.

O processo de escolha, quando bem sucedido, demarca a autonomia e a capacidade do idoso em relação ao seu contexto social, o que se mostrou muito importante para os indivíduos nesta etapa da vida. No discurso dos meus entrevistados, fica muitas vezes claro o desejo de realizar alguma atividade por si mesmos ou em companhia de outros idosos, sem a interferência de “não idosos”, porque, para esses, o idoso seria um estorvo, ou, no máximo, uma obrigação. Nesse sentido, ao se envolver diretamente no consumo das atividades de lazer, o consumidor de Terceira Idade inscreve significados sobre si mesmo, sobre o papel da prática do lazer em sua vida e sobre sua relação com os demais.

É importante pontuar que os meus entrevistados estavam aptos, física e mentalmente, a executar o consumo de lazer escolhido. Mesmo no caso dos informantes que revelaram a influência de outros que, de alguma forma, incentivaram a prática da atividade de lazer, a significação do lazer esteve diretamente relacionada à capacidade de o idoso executar a atividade. Por exemplo, o filho de Amélia a incentivou a “fazer alguma atividade de lazer”; o médico de Zeni lhe disse: “então, vai dançar”; e as amigas de Aurélia a convenceram a fazer aula de dança. No entanto, essas pessoas atuaram unicamente como “gatilhos” para o ingresso na atividade, mas os idosos permaneceram na atividade porque se identificaram com a proposta de lazer. Quando os idosos foram a convite ou em companhia de amigos, eles permaneceram na atividade de lazer independentemente de quem os havia convidado permanecer ou não. Dessa forma, assumiram para si a responsabilidade pela prática do lazer, identificando-se com o mesmo e se descobrindo capacitados para exercê-lo, seja por meio do dançar, do cantar ou da simples audição musical.

No entanto, a independência para seleção das atividades de lazer na Terceira Idade nem sempre é um processo tranquilo para os idosos. Em ambos os grupos de lazer investigados em minha pesquisa encontrei indivíduos de Terceira Idade que enfrentaram questionamentos, falta de apoio ou, em alguns casos, resistência para realizar a atividade. Esse tipo de situação não é incomum, tendo sido relatada na literatura em outro contexto. No estudo de Barnhart e Peñaloza (2013), observou-se que os hábitos de consumo dos indivíduos de Terceira Idade sofriam interferência de familiares e cuidadores, que buscavam ajudar a executar tarefas e a tomar decisões. Segundo Barnhart e Peñaloza, o discurso de interferência tinha sempre uma roupagem de proteção ao interesse do idoso, mas na perspectiva das autoras, a interferência representava uma diminuição de autonomia e capacidade do idoso. Também no estudo de Araujo, Casotti, Silva e Pessôa (2012), percebeu-se que alguns discursos direcionados aos consumidores de Terceira Idade adotavam um tom infantilizado, o que poderia contribuir para a construção de imagem socialmente inferior do idoso.

Também no meu estudo, alguns informantes apontaram a existência de interferências de familiares e amigos em suas atividades. Em alguns casos, essas interferências foram positivas, como no incentivo para fazer alguma atividade,

mas em outros mostraram-se negativas, ocorrendo enfrentamento e negociação para que o idoso pudesse realizar a atividade desejada.

A intensidade dessas interferências se deve, em grande parte, ao questionamento dos familiares quanto a se o indivíduo, ao chegar na Terceira Idade, permanece cognitiva e fisicamente capaz. Para alguns informantes, mudanças de vida, como, por exemplo, a aposentadoria pode afetar a forma pela qual os demais veem e posicionam o indivíduo. Esse fenômeno tende a afetar a identidade dos idosos. Por exemplo, o simples fato de se assumir aposentado pode gerar a desqualificação do indivíduo na perspectiva dos familiares e, em alguns casos, do próprio indivíduo. Em outros casos, o simples fato de estar cruzando a fronteira da idade formal da Terceira Idade já gera desconforto em alguns indivíduos, que podem resistir a assumir-se na Terceira Idade porque acreditam que, ao fazê-lo, estariam incorporando a identidade de “ser velho”.

Dessa forma, ao fazer opções de consumo de lazer, o indivíduo de Terceira Idade se posiciona como autônomo em suas escolhas e capaz de executar atividades que demandam algum esforço. Ao fazer isso, reafirma seu posicionamento como “não velho”. Quando posicionamento e identidade estão de acordo, os idosos continuam as práticas atuais e os seus discursos reproduzem o posicionamento escolhido. Esse fenômeno remete ao que Bauman (2005) chamou de identidade escolhida, na qual o indivíduo se posiciona e manifesta a identidade que deseja possuir.

Nesta pesquisa, observei que, quando a identidade de Terceira Idade entra em conflito com o posicionamento subjetivo escolhido por alguma imposição de familiares ou amigos, o indivíduo de Terceira Idade negocia a sua identidade pontuando os significados que podem alterar a visão dos outros sobre si mesmo.

As estratégias de negociação para realização das atividades de lazer ocorreram em alguns casos, tanto no grupo de Seresta, quanto no grupo de dança de salão. Um caso representativo é o de Margarida, que estava sendo pressionada pela filha e pelo médico para fazer ginástica depois que se aposentou. Por ter sido “muito cobrada”, resolveu fazer caminhadas, mas não gostou. Assim, resolveu procurar alguma outra atividade física, descobrindo a dança de salão, atividade que considera prazerosa. Gisela também precisou negociar com a filha a participação no grupo de Seresta. Como tinha por companhia apenas a filha, que não dispunha de muito tempo, Gisela descobriu a Seresta, mas a filha ficou

inicialmente preocupada com a participação da mãe em vários domingos no Palácio do Catete. As questões levantadas eram relativas à segurança do lugar e aos outros frequentadores do grupo, mas Gisela foi bem sucedida na negociação com a filha, que passou então a incentivá-la a frequentar o grupo.

As estratégias de negociação relatadas revelam que os indivíduos de Terceira Idade ainda carregam o estigma da inferioridade face aos mais jovens. Essa percepção, no entanto, não reflete as características da maioria dos indivíduos que chegam à Terceira Idade na contemporaneidade (ALVES, 2007; BALLSTAEDT, 2007; BIRTWISTLE e TSIM, 2005; FOX, ROSCOE e FEIGENBAUM, 1984; GILLY e ZEITHAM, 1985; MYERS e LUMBERS, 2008; NEDER, 2005; SEARLE et al., 1998), que se mostram plenamente aptos, capazes e independentes para realizar com autonomia suas próprias escolhas e dedicarem tempo ao que gostam e desejam fazer. Meus entrevistados sublinharam que a liberdade de escolha da atividade de lazer foi fundamental para que pudessem descobrir novos talentos e capacidades e, desse modo, (re)construírem suas identidades nesta fase da vida.

Em ambos os grupos, o idoso se utiliza do lazer escolhido para evidenciar sua autonomia perante si mesmo e os outros. Nesse sentido, assim como no estudo de Barnhart e Peñaloza (2013), observei que o consumo dos indivíduos de Terceira Idade – neste caso específico, o consumo de lazer – se manifesta a partir do investimento em relações sociais e por escolhas que lhe permitem construir, criar, negociar ou manter sua identidade. Ao realizar suas escolhas de lazer, o consumidor de Terceira Idade busca um espaço que seja “seu”, demarcando ou manipulando, intrínseca e extrinsecamente, sua liberdade e autonomia.

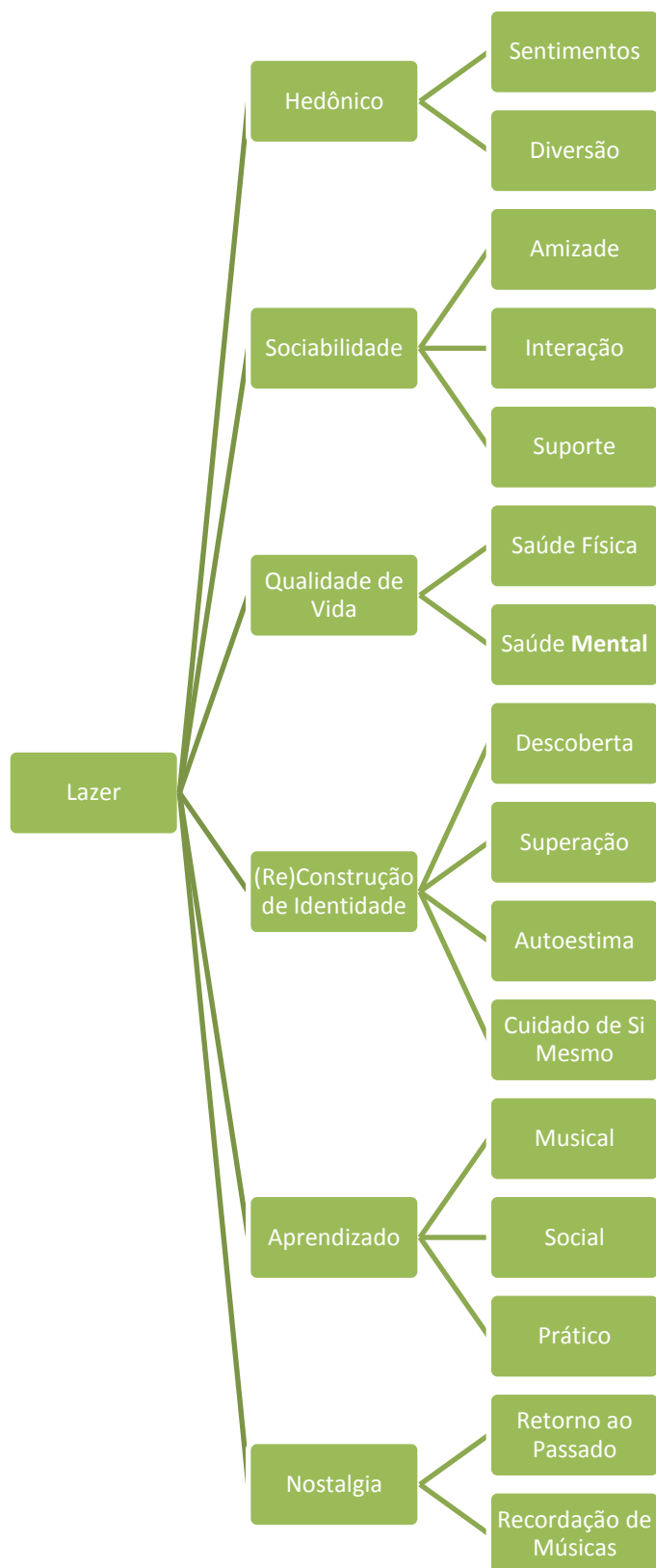
Os consumidores de Terceira Idade utilizam três estratégias principais. A primeira é tentar convencer os demais, recorrendo a um argumento verbal que justifique sua relação com a atividade de lazer. A segunda estratégia é tentar provar sua aptidão para a prática da atividade, como, por exemplo, apresentar-se como cantor ou dançarino. Firat e Venkatesh (1995) ensinam que a construção identitária expressa como se vê ou da maneira que gostaria de ser visto, sendo então confirmada com ações práticas. A terceira estratégia é reafirmar seu posicionamento por meio de negociação. Barnhart e Peñaloza (2013) perceberam que a identidade na Terceira Idade se revela contingente, sendo construída no posicionamento dos idosos em relação a outros. As autoras destacam a natureza

ativa da contestação, que pode ocorrer de forma autônoma ou negociada com aqueles que a contestam.

6.2.2. Significados do lazer na Terceira Idade

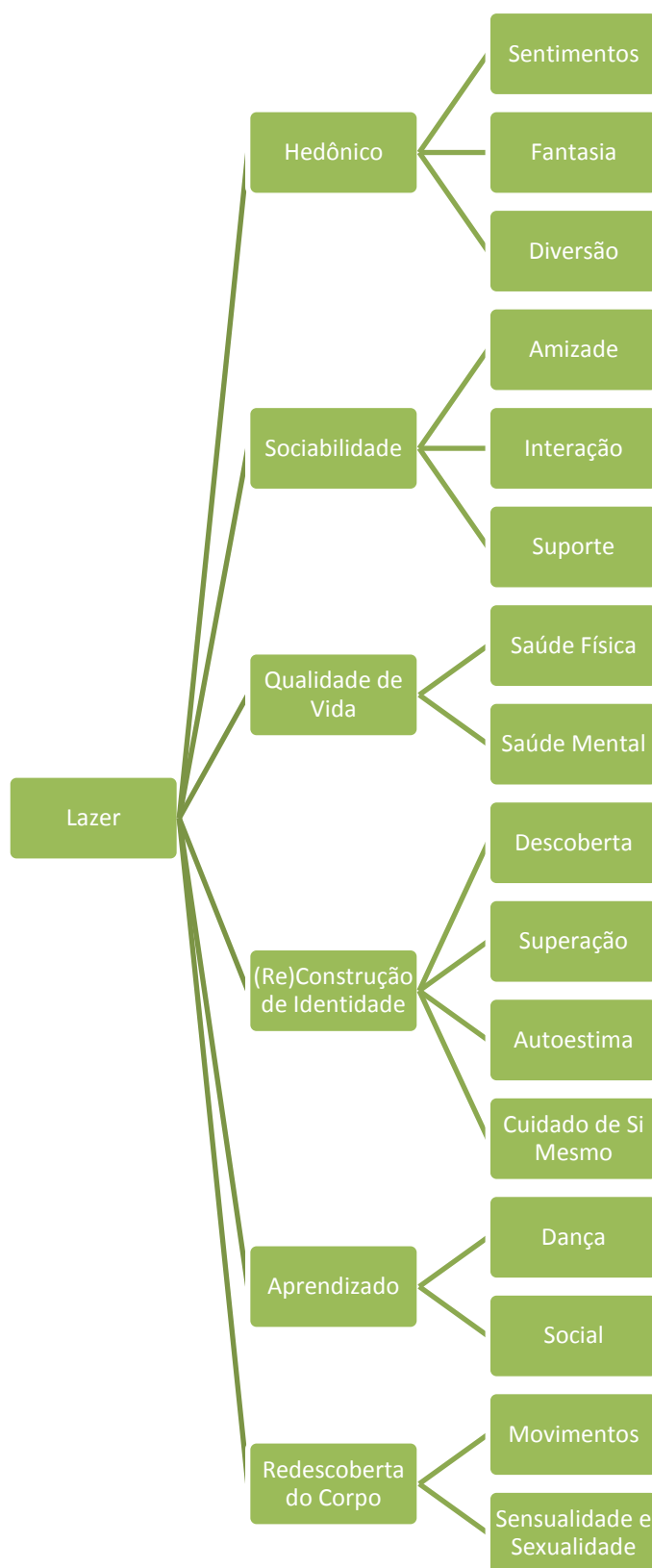
A análise dos significados do lazer identificados no discurso dos informantes de cada grupo permitiu que os aspectos simbólicos fossem agrupados em categorias. Como já expliquei ao descrever os significados extraídos do discurso dos entrevistados em cada um dos grupos, esses significados foram reunidos em categorias. Cinco categorias foram comuns aos dois grupos: significado hedônico, espaço de sociabilidade, qualidade de vida, (re)construção de identidade e aprendizado. Embora as categorias tenham recebido os mesmos nomes, há nuances específicas que identifiquei em cada grupo e apresentei em detalhe nos dois capítulos anteriores. Além disso, em cada grupo, foi identificada uma categoria adicional não compartilhada com o outro grupo: “nostalgia”, no grupo de Seresta e “redescoberta do corpo”, no grupo de Dança de Salão. A figura 2 traz uma representação gráfica dos significados de lazer que emergiram no grupo de Seresta e a figura 3 no grupo de Dança de Salão.

Figura 2: Representação Gráfica das Categorias e Significados Associados no Grupo de Seresta



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3: Representação Gráfica das Categorias e Significados Associados no Grupo de Dança de Salão



Fonte: Elaboração própria.

O peso de cada categoria variou de um entrevistado para outro e de um grupo para outro. Além disso, a construção de significados se caracteriza por algumas dimensões individuais e outras dimensões sociais ou coletivas. Esta constatação está de acordo com o estudo de Barnhart e Peñaloza (2013), ao afirmarem que em qualquer consumo de atividade, os consumidores de Terceira Idade, individualmente ou em conjunto, constroem um ou mais significados individuais e coletivos.

O discurso dos informantes sugere que existem cinco categorias emergentes do repertório de significados do consumo do lazer tanto para o grupo de Seresta quanto para o grupo de Dança. Em síntese, são elas:

1) Significado Hedônico – Categoria que remete ao prazer que decorre da prática do lazer em si, incluindo os três significados identificados por Holbrook e Hirschman (1982) associados ao consumo hedônico, por eles chamados de *fun*, *feelings* e *fantasy* (diversão, sentimentos e fantasia).

A categoria Significado Hedônico apresenta nuances claramente distintas nos dois grupos. No grupo de Seresta, só aparecem dois significados: sentimentos e diversão. O encontro musical ultrapassa o simples ato de apreciar uma boa música, seja cantando, ouvindo ou dividindo o momento com outras pessoas que participam da Seresta, despertando sentimentos mais profundos como os anteriormente descritos. No entanto, a dimensão fantasia não aparece. Já no grupo de Dança, predominam sentimentos relacionados principalmente ao prazer. A diversão é menos importante do que no grupo de Seresta. A dimensão fantasia aparece, sob a forma de encantamento e magia, como um momento de suspensão da realidade proporcionado pelo lazer.

O significado hedônico também apresenta nuances distintas entre indivíduos no mesmo grupo. Por exemplo, Rogério e Helena participam das aulas de dança de salão porque a atividade da dança lhes dá um profundo prazer, que é diferente do prazer sentido e descrito por Amélia, que buscava uma atividade física e encontrou na dança de salão uma “atividade prazerosa”.

2) Espaço de Sociabilidade – Remete à importância do lazer para construção de relacionamentos na Terceira Idade. Alguns entrevistados sublinharam que sua motivação para participação tanto no grupo de Seresta quanto no de Dança era encontrar um lugar onde pudessem interagir com outros idosos. Qualquer que seja a extensão dos vínculos que se estabeleceram nos

respectivos espaços de lazer para cada um dos entrevistados, há algo em comum no que buscam, de tal modo que os significados associados ao fruto dos relacionamentos são convivência, conversa, interação, integração, vida social, vínculo e calor humano, entre outros.

A categoria Espaço de Sociabilidade aparece fortemente nos dois grupos. Justifica-se por ser, como se verifica na literatura (BARNHART e PEÑALOZA, 2013; BURNETT-WOLLE e GODBEY, 2007; MOSCHIS, 2003; MYERS e LUMBERS, 2008; ZALTZMAN e MOTTA, 1996), uma dimensão extremamente relevante na vida do idoso, que desfruta, na maior parte dos casos, de um ócio permanente. Ward e Reingen (1990) destacam, inclusive, que algumas atividades de consumo advêm da experiência compartilhada por grupos de amigos.

Encontrei diferenças nas conotações dadas dentro desta última categoria. O espaço de sociabilidade no grupo de Seresta destaca as três dimensões: amizade, interação social e suporte. A conquista da amizade parece sobrepor-se às demais dimensões. No grupo de dança, a interação social parece assumir maior relevância e o suporte tem um papel bem menos importante. Mesmo assim, a interação social foi mencionada no discurso de praticamente todos os informantes, em ambos os grupos de lazer estudados, sugerindo que o lazer surge na Terceira Idade como uma excelente porta para a construção de um espaço de sociabilidade.

3) Qualidade de Vida – Engloba significados positivos e negativos relativos à saúde física e mental, ao bem-estar, a “viver mais”. Por detrás desses significados, há questões relativas a autonomia e liberdade, pois cada vez que a pessoa de Terceira Idade realiza com sucesso uma atividade de consumo desejada por si mesma, ela reafirma sua capacidade física e cognitiva diante de si e dos outros. A categoria inclui as sensações oriundas de melhor qualidade de vida, tais como “vitalidade”, “energia”, “disposição” etc.

A categoria Qualidade de Vida está muito presente nos dois grupos. No entanto, no grupo de dança, ela é quase unidimensional, já que a dimensão física supera tudo o mais, encontrando-se no âmago do discurso dos entrevistados, o que se relaciona à própria natureza da atividade. Em relação ao grupo de Seresta, a qualidade de vida se expressa em múltiplas dimensões, inclusive física, apesar de a atividade em si não implicar diretamente exercício físico. Observe-se que no grupo de Seresta há deficientes físicos (cadeirantes), o que já não ocorre no grupo de Dança. Outra característica do grupo de Seresta é uma visão mais negativa da

vida do idoso, que se expressa nas várias acepções da dimensão saúde mental, em particular “afastar tristezas” “pensamentos ruins”, “mágoas”, “problemas da vida” e “fugir da solidão”. Essas acepções praticamente não se encontram no grupo de dança, embora haja uma ou outra menção.

Sob suas diversas formas, no entanto, o discurso do lazer como forma de investir em saúde encontra-se presente em ambas as atividades de lazer pesquisadas, revelando a forte presença da categoria qualidade de vida. Por exemplo, Margarida destacou que foi fazer a dança de salão “porque deseja fazer uma atividade aeróbica e investir em saúde”, enquanto Walter informou que foi participar do grupo de encontro musical “porque estava muito triste” pela situação de desempregado e reencontrou assim o equilíbrio emocional.

A questão da qualidade de vida em sua relação com o lazer se encontra fortemente apoiada na literatura. Por exemplo, Provonost (2011) aponta que a decisão do consumo de lazer inclui o investimento na saúde psíquica e mental e Searle et al. (1998) sublinham que muitos indivíduos chegam à Terceira Idade em boas condições físicas e de saúde, buscando atividades que lhes permitam manter tais condições na velhice.

4) (Re)construção da Identidade – Inclui significados que remetem a descoberta e superação, desembocando no aumento da autoestima, fortalecimento do ego e maior cuidado de si mesmo. Há ainda um sentimento que leva à realização pessoal, que pode ser definido como altruísmo, ou seja, o fato de preocupar-se com os outros e buscar ajuda-los é um elemento importante no fortalecimento da autoestima do idoso. Outros significados, ainda, tratam da descoberta de si mesmo e de suas potencialidades.

A categoria (re)construção da identidade assume, possivelmente, os significados mais ricos relativos ao lazer na Terceira Idade. Apresenta três significados em comum e um significado adicional para o Grupo de Seresta. As duas primeiras dimensões “descoberta” e “superação” são bastante semelhantes nos dois grupos, com a diferença de que, no primeiro caso, trata-se de algo que se descobriu mais tarde na vida, e, no segundo, de algo que só se pode fazer mais tarde na vida, devido a barreiras auto impostas ou a cerceamento de outros. Como Barnhart e Peñaloza (2013) pontuam, as escolhas são um meio de os idosos reafirmarem seu “eu”. A identidade que se expressa no discurso dos informantes é negociada simultaneamente durante a realização da atividade de lazer, perante si

mesmo e os demais, ou construída ao longo do tempo nos casos em que o consumidor descobre novas capacidades e habilidades em decorrência da prática do lazer.

Uma das questões que emerge, no caso das mulheres, é que a velhice permite superar os estigmas da condição feminina em uma sociedade tradicional: não poder cantar, não poder dançar etc. Nesse sentido, trata-se de eliminar o controle exercido por outros (pais, família, marido, filhos, sociedade). Áurea, por exemplo, não podia tocar música popular, que “não era música”; Amélia não podia dançar, porque “moça de família não ia a festa”. Pais mortos, filhos criados, companheiros que já se foram, se, de um lado significam inevitavelmente uma perda, abrem caminho para um ganho, que é uma desconhecida liberdade de o idoso se tornar, ainda que tardiamente, dono de seu próprio tempo, de seu próprio corpo e, por extensão, de sua própria vida. As barreiras auto impostas e as impostas por outros são removidas. Na velhice, a necessidade de se mostrar “moça de família” ou de se portar de determinada forma em público perde significado. A “moça de família” que antes “não ia a festa”, pode, sim, frequentar os bailes da cidade. A música popular, que antes podia “não ser música”, passa a ser tocada, cantada e dançada. As barreiras que se impuseram na infância e na juventude podem agora ser derrubadas. Os medos também são afastados. As mulheres de Terceira Idade se descobrem capazes de sair à noite, de fazer viagens, de frequentar outros ambientes e atividades. Já os homens se sentem seguros em convidar uma dama para dançar, em fazer novas amizades, em jogar um futebol já abandonado, entre outras coisas.

Dessa forma, seja na reconstrução ou na construção da própria identidade na Terceira Idade, o que alguns buscam é atingir a excelência para sua própria satisfação. É tornar-se dançarino ou cantora, profissional ou não, orgulhar-se de suas habilidades e talentos (re)descobertos, ou simplesmente se perceber um indivíduo ativo na Terceira Idade. Tal experiência encontra-se relacionada à manutenção ativa da própria identidade (BAUMAN, 1999).

É por esse processo que a auto estima se fortalece. O exercício da atividade faz com que cada um se sinta novamente capaz de agradar e ser agradado, de apreciar e ser apreciado, de ser valorizado pelos demais. No caso da seresta (embora apareça tangencialmente no grupo de dança), a reconstrução da

identidade passa também pelos cuidados consigo, principalmente no caso das mulheres, mas também no dos homens.

5) Aprendizado – Inclui significados associados à busca de novas atividades nessa fase da vida, valorizando o aprendizado. Na categoria Aprendizado, a ênfase dos idosos surpreende em ambos os grupos, porque se encontra até mesmo naqueles que se encontram nas últimas quadras da vida, com mais de 80 anos.

Na minha pesquisa, os significados associados ao aprender são múltiplos e vão da esfera da atividade propriamente dita (música ou dança), ao aprendizado social e até mesmo a aprendizados práticos, que auxiliam a rotina do dia a dia. Alguns entrevistados destacam que a atividade de lazer abriu caminho para o aprendizado. A seresta proporcionou a possibilidade de os participantes aprenderem a cantar em público, ingressarem ou desejarem ingressar em aulas de canto e de instrumentos. No entanto, no grupo de dança, o aprendizado da dança é fortemente dominante, muito mais do que no grupo de seresta, onde as outras dimensões também têm relevância. A dança de salão permite ainda o aprendizado conjunto por meio de trocas e ajuda entre os pares. A participação ativa de idosos em várias atividades sociais, incluindo aquelas que gerem aprendizado, vem despertando a atenção dos pesquisadores para o fenômeno conhecido como “envelhecimento positivo”.

6) Nostalgia – A categoria Nostalgia aparece apenas no grupo de Seresta. Os significados, nesta categoria, remetem a memórias do passado, tais como ouvir ou cantar músicas e canções antigas, que permitem resgatar o passado, por meio das lembranças de bons momentos, memórias de pessoas e situações especiais. Nesse sentido, o encontro musical proporcionado pelo grupo de Seresta permite, de alguma forma, reviver o passado, remetendo a sentimentos, emoções e imagens positivas, que proporcionam alegria, prazer e paz interior.

7) Redescoberta do Corpo – A categoria “redescoberta do corpo” só aparece no grupo de dança e se encontra fortemente presente no depoimento de alguns entrevistados, em particular das mulheres. Para Alves (2003), a dança de salão permite a exibição do corpo em movimento. A categoria redescoberta do corpo remete a duas dimensões com sentidos distintos: o prazer sentido por meio dos movimentos e a exposição do corpo – agora reencontrado, sensual, feminino – por meio da dança aos olhares de outros. Nesta categoria, a vaidade é

(re)descoberta. A vaidade se expressa em roupas novas, “salto altíssimo” (Aurélia), “vestidos bonitos, saia longa e colares” (Amélia). Há ainda a maquiagem que vai agora além de “passar um batom” e toma ares de um ritual de preparação para a dança. As mulheres idosas passam a se sentir mais jovens e mais bonitas. Os homens se percebem mais requisitados, principalmente como “cavalheiros” na dança. Quanto melhor o cavalheiro na dança, mais festejado e desejado.

Nesse contexto, a decisão de aprender a dançar desperta no imaginário dos idosos algumas possibilidades, tais como tornar-se mais atraente, apresentar-se com sensualidade, exibir-se com postura, encantar e ser encantado por meio da execução bem sucedida de passos, expressando movimentos da dança como arte. Esses movimentos incluem desde movimentar o próprio corpo até tocar o corpo do parceiro. A dança de salão abre a possibilidade de reavivar o charme e a sensualidade e, em alguns casos, a própria sexualidade, uma vez que o momento da dança é propício para que os indivíduos de Terceira Idade possam recuperar a sensação de sedução.

Assim, ao efetivamente ingressar na prática do lazer, o consumidor idoso vai construindo diferentes significados, individuais e coletivos. No caso dos grupos de lazer estudados, os significados individuais do lazer foram revelados nas seguintes categorias: nostalgia, qualidade de vida, (re)construção identitária e redescoberta do corpo. Os significados coletivos do lazer foram revelados nas seguintes categorias: significado hedônico, espaço de sociabilidade, aprendizado e redescoberta do corpo. Observa-se que a redescoberta do corpo diz respeito a uma percepção individual de redescobrir a sensualidade, os movimentos corporais etc., mas remete também à dimensão coletiva porque estas descobertas apenas fazem sentido no contexto grupal, uma vez que a sensualidade depende da resposta do parceiro de dança, os movimentos corporais são capazes de cativar apenas quando os demais observam e interpretam esses movimentos como expressões de arte e beleza.

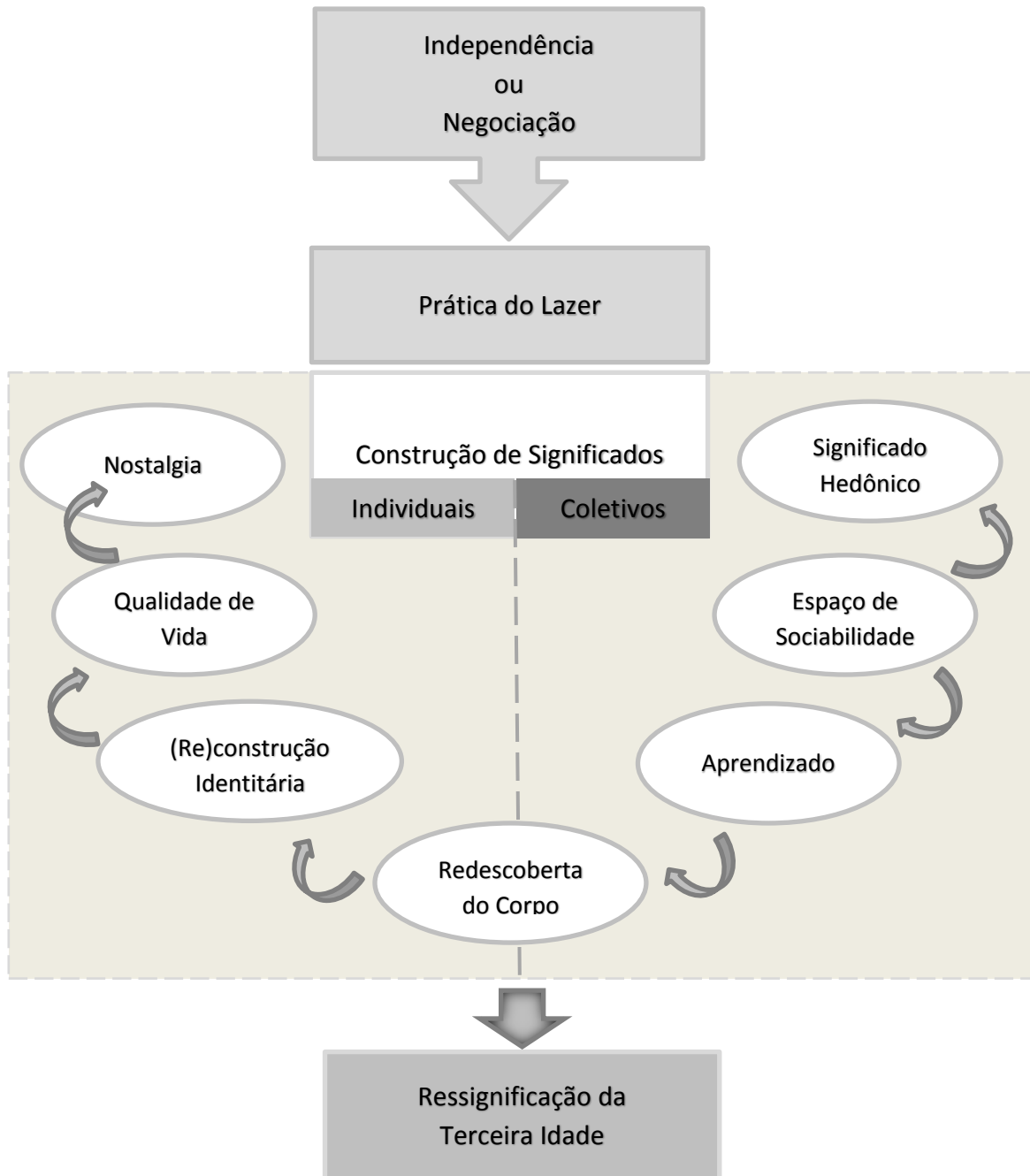
6.2.3.

A ressignificação da Terceira Idade a partir do consumo de lazer

O processo anteriormente descrito desemboca na ressignificação da Terceira Idade por meio do lazer, que pode ser expresso no esquema conceitual apresentado na Figura 4, que inclui os vários elementos discutidos nas seções precedentes deste trabalho.

Creio que, uma vez finalizado o processo de inserção plena na prática da atividade de lazer e de aceitação no grupo, o próprio significado do que é a Terceira Idade se modifica, na perspectiva do indivíduo e, em muitos casos, daqueles que o cercam. O que é mais relevante, no meu entendimento, é que a ressignificação da Terceira Idade, assim produzida, é dominada por significados muito mais positivos do que negativos. A Terceira Idade pode então passar a ser vista como uma libertação, como a melhor fase da vida, ou como um espaço para escolhas satisfatórias, que permitam um envelhecimento saudável e feliz. Os aspectos negativos da Terceira Idade são afastados neste processo, rejeitando-se as ideias de solidão, afastamento e perda, e ancorando esta fase da vida em novas conquistas (cantar e dançar), novas relações (uma família que é escolhida) e novos aprendizados. Nesse contexto, ocorre aqui, para este conjunto de idosos, uma clara construção de um novo significado para a própria noção de Terceira Idade.

Figura 4: Processo de Ressignificação da Terceira Idade por meio do Lazer



Fonte: Elaboração própria.

A pesquisa evidencia que as escolhas relacionadas a uma atividade de lazer reafirmam a capacidade dos consumidores idosos de construir, manter e negociar identidades, bem como assinalam mudanças importantes de atitudes, hábitos e comportamentos. A pesquisa oferece uma visão dinâmica do processo de atribuição, transferência e negociação de significados a partir das atividades de lazer. O consumidor de Terceira Idade emerge como co-criador desse processo, assumindo um posicionamento ativo na construção subjetiva de significados e na forma pela qual tais significados são usados para ressignificar a Terceira Idade.

6.3. Contribuições à Teoria

O estudo traz duas contribuições principais ao conhecimento sobre os aspectos simbólicos do consumo de lazer na Terceira Idade.

A primeira contribuição diz respeito especificamente à melhor compreensão dos significados atribuídos por consumidores de Terceira Idade ao consumo de lazer em grupo. Tais significados são construídos na prática do consumo e são identificados no discurso dos praticantes. A pesquisa desvenda uma variedade de significados atribuídos às atividades de lazer específicas dos dois grupos em que desenvolvi o trabalho de campo. Apesar de haver significados comuns às atividades de lazer examinadas, estes não podem ser considerados homogêneos, pois há significados distintos atribuídos à mesma atividade e para diferentes atividades, como foi evidenciado pelas categorias que emergiram do discurso dos participantes do grupo de Seresta e de Dança de Salão, que ora se complementam, ora trazem contribuições autônomas. No entanto, alguns significados parecem ser universais, quando confrontados com a literatura, apesar de adquirirem matizes específicos.

A segunda contribuição consiste no entendimento de como se dá a dinâmica da ressignificação da Terceira Idade por meio da inserção em uma atividade de lazer em grupo. Tal ressignificação, ainda que não se dê para todos, pode ser claramente apreendida dos resultados deste estudo para uma parte significativa dos idosos que exercem essas atividades. Neste sentido, a participação ativa e continuada no grupo de lazer significa mais do que a prática da atividade, mas

alcança outras dimensões simbólicas com profundo impacto na percepção dos idosos sobre si mesmos. Os significados emergem repletos de contrapontos e ambiguidades, expressando-se de forma variada, ainda que haja padrões claramente estabelecidos.

A terceira contribuição refere-se especificamente à (re)construção identitária realizada por indivíduos de Terceira Idade, até mesmo para os que se encontram nas últimas décadas da vida, e não apenas para aqueles que apenas ingressaram na Terceira Idade. Ao selecionarem uma atividade de lazer, os consumidores de Terceira Idade endossam tal comportamento como uma oportunidade de manifestar liberdade de escolha e de exercer autonomia. A plena imersão nessas atividades, segundo os depoimentos colhidos, é capaz de provocar modificações profundas em como o idoso se vê e como passa a ser visto por outros.

A quarta e última contribuição consiste no reforço dado por este estudo à importância do segmento de Terceira Idade para o marketing. A participação de indivíduos de Terceira Idade em atividades estruturadas de lazer é um fenômeno relativamente recente. Até recentemente, a literatura de marketing se atinha às restrições dos idosos para o consumo (ARLUKE e LEVIN, 1984; CRAWFORD, JACSON e GODBEY, 1991; CUDDY, NORTON, e FISKE, 2005; FRENCH e FOX, 1985; GULLETTE, 2004; JACKSON, 1990; LEE e TIDESWELL, 2005; MCGUIRE, 1984; NUSSBAUM et al., 2005; TEPPER, 1994) ou sua baixa propensão a consumir (CRAWFORD, JACSON e GODBEY, 1991; DINIZ e MOTTA, 2006; HONG, KIM e LEE, 1999; HUNG e CROMPTON, 2006; MCGUIRE, 1984). Nesta pesquisa, entretanto, os aspectos positivos da experiência do consumo de lazer em ambos os grupos de Terceira Idade estudados se sobrepuseram às limitações apontadas nesta etapa da vida, que poderiam comprometer a participação nas atividades de lazer. Ao contrário, a participação ativa contribuiu para evidenciar a manutenção da capacidade física e cognitiva dos idosos. Nesse sentido, a pesquisa contribui para a desconstrução da ideia de que os idosos devem apenas ser compreendidos a partir da perspectiva de suas limitações e reforça o posicionamento de estudiosos sobre tal visão não refletir mais a realidade de “quem são” os consumidores de Terceira Idade atualmente, como Alves (2003), Alves (2007), Barnhart e Peñaloza (2013), Birtwistle e Tsim, (2005), Doll (2007), Fox, Roscoe e Feigenbaum (1984), Fleischer e Pizam (2002), Guinn, (1980), Horneman, Carter e Wei e Ruys (2002), Ladeira, Guedes e Bruni

(2003), Muller (1996), Myers e Lumbers, (2008), Neder (2005) e Searle et al. (1998).

Assim, acredito que meu estudo traz uma contribuição relevante ao entendimento de como se dá a relação entre lazer e envelhecimento, um campo de estudos ainda em surgimento.

6.4. Implicações Gerenciais

Esta seção se destina a apontar contribuições práticas para as empresas, em sua relação com o segmento de consumidores de Terceira Idade.

Inicialmente, cabem algumas considerações gerais que se aplicam a qualquer tipo de produto ou serviço oferecido a este segmento. Os significados identificados no estudo refletem necessidades dos consumidores idosos, de caráter simbólico, mas nem por isso menos “reais”. Dada a importância desses significados para os idosos, é importante, mesmo para empresas que não atuam no segmento de lazer, levarem em conta em que medida seus produtos e serviços atendem, ou podem atender, a algumas das necessidades que se encontram atreladas a esses significados.

No entanto, o estudo traz implicações práticas principalmente para os prestadores de serviço da área de lazer. O conhecimento proporcionado por este trabalho pode auxiliar as empresas a desenvolverem estratégias mais adequadas às expectativas e interesses do segmento de idosos, podendo contribuir para proporcionar mais satisfação com as opções de lazer selecionadas pelos idosos. Assim, os resultados do estudo sugerem que os consumidores idosos podem ser segmentados a partir dos distintos significados atribuídos ao lazer, que parecem traduzir os benefícios buscados por esses consumidores. Assim como destacado por Vargo e Lusch (2004), o consumidor é sempre um coprodutor e seu máximo envolvimento ajuda a ajustar a ofertas às suas necessidades. Nesse sentido, o papel do significado atribuído pelo consumidor em relação ao consumo de uma atividade de serviço, como o lazer, ganha maior importância do que a lógica da troca, fato que corrobora a importância de crenças, de valores e da cultura do consumidor diante de uma decisão de determinadas práticas de consumo.

Particularmente nesta pesquisa, os indivíduos de Terceira Idade procuram as atividades de lazer por motivos que vão além da prática específica, mas incluem questões relativas ao aprendizado de forma mais ampla, à interação social, à construção de amizades, à realização de atividades físicas e ao preenchimento do tempo com uma atividade prazerosa, entre outras. Estas mesmas necessidades podem ser preenchidas por outras atividades de lazer e não apenas por aquelas que estudei.

Já com relação às atividades específicas aqui examinadas, os consumidores de Terceira Idade do encontro musical, ao aderirem à atividade, podem se tornar também consumidores de uma série de outros produtos musicais, inclusive CDs amadores e dos mais variados instrumentos musicais. Também passam a consumir aulas de canto e de diferentes tipos de instrumentos musicais. Seu interesse se estende ainda à frequência a outros ambientes de música. Por fim, também passam a consumir outras atividades de lazer em grupo, como viagens turísticas.

Com relação às aulas de dança de salão, os consumidores de Terceira Idade revelaram oportunidades e dificuldades impactantes na experiência de consumo. Em termos de oportunidade, o interesse dos idosos por aulas de dança apresenta diferentes matizes, que passam por manterem-se praticando a dança, por aprender a dançar, por fazer uma atividade física e por encontrar um espaço para maior interação social. Nesse sentido, percebe-se uma demanda real de indivíduos de Terceira Idade por aulas de dança de salão, o que permite que muitas escolas de dança ou academias de ginástica ofereçam aulas de dança voltadas especificamente para o segmento. Entretanto, tais organizações devem levar em conta que nem sempre o interesse do idoso é meramente aprender a dançar, devendo levar em conta suas outras demandas. Além disso, seria oportuno que as escolas de dança adotassem ações específicas para atrair e reter alunos do sexo masculino. A quantidade de aulas também é um ponto a ser avaliado, quando a escola trabalha com alunos de Terceira Idade, que dispõem de mais tempo e, assim, podem ter interesse em maior número de aulas semanais. Outra questão relevante é disponibilizar um número adequado de professores ajudantes, que auxiliem na condução das aulas, treinados especificamente para atender ao público da Terceira Idade.

Nesse sentido, a pesquisa contribui também, para além dos prestadores de serviços de lazer, para aqueles que oferecem produtos ou serviços derivados das

atividades de lazer estudadas, tendo em vista que existem outros consumos além do lazer que são complementares ao serviço oferecido. A pesquisa mostrou que mesmo a atividade de lazer da seresta, que a princípio é gratuita, pode ser impactada pela mercantilização do lazer. Este fenômeno ocorre porque o lazer que aparentemente não se paga traz uma exigência de pagamentos tangenciais no ambiente de consumo. Este consumo pode estar relacionado à própria atividade de lazer, ou relacionado à intenção de fazer parte do grupo. No caso da seresta, tais pagamentos tangenciais são claramente evidenciados quando se passa a “sacolinha” de colaboração aos músicos em que se fazem doações pela apresentação. Pode se mencionar também o consumo de CDs dos músicos da seresta, ou ainda o valor despendido para encontros entre os idosos da seresta como grupo: para participações em festas, celebrações, almoços, viagens, eventos etc. De outro lado, existe também o consumo de outros produtos ou serviços realizados em decorrência das atividades de lazer, tais como salão de beleza, consumo de roupas, calçados próprios para dançar, maquiagem etc. Como observado por Araujo, Rocha, Chauvel e Schulze (2013), a mercantilização do lazer fez com que este se tornasse uma indústria, oferecendo um complexo de serviços que podem ou não ser interligados. Araujo e Chauvel (2012) destacam que, quando as atividades de entretenimento e lazer são interligadas, é comum que ocorra o consumo derivado de uma atividade em relação à outra. Desse modo, seria interessante que houvesse uma articulação entre os profissionais oferecem os diferentes produtos e serviços derivados, buscando obter um efeito sinérgico quando uma atividade de entretenimento e lazer desperta o consumo de outra atividade ou mesmo de um determinado bem. Dessa forma, este efeito sinérgico poderia ser obtido quando se percebe o consumo derivado e se consegue articular o consumo de um com o outro, de maneira que o consumo de um possa promover o outro. Assim, por exemplo, enquanto a seresta promove o lazer turístico oferecido por Elaine, o consumo dessas viagens pode promover a própria seresta; ou enquanto as aulas de danças de salão promove o consumo por bailes de Terceira Idade, os referidos bailes podem promover as aulas de dança de salão.

O consumidor de Terceira Idade vive em um ócio permanente, já que o trabalho tende a deixar de existir como categoria vivida regularmente em sua vida. Para muitos entrevistados, as atividades de lazer trazem consigo outras atividades que se assemelham ao trabalho, e que são espontaneamente escolhidas por alguns

deles, tornando o ócio produtivo, tais como disponibilizar informações na *internet*, ajudar a organizar as atividades, partilhar conhecimentos ou ensinar os iniciantes etc. Assim sendo, gerar produtos e serviços que façam o consumidor de Terceira Idade “trabalhar” pode se constituir em oportunidade de negócios e em efetiva contribuição à qualidade de vida dos idosos.

6.5.

Sugestões para Pesquisas Futuras

Esta pesquisa investigou significados atribuídos por consumidores de Terceira Idade ao lazer de um grupo de encontro musical e um grupo de dança de salão. O caráter interpretativo da pesquisa apontou caminhos que podem ser explorados em pesquisas futuras.

Os significados associados ao consumo de lazer por indivíduos de Terceira Idade foram analisados no meu estudo unicamente nas atividades de encontro musical de Seresta e aulas de Dança de Salão. Outras atividades de lazer em grupo foram citadas pelos idosos como viagens em grupo, saídas noturnas, participação em jogos e brincadeiras, aulas de teatros, entre outras. Essas atividades também podem ser analisadas a partir dos significados a elas atribuídos. O posicionamento do consumidor de Terceira Idade em relação à construção subjetiva do lazer, evidenciado neste estudo, sugere que não apenas o encontro musical ou a dança de salão, mas também outros tipos de consumo de lazer são utilizados pelos idosos como forma de manifestar capacidade e autonomia para manter, criar ou negociar sua identidade.

Outra perspectiva a ser adotada em estudos sobre consumidores de Terceira Idade pode ser a da repetição da experiência de consumo de lazer, buscando entender que atributos mantêm o interesse neste consumo.

Sugere-se ainda uma pesquisa dos consumos derivados das atividades de lazer praticadas por indivíduos de Terceira Idade, pois, como se viu, tanto a dança de salão quanto a seresta, contribuíram para que o consumidor idoso adquirissem novos hábitos de consumo a partir da prática da atividade de lazer.

Dado o relevo que o consumo de lazer possui no que tange a qualidade de vida e o bem-estar, pode-se investigar mais profundamente a relação de

consumidores de lazer de outras faixas etárias. Estes estudos poderiam ajudar a aprofundar nuances do consumo do lazer, permitindo comparações entre os diferentes interesses dos grupos etários.

Em relação ao ambiente de serviços, meu estudo fornece fortes indícios de que o encontro entre consumidores de diferentes subculturas etárias acontece e este é um ponto a ser considerado pelos prestadores de serviço de lazer. Mais especificamente, pesquisar o encontro de consumidores de Terceira Idade com consumidores mais jovens pode ser um tema de grande relevância para a prática empresarial.

Seria interessante, ainda, a realização de pesquisas voltadas para compreender mais profundamente o impacto da aptidão física ou intelectual do consumidor de Terceira Idade nas escolhas das atividades de lazer.

Dado que os resultados deste estudo apontam para o fato de que os consumidores de Terceira Idade ainda são, em muitos casos, incompreendidos pelos familiares, seria interessante investigar os impactos dessa incompreensão e os processos de negociação entre idosos e familiares relacionados a práticas de consumo.

Outro tema relevante seria investigar o lazer na Terceira Idade a partir da perspectiva daqueles que não realizam nenhuma atividade. Como os consumidores situam sua escolha em relação aos demais? Que tipos de atitudes e comportamentos essa decisão expressa nas relações sociais entre os idosos? Outra possibilidade de pesquisa seria confrontar consumidores idosos que praticam lazer e aqueles que não praticam, com o objetivo de aprofundar a compreensão das dinâmicas de negociação simbólicas realizadas entre essas duas posições.

Outra área interessante para futuros estudos relacionados à Terceira Idade refere-se à importância da atuação de diferentes instituições no contexto do lazer para os idosos, tais como entidades públicas, governos, ONGs, agentes comunitários, mídia etc. Estudos futuros poderiam adotar esta perspectiva, discutindo casos (campanhas, iniciativas específicas de empresas, ações de políticas públicas, ações de comunidades locais, movimentos de Terceira Idade, atuações governamentais etc.) como possibilidade de analisar a interação desses diversos agentes e seus efeitos no consumo de lazer de indivíduos de Terceira Idade.

As observações em ambos os grupos estudados nesta pesquisa sugerem que há uma grande variedade de necessidades que estão por detrás das preferências e das escolhas de lazer dos consumidores de Terceira Idade. Essas necessidades merecem ser aprofundadas e exploradas em pesquisas futuras.

ACUÑA, R. **Anything but Mexican: Chicanos in Contemporary Los Angeles**. New York: Verso, 2004.

AGAR, M. **The professional stranger: an informal introduction to ethnography**. New York: Academic Press, 1980.

AHUVIA, A. C. Beyond the extended self: loved objects and consumers' identity narratives. **Journal of Consumer Research**, v.32, n. 1, p. 171-84. 2005.

ALEXANDRIS, K.; CARROLL, B. An analysis of Leisure Constraints Based on Different Recreational Sport Participation Levels: Results from a study in Greece. **Leisure Sciences**, v. 19, N.1, p. 1-15, 1997.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. O Lazer no Brasil: do Nacional-Desenvolvimentismo à Globalização. **Conexões**, v.3, n.1, p. 36-57, 2005.

ALVES, A. M. Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. In: G. VELHO e K. KUSCHNIR (orgs.). **Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 174-189.

ALVES, A. M. Os Idosos, as Redes de Relações Sociais e as Relações Familiares. In: A.L. NERI (org.) **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007, pp.125-140.

ARAUJO, F. F.; ROCHA, A.; CHAUVEL, M.A.; SCHULZE, M.F. Meanings of Leisure Among Young Consumers of a Rio de Janeiro Low-Income Community. **Leisure Studies**, v. 32, n. 3, p. 319-332, 2013.

ARAUJO, F. F.; CHAUVEL, M. A. Marketing de Cinema Francês no Brasil: Um estudo exploratório sobre as estratégias de promoção para o lançamento de filmes no mercado brasileiro. **FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão**, v. 15, n. 3, p. 298-315, 2012.

ARAUJO, F.F.; CASOTTI, L.M.; SILVA, R.C.M.; PESSÔA, L.A.G.P. O consumidor de Terceira Idade na primeira década do século XXI: uma análise da mudança de comunicação dos anúncios publicitários dirigidos a idosos. **Anais do VI ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo**. Rio de Janeiro: ENEC, 2012.

ARLUKE, A.; LEVIN, J. Another Stereotype: Old Age as a Second Childhood. **Aging**, v.353, p. 7–11, 1984.

ARNOULD, E.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. **Journal of Consumer Research**, v.31, p.868-882, 2005.

ARNOULD, E.; WALLENDORF, M. Market-Oriented Ethnography: Interpretation Building and Marketing Strategy Formulation. **Journal of Marketing Research**, v. 31, n.4, p. 484-504, 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). **Critério de Classificação Econômica Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterioBrasil.aspx>>. Acessado em 17.out.2014.

ASSOCIATED PRESS. Survey: Age Is Not Good Indicator of Consumer Need. **Marketing News**, nov.1988, p.6.

ASKEGAARD, S.; ARNOULD, E.; KJELDGAARD, D. Postassimilationist Ethnic Consumer Research: Qualifications and Extensions. **Journal of Consumer Research**, vol.32, p.160–70, 2005.

ATKINSON, P.; COFFEY, A.; DELAMONT, S.; LOFLAND, J.; LOFLAND, L. **Handbook of Ethnography**. London, Thousand Oaks: Sage Publications, 2007.

AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BALLSTAEDT, A. L. M. P. Comportamento e Estilo de Vida da População Idosa e seu Poder de Consumo. **II Encuentro Latinoamericano de Diseño**. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo, Buenos Aires, 2007.

BARBOSA, L. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARROS, C. Jogando World of Warcraft na Lan da Periferia: Um Estudo sobre Formadores de Opinião e Trocas de Influências no Consumo de Produtos. **Anais do XXXIII Encontro da ANPAD**. São Paulo: ANPAD, 2009.

BARROS, C.; ROCHA, E. Lógica de Consumo em Grupos das Camadas Populares: Uma Visão Antropológica de Significados Culturais. In: ROCHA, A., SILVA, J.F. (Orgs.). **Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p.31-48.

BARNHART, M.; PEÑALOZA, L. Who Are You Calling Old? Negotiating Old Age Identity in the Elderly Consumption Ensemble. **Journal of Consumer Research**, v. 39, n.6, p. 1133-1153, 2013.

BATE, S.P. Whatever happened to organizational anthropology? A review of the field of organizational ethnography and anthropological studies. **Human Relations**, vol.50, n.º.9, p.1147-1175, 1997.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de Consumo**. Lisboa: Edição 70, 1981.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista concedida a Benedectto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BELK, R. W. Possessions and the extended self. **The Journal of Consumer Research**, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.

BERREMAN, G.D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES A. Z. Desvendando Máscaras Sociais. 3a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, p.123-174, 1990.

BIRTWISTLE, G.; TSIM, C. Consumer Purchasing Behavior: An Investigation of the UK Mature Women's Clothing Market. **Journal of Consumer Behavior**, v.4, n.6, p.453-464, 2005.

BINSTOCK, R.H. Old Age Policies, Politics, and Ageism. **Generations**, vol.29 n.3, p.73-78, 2005.

BLAU, Z.S. Changes in Status and Age Identification. **American Sociological Review**, vol.21, n.2, p.198-203, 1956.

BOURDIEU, P. **La Distinction: Critique Sociale du Jugement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 7a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 322 p.

BRAKUS, J. J.; SCHMITT, B. H.; ZARANTONELLO, L. Brand Experience: What is it? How is it Measured? Does it Affect Loyalty? **Journal of Marketing**, vol. 73, p. 52-68, 2009.

BRASIL. **Lei 8.842/1994**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842>. Acesso em 19.set.2013.

BROWN, S. Marketing Science in a Postmodern World: Introduction to the Special Issue. **European Journal of Marketing**, v. 31, n. 3/4, p. 167-182, 1997.

BULTENA, G. L.; POWERS, E. A. Denial of Ageing: Age Identification and Reference Group Orientation. **Journal of Gerontology**, vol.33, n.5, p.748-754, 1978.

BURNETT-WOLLE, S.; GODBEY, G. Refining Research on Older Adults' Leisure: Implication of Selection, Optimization, and Compensation and Socioemotional Selectivity Theories. **Journal of Leisure Research**, v.39, n.3, p.498-513, 2007.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis: Elements of the Sociology of Corporate Life**. London: Heinemann, 1979.

BURT, S.; GABBOTT, M. The Elderly Consumer and Non-Food Purchase Behaviour. **European Journal of Marketing**, vol. 29, n.2, p.43-57, 1995.

CARIOCA DNA. **Carioca DNA**. Agenda: Ballet Fitness. Disponível em: <<http://www.cariocadna.com/editorias/sport/work-out/ballet-fitness-2/nggallery/slideshow>>. Acesso: 16.fev.2015.

CASOTTI, L.; CAMPOS, R. Consumo de beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.109-131.

CASTILHOS, R. B.; ROSSI, C. A. V. Subindo o Morro: Consumo, Posição Social e distinção entre famílias e classes populares. In: ROCHA, A., SILVA, J.F. (Orgs.). **Consumo na Base da Pirâmide: Estudos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p.49-74.

CASTRO, J. Is That You on TV, Grandpa? **Time**, mar., 1989, p. 53.

CIDADE DO RIO. **Cidade do Rio**. Turismo: Jardim do Palácio do Catete. Disponível em < <http://cidadedorio.com/>>. Acesso em 07/02/2015.

CHICK, G. Leisure and Culture: Issues for an Anthropology of Leisure. **Leisure Studies**, v.20, p.111-133, 1998.

COCKERHAM, W. C. **This Aging Society**. New Jersey: Prentice-Hall, 1991.

COLBERT, F. **Marketing Culture and the Arts**. 4ª. Ed. Quebec: HEC Montréal, 2012.

COLE, C.; LAURENT, G.; DROLET, A.; EBERT, J.; GUTCHESS, A.; LAMBERT-PANDRAUD, R.; MULLET, E.; NORTON, M.; PETERS, E. Decision Making and Brand Choice by Older Consumers. **Marketing Letters**, vol.19, n.3/4, p.355–365, 2008.

COLEMAN, R.P. The Continuing Significance of Social Class to Marketing. **Journal of Consumer Research**, v. 10, p.265-280, 1983.

COTTE, J.; KISTRUCK, G. Discerning Marketers' Meaning: Depth Interviews with Sales Executives. In: R. BELK, **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Cheltenham: Edward Elgar, 2006.

COUPLAND, N.; COUPLAND, J.; GILES, H. **Language, Society and the Elderly**. Cambridge: Blackwell, 1991.

CRAWFORD, D. W.; JACKSON, E. L.; GODBEY, G. A Hierarchical Model of Leisure Constraints. **Leisure Sciences**, v.13, p. 309-320, 1991.

CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa – Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Artmed Editora e Bookman: São Paulo, 2007.

CUDDY, A. J. C.; NORTON, M. I.; FISKE, S. T. This Old Stereotype: The Stubbornness and Pervasiveness of the Elderly Stereotype. **Journal of Social Issues**, vol.61, n.2, p.267–285, 2005.

CUMMING, E.; HENRY, W. E. **Growing Old: The Process of Disengagement**. New York: Basic, 1961.

DALAL ACHCAR – **BALLET DALAL ACHCAR: A Dança como Ofício**. Disponível em: < <http://www.dalalachcar.com.br/oficio/academia/>>. Acesso em 16.fev.2015.

DEBERT, G.G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n.34, p. 39-56, 1997.

DEBERT, G.G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo. FAPESP, 2004.

DEBERT, G.G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, n.42, p.70-83, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: the Discipline and Practice of Qualitative Research. In: N. K. Denzin Y. S. Lincoln (Ed.), **Handbook of Qualitative Research**. 2ª. ed. London: Sage Publication, 2000.

DENZIN, N. K. The seventh moment: qualitative inquiry and the practices of a more radical consumer research. **Journal of Consumer Research**, v.28, n.2, p.324-330, 2001.

DREW, R. ‘Once More, With Irony’: Karaoke and Social Class. **Leisure Studies**, v. 24, n.4, 2005.

DINIZ, F.; MOTTA, P.C. Em Busca de um Modelo de Restrição ao Lazer para os Consumidores de Mais Idade. In: **Anais do XXX Encontro da ANPAD**. Salvador: ANPAD, 2006.

DOLAN, A.; AYLAND, C. Analysis on trial. **International Journal of Market Research**, vol.43, n.4, p.377-389, 2001.

DOLL, J. Educação, Cultura e Lazer: Perspectivas de Velhice Bem-Sucedida. In: A.L. NERI (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007, pp.109-124.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELLIOTT, R.; JANKEL-ELLIOTT, N. Using Ethnography in Strategic Consumer Research. **Qualitative Market Research**, vol. 6, Issue 4, pp.215-223, 2003.

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I.; SHAW, L. L. **Writing Ethnographic Fieldnotes**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ESTEVES, P. S. **O Papel das Emoções no Processo Decisório de Escolha de Destinos de Viagens por Consumidores da Terceira Idade**. Porto Alegre, 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 2010.

EXTER, T. How Big Will the Older Market Be? **American Demographics**, p. 30-32, jun.1990.

FRANCO, M.L. **Análise de conteúdo**. Brasília, Liber Livro, 2008.

FENNELL, G.; PHILLIPSON, C.; EVERS, H. **The Sociology of Old Age**. Philadelphia: Open University Press, 1988.

FIRAT, F. A.; VENKATESH, A. Liberatory Postmodernism and the Reenchantment of Consumption. **Journal of Consumer Research**, vol.22, n.3, p.239-67, 1995.

FLEISCHER, A.; PIZAM, A. Tourism Constraints among Israeli Seniors. **Annals of Tourism Research**, v. 29, n.1, p. 106-123, 2002.

FRENCH, W.; FOX, R. Segmenting the senior citizen market. **The Journal of Consumer Marketing**, v.2, n.1, p.61-74, 1985.

FOUCAULT, M. The Subject and Power. In: FOUCAULT, M. **Beyond Structuralism and Hermeneutics**. 2a. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

FOX, M. C.; ROSCOE, A. M.; FEIGENBAUM, A. M. A Longitudinal Analysis of Consumer Behavior in the Elderly Population. **Advances in Consumer Research**, v.11, p.563-568, 1984.

GAIÃO, B. F. S.; SOUZA, I. L.; SOUZA LEÃO, A. L. M. *Consumer Culture Theory* (CCT) já é uma Escola de Pensamento em Marketing? **Revista de Administração de Empresas**, v.52, n.3, p.330-344, 2012.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GATZ, M.; COTTON, B. Age as a Dimension of Diversity: The Experience of Being Old. In: TRICKETT, E.; WATTS, R.; BIRMAN, D. **Human Diversity: Perspectives on People in Context**. San Francisco: Jossey-Bass, p.334-58, 1994.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GERGEN, K.; GERGEN M. M. The New Aging: Self-Construction and Social Values. In: SCHAE, K.W.; HENDRICK, J. **The Evolution of the Aging Self: The Societal Impact on the Aging Process**. New York: Springer, p.281–306, 2000.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 1988.

GILLY, M. C.; ENIS, B. M. Recycling the Family Life Cycle: A Proposal for Redefinition. **Advances in Consumer Research**, vol. 9, MI: Association for Consumer Research, p.271–276, 1982.

GILLY, M. C.; ZEITHAML, V. A. The Elderly Consumer and Adoption of Technologies. **Journal of Consumer Research**, v.12, n.3, p. 353-357, 1985.

GIOVINAZZO, R.A. Terceira Idade Ganhará Espaço no Mercado de Consumo. **Seminário sobre Técnica de Elaboração de Cenários**. Programas de Estudos do Futuro. Faculdade de Economia e Administração. Universidade de São Paulo, 2008.

GOLDENSTEIN, G.T. Lazer Operário e Consumo Cultural na São Paulo dos Anos Oitenta. **Revista de Administração de Empresas**, v. 31, n.3, p.13-35, 1991.

GOLDSMITH, R.E.; HEIENS, R.A. Subjective Age: A Test of Five Hypotheses. **Gerontologist**, vol.32, n.3, p.312–317, 1992.

GOULDING, C. Heritage, Nostalgia, and the “Grey” Consumer. **Journal of Marketing Practice: Applied Marketing Science**, v.5, ns. 6/7/8, p.177-199, 1999.

GUIDO, G.; CAPESTRO, M.; PELUSO, A. M. Experiential analysis of consumer stimulation and motivational states in shopping experiences. **International Journal of Market Research**, vol. 49, n.3, 2007

GUINN, R. Elderly Recreational Vehicle Tourists: Motivations for Leisure. **Journal of Travel Research**, v.19, p. 9-12, 1980.

GULLETTE, M.M. **Aged by Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

HABERMAS, J. **A Inclusão do Outro: Estudos da Teoria Política**. Tradução: G. SPERBER, P. A. SOETHE, M. C. MOTA. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HAIM, H. **Old Age: Constructions and Deconstructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HALL, S. **Representation: Cultural Representation and Signifying Practices**. London: Open University Press, 1997.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography: principles in practice**. New York: Routledge, 1995.

HAVLENA, W. J.; HOLAK, S. L. "The Good Old Days": Observations on Nostalgia and Its Role in Consumer Behavior. **Advances in Consumer Research**, v.18, p.323-329, 1991.

HIRSCHMAN, E. C.; HOLBROOK, M. B. **Postmodern consumer research: the study of consumption as text**. California: Sage Publications, 1992.

HIRSCHMAN, E. C.; RUVIO, A.; TOUZANI, M. Breaking bread with Abraham's children: Christians, Jews and Muslims' holiday consumption in dominant, minority and diasporic communities. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v.39, n.3, p. 429-448, 2010.

HOEYMANS, N.; FESKENS, E. J. M.; VAN DEN BOS, G. A. M.; KROMHOUT, D. Age, Time, and Cohort Effects on Functional Status and Self-Rated Health in Elderly Men. **American Journal of Public Health**, v.87, n.10, 1997.

HOLBROOK, M. B.; HIRSCHMAN, E. C. The Experiential Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings and Fun. **Journal of Consumer Research**, vol. 9, p.132-140, 1982.

HOLBROOK, M. B. Nostalgia and Consumption Preferences: Some Emerging Patterns of Consumer Tastes. **Journal of Consumer Research**, v.20, p.245-255, 1993.

HOLBROOK, M. B. Photo essays and the mining of minutiae in consumer research. In: BELK, R.W. (org), **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Cheltenham: Edward Elgard Publishing Limited, p. 476-493, 2006.

HOLBROOK, M. B.; SCHINDLER, R. M. Some Exploratory Findings on the Development of Musical Tastes. **Journal of Consumer Research**, v.16, p.119-124, 1989.

HOLBROOK, M. B.; SCHINDLER, R. M. Nostalgic Bonding: Exploring the Roling of Nostalgia in the Consumption Experience. **Journal of Consumer Behavior**, v.3, p.107-127, 2003.

HOLBROOK, M. B.; SCHINDLER, R. M. Age, Sex and Attitude Toward the Past as Predictors of Consumers' Aesthetic Tastes for Cultural Products. **Journal of Marketing Research**, v. 31, p.412-422, 1994.

HOLT, D. B. Why Do Brands Cause Trouble? A Dialectical Theory of Consumer Culture and Branding. **Journal of Consumer Research**, v. 29, n.1, p. 70-90, 2002.

HOLT, D. B. Does Cultural Capital Structure American Consumption? **Journal of Consumer Research**, v.25, n.1, p.1-25, 1998.

HOLT, D.; THOMPSON, C. Man-of-Action Heroes: The Pursuit of Heroic Masculinity in Everyday Consumption. **Journal of Consumer Research**, vol. 31, p.425-40, 2004.

HONG, G. S.; KIM, S. Y.; LEE, J. Travel Expenditure Pattern of Elderly Households in the US. *Tourism Recreation Research* v. 24, p. 43-52, 1999.

HORNEMAN, L.; CARTER, R. W.; WEI, S.; RUYS, H. Profiling the Senior Traveler: an Australian Perspective. **Journal of Travel Research**, v.41, p.23-37, 2002.

HUNG, K.; CROMPTON, J. L. Benefits and Constraints Associated with the Use of an Urban Park Reported by a Sample of Elderly in Hong Kong. **Leisure Studies**, v.25, n.3, p.291-311, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2007**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/censo> > Acesso em 15.mai.2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira**. Estudos e Pesquisa. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No. 26, Rio de Janeiro, 2009a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil**. Estudos e Pesquisa. Informação Demográfica e Socioeconômica. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. No. 25, Rio de Janeiro, 2009b.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Estudos e Pesquisa. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 16.jan. 2013.

JACKSON, E. Variations in the Desire to Begin a Leisure Activity: Evidence of Antecedent Constraints. **Journal of Leisure Research**, v. 22, p. 55-70, 1990.

JAMESON, F. **A cultura do Dinheiro. Ensaio sobre a Globalização**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

JANMOHAMED, A.; LLOYD, D. **The Nature and Context of Minority Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

JENKINS, R. **Social Identity**. 3a. ed. London: Routledge, 2005.

JODELET, D. **Folies et Représentations Sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

JORGENSEN, D. L. **Participant Observation: a Methodology for Human Studies**. Newbury Park: Sage Publications, 1989.

KENNETT, P. A.; MOSCHIS, G. P.; BELLENGER, D. N. Marketing Financial Services to Mature Consumers. **Journal of Services Marketing**, v. 9, n.2, p. 62-72, 1995.

KHAN, N.A. Leisure and Recreation among Women of Selected Hill-Farming Families in Bangladesh. **Journal of Leisure Research**, vol.29, n.1, p.5-20, 1997.

KITAJIMA, I.; MOTTA, P. C. The Cohort Effect of Musical Taste. In Proceedings of the **BALAS Annual Conference**. Madrid, Espanha, maio de 2005.

KJELDGAARD, D.; ASKEGAARD, S. The Glocalization of Youth Culture: The Global Youth Segment as Structures of Common Difference. **Journal of Consumer Research**, vol.33, n.2, p.231-47, 2006.

KOHLBACHER, F. The use of qualitative content analysis in case study research. **Forum: Qualitative Social Research**, vol.7, n.1, art.1, 2006.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 4a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LADEIRA, R.; GUEDES, E. M.; BRUNI, A. L. Um Estudo do Comportamento do Consumidor Soteropolitano de Terceira Idade em Relação ao Entretenimento e Lazer com Ênfase no Turismo. In: **Anais do XXVII Encontro da ANPAD**. Atibaia: ANPAD, 2003.

LAMBERT-PANDRAUD, R.; LAURENT, G. Why Do Older Consumers Buy Older Brands? The Role of Attachment and Declining Innovativeness. **Journal of Marketing**, vol.74, n.5, p.104-121, 2010.

LARSON, R. W.; RICHARDS, M. H.; SIMS, B.; DWORKIN, J. How Urban African Americans Young Adolescents Spend their Time: time budgets for locations, activities and companionship. **American Journal of Community Psychology**, vol. 29, n.4, p.565-597, 2001.

LAZER, W. Inside the Mature Market. **American Demographics**. p.23-25, mar.1985.

LEE, S. H.; TIDESWELL, C. Understanding Attitudes Towards Leisure Travel and the Constraints Faced by Senior Koreans. **Journal of Vacation Marketing**, v. 11, p. 249-263, 2005.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. **Naturalistic Inquiry**. London: Sage Publications, 1985.

LINSTEAD, S. From postmodern anthropology to deconstructive ethnography. **Humam Relation**, vol.46, nº.1, p.97-120, 1993.

MACINNIS, D.; FOLKES, V. The Disciplinary Status of Consumer Behavior: A Sociology of Science Perspective on Key Controversies. **Journal of Consumer Research**, v. 36, p. 899-914, 2010.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCHETTI, N.Z. Diversidade e Tendências das Pesquisas Qualitativas de Marketing. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Curitiba: Editora UFPR, p.15-24, 1995.

MASSENA, M. **A sedução do brasileiro: um estudo antropológico sobre a dança de salão**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, 2006.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p.183-314, 2003.

MATTILA, M.; KARJALUOTO, H.; PENTO, T. Internet Banking Adoption Among Mature Customers: Early Majority or Laggards? **Journal of Services Marketing**, v. 17, n.5, p. 514-528, 2003.

MCCRACKEN, G. **Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

MCCRACKEN, G. **The Long Interview**. Qualitative Research Methods Series, v.13. Newbury Park: Sage Publications, 1988.

MCFERRAN, B.; DAHL, D. W.; FITZSIMONS, G. J.; MORALES, A. C. I'll have What She's Having: Effects Social Influence and Body Type on the Food Choices of Others. **Journal of Consumer Research**, vol. 36, 2010.

MCGUIRE, F. A. A Factor Analytic Study of Leisure Constraints in Advanced Adulthood. **Leisure Sciences**, v. 6, p. 313-326, 1984.

MENDES, T. S. Envelhecementos e Resiliência: Sujeitos psicológicos como capital social. **RBCEH**, v. 9, n. 1, p. 35-45, 2012.

MILLER, D. Consumo como Cultura Material. **Horizontes Antropológicos**, ano 13, n. 28, p. 33-63, 2007.

MILES, M.; HUBERMAN, M. **Qualitative Data Analysis**. 2. ed. London: Sage Publications, 1994.

MONTEIRO, S. **Festa do Consumo**. São Paulo, jul. 2008. *IPSOS*. Disponível em <<http://www.ipsos.com.br>> Acesso em 17.set.2012.

MOSCHIS, G. Marketing to Older Adults: an Updated Overview of Present Knowledge and Practice. **Journal of Consumer Marketing**. v.20, n.6, p.516-525, 2003.

MOTTA, P. C.; SCHEWE, C. D. Adote consumidores mais velhos no marketing das artes. **Revista de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas**, v.35, n. 02, p.23-32, 1995.

MULLER, T. E. Baby Boomer Lifestyle Segments and the Imminence of Eight Trends. **New Zealand Journal of Business**, v. 18, p. 1-24, 1996.

MURPHY, P. E.; STAPLES W. A. A Modernized Family Life Cycle. **Journal of Consumer Research**, vol.6, p.12–22, 1979.

MUSEU DA REPÚBLICA. **Museu da República**. Palácio do Catete. Disponível em <<http://www.museudarepublica.org.br/>>. Acesso em 07/02/2015.

MYERS, H.; LUMBERS, M. Understanding Older Shoppers: a Phenomenological Investigation. **Journal of Consumer Marketing**, v.25, n. 5, p. 294-301, 2008.

NAM, J.; HAMLIN, R.; GAM, H. J.; KANG, J. H.; KIM, J.; KUMPHAI, P.; STARR, C.; RICHARDS; L. The Fashion-Conscious Behaviours of Mature Female Consumers. **International Journal of Consumer Studies**, vol.31, p.102-108, 2007.

NASCO, S. A.; HALE D. Information Search for Home, Medical, and Financial Services by Mature Consumers. **Journal of Services Marketing**, vol.23, n.4, p.226–235, 2009.

NEDER, V. O Potencial de Consumo da Terceira Idade. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2005.

NEUGARTEN, B.L. **Middle Age and Aging**. Chicago: University of Chicago Press, 1968.

NOVAIS, R.C. Baby Boomers na Terceira Idade, uma oportunidade de mercado: um estudo da indústria de cosméticos Natura. **Anais do 28º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Rio de Janeiro, 2005.

NUSSBAUM, J. F.; PITTS, M. J.; HUBER, F. N.; KRIEGER, J. L. R.; OLIS, J. E. Ageism and Ageist Language across the Life Span: Intimate Relationships and Non-intimate Interactions. **Journal of Social Issues**, vol.61, n.2, p.287–305, 2005.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. World Population Prospects: the 2006 Revision. 2007. In: ONU, Population Division. Population Database.

New York, 2007. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpp>>, Acesso em 25.jun.2013.

OBERG, P.; TORNSTAM, L. Body Images among Men and Women of Different Ages. **Ageing and Society**, v.19, p. 629-644, 1999.

PAK, C.; KAMBIL, A. Over 50 and Ready to Shop – Serving the Aging Consumer. **Journal of Business Strategy**, v.27, n.6, p.18-28, 2006.

PEÑALOZA, L.; PRICE, L.L. Consumer Resistance: A Conceptual Overview. **Advances in Consumer Research**, v. 20, p. 123-128, 1993.

PETER, J. P.; OLSON, J. C. **Comportamento do consumidor e estratégia de marketing**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PETTIGREW, S.; MIZERSKI K.; DONOVAN, R. The Three ‘Big Issues’ for Older Supermarket Shoppers. **Journal of Consumer Marketing**, vol. 22, n.6, p.306–312, 2005.

POLLAK, O. **Social Adjustment in Old Age**. New York: Social Science Research Council, 1948.

PROVONOST, G. **Introdução à Sociologia do Lazer**. São Paulo: Ed. Senac, 2011.

REMENYI, D.; WILLIAMS, B.; MONEY, A.; SWARTZ, E. **Doing Research in Business and Management**. London: Sage Publications, 2002.

REUVENI, G.; ROEMER, N. **Longing, Belonging, and the Making of Jewish Consumer Culture**. Leiden: Brill, 2010, 247 p.

ROCHA, A.R.; ROCHA, A. Observação participante aplicada a pesquisas em marketing sobre turismo e lazer. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**. Rio de Janeiro, v.13, n. 3, 2013, p.341-353.

ROCHA, E. Os Bens como Cultura: Mary Douglas e a Antropologia do Consumo. In: MARY DOUGLAS e B. ISHERWOOD. **O Mundo dos Bens: Para uma Antropologia do Consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ROCHA, E. Totem e consumo: um estudo antropológico de anúncios publicitários. **Revista Alceu**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 18-37, 2000.

ROSEN, M. Coming to terms with the field: understanding and doing organizational ethnography. **Journal of Management Studies**, v.28, nº.1, p.1-24, 1991.

RUBIN, H. J.; RUBIN, I. S. **Qualitative Interviewing: the Art of Hearing Data**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2005.

SAHLINS, M. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

SANTOS, G. S.; SILVEIRA, D. S.; LOIOLA, E. M.; FERREIRA, S. B. L. Avaliação de Acessibilidade para Terceira Idade em Websites Utilizando Lógica Fuzzy. **Anais do XXXVI Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

SCARABOTO, D.; ZILLES, F. P.; RODRIGUEZ, J. B.; KNY, M. A. Pequenos Luxos, Grandes Prazeres - Significados do Consumo e Valores dos Consumidores de Joalheria e Vestuário de Luxo. **Anais do I EMA**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

SCHAU, H. J.; GILLY, M. C.; WOLFINBARGER, M. Consumer Identity Renaissance: The Resurgence of Identity-Inspired Consumption in Retirement. **Journal of Consumer Research**, vol. 36, p. 255–76, 2009.

SCHECNER, Richard. O que é performance. **Percevejo: Revista de teatro, crítica e estética**. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT; ET, Ano: 11, n.12, 2003, p.25-50.

SCHWE, C.; CARLSON, B. Age Matters: Segmenting Swedish Markets by Generational Cohorts. Lund Institute of Economic Research. **Working Paper Series**. ISSN 1103-3010. Sweden: Institute of Economic Research of Lund University, 2003.

SCHOUTEN, J. W.; MCALEXANDER, J. H. Subcultures of Consumption: An ethnography of the new bikers. **Journal of Consumer Research**, v. 22, p. 43-61, 1995.

SEARLE, M.S.; MAHON, M. J.; ISO-AHOLA, S. E.; SDROLIAS, H. A.; VAN DYCK, J. Examining the Long Term Effects of Leisure Education on a Sense of Independence and Psychological Well-Being Among the Elderly. **Journal of Leisure Research**, v. 30, n.3, p. 331-340, 1998.

SEIDMAN, I. **Interviewing as Qualitative Research**. New York: Teachers College Press, 1998.

SHANKAR, A.; CHERRIER, H.; CANNIFORD, R. Consumer empowerment: a Foucauldian interpretation. **European Journal of Marketing**, v. 40, n. 9/10, p. 1013-1030, 2006.

SHERRY, J. F. Fielding ethnographic teams: strategy, implementation and evaluation. In: BELK, R.W. (org), **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Cheltenham: Edward Elgard Publishing Limited, p. 335- 344, 2006.

SLATER, D. **Cultura do Consumo & Modernidade**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.

SLETTEN, M.A. Social Costs of Poverty: Leisure Time Socializing and the Subjective Experience of Social Isolation among 13-16-year-old Norwegians. **Journal of Youth Studies**, v.13, n.3, p.291-315, 2010.

SOLOMON, M. R. **Comportamento do Consumidor: Comprando, Possuindo e Sendo**. 9°. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SOUZA, M. I. G. **Espaços de dança de salão no cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro: tradição e inovação na cena contemporânea**. Rio de Janeiro, 2010. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNI-RIO, 2010.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview**. Belmont, CA: Wadsworth Group & Thomson Learning, 1979.

STACEY, M. **Methods of Social Research**. Oxford: Pergamon Press, 1977.

STEFANO, F.; SANTANA, L.; ONAGA, M. O Retrato dos Novos Consumidores Brasileiros. **Revista Exame**. v.7, n. 916, 2008. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0916/noticias/o-retrato-dos-novos-consumidores-brasileiros-m0157294>>. Acesso em 21.nov.2013.

STODOLSKA, M.; YI, J. Impacts of Immigration on Ethnic Identity and Leisure Behavior of Adolescent Immigrants from Korea, Mexico and Poland. **Journal of Leisure Research**, 35(1), 49-79, 2003.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAROZZI, M. **O que é a Grounded Theory?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

TASCHNER, B. G. Lazer, Cultura e Consumo. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v.40, n.4, p. 38-47, 2000.

TEPPER, K. The Role of Labeling Processes in Elderly Consumers' Responses to Age Segmentation Cues. **Journal of Consumer Research**, vol.20, p.503–519, 1994.

THOMAS, J.B.; PETERS, C.L.O.S. Silver Seniors: Exploring the Self-Concept, Lifestyles, and Apparel Consumption of Women over Age 65. **International Journal of Retail & Distribution Management**, v.37, n.12, p.1018–1040, 2009.

THOMPSON, C.J. Interpreting Consumers: A Hermeneutical Framework for Deriving Marketing Insights from the Texts of Consumers' Consumption Stories. **Journal of Marketing Research**, v. 34, p. 438-455, 1997.

TURETA, C.; ALCADIPANI, R. Entre o Observador e o Integrante da Escola de Samba: os Não-Humanos e as Transformações Durante uma Pesquisa de Campo. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v.15, n.2, p. 71-78, 2011.

TURISMO NA TERCEIRA IDADE. **Dicas para Terceira Idade: Viagens Melhor Idade**. Disponível em: <<http://www.turismonaterceiraidade.com>>. Acesso em 20.nov.2011.

UGALDE, M. **O papel das Emoções no Processo Decisório de Compra de Imóveis por Consumidores da Terceira Idade**. Porto Alegre, 2006. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 2006.

URGER, L. S.; MC CONOCHA, D. M.; FAIER, J. A. The Use of Nostalgia in Television Advertising: A Content Analysis. **Journalism Quartely**, v.68, p.345-353, 1991.

VAKALOULIS, M. **Le Capitalisme Post-Moderne. Éléments pour une Critique Sociologique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

VARGO, S. L.; LUSCH, R. F. Evolving to a New Dominant Logic for Marketing. **Journal of Marketing**, v.68, n.1, 2004.

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa: um Estudo Econômico das Instituições**. 3ª Ed. São Paulo: Nova Cultura, [1899] 1988.

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. Paradigma Interpretacionista: a Busca da Superação do Objetivismo Funcionalista nos Anos 1980 e 1990. In: CALDAS, M.; BERTERO, C. O. **Teoria das Organizações. Série RAE - Clássicos**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 66-72.

VENKATESH, U. Leisure – Meaning and Impact on Leisure Travel Behavior. **Journal of Services Research**, v.6 (Special Issue), p.87-108, 2006.

VESPERI, M. Forty-Nine Plus: Shifting Images of Aging in the Media. In: **Reinventing Aging: Baby Boomers and Civic Engagement**. Boston: Center for Health Communication, Harvard School of Public Health, 2004.

VILLAS, M.; MACEDO-SOARES, T. D. L. V. A.; RUSSO, G. Bibliographical Research Method for Business Administration Studies: A Model Based on Scientific Journal Ranking. **BAR – Brazilian Administration Review**, v.5, n.2, p. 139-159, 2008.

WARD, J. C.; REINGEN, P. H. Sociocognitive Analysis of Group Decision Making among Consumers. **Journal of Consumer Research**, v.17, p. 245–262, 1990.

WARNER-SMITH, P.; BROWN, P. ‘The Town Dictates What I Do’: the Leisure, Health and Well-Being of Women in a Small Australian Country Town. **Leisure Studies**, v. 21, p.39-56, 2002.

WEININGER, E. B.; LAREAU, A. Paradoxical Pathways: An Ethnographic Extension of Kohn’s Findings on Class And Childrearing. **Journal of Marriage and Family**, v.71, p. 680-695, 2009.

WELLS, W. C.; GUBAR G. Life Cycle Concept in Marketing Research. **Journal of Marketing Research**, vol.3, n.4, p.355–363, 1966.

WILLIAMS, J. D.; QUALLS, W. J. Middle-Class Black Consumers and Intensity of Ethnic Identification. **Psychology and Marketing**, v.6, n.2, p.263–86, 1989.

WILLIAMS, P.; DROLET, A. Age-Related Differences in Responses to Emotional Advertisements. **Journal of Consumer Research**, vol.32, n.3, p.343–354, 2005.

WYNNE, D. **Leisure, Lifestyle, and the New Middle Class: A Case Study**. London: Routledge, 1998.

ZALTMAN, G. Consumer Researchers: Take a Hike! **Journal of Consumer Research**, v. 26, p.423-428, 2000.

ZALTZMAN, C.; MOTTA, P.C. Segmentação de Mercado dos consumidores mais velhos segundo seus perfis de estilo de vida. **Revista de Administração**, vol. 31, n.4, p.44-56, 1996.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 3ª Ed. Porto Alegre: Brookman, 2005.

8 Anexos

ANEXO I – Significados associados às categorias do Grupo de Seresta:

Quadro 6 – Significado Hedônico

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alice	<p>Eu canto por esporte, porque me faz bem, eu gosto de cantar. Eu lavo a alma, eu saio daqui com a alma lavada. [...] Gosto de cantar para mim e para os outros, e acho que as pessoas reconhecem isso. Cantar significa dar e receber prazer, eu sinto prazer em ouvir os outros cantando, tudo isso é muito bom para minha cabeça.</p> <p>Eu fico feliz, sou feliz em cantar, sou feliz com o grupo. Gosto de todos eles.</p>
Almerinda	<p>Eu gosto muito de ouvir música. Eu acho que, enquanto a gente ouve música, não ouve outras coisas... E também é gostoso ficar aqui com as amigas... [...] É justamente pra ficar alegre, se divertir. E passar o tempo. [...] Aqui, olha, a gente ri muito, a gente conversa muito.</p>
Artur	<p>Depois de velho não tenho mais que fazer nada, só descansar e passear. Eu como tenho tempo para descansar, eu venho pr'aqui, porque só tem gente boa, não tem malandragem. Você vai por aí e tem muita malandragem. Aqui não tem nada.</p> <p>Pra mim é um lazer, gosto de músicas antigas, só tem velhos e amigos, não tem gente jovem, então pra mim é uma diversão passar a tarde no domingo. [...] Eu acho que a diversão, a essa altura [da vida], é boa pra todo mundo.</p>

Donato	<p>Eu gosto muito de parar e ficar, nem vejo o tempo passar! Tem a música ao vivo e a energia das pessoas que também conta muito! A minha motivação é curtir, relaxar.</p> <p>Pra mim é uma coisa que traz tanta alegria, paz, coisas simples, nada complicado, todo mundo canta do jeito que canta, não importa como...</p>
Elaine	É melhor eu vir ver eles cantando... Porque traz mais satisfação do que eu ir ver um cantor qualquer cantando. Aqui a gente aplaude, a gente ouve, sei lá, faz bem pra gente. Faz bem.
Elizinha	Para mim, música é tudo. Para mim, música é a essência da vida porque eu acho que sem música... a vida é triste. Cantar é muito bom... A gente coloca os sentimentos, a gente vive a música, a gente... Sei lá... Fica feliz! Eu acho que a música nos faz ficar feliz!
Gisela	Às vezes, os cantores tão cantando e, às vezes, eu acompanho eles assim, de longe, sentada no banquinho, na cadeirinha... Ouvindo eles... Porque tem coisas que eu gosto, músicas que eu gosto de ouvir, que eu gosto de ficar ali só pra ouvir mesmo. Eu gosto daquilo, me sinto alegre ali... [...] Pra mim, é uma diversão, uma distração. É um meio de você sair da sua casa, sua residência, passear um pouco, se distrair. Uma diversão. [...] Tem música que alegra o coração da pessoa. Sei lá, a gente sente uma alegria, uma coisa assim...
Jorge	Eu sou todo, assim, sensível, entendeu? As músicas são importantes na minha vida... A música desperta sentimentos. Aprofunda sua sensibilidade. Desperta uma empolgação danada a música.
Justina	É só distração: domingo, pra não ficar em casa, e sábado sempre tem uma boa música aqui. As pessoas vêm pelo mesmo motivo que eu venho: para se distrair, para passar uma tarde agradável...

Leo	[Eu venho] <i>only to relax. This is an</i> oportunidade. Para mim passa tempo muito suave, música muito romântica, música de coração. Eu gosto música romântica. <i>My motivation is to share this music. Because this is</i> ao vivo, estou vivo, graças estou vivo e outras pessoas com mesmos <i>interests. The same interests.</i> [...] Este lugar... Gosto do Palácio do Catete. Praça, verde, seguro, ótimo lugar Rio de Janeiro. Eu gosto daqui. Chafariz... Maravilhoso... Eu gosto música com carinho... [...] Eu gosto de vir aqui, eu gosto da música. Eu gosto de música romântica, música do coração. <i>I like all</i> , tudo. Música, boa gente, esse local.
Luciano	Ah, eu curto, curto. Pra ouvir. De vez em quando eu canto, mas só se for no coro. [...] O grupo de seresta, pra mim, é uma coisa que eu acho um luxo, de uma importância muito grande porque é uma questão assim emocional também.
Mario	Eu gosto de música ao vivo. Eu já pensei em ficar em casa ouvindo, mas não... Já não tenho muito essa ideia, não. Prefiro assim. Sinto uma emoção forte que me faz bem e isso me faz vir sempre aqui. Eu gosto das músicas românticas que se canta aqui.
Marta	Ah, eu acho que música é tudo de bom. Acho que a gente bota toda a emoção da gente pra fora. Você exprime a emoção que você sente, tudo. [...] Eu gosto de cantar e até canto em casa sozinha. E acho que eu me expresso muito. Eu tenho que cantar música que eu ponho minha alma toda pra fora.
Matilde	O meu caso é música ao vivo. A seresta é a minha principal atividade de lazer, pois me relaxa muito. A música é a beleza da vida. A minha felicidade é a música. O grupo me traz alegria, eu me sinto viva... Eu vivo aquilo... Eu sou apaixonada por música porque ela me modifica... Me faz melhor. [...] Eu só canto e faço parte daqui do coral. Então aquilo sacia, eu saio assim liberta, livre.
Walter	Eu já gostava de música mesmo. Eu faço parte da música. É uma distração muito boa. [...] Fiquei mais alegre.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7 – Espaço de Sociabilidade

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alice	<p>Nós somos todos muito unidos, é muito bom... Companheirismo é bom... [...] É uma família, conforme nós fizemos aí. É uma família, tá entendendo?</p> <p>Não é só música, é também conversa e a gente se alegra com os outros. [...] Aqui tem eventos, aniversários, e é um social muito bom aqui. Muito bom.</p> <p>Acaba se tornando uma amizade até pra quem não canta. Quem vem passear... porque quando você chega assim, é um sorriso... Um sorriso, um cumprimento, um sorriso...</p> <p>Olha, de amizade assim, aumentou 100%. Não só de quem canta, de quem assiste também.</p> <p>Ontem mesmo nós fomos ali, saímos da seresta ali, que um veio chamar a gente pra ir no aniversário dele no McDonald's, aí, "vamos, vamos, vai ver que ele mora sozinho. Vamos lá." Aí, nós fomos. Chegou lá, ele distribuiu guaraná pra gente, no McDonald's e foi só. Depois, abriu uma caixa de bombom, pra gente. Pra cada um tirar o bombom. Aí, o que que nós fizemos? Na mesa que nós estávamos, nos demos 10 reais cada um, juntamos 50 reais e demos um presente. Ficou todo feliz, talvez ele more sozinho, more só...</p>
Almerinda	<p>É gostoso a gente ficar aqui, chegam as amigas... Depois que acaba, a gente fica conversando, um conta um caso, outro conta outro caso, e tal... De vez em quando tem umas fofquinhas...</p> <p>Porque eu gosto de estar com a turma. Aí, que... Se a gente viesse e não tivesse ninguém da rodinha da gente, a gente não ia gostar, ia ficar lá abandonado.</p> <p>Difícilmente a pessoa que frequenta vai deixar de vir. A maioria, é porque, às vezes, tem muita pessoa da Terceira Idade que mora sozinha. Eu moro sozinha. Se mora com alguém mais novo, não dá importância, não dá confiança. Nem liga. Aí, a gente dá confiança um pra outro, conversa e tal... [...] Aqui a gente esquece os problemas. E conversa, e ri... Só vendo.</p> <p>A pessoa, às vezes, tem mais convivência aqui do que se tivesse com a família. Eles aqui se preocupam mais que, às vezes, a família, ainda mais quando a gente é da Terceira Idade, que às vezes só dá trabalho, eles [a família] não querem saber muito. [...] Tem uns amigos aqui que são mais do que parentes. É porque a pessoa se importa com a gente.</p> <p>Porque é aquela amizade... Que as pessoas, às vezes, quando a gente demora ou falta, sentem falta.</p>

Artur	Aqui só tem velhos e amigos, não tem gente jovem, então pra mim é uma diversão passar a tarde de domingo. Eu gosto de conversar com pessoas da minha idade, não com garotada, que não adianta nada. Porque velho tem que ter amizade com velho, não é? Faço muita amizade aqui.
Donato	---
Elaine	Muito importante por causa dessa integração. Eu gosto da música, por isso que eu te digo, eu aqui sou mais do convívio. [...] O convívio com as pessoas... É uma parte da minha vida que está aqui. Eu acho minha segunda família. Porque se eu precisar de alguma coisa – dificilmente eu vou precisar, eu ainda tenho saúde, quer dizer, eu sou muito mais de me doar do que precisar. Mas se eu precisar, elas vão fazer alguma coisa por mim. É uma família. Aquela família que você não herdou, aquela que você construiu. Que eu acho a mais importante.
Elizinha	E vai formando também, cada vez mais, grupos de amigos, que eu também acho muito importante. Eu acho que a maior riqueza que nós temos, no mundo, em primeiro lugar, é Deus, em segundo lugar, nossa família, e, em terceiro lugar, os amigos, né, porque, para mim, amigos é muito importante, não importa a idade... Para mim, é uma delícia, não é? É tudo, é bom, é gostoso, é proveitoso, é aprender mais, é fazer mais amizade... Quanto mais gente nova que vai chegando, a gente vai criando mais amigos.
Gisela	A gente faz uma porção de amizades aqui, eu gosto muito de conversar. [...] Aqui conversa e faz amizade... Ah, é importante sim. Faz muita falta, isso é muito importante. [...] Porque você tem uma companhia ali, com quem conversar, com quem dialogar... Assim, amigos, companheiros...
Jorge	Fazer amizade, que é importante. Você sem amigo, você...
Justina	Ah, aqui você se distrai, conversa com outras pessoas, tem um círculo grande de amizades... Tem calor humano. A pessoa vem aqui é mais por causa do calor humano... É o sentimento de você ter amigos, de amizade com umas pessoas... Bem, amigos é complicado... Conhecidos. Eu procuro agradecer: cumprimentando, sorrindo, “Oi, tudo bem? Melhorou?”. Porque eu sou amável. Eu sou assim mesmo. Eu gosto de ajudar, eu gosto de cumprimentar todo mundo...
Leo	<i>I'm part with the other people. This is part of my social life.</i> Eu não fico minha casa, sozinho, com televisão. Não. É andar aqui da rua, com outras pessoas, <i>to integrate. To interact with other people.</i> Quando você tem muito anos, você precisa [de] outras

	<p>peessoas. <i>Interact</i> [com] outras pessoas. Essencial. Eu faço algumas amizades aqui.</p>
Luciano	<p>As pessoas são muito amigas aqui. Desde sempre aí, uma amizade muito boa. Uma preocupação. “A fulana não veio hoje! O que será que aconteceu?”, “Ah, cadê a fulana?” [...] Então, as pessoas viraram uma família.</p>
Mario	<p>Meus amigos também, eu venho aqui por causa deles, das minhas amizades. [...] Porque são pessoas interessantes, a maioria das pessoas, aqui, vem aí para cantar, para se distrair, para distrair outras pessoas.</p> <p>Claro que a gente se sente, eu me sinto bem participando, porque, de alguma forma, eu também estou contribuindo para o bem-estar das pessoas, de um modo geral.</p>
Marta	<p>Ah, aqui há troca de informação sim. De amizade, eu acho que você pode fazer grandes amizades. Graças a Deus eu tenho grandes amigos. Amigos que eu tenho certeza, e são sinceros... [...] Eu acho que a gente cria um vínculo, uma amizade boa.</p>
Matilde	<p>Porque eu me sinto viva! Aqui é meu ponto de encontro com os amigos também.</p>
Walter	<p>As amizades que a gente faz aqui. Isso é importante. Porque é como se nós fôssemos irmãos uns dos outros.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 8 – Nostalgia

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alice	Recordar canções que eu esqueci. Muitas canções antigas que eu havia esquecido, eu recordo. E depois eu pergunto à pessoa, na outra seresta, se eu posso cantar... Boas recordações.
Almerinda	A gente esquece as coisas ruins. E lembra as coisas boas do passado. Quanto mais quando a música é bem antiga mesmo, a gente lembra. [...] Volta ao passado... que aí a gente lembra. Porque as músicas de hoje, não dizem nada.
Artur	Dá alegria, você escutar uma música do teu tempo... Uma música daqueles tempos em que nós fomos crianças... Hoje nós somos velhos. Mas já fomos novos. E escutar aquelas coisas boas...
Donato	Parece que eu estava voltando 30, 40 anos... Uma outra época, outra vida, outra situação, outra... Fora do normal... Naquela época, uns 30, uns 40 anos, era uma coisa assim, tão light, tão informal... As pessoas juntas, idosos, pra passar uma tarde, um momento fantástico. Isso que eu admirei mais. A alegria que eles gostam de ficar, de cantar. Tem uns que cantam melhor que outros, eles não se importam com isso não, eles só vem curtir o momento, desfrutar...
Elaine	----
Elizinha	----
Gisela	Dependendo da música. Tem música que toca no coração. Toca na alma, tem umas que tocam mesmo. Que lembra alguns passados... entes passados...
Jorge	Eu estou resgatando muitas músicas antigas. Eu gravo tudo na internet e fico ouvindo em casa. Eu agora, estou aprofundando em músicas antigas... Eu me sinto bem feliz ouvindo isso aí, as músicas antigas.
Justina	Tocam músicas que eu já conhecia há muitos anos, aí me lembra e eu começo a cantar também.
Leo	Música popular [de quando eram jovens]. Outras memórias: quando o primeiro beijo, primeira sacanagem, primeiro tudo... <i>I hope to find the old music... That is good for me to hear. And to see the people remember. Remember the music.</i>
Luciano	Porque aqui a pessoa começa a reviver, revitaliza tanto essa geração do passado, que hoje está vivendo o presente, aqui nesse

	<p>momento. Aqui se revive as coisas boas do movimento musical desse país. Não só como recreação, como um processo político... [...] Eu acredito que os movimentos musicais no Brasil tiveram uma influência muito grande e alguns compositores se destacaram, né, nesse segmento, e alguns outros fizeram algumas canções de amor, que falam do amor pela nossa pátria, do amor que se tem pelas mulheres e pelo amor ao, ao cidadão, ao cristão, de qualquer forma. E as músicas [tocadas na Seresta] resgatam esses ideais...</p> <p>Você começa a lembrar de algumas coisas do seu passado. Que você teve de amor, e esse amor, ele volta a ser lembrado dentro desse grupo de seresta.</p>
Mario	<p>Geralmente aqui são músicas, a maioria, canções antigas... Essas canções são de seresta mesmo, mas de longas datas, de artistas que já se foram, mas que estão em nós, no coração e na memória...</p> <p>Eu acho que, para a Terceira Idade, a seresta é um lazer interessante porque são as músicas, você vai revivendo músicas antigas, canções antigas, que você já gostou, já amou. E a oportunidade de você reviver essas coisas é assim, num grupo desses, com pessoas que procuram sentir a mesma emoção que você.</p>
Marta	Eu gosto de cantar samba canção. Como eu disse: música de dor de cotovelo. Adoro aquelas músicas antigas, adoro.
Matilde	<p>Porque música é assim. Se você escuta uma música, músicas sempre lembram uma passagem na sua vida, entendeu?</p> <p>Às vezes eu estou em casa, por exemplo, e fico cantarolando, cantarolando músicas daí, que já estavam até esquecidas, entendeu. Aí eu fico... aí me lembro: qual foi aquela música que eu escutei, entendeu.</p>
Walter	---

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 9 – Qualidade de Vida

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alice	<p>É bom porque, só de sair de casa... Tem pessoas que já não andam direito, é bengala, é muleta... Então, isso, já ter um local pra ir, pra ficar, voltar, já é um exercício.</p> <p>Porque eu não penso em tristeza, eu não tenho aborrecimento. Aqui eu só tenho alegria. Eu não sinto nada no corpo. Eu não sinto dor em lugar nenhum. Você não vê eu falando que dói aqui... Eu não sinto dores mais no corpo. Aquelas dores, eu não sinto mais, foram embora.</p>
Almerinda	<p>Quando a gente vem aqui, esquece as coisas tristes... [...] Se a gente não participar da seresta, aí fica em casa, aí fica triste. E vindo aqui, deixa a gente alegre, sabe? Deixa a gente bem... Quando a gente fica sozinho em casa, sem ouvir conversa, sem ouvir música, só fica pensando em coisas ruins. E aqui a gente fica mais alegre, esquece, acha graça, com os colegas... A gente se sente muito bem... [...] Deus me livre, se não tivesse isso aqui... Se eu não tivesse descoberto isso aí, eu nem sei...</p> <p>Porque a saúde, ela é um bem-estar físico, mental e social. E eu já gosto de sair.</p>
Artur	<p>[Em vez de] você ficar em casa fechado, sozinho num apartamento fechado, você sai pra rua, vê vida, vê os amigos, e faz amizades... Se for pra estar preso [em casa], vai logo pra cadeia.</p> <p>Você vai ficar sozinho em casa? Vai ficar sozinho? Aqui é tranquilo. Eu me divirto. Eu me distraio a cabeça. [...] Ficando em casa, solidão, porque sou sozinho em casa. Ficar em casa vai pensar em quem? E aqui escutando música, te reanima. Quando chega em casa, você vai com outra mentalidade, você vai dormir com muita tranquilidade, eu escutei aquela música, gostei daquela música, gostei daquela senhora que falou contigo...</p> <p>Eu estando em casa sozinho só penso besteira, velho só pensa besteira. E vindo aqui, renovo o pensamento, renovo a cabeça, renovo as coisas. Venho conversar com pessoas da minha idade, ouvindo músicas boas, e não se fala de coisas ruins. E vou pra casa com a cabeça livre.</p>
Donato	<p>Mais importante pra eles [os mais idosos], que talvez eles fiquem em casa o dia todo, não têm muita vida social, e um aproveitamento pra eles seja um pouco de vida social, de se comunicar... Porque os idosos em geral moram sozinhos, moram com alguém que não presta atenção. Aí se juntam, e tudo igual. Todo mundo igual. [...] Melhor que assistir o Faustão domingo à noite.</p>

	Você fica dentro de casa assim, sem ninguém, só com cachorro, e às vezes nem cachorro. Aqui realmente a pessoa não se sente tão sozinho. [...] Aqui... bom, isso aqui deixa mais relaxado... a pressão minha arterial parece que baixa...
Elaine	Qualidade de vida. É, enquanto eu estou aqui, é, pra mim só está acrescentando na minha vida. E não tem desperdício de tempo. Desperdício de tempo, se eu estivesse em casa vendo aqueles programas bobos também. Você está com um problema, atravessando um problema qualquer fora daqui, e você chega... Só de você conversar e falar, isso já faz com que você relaxe e esqueça. Se não fosse esse relacionamento, eu talvez não estivesse tão bem, interiormente, como eu estou.
Elizinha	No sentido de felicidade, de coisa boa, de saber que eu tenho para onde ir, também, porque é terrível você não ter para onde ir. Chegou um dia de domingo e você tem que ficar dentro de casa, você não tem para onde ir, você não tem amigos, você não tem ninguém. Fica aquela solidão dentro de casa, vendo televisão, com esse calor, ar condicionado ligado o dia inteiro, terrível... Caramba, é muito bom! Acho que eu estou vivendo, eu vivo o melhor período da minha vida. O quê? Meu Deus! É uma delícia! Cada ano que passa fica melhor! Nossa, eu sou muito saudável, muito feliz. Não sinto dor de nada, eu não tenho problema nenhum com doença. Aliás, eu costumo dizer, eu vivo o céu aqui na terra.
Gisela	Às vezes, você está pensando em alguma coisa. Às vezes está pensando uma coisa passada, uma coisa que acontece na família. Digamos assim, a pessoa fica triste, fica pensativa. Aí, você vem pra cá, você se distrai, aquilo sai e você esquece. Porque você se sente mais assim, viva. Você sente mais viva, você não está morto... Você não está morto, está vivendo. Ah, porque é uma vida alegre...
Jorge	Se eu não tivesse aqui, sabe onde é que eu estaria? Andando lá na praia. Pra queimar o tempo, pra chegar em casa, entendeu, numa hora já que está começando a programação que eu gosto. Por que eu não sou um cara de ficar em casa não.
Justina	E é bom... É melhor do que ficar em casa, ouvindo uma televisão, vendo um programa bobo... Só há programa bobo na televisão. É mais gostoso estar aqui com as pessoas. Graças a Deus, tenho uma vida controlada, com filhos e com netos, então, não há necessidade de eu andar estressada. Saúde boa. Então, tem que distrair um pouco a cabeça. Aí eu venho aqui e distraio a cabeça.
Leo	Porque eu precisa sair [do] apartamento, precisa andar na rua e precisa falar com outras pessoas. E precisa <i>activity</i> , é fresco aqui, <i>interesting</i> ...

Luciano	<p>Muda um pouco até o comportamento da pessoa. Porque talvez ela tenha chegado aqui com um problema muito grande. Ao escutar essa música, que ela tinha vontade de escutar e alguém cantou pra ela, mudou totalmente aquela coisa que tinha acontecido durante o dia inteiro na vida dela. E ela começa a lembrar coisas que conhece. “Que coisa boa eu ter escutado essa música que eu sempre amei!”.</p> <p>Eu acho que esse espaço é muito especial porque existe um processo de liberdade. A liberdade de ação de todos. A liberdade de escutar da pessoa... Ela vai escutar, talvez, o que ela estava sonhando escutar e que ninguém impôs a ela...</p> <p>Eu acho que contribui muito para a mente dos idosos. Isso aqui é fortalecedor... Porque me enriquece ver a força dessas pessoas que estão ali em volta, o desejo... É como se fosse você ali colocando a gasolina no tanque do seu carro pra você ligar o seu carro e, e ter uma força maior e caminhar.</p> <p>Essa fuga em que você procura uma convivência com outro ser humano, que você não tem no seu habitat. Você não tem a participação da sua família... Você não canta em casa, porque o seu filho não gosta que você cante. O seu sobrinho não gosta. E essa pessoa é uma pessoa que gosta de cantar. E em casa não pode cantar porque ela é discriminada pela própria família. Então, aqui ela encontra [esse espaço].</p> <p>Escolho o que eu quero fazer, tenho o que fazer aqui e isso me estimula a estar sempre em movimento. [...] Isso é um lazer especial não só para mim como para várias pessoas. Estou com uma qualidade de vida melhor.</p>
Mario	<p>Tem muito idoso que leva uma vida amargurada. Em casa, com a família. Então, ele tendo a oportunidade de sair e frequentar um local como esse, pelo menos ele refresca a memória, refresca as ideias e sai daquele martírio.</p> <p>Para a Terceira Idade, é uma vida difícil, difícil. [...] Não pra todo mundo, naturalmente tem exceções, mas a maioria tem problema. Problema de toda ordem, não é somente financeiro, problema de toda ordem, problema familiar, problema de saúde, uma série de coisas. Então, se o indivíduo for ver tudo isso e se acomodar em casa, sentar numa poltrona, numa cadeira lá, aí não dá. E, se você parar, totalmente, aí não tem como, não vai. A cada dia você se amofina mais, a cada dia você bitola mais.</p> <p>Distração, problemas de família, às vezes, aí a pessoa tem que sair, tem que encontrar um ambiente diferente, onde se sinta bem. E, com certeza, a pessoa vem aqui, tem vários senhores aí, que o problema dele qual é? É se encontrar, num dia desse, num final de semana, e trocar uma conversa aí para renovar...</p>
Marta	<p>Porque eu acho que as pessoas que chegam na Terceira Idade – eu já estou na Terceira Idade também – as pessoas vão ficando muito... meio isoladas... Isso é uma coisa natural. Se isolam, a memória vai ficando fraca, os amigos vão morrendo... Isso é uma</p>

	<p>Terceira Idade mais avançada. [...] Então acho que aqui a gente tem um convívio, a gente tem com quem conversar, se precisar de alguma coisa sabe com quem... porque tem gente com quem pode contar.</p> <p>Eu acho que isso aqui é uma higiene mental pra mim tremenda. Eu acho que pra qualquer pessoa, eu acho que música lava a alma da gente. É um alimento pra alma da gente.</p>
Matilde	<p>Frequentava com meu marido quando ele vivia, mas depois ele morreu, aí eu... comecei a frequentar com mais intensidade. A música é como se fosse um sedativo... Por exemplo, hoje nem teria condições de ter vindo aqui. Fui à feira, voltei assim muito cansada, porque esse calor cansa muito, mas eu tenho isso como uma terapia. Eu faço terapia toda semana, mas não me sinto tão bem quando venho aqui, e posso dizer que sempre achando na música um alento.</p> <p>Porque eu me sinto solitária, muito solitária. E isso é um compromisso... é como quando você marca uma consulta, você vai porque você marcou. É isso aqui. Mas quando chega a época da chuva não tem. O mal que tem aqui é esse.</p> <p>É divertimento que me faz feliz. Eu esqueço as minhas mágoas. [...] Aprendo alguma coisa nova, aqui eu sinto que a vida é bonita. [...] Porque eu me sinto viva.</p>
Walter	<p>Antes de frequentar aqui, eu andava muito mal. Porque eu tinha sido demitido, tinha que arrumar um emprego novo, ou senão ia entrar em depressão, mas a idade não ajudava. Então pensei: “Vou procurar uma distração.” Eu vim pra cá e comecei a cantar aí. A gente fica mais feliz, chega em casa mais contente. Esquece problema da vida, tudo isso. Aí eu fui reintegrado no meu emprego, e melhorou mais ainda.</p> <p>A ideia é boa, porque a gente procura distrair. A pessoa vive muito mais. Porque se distrair é melhor que se aborrecer. Se aborrecer não leva a nada. A pessoa alegre vai vivendo muito mais ainda. Ajuda a viver melhor. [...] A gente se distrai, esquece os problemas da vida. A vida que está com aquele problema, vem pra cá, canta e esquece aquele problema.</p> <p>Tem pessoas que vem pra cá, cego, paraplégico, eles se sentem bem aqui dentro. Se sentem bem ouvindo a gente cantar. Se sentem bem. Pra eles é muito bom, pra saúde deles.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 10 – (Re) Construção da Identidade

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alice	<p>Eu tive um trauma, a família achava que cantar era coisa de quem não prestava. Eu levei uma surra, todo mundo vendo, e eu fiquei muito traumatizada, não cantei mais. Fiquei 50 anos sem cantar. Voltei a cantar agora. [...] Eu agradeço muito à Elizinha, porque eu jamais voltaria a cantar. [...] Pra mim, foi uma dádiva.</p> <p>Eu sou suspeita em dizer. Mas meus colegas de canto, mesmo a Elizinha, eles disseram que eu fiquei muito desembaraçada, que eu estou me desenvolvendo cada vez mais. Porque, quando eu comecei, eu estava constrangida ainda, pelo que me aconteceu na minha juventude. Comecei a cantar assim, um pouco tímida [...]. Eu cantava baixinho. Agora não.</p> <p>Minha autoestima, meu ego... Massageou muito meu ego eu voltar a cantar. [...] O pessoal gosta quando eu canto. Quando eu entro aqui, o pessoal fica perguntando “Vai cantar? Vai cantar?”. Então eu digo: Acho que estou agradando.</p> <p>Eu era assim, um pouco desligada com esse negócio de roupa. Estava sempre de bermuda jeans, qualquer blusa, sabe? [...] Que, às vezes, eu nem estou pensando nada, me dá um sorriso, eu penso logo “Ih, é lá do Museu. Vai lá hoje, vai cantar?” Aí, eu digo assim: “Agora eu tenho que me produzir mais, porque...” Mudou muito. Melhorou muito, 100%.</p>
Almerinda	Eu digo [para as amigas]: isso é um presente que vocês estão me dando. Quando eu fizer aniversário, não precisa me dar presente não, que vocês já me dão presente a vida inteira. O ano todo.
Artur	----
Donato	----
Elaine	<p>Eu sou bastante conhecida aqui, e as pessoas, sempre que precisam: “A Elaine vai resolver, a Elaine vai ver, a Elaine...”. Então sou muito requisitada. Na verdade, sou muito requisitada pra qualquer coisa. [...] Porque eu me sinto querida e isso é importante pra mim. Sou aceita. Sou requisitada. E, então, é tudo pra mim isso aqui. É tudo...</p> <p>Eu sou reconhecida por essa atenção que eu dou... [...] Eu passo uma confiabilidade, eu tenho uma responsabilidade muito grande e passo isso muito pras pessoas. E aí, eu procuro fazer um trabalho bastante sério com o grupo. A minha presença, a minha presença lembra que eu faço viagens, e que também é uma atividade pra Terceira Idade muito boa. E com isso, “ah, a Elaine tá ali, vou viajar com a Elaine”. Então, realmente, a minha presença também influencia.</p> <p>Eu gosto muito disso. É um aplauso pro meu ego, muito grande. Porque eu vejo que o trabalho que eu tenho, ele é considerado.</p>

	<p>Ele está sendo reconhecido.</p> <p>Não, eu participo [cantando]... Eu faço um trabalho social, digamos assim, quem precisar de mim, eu estou sempre disposta a ajudar. É, se precisar de mim pra fazer lista, pra ajudar... Eu estou sempre pronta e sempre dando atenção... A gente tem um compromisso de amizade... [...] É doação, não necessariamente material, mas, é, emocional.</p> <p>“Ah, vem cá, olha, fulano tá precisando disso, que tal a gente fazer isso?”.. [...]“Ah, Elaine, olha como tá!”, aí eu oriento, eu digo e tal, “Você tá bem?”. Então, isso me faz um bem...</p>
Elizinha	<p>Cantar foi a grande descoberta da minha vida. Agora eu vivo realmente. Antes, eu vivia a vida para os outros, cuidando de casa, marido, filhos. Hoje, eu cuido de mim... Quando estou cantando, eu vivo uma experiência muito bonita que não saberia te explicar, é como se nada mais existisse ou importasse. É meio como se a realidade da vida fosse outra. Eu nem sinto que tenho a idade que eu tenho!</p> <p>Aí, eu era aquele passarinhozinho, que vivia dentro de uma gaiolinha, e de repente bateu asas e quer voar, voar, voar!... Essa é a Elizinha, que agora está voando por aí, que está... Agora, eu posso cantar. [...] Hoje, eu acredito que sou uma pessoa muito feliz e realizada. A música me realizou e me tornou uma pessoa livre de verdade. [...] Ah, agora, ninguém segura Elizinha mais!</p> <p>Tem gente que canta para si e tem gente que canta para o público. Eu, por exemplo, canto para o público. Eu me doo de corpo e alma para o público, entendeu? Quando eu estou cantando, eu coloco sentimento na música, eu coloco amor naquela música. Eu olho se estou agradando no olho de cada pessoa, para ver se as pessoas estão abrindo boca e cantando, ou estão levantando e saindo. [...] Eu canto, dou prazer àqueles que escutam e sinto prazer em cantar. Na verdade, para mim, é um prazer dobrado, porque me sinto feliz cantando e vendo a felicidade nos outros. Agora eu vejo o quanto cantar me faz uma pessoa completa.</p>
Gisela	----
Jorge	----
Justina	----
Leo	----
Luciano	----
Mario	----
Marta	Eu acho que agora é que eu sou feliz de verdade. Gravar esse CD foi importante, não sei nem explicar o porquê direito. Foi a

	<p>realização de um projeto pessoal para mim. Se eu tiver uma chance de gravar mais... Acho ótimo.</p> <p>Todo mundo devia fazer parte de alguma coisa. Eu, que gosto de cantar. Como é que eu ia chegar a gravar um CD se não participasse de grupo de música? Quem que eu ia conhecer?</p> <p>Porque me faz bem me sentir bem. Me sentir que eu estou fazendo bem a mim mesmo e a outras pessoas que gostam de me ouvir cantar, se sentem bem ao me ouvir cantar.</p>
Matilde	<p>Sinto prazer em cantar, em me ajeitar, em saber que eu tenho que vir, que eu não posso surgir assim toda jogada...Por isso me arrumo muito para vir para cá. Faço a unha toda semana, eu faço sempre o cabelo... Eu tenho que trocar de roupa, não venho sempre com a mesma, não é? Comprar maquiagem, comprar umas rasteirinhas mais ou menos combinando com a roupa.</p>
Walter	<p>É bom para o psicológico você vê as pessoas te aplaudindo, você se sente muito bem. A impressão é que está agradando a eles. Se a pessoa está ali, é porque está agradando. Eu me sinto feliz. [...]A música me ajuda a me expressar melhor, é como se vivesse outra pessoa em mim naquele momento... Uma parte de mim que estava guardada... Para mim é bom demais fazer parte desse grupo. Eu venho pra cá porque eu gosto muito. Ajuda em tudo, em todos os sentidos.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 11 – Aprendizado

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alice	Porque você aprende muita coisa cantando. Bem, eu sempre respeitei as pessoas, mas aqui o carinho... Nós tratamos bem uns aos outros, tratamos com carinho as pessoas cadeirantes, as pessoas que moram em comunidades sempre são bem vindas, são recebidas bem. Não tem diferença, somos todos iguais. O tratamento de carinho, de respeito...
Almerinda	Às vezes, também, de um dar uma ideia pro outro. As vezes vêm os colegas, dão ideia, as vezes coisa de trabalho. Que todo mundo aí, a maioria, acho que todo mundo, é aposentado. “Olha, tá acontecendo isso, aquilo, aquilo outro...” Há pouco tempo, tinha que entrar na Justiça. “Olha, tem que entrar na Justiça, que o governo tá devendo isso...”. Se não fosse aqui, eu nem sabia. A gente sempre aprende.
Artur	----
Donato	----
Elaine	----
Elizinha	<p>Eu comecei a fazer aula, aprendi a tocar. Eu comecei a fazer aula de percussão. Agora, eu toco cantando, eu toco pandeiro, eu toco afoxé, toco triângulo, toco chocalho. Eu comecei a levar pandeiro e toco pandeiro lá.</p> <p>É, mais feliz, mais, como é que se diz, participativa, que aí a gente participa mais, a cada vez querendo aprender mais, a cada vez melhorando mais o repertório, a cada vez procurando cantar melhor. E sonhando, como eu te disse, com um dia poder chegar a tocar com uma grande orquestra, cantar com uma grande orquestra, num programa de grande audiência. Esse ainda é o meu sonho.</p> <p>É o que eu te digo, é ouvir várias vozes e aprender mais músicas também. Quer dizer que, às vezes, você canta uma música, se você prestar atenção, eu canto, praticamente, tudo o que todo mundo canta ali, ficam me olhando, prestando atenção. Tudo o que, ali, o pessoal canta, eu canto junto. Mas, às vezes, tem uma música que me falta uma frase, tem outra música que me falta uma palavra, então, quando você cantar, eu: "Epa! É essa palavra que eu tenho que falar." Que, às vezes, você conhece a música toda, mas, de repente, você não sabe uma frase. Aí, você já decora a frase daquela música. Aí, quando você estiver cantando, você já sabe a música toda, a letra da música toda, entendeu? Então, para mim, é importante por isso. E aprender outras músicas também, outras coisas que, às vezes, eu não conheço – se bem que eu tenho um repertório muito grande – mas,</p>

	<p>às vezes, tem muitas coisas ainda que as pessoas cantam que eu nunca ouvi. Então, eu vou ouvir outras músicas e aumentar, cada vez mais, o meu repertório.</p> <p>A gente aprende com a gente e aprende com os outros também. Por exemplo, às vezes, eu estou ali, eu vou começar a fazer aula de cavaquinho, agora, é a única coisa que eu não sei, já tenho o meu cavaquinho, mas não sei tocar ainda. Por exemplo, eu já estou ali, olhando para a mãozinha do Seu Vivi, como é que ele vai lá, nas notas musicais, no cavaquinho dele. Eu estava ainda no violão, aprendendo violão, então, agora, eu vou começar no cavaquinho. Enquanto o Seu Vivi está tocando ali, eu estou vendo a música que ele está tocando e a posição dos dedos dele, porque, quando eu começar a ter aula, eu já tenho, mais ou menos, ideia de onde os meus dedinhos vão, para eu poder tocar a música, entendeu? Então, é um aprendizado também.</p> <p>Para mim, é uma delícia. É tudo, é bom, é gostoso, é proveitoso, é aprender mais, é fazer mais amizade, é aprender mais músicas, aprender mais letras.</p>
Gisela	Você ganha mais conhecimento. Entende outro lado da vida. Você pensa uma coisa, vai conhecendo as pessoas, outro lado da vida. Porque cada um passa uma mensagem pro outro, não passa? Tem uma troca que ajuda muito.
Jorge	<p>Eu aprendo aqui. Às vezes aparece aqui uma música que eu não tenho. [...] Ouço uma música, escrevo num caderno pra depois ver na internet como é que é o original, porque várias pessoas cantam a mesma música. Mas, eu vou a fundo na originalidade da música... Isso é um aprendizado pra mim.</p> <p>Aqui eu aprendo sobre a música e sobre a vida... Eu fico só ouvindo... Eu não tenho voz. Minha voz, não dá pra cantar.</p> <p>É como dirigir sem ninguém te ensinar. Ou seja, você aprende, é só você ver, eu aprendi assim, dirigi assim, sem ir pra uma autoescola.</p> <p>[Uma descoberta nova foi] o balanço da música. É totalmente diferente do que eu via quando era garoto. Nunca ouvi, então eu comecei a descobrir isso agora.</p>
Justina	----
Leo	----
Luciano	Você vai saber por que tem essa palmeira maravilhosa, quem plantou, tem uma pessoa da área de história fazendo esse serviço aqui. E quem procura um pouco mais pode se informar a respeito e ler um pouco sobre o que aconteceu aqui...

	<p>Eu passo no museu pra rever por onde nós andamos esse tempo todo, pelo menos eu, algumas coisas da minha vida... Porque eu fiz parte dessa história e eu vou sempre rever alguma pra ver aonde eu estava naquele momento.</p> <p>Eu considero que a gente vai chegando ao ponto em que a cada dia as coisas vão melhorando. Porque a gente foi acumulando algumas experiências e algum saber na vida. Então, eu tinha um tipo de comportamento e hoje isso mudou. Eu acredito que mudou a minha maneira de ver. Porque antes eu não enxergava determinadas coisas. Hoje eu passei a enxergar... Então, eu vejo as pessoas, procuro incentivar também nas pessoas que convivem comigo, que essas pessoas também passem a entender que o mais importante desse movimento que eles tão fazendo é que seja um movimento de amor, de carinho com os outros, de segurar na mão, do abraçar...</p> <p>Porque eu sempre fui uma pessoa que gostei de ser servido. Então, hoje em dia eu estou começando a entender a importância na vida, que você só conhece com algum tempo... Porque a gente luta a vida inteira para ter o poder, para saber, para determinar e para mandar. E ser servido. No momento em que você começa a ter consciência de como é bom a gente servir! Porque o servir, a cada momento em que eu chego em determinado lugar, eu começo a aprender o que eu nunca aprendi durante toda a minha vida. Porque eu servi uma pessoa que me deu tanto carinho, tanto amor, e eu digo: “caramba, era isso que eu precisava, estava perdido e eu não sabia onde encontrar!” Agora estou começando a encontrar.</p>
Mario	<p>Recentemente, eu tive uma conversa com uma senhora, aqui... Uma senhora bem idosa também, que, aparentemente não dava nada, mas, olha, a conversa dela me fez um bem que você não queira nem saber. Em matéria, principalmente, de saúde, ela me deu várias, várias dicas, várias coisas, coisas que ela já passou, que viveu, que viajou... Essa troca de experiência, para mim, foi muito agradável, muito legal.</p>
Marta	<p>A gente aprende a viver também. São outras pessoas, são outros níveis, tem de tudo que é nível, tem todo tipo de pessoa, a gente tem que saber lidar com cada pessoa. [...] Eu acho que é boa essa interação. Você ter pessoas perto de você, poder conversar com outras pessoas, ouvir outras ideias. E daí você tira suas conclusões, o que é certo, o que é errado. Eu acho que a gente aprende a respeitar as pessoas, a ouvir as pessoas, não fazer pré-julgamento, acho que você aprende muito a viver nesses convívios. Você vive, você aprende, você vive. Se você ficar dentro de casa você não vai aprender nada na sua vida. Você vai ficar limitada.</p> <p>Adoro aquelas músicas antigas, adoro. Eu quero aprender certo. Isso é o que eu digo que às vezes eu me dano com as pessoas que querem cantar, cantam errado, a gente vai lá, a gente mostra que está errado, não é possível que elas não tenham quem diga que está errado. Eu gosto da crítica, ela me ajuda a aprender certo. Sou muito crítica. Procurar melhorar, procurar estar com gente que saiba cantar, que possa ajudar...</p>

Matilde	Mas eu penso talvez em fazer uma aula de canto para poder entrar no tom certo. Porque as pessoas quando cantam sabem, dó ré mi fá, lá... aquela coisa toda da música. Eu gostaria de entender isso. [...] Eu gostaria de fazer umas aulas de canto. Eu ainda tenho isso.
Walter	Não consegui aprender a tocar sozinho. Por isso, quero fazer uma aula de violão. Se tiver o domínio do violão, eu vou poder treinar melhor em casa para as apresentações na seresta e acerta o arranjo das minhas músicas.

Fonte: Elaboração própria.

ANEXO II – Significados associados às categorias do Grupo de Dança de Salão:

Quadro 12 – Significado Hedônico

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alberto	A dança foi um encontro... Encontro sim, pois tenho alegria e descontração. Gera um prazer estar com o pessoal nas aulas e a própria dança também. Você dançar e fazer os passos, dá prazer. É uma satisfação interna. Você está proporcionando a si mesmo e também à outra pessoa aquela interação conjunta.[...] Divertimento e descontração. [...] Alegria, descontração.
Amélia	Você está se divertindo, ouvindo aquela música no seu ouvido... você dançando! Ah, coisa maravilhosa! Muito bom! [...] Eu amei. Eu gostei da dança e na dança você descobre muitas coisas. Você descobre a alegria, você descobre... a suavidade de dançar. É muito bom. [...] A dança de salão é uma dança muito gostosa! É uma dança muito boa. Suave. Você dança lento, você dança... É uma coisa maravilhosa. Eu sinto que aquela pessoa me vê dançando fica feliz pela minha felicidade com a dança. Porque eu danço feliz. Eu danço muito com amor, eu danço com carinho. Eu danço com vontade de dançar. Eu danço com todo o carinho, eu gosto muito da dança. Eu amo dançar. Porque a dança de salão é uma dança muito gostosa! É uma dança muito boa, suave. [...] É uma coisa maravilhosa.
Alvaro	A música – <i>vige</i> – é tudo, um prazer danado de bom... É um êxtase... É prazer... Tua alma fica com um espírito bom, fica feliz... É um êxtase, um prazer, alegria... Você está dançando, a mente vai embora. Você fica ligado na música, na dança... Você libera o estresse. [...] É uma oportunidade de dançar e utilizar a dança como divertimento.
Aurélia	Então, a gente gosta da beleza da dança. Por exemplo, se assiste em televisão uma coisa bem dançada, você gosta daquela troca, parece uma troca de energia. Então, é muito bom. [...]. A beleza da dança mistura com a beleza da vida, eu gosto e é assim que eu sinto. [...] É mais prazeroso do que malhar. Mas entre isso, arte ou a beleza do passo, aquela arte que você faz lá com o parceiro [...]. Música é música. Estar inteira, estar participando inteiramente dessa situação. É uma situação que você está inteiramente lá, é gostoso, se sente bem, então é uma coisa que eleva muito, você fica assim... eu não sei dizer... Sentir aquilo tudo, sentir a música, sentir os passos que você

	está dando, sentir as pessoas que estão do seu lado... [...] Me sentir feliz, me sentir alegre, dançar, conversar, ver gente, ouvir música bonita, ouvir gente cantando, e é isso aí.
Elias	Porque é uma coisa prazerosa. O prazer que você sente de dançar. Ouvir música.
Elza	A dança é uma atividade que me dá alegria, enquanto eu estou dançando ali, eu estou feliz, eu não estou me lembrando de nada de outras coisas. Eu sinto prazer de estar ali. Quando vejo alguém dançando... [...] Parece que você está flutuando. É, eu não sei nem explicar! Mas eu acho assim, que você esquece de tudo, parece que você está num outro mundo...
Fernanda	Dança é uma brincadeira, é um momento que eu estou ali, trocando com todo mundo e me movimentando e ouvindo músicas que eu adoro, e brincando. É muito prazeroso... Ser levada pelo som da música, isso é que me chama. Você sabe que eu nem presto muita atenção nos passos? Eu sei que eles são diferentes. Se você me perguntar como é que é esse passe, eu não sei repetir. Eu não estou ali para isso, se aprender bem, mas estou ali para me movimentar, sentir e saborear aquele momento. Eu sou levada pelo som da música, quem me levar.
Helena	Eu amo dançar, mas eu amo! Eu acho que é a coisa que eu mais gosto de fazer na minha vida. Eu gosto de dançar, eu danço com qualquer um.
Leone	Um acontecimento na minha vida através de dança. Então, ela é uma coisa artística. E impressionante também quando faz ou quando assiste. Porque faz bem para quem está assistindo aquilo... Dá prazer! [...]. É como se tivesse ouvindo uma história sendo contada através da dança.
Lucia	Pra mim a dança é um prazer muito grande. [...] Me deu uma satisfação muito grande, eu fico pensando logo de chegar segunda feira pra ir na dança de salão, então modificou minha vida assim pro bem. A gente acha muita graça. A gente erra também. Todo mundo ri, depois é a outra que erra, e a gente ri porque a outra errou. Então também tem isso, a parte alegre.
Margarida	Eu gosto de dançar, sempre gostei. E eu acho que é uma coisa assim, é uma atividade que me traz satisfação. Porque eu acho que me traz prazer de ver as pessoas dançarem. Eu acho muito bonito.
Rogério	Realmente é sublime, é romântico. A combinação da música com os nossos passos, dentro do tempo, aquilo leva às nuvens.

	Eu tenho o maior prazer, a maior satisfação de estar ali dançando. Satisfação, felicidade, alegria. [...] A dança é sublime para mim.
Sandro	<p>Eu sempre gostei de dança, eu sempre dançava quando saía com os amigos, só não sabia, por exemplo, os passos [...] Meu pai era dançarino, acho que está no sangue, não é? Eu sempre gostei de dançar, só não tinha tempo.</p> <p>Eu amo a dança... Faço dança porque eu gosto de dançar, eu quero me aprimorar, ser um bom dançarino e passar isso pros demais. [...] As músicas trazem muita mensagem na letra. Às vezes eu viajo na letra até dançando.</p>
Sérgio	<p>Dançar é relaxante, porque o corpo da gente faz todo o manejo do balanço, trabalha as pernas, os braços, tudo. A mente, a cabeça da pessoa, trabalha também. Quando a gente dança é tão gostoso! Ah, você está dançando, eu digo: “Até que horas vai?”, eu digo: “Nossa, [...], eu queria que amanhecesse o dia!” Quando entra no embalo da dança, você não acha bom sair do salão, você quer mais.</p> <p>Eu acho bonito a pessoa dançar, a dança é um entretenimento, distrai, faz bem! Dá alegria, as pessoas ficam contentes, de ver a pessoa dançar. [...] Tem aquela alegria... E a gente se sente bem... A gente vê as pessoas dançando e acha bonito... É mais aquela força, aquela energia que vem junto. Isso tudo é bom, é bom demais.</p>
Vania	<p>A vida inteira, eu sempre gostei de dançar. O que me move é que eu gosto muito de dançar. Por essa coisa de estar na aula de dança, eu fico mais alegre, feliz, sem pensar em nada. É leve, é gostoso, é bom.</p> <p>O bom é conviver, com as pessoas, ter aqueles momentos felizes, a gente rir e se divertir também. [...] Eu tive algumas mudanças de perspectivas quando comecei a dançar. Você ver alegrias, você conhecer pessoas, você rir. Você consegue executar passos bonitos.</p>
Zeni	E quando eu estou dançando, pra mim é um prazer. Porque prazer eu sinto, prazer de dançar. Dá, uma energia muito forte. Quando eu começo a dançar, eu não paro. Você vê que eu fico elétrica dançando. Eu vejo como um prazer. Eu me sinto feliz.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 13 – Espaço de Sociabilidade

Alberto	Essa vivência ajuda a construir relações de amizade. Encontrei amigos ali dentro daquele grupo. A gente sai junto e se encontra, às vezes, em outros lugares. Um dia um falou: “vamos almoçar lá em Niterói no mercado de São Pedro! Comer um peixe”. E fomos embora. Aí, fomos para lá. Comemos todos e rimos muito. Comemos peixe pra caramba.
Amélia	<p>A gente faz mais amigos, fica mais alegre, mais relaxada, sei lá. Você com o seu corpo, dançando, você fica mais relaxada. Traz coisa boa e você quer partilhar isso com o outro, com os amigos e as amigas.</p> <p>Eu abri o mundo pra mim assim. Porque eu conheci mais gente, fiquei mais alegre, visito mais as minhas amigas. Porque ali em grupo você conversa com um, conversa com outro. Na hora do lanche senta ali na mesinha, todo mundo junto entre os amigos. É muito importante pra mim esse grupo de dança. Fora dali, é a mesma coisa, é a mesma amizade.</p>
Alvaro	É importante estar aprendendo dança em grupo. Porque você interage com outras pessoas. Tem gente que é simpática, tem outros que não são. Assim é a vida. Senão, a gente fica muito isolado. A aula de dança de salão contribui para a gente fazer amizades. Amizade assim, a gente vai, toma cerveja, vai ao restaurante, divide a conta, não tem rolo.
Aurélia	<p>Tem os amigos, quando é aniversário de um, leva-se o bolinho, traz não sei o que. Para mim, é uma coisa nova, porque são pessoas que eu conheci agora, em praticamente dois anos ou três anos.</p> <p>Nos bailes, alguém fica preocupado porque você não foi. Mesmo que não seja íntimo. Mas, a gente vai vendo todo mundo, quase sempre muitas das pessoas são as mesmas e que a gente não conhece, conhece só de estar ali.</p> <p>Porque significa estar junto com pessoas interessantes, ouvir uma música boa, significa toda essa interação, que eu tive com o dançar. Mas a gente se liga quando tem baile. Essas coisas são complementos da vida. Vamos juntos e saímos, pego uma mesa, todo mundo ali. Assiste a um filme, bate papo, come junto.</p> <p>Eu acho que é a sintonia de todos. Eles vão lá pra isso, para se relacionar, eu também vou pra me relacionar. Para dançar e me relacionar com as pessoas. Então é tudo, desde um: “Oi, tudo bem, boa noite”, com um beijinho. E pronto, está todo mundo ali gostando de ir lá.</p>
Elias	<p>Ter um convívio maior com outras pessoas, de outros lugares. As pessoas são diferentes, que é interessante você ter essa interação. [...]</p> <p>É uma oportunidade de conhecer um pouco mais as pessoas...</p>

Elza	Eu gosto de estar com as pessoas. Eu gosto de conversar. Eu gosto de amizade. Eu gosto de ajudar. Então, para mim, é importante de estar fazendo aula com um grupo. Eu nunca tive e nunca pensei em fazer aula particular. Eu acho que é aquela coisa mais do social, porque você está com muita gente, você conversa com um, conversa com o outro. [...]. Eu sempre gostei muito de conversar. Eu sou muito comunicativa. Faço amizade fácil.
Fernanda	<p>Eu não queria um professor particular... Exatamente porque eu queria essa troca. Estar dançando em grupo é uma diversão só. E também ajudar, alguém diz: "Não é assim, é assado". E mostrar: "Não, não, pé direito, pé direito, não é o esquerdo, é o direito". E você pode ficar ali também olhando.</p> <p>Eu acho um prazer enorme. Porque você conhece pessoas que você nunca viu na vida. Que estão ali, pensando com você e com a maior humildade estão te mostrando como é que é a dança.</p> <p>Eu acho muito importante essa troca que existe naquela turma. Lá, o ambiente favorece, pois é um ambiente muito amistoso, muito acolhedor.</p>
Helena	<p>Eu gosto do relacionamento com as pessoas, não tem graça você fazer coisas sozinhas. Não tem graça você ser riquíssimo, comprar e comer um prato de caviar sozinho. Melhor você comer um prato simples acompanhado do que um caviar sozinho. Eu prefiro estar no relacionamento com as pessoas dançando. Porque eu podia ter um professor e dançar o máximo só com o professor. Se você dançar com o professor, você vai dançar bem para burro. Sabe dançar com aquela qualidade... Mas, na aula de dança tem aquela gente toda da Terceira Idade. Ali tem festa, a gente se encontra [...]. É muito bom. Está no meio daquele pessoal é vida.</p> <p>Ah, outra coisa, é muito bom você saber que você faz parte de um grupo. [...]. Assim, você não tem solidão. [...]. Eu acho importante essa questão de interagir com as pessoas. Porque você está o tempo todo trocando e conhecendo pessoas novas. Isso é importantíssimo. Fundamental.</p>
Leone	<p>É justamente pela participação, de você estar integrado ao grupo, que eu me interesse em fazer a aula de dança. Eu sou uma pequena parcela da expressão do grupo, porque faço parte. Eu busco interagir com as pessoas. Faço amizade constantemente. É importante por causa da comunicação, do entrosamento.</p> <p>Somente de me alegrar, de me divertir, de me comunicar, de me movimentar, já justifica fazer a aula. E a vivência nesse nosso grupo gera influência nesse interesse. Porque tem muita amizade ali. E desperta amor também, surgem alguns princípios românticos também. Já aconteceu comigo, mas não deu certo.</p>
Lucia	É muito interessante fazer aula de dança porque forma um grupo de amigos. É muito bom isso porque, às vezes, eu sei determinada

	<p>coisa e a outra não sabe; aí a outra aprende comigo. E depois vice-versa, eu aprendo com ela.</p> <p>Fiz muitas amizades. Eu tive uma satisfação muito grande de encontrar essa turma, eu fico pensando de chegar segunda-feira logo para ir à dança de salão. Então, modificou minha vida para melhor. É uma maneira de eu preencher a minha vida com satisfação. É interessante principalmente para eu encontrar as minhas amigas lá. Além de eu encontrar as outras pessoas que não eram minhas conhecidas, mas agora já são, pois faz seis anos que eu estou na aula. A gente se sente aconchegada. É muito interessante esse grupo.</p>
Margarida	São pessoas que você vai tendo aquele contato, vai tendo amizade. Aí no fim você acaba até formando um grupo ali. Tem uma turminha também, que eu faço parte. [...] E mesmo com as meninas lá, é tão gostoso lá, você dança, você brinca, você fala abobrinha, você fala [...]. Então eu acho que é legal essa socialização, o contato.
Rogério	Participar da dança é uma redundância, mas participar dos grupos, das amizades, de traduzirmos felicidade entre nós, os amigos. Não só pela dança, mas mesmo pela participação, do nosso convívio. Eu já sei dançar, por isso não precisaria. Mas, eu ganho fazendo a aula porque continua praticando um lazer que me faz muito, faço amizades e partilho com os outros o que eu já sei. Até porque, senão, eu estaria vivendo isolado. E a única que me proporciona muito alegria e satisfação é, justamente, a participação em grupo de dança.
Sandro	<p>A aula de dança era para manter o ritmo, mas agora o que me segura lá é a turma, ainda mais que é longe pra caramba da minha casa. Como tem pouco cavalheiro, eu me sinto necessário para o grupo. A mulherada vibra quando eu chego, porque elas acham que eu conduzo bem.</p> <p>A turma é muito boa para você fazer novas amizades [...]. Então, eu ganhei mais do que ficar só praticando a dança, mas fiz amigos de verdade, com gente que curte das coisas que eu curto. A gente já fez se encontrou para dançar em outros lugares, o grupo ali é quase uma família.</p> <p>Dançar é muito bom para a Terceira Idade porque as pessoas começam a se comunicar mais, ter mais amizades. O pessoal sai junto, rola uns convites: “Vamos num chá?” ou não sei o quê [...]. Como foi programada a reunião até no final do ano aqui em casa da M. Depois liguei para ela e falei: “Ah, não esqueci não, dá para ir aí. Vou, levo um violão, um primo meu toca”. Eu levar até um atabaque para tocar uma bossa nova. Isso é importante porque, por exemplo, os filhos, os netos, os amigos, não dão aquela atenção, aí se sente pra baixo. Mas, quando vai para academia, se solta, dialoga, desabafa. Vêm uns convites: “Sandro, tenho uma casa ali em Teresópolis, vamos?”. Eu digo: “Vamos! Só marcar, eu estou indo!!”</p>
Sérgio	<p>A gente sai feliz de participar. De estar junto com as pessoas, conversando ali.</p> <p>Aquela vontade de dançar, a gente pensa: “Nossa, mas eu não dançar hoje!”. A gente fica bem feliz nos dias que dança. Feliz porque dançou e também quando a gente vê os outros dançando. Feliz porque a gente também está dançando junto. A gente participar em</p>

	<p>comunhão, naquele momento ali da dança. Deixa uma marca na memória das outras pessoas. Você fica na vida das pessoas. Você faz uma coisa que faz bem, que fica para outras pessoas.</p> <p>Compensa para a pessoa que dança, porque não leva só o exercício físico. É mais. Leva aquela força, aquela energia que traz por estarmos todos juntos. Alegres. Isso tudo é bom demais. Faz amizade. Eu criei amizades grandes aqui por causa disso. O grupo de Terceira Idade viaja muito e eles gostam que eu vá e que dance na viagem.</p>
Vania	<p>Além de gostar de dançar, de ser um momento que deixa você leve, é gostoso de estar lá, emocionalmente, é muito bom, e você se envolve muito. Eu acho que você cresce como pessoa porque se relaciona com outras pessoas, de outros níveis também, eu acho isso importante na vida. Isso aí é uma coisa que eu acho que todo mundo tinha que ter.</p> <p>Eu acho que complementa a minha pessoa, porque você conhece novas pessoas, e você participa de outras coisas com eles. Isso dá crescimento, como eu estava falando antes. [...]. Eu acho que sempre que eu chego eu sou sempre muito bem vinda pelas pessoas. As pessoas são muito simpáticas comigo, então eu acho que isso é muito bom. É um prazer. Até a gente combinou com alguns de sair no Natal, Réveillon e tal, só que não deu certo, todo mundo tem tanta coisa para fazer nessa época. Mas, acho que há essa afinidade do pessoal, é importante ter essa convivência fora da aula também.</p>
Zeni	<p>Eu acho que é importante, porque você faz amizades. É uma troca, eu acho muito bom. [...] Todo mundo num grupo só. Que é um grupo alegre, é um grupo que se entrosa bem.</p> <p>Às vezes, tem o aniversário das meninas, daquelas senhoras que me convidam, eu sempre vou com elas. Não, é com todo mundo que eu saio, mas com o pessoal da dança é legal. Converso mais. Fazemos amizades com os professores também. Eles incentivam muito a gente. [...] Arrumei muita amizade na aula de dança. O nosso grupo de lá é bom. Você bate papo, toma café, faz lanche junto, sai com as amigas da academia. É bom tomar lanche, porque bate um papinho. É legal porque a gente faz novas amizades.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 14 – Qualidade de Vida

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alberto	<p>Exercitar corpo e também a mente. Acho que são dois pontos fortes da dança. Você está dançando, você se descontraí, ri. Para a mente é bom e para o corpo também, pelo movimento que se faz do corpo.</p> <p>A dança contribui pra você ter boas condições físicas, é como se fosse um exercício. Eu acho que é bom que é muito bom para Terceira Idade. O movimento do corpo, o exercitar da mente e para ter esse convívio social. Agora na Terceira Idade estou sendo mais ativo. Porque antes era “trabalho, trabalho, trabalho”. Faço a dança por prazer e não só porque dizem que é bom. Antes tinha pouco tempo para fazer o que eu gostava.</p>
Amélia	<p>Boa saúde da mente porque você está dançando com amor e te traz alegria. Você fica com a cabeça relaxada.</p> <p>A dança para a Terceira Idade é a melhor coisa. Você ouve a música e se alegra. A música traz coisa pra o nosso ser. Para sair da cadeira e ir dançar. A dança lhe traz muita alegria, muita paz. Você esquece o que você passou ali no momento da dança. É muito boa a dança. [...]. Porque se você está sem relaxar: se você dançar, você vai ficar relaxada. Você já fez exercício com o seu corpo, você já mexeu com as suas pernas, braços.</p>
Alvaro	<p>A dança é boa para Terceira Idade porque a gente não vai ficar parado em casa reclamando da vida. Vai lá, se diverte, conhece pessoas, arruma namorada, e continua vivendo.</p> <p>Olha, tem muita gente da Terceira Idade que faz como eu faço. Você vai nos bailes e gente de Terceira Idade dança o arroz com feijão e acabou. Eles não têm mais interesse de fazer como eu estou fazendo. O que eu faço, pouca gente faz, que é aprender a dançar mesmo, poucos fazem. Vou por aí, não encontro muita gente mais velha não.</p> <p>Hoje eu já domino bastante os passos. O corpo já fica um pouco sem vergonha. Eu sinto a diferença fisicamente quando vou dançar por outras horas. Você esticou o corpo, aquilo é um exercício que te trouxe relaxamento. Relaxa muito no meu caso.</p>
Aurélia	<p>A aula de dança de salão é boa para as pessoas de Terceira Idade porque é uma hora que você começa exercitar o corpo. Se você não faz nenhuma atividade tem um envelhecimento complicado. No meu caso é dança, outras pessoas sei lá o que é; mas se você não tiver uma atividade, você vai diminuindo todo o seu potencial, eu acho. A sua musculatura vai diminuir, você vai andar arrastando, com certeza. Eu vejo gente falando: “Mas, como é possível você andar de salto alto ainda?”. Eu respondo:</p>

	<p>“Ué, eu realmente ando de salto o alto o dia inteiro”. Eu levanto e boto salto alto. As minhas netas só põem salto quando elas vão a uma festa, uma grande festa como um casamento, por exemplo, mal começa a dança no casamento, todo mundo tira o salto e coloca uma sandália para dançar.</p>
Elias	<p>Eu considero a dança como um excelente exercício. Inclusive mental e espiritual. No espiritual, você tem dentro da beleza da dança. O movimento de dança, ele é bonito... Se vê beleza.... Vê arte. Isso me encanta.</p> <p>Olha, você aprende a ter um pouco de domínio sobre o corpo, sobre o movimento. Ajuda na concentração naquilo que você está fazendo e coisa e tal. No movimento, você está usando a mente. O mental é importante para aprender a executar os passos que são ensinados. E outra, a dança ajuda você a sair um pouco da sua rotina, se torna uma distração na mente. Você vai relaxar e isso vai ajudar a cabeça a funcionar melhor.</p> <p>A dança é puramente movimento de corpo. Para mim, é muito bom estar ali e exercitar. Eu estava precisando trazer isso para minha vida, eu me sinto muito melhor.</p> <p>Fazer dança de salão é ótimo para Terceira Idade porque faz se movimentar. Traz dinamismo para o corpo e para cabeça. A pessoa sai mais de casa, vai para os bailes. Já fomos também num baile aqui perto de Terceira Idade. Tem muita gente que pratica. A gente gosta mais de onde tem valsa e de bolero. São danças mais leves, mais suaves.</p>
Elza	<p>Você tem alguma coisa na sua vida cotidiana e que você nota que a dança contribui. Por exemplo, disposição para fazer as coisas, ou você sente alguma coisa relacionado a isso. Então, eu sinto que muda a vida da gente. [...]. Eu acho que muda sim no geral, a gente fica mais disposto, mais animado. Além disso, trabalho o nosso corpo, fica mais ágil, o corpo fica mais leve.</p> <p>O pessoal tem uma ideia errada. Acha que a pessoa chegou numa certa idade, pronto. Acabou. É só ficar lá vendo a televisão. Nada, isso já era. Porque tem muita gente aí na Terceira Idade que ainda está bem, ainda muito disposto, com vitalidade que dá pra fazer muita coisa. Então, na Terceira Idade, eu acho que vai acontecendo com a pessoa de ela ir ficando meio lenta... A partir do momento que procura fazer dança, que é uma coisa gostosa, prazerosa, ajuda também a se exercitar e se manter movimentando. Porque você tem que ficar atento, você tem que observar bem.</p>
Fernanda	<p>Você já percebeu que lá tem muitas pessoas de Terceira Idade e estão super dinâmicas? Às vezes parecem mais jovens do que muito jovens por aí. Espetáculo. Isso foi um aprendizado de não desistir. Aonde eu me sinto incluída, é aonde eu me incluo. Eu vejo aí os benefícios da dança que tanto se fala. Primeiro, não deixa a pessoa enferrujar, você está se movimentando e o seu</p>

	<p>corpo está, de alguma maneira, sendo “lubrificado”.</p> <p>Segundo, é realmente a necessidade de fazer interação e não se isolar. Que isso aí também é uma coisa que aconteceu comigo. Eu me isolei, em 1995, e para sair do isolamento, você tem que fazer um grande esforço. Quer dizer, eu estou entrando na Terceira Idade, naquela época, não era, mas tinha os mesmos sentimentos de isolamento e de rejeição, de uma série de coisas que eu acho que o idoso sente. Então, na aula de dança faz esse movimento, você se coloca. E o idoso precisa se colocar como uma pessoa importante, como ainda existindo e como ainda vivendo. Não sendo uma pessoa realmente a parte.</p>
Helena	<p>Com a dança, estou movimentando meu corpo. Eu achei um bom condicionamento físico, e a minha postura, a colocação do meu corpo. Com isso, a gente se valoriza.</p> <p>Eu fico muito triste, porque a idade vai dando limitações, eu fico muito cansada agora. Eu vejo ali na Terceira Idade, tem velhinhos que dão um <i>show</i>. O X mesmo, tem oitenta e poucos anos, mas ele dança o baile todo! Eu não sei como ele consegue, eu não aguento! Eu danço umas duas músicas, saio da sala e vou beber água, porque eles não me dão descanso. Depois, eu volto e danço mais.</p> <p>O idoso agora está partindo para a vida, meu bem! Claro que [...] o pessoal não tem o mesmo pique, é Terceira Idade, mas é muito bom. Primeiro que mexe com o corpo. Outra coisa, que faz o idoso sair de casa. É aquele compromisso e o relacionamento. Faz amizades a beça. Daquela amizade, se ele quiser, ele pode estender a amizade para ser uma coisa mais íntima. Ou fazer amigas que elas se visitem. Uma ir à casa da outra. Faz ele sair, porque ele tem que ir lá na aula. Já no caminho, encontra com uma pessoa, vê gente, vê vitrine, faz compras. Isso tudo força o idoso a sair de casa e se mexer.</p>
Leone	<p>A atividade de dança é boa na Terceira Idade para não ficar entredado. Para soltar os ossos, né. É como se você tivesse uma máquina, uma máquina que para não ficar emperrada tem que botar um oleozinho, uns parafusos nas engrenagens.</p> <p>Porque a dança provoca o movimento de todas as partes do corpo, não é verdade? Se a pessoa se entregar de verdade, ela está exercitando todas as áreas do corpo. O corpo parece que rejuvenesce, os movimentos ficam mais soltos. Isso ajuda o idoso como eu sair das quatro paredes para participar e mudar a sua própria vida. E aqui tem acontecido isso com pessoas que a gente conhece aqui.</p>
Lucia	<p>Eu estava muito parada... porque eu tenho 80 anos. Então, quando eu tinha meus 75 anos me veio essa proposta. Eu achei interessante. Porque era uma maneira de eu sair de casa e participar de dança de salão. Olha, eu fico mais ativa [...], a dança me dá mais atividade.</p> <p>A dança é interessante porque exercita o corpo, que era algo que estava precisando fazer. [...]. A cabeça, os ombros, os braços,</p>

	<p>as pernas, a cintura, reconhecendo que a dança é um exercício excelente pra quem é idoso [...]. Então, é uma maneira da gente movimentar o corpo todo. Desde a cabeça até aos pés.</p> <p>Para mim, a dança é um prazer muito grande e eu sei que faz bem pra mim. Então tem duas coisas: além de eu gostar, tem a finalidade que é me movimentar. Conforme eu te falei, se eu tivesse em casa, não estaria fazendo movimento nenhum. Então são dois sentidos. Primeiro o prazer de dançar, e segundo a finalidade que é me movimentar.</p> <p>Olha, primeiro o seguinte: quanto mais você se movimentar, é bom. E a música e o movimento, é um prazer. Logo que você começa a escutar um som bom de uma música, você vai ficando inspirada. Então, ali tem as duas coisas, que é o movimento, que é super importante, e também o enlevo que você tem ouvindo uma música. É uma sensação física e espiritual. Física, do movimento, e espiritual do enlevo a que a música te leva. Tudo isso gera uma enorme vontade de estar ali dançando e aprender a fazer os passos.</p> <p>Eu observo outras idosas que não querem saber, ficam em casa e ficam vendo televisão [...]. Eu sei que eu não conheço outra atividade que seja tão boa para a Terceira Idade. Deve ter, entendeu, não vou dizer que não tenha. Mas, que eu conheça só a dança permite unir tantos benefícios. Mas, a maioria está parada. Na minha idade com 80 anos, é tudo parado.</p>
Margarida	<p>Olha, quando comecei a fazer a aula, eu queria apenas me exercitar e incentivar o meu marido a se exercitar também porque ele gosta de dança. Mas, com o tempo tudo mudou.</p> <p>Eu acho que a dança de salão trabalha muito o corpo, eu me sinto fisicamente mais flexível depois que comecei a dançar com regularidade. Antes eu era totalmente travada, dura.</p> <p>Existe um exercício mental. E aí você tem que ficar pensando. Foi através de aprender passos diferentes, eu acho que isso que contribui. Às vezes, você pára e pensa: “como que é aquela dança mesmo? Como que é aquele passo que ela deu?” Assim, você já está trabalhando a mente.</p> <p>Eu acho ótimo a dança de salão para Terceira Idade. Acho que todo mundo deveria fazer. Porque eu acho que a pessoa tem a própria socialização. Além do movimento do corpo. Eu acho que aí trabalha também o ego da pessoa.</p>
Rogério	<p>Além de todos os benefícios que eu te falei, a dança me ajuda a exercitar o meu corpo. O corpo rodando e até os próprios pés também. Você está vive bem a sua Terceira Idade com uma boa atividade física, bem mesmo, graças a Deus.</p> <p>A dança contribui para que eu me sinta mais jovem. Quando estou dançando em um baile ou na aula de dança de salão, esqueço até a idade que eu tenho, sinceramente.</p>

Sandro	<p>Eu danço por prazer, e também é bom para o dia a dia porque ajuda a manter mais leve, com a mente mais tranquila e serena. Porque, principalmente para quem trabalha na área de saúde, como, no dia a dia, você lidando com o público tem muito problema. Muita história triste. Você sai [do trabalho] com dor de cabeça. [...]. A dança é um exercício que me ajuda a manter boas condições de saúde. Eu tenho ainda artrose e a dança corrige isso tudo. No balanço da música, você esquece a dor de cabeça, aquela dorzinha na sola do pé.</p> <p>Eu acho que as pessoas de Terceira Idade ficam subjugadas. [...]. Porque os mais jovens, filhos, adolescentes, netos e até os amigos mais jovens procuram se afastar. Eu acho que a dança é a válvula de escape. Ela fica mais alienada e as pessoas não dão mais aquela atenção. Então, precisa fazer alguma coisa. A dança mexe com o espírito da gente, a alma. É boa para a cabeça da gente.</p>
Sérgio	<p>Eu acho que ajuda a ter condições físicas melhores. Porque eu faço caminhada, mas tem problema de enjoar, para e depois volta. Com a dança você se sente muito bem. [...]. Porque até hoje eu não tenho dor nas pernas. A dança traz benefícios para pessoa, para saúde e mente da gente.</p> <p>É para a saúde, é para tirar as pessoas que estão na solidão. Que não têm um conhecimento. A pessoa que não frequenta uma dança, fica parada, não recebe aquele incentivo que a gente está sempre dando um para o outro. Quem está ali, tem um começo, tem um grupo de amigos para incentivar, o que já é muita coisa, porque a pessoa diz: “Eu vou lá dar uma olhada, eu vou lá dançar também!”. Então, isso aí que é importante.</p>
Vania	<p>Como eu gosto de dançar, eu acho uma coisa bem terapêutica, deixa você mais leve, você dança e você se movimenta. Ao executar os passos você tem necessidade de colocar seu corpo para se movimentar, como se fosse uma ginástica. E ao mesmo tempo colabora porque você fica leve, porque a vida é boa, porque é gostoso viver, é gostoso dançar, eu acho que dançar leva você a isso.</p> <p>A dança me complementa bastante, psicologicamente acho que ela realmente é muito legal para mim.</p> <p>Eu acho que tem muita gente que não se movimenta. As pessoas da Terceira Idade têm que se movimentar, não pode se entregar. Porque senão vão ficando mais velhas, você vai desanimando, porque na verdade, você tem uma vida onde você teve filhos, os filhos crescem, os netos crescem e você acaba ficando com você mesma. Então, eu acho que a dança te ajuda conviver com as pessoas, ter novos amigos, e tudo isso complementa. E, fora isso, fisicamente, é uma oportunidade de você desenvolver. Por isso que você tem que fazer mais aula, às vezes.</p>
Zeni	<p>A dança contribui para saúde mental. É como disse, é uma terapia! Momento de alegria, de descontração. Você se entrega, não</p>

	<p>está preocupado com o que tá acontecendo lá fora! No meu caso, eu acho que ela colabora muito para minha vida no dia a dia. Acho que é uma coisa que eu resolvi fazer e que me complementou muito.</p> <p>A dança contribui pra você ter boas condições físicas também. É um exercício. Depois que danço regularmente, eu não sou de sentir dor mais em nada, graças a Deus. Além da saúde do corpo, ajuda na saúde da mente porque é uma forma de aprendizado.</p> <p>Dançar faz bem para as pessoas da Terceira Idade, segundo os médicos falam. Porque é uma terapia. A mente fica mais aberta. Tem mais aprendizado. [...]. Contribui também para você ter boas condições físicas porque é um exercício.</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 15 – (Re) Construção da Identidade

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alberto	<p>[A dança] me trouxe alegria. Descontração. Eu tinha muita vergonha de dançar. A impressão que eu tinha é que estava todo mundo me reparando. A partir do momento que eu comecei a dançar, pode olhar quem quiser se eu estou dançando errado. [...] Hoje eu, por exemplo, estava com visita essa semana, fomos ali pra o Jobim. Passaram uns caras tocando bandolim, pandeiro. Eu comecei lá na mesa batucando. Aí eles: ah, pega aqui, bate aqui. Eles me deram o pandeiro. Antigamente, eu jamais faria isso. Eu tinha vergonha. [...] Isso me fez ter a liberdade de chegar, que antes eu não tinha.</p> <p>Encontro [na dança] alegria, descontração. E que antes da dança eu era muito preso, muito agarrado. Hoje, eu já sou mais livre. [...] Às vezes, a gente não percebe essas coisas. Se pensar que, há 30 anos atrás, eu era um profissional, muito sério e tímido. Agora na vida de idoso o quanto sou mais livre, o quanto sou mais corajoso.</p> <p>Nunca tinha pensado que a dança fosse me trazer mais liberdade. Agora, eu chego num lugar com meu irmão - ele é mais tímido, mais fechado – e pergunto para as pessoas: “Como é que está? Tudo bom?” Eu chego e faço logo amizade com as pessoas. Isso eu lhe diria, esse grupo que a gente frequenta me ajudou bastante.</p>
Amélia	<p>A dança foi uma descoberta na minha vida... Pra mim, a dança é a melhor coisa que eu descobri em toda a minha vida. Na minha idade, é a melhor coisa. Eu me vejo agora como uma pessoa muito feliz. A dança foi a melhor coisa da minha vida.</p> <p>Porque, quando era moça, novinha, nossos pais não deixavam a gente dançar. Moça de família não ia a festa. Só se fosse muito em família... Então, eu não sabia dançar muito. Sabia dançar assim: arrastar um pouquinho, um forrozinho. Mas, dançar mesmo, eu estou aprendendo agora.</p> <p>Hoje, eu estou mais alegre, estou mais divertida. Eu vivia com roupinha fechada, eu não saía muito. Quando eu descobri a dança, eu comecei a sair mais e comecei a ver um mundo diferente. Aí, falei comigo mesma: “Agora eu vou mudar”.</p> <p>Eu me sinto melhor, mais aberta, mais corajosa. Eu acho que a dança estimula muito porque você está ali. Você fica olhando e pensa: “Será que eu vou dançar com aquele rapaz?”. Na nossa idade, a gente não tem muita chance se ficar esperando. Então, eu vou e vi que certo. Então, hoje eu tenho uma coragem antes eu não tinha de jeito nenhum. A gente se sente ali se sente todo mundo igual.</p>
Alvaro	<p>Olha, meu objetivo é dançar. Eu me sinto um dançarino. Mas, não quero ser dançarino de concurso... Quero pra mim. Para minha consciência...</p>

	<p>Eu participei de uma apresentação de gafieira. Foi lá no teatro do centro. A coreografia foi feita lá toda na academia, porque tinha muita gente, muita dança de balé, sabe... Quando me convidaram para foi como se tivessem me dado o diploma de dançarino. Eu senti comigo mesmo que agora eu sei dançar.</p> <p>A dança te dá essa segurança [...]. É o contato com pessoas. Então, você perde o receio. Você entra, qualquer palavra que você fala, o que para muitas pessoas é difícil, e não precisa ter uma história, é só chegar e dizer boa tarde e pronto.</p> <p>Aprender a dançar é bom porque é liberdade, você faz movimento e fica uma coisa mais legal. Eu gosto de aprender a girar, fazer giro, aquela coisa mais moderna, passo novo [...]. A dança hoje não é só aqueles passos antigos.</p>
Aurélia	<p>Tudo foi uma descoberta. Um processo de libertação. Música pra mim era só clássica. Eu acho que não sei se é porque eu desde criança eu tocava piano, tocava só música clássica. Mas, eu queria tocar música popular, eu tirava de ouvido no piano o popular. Minha mãe ficava brava: “Você não está tocando música...”, dizia ela. [...] Mas, eu sempre tinha um ouvido muito bom pra tirar no piano as músicas que não faziam parte do meu estudo. E agora, dançando, posso dizer: como a música popular é boa!</p> <p>Eu posso dizer que eu sou outra pessoa agora depois de anos que eu já estou dançando. Posso dizer que eu sou mais aberta, mais feliz mesmo. [...] Se não tivesse dançando, não teria saído de jeito nenhum. A dança, para mim, foi essa coisa de crescer, de não ter vergonha, de ser livre para sair, de ver que eu estou viva. Se tiver que sair às 20 horas e voltar meia noite, agora está tudo bem para mim.</p> <p>Eu não imaginava e nem procurava isso quando comecei a fazer aula de dança. Mas, o fato é que a minha vida ficou muito mais interessante depois que aprendi a dançar. Muito mais. E faz bem para o físico, para alma, para o ego, para a autoestima, para tudo. Dá alegria. Para a postura física é muito bom também.</p> <p>Hoje, sim. Não tenho vergonha, não devo nada pra ninguém, não devo satisfação nenhuma pra ninguém. Meus filhos têm a vida deles, eu tenho a minha vida, tenho as minhas coisas, não peço nada pra eles. Eles também tem a vida deles, também não pedem nada pra mim, mas a gente se junta e está tudo bem. Então, agora eu tenho outra postura para estar com eles.</p>
Elias	---
Elza	<p>Eu estava sempre pensando em dança de salão. Acho que é porque eu gosto mesmo, sabe? Eu sempre gostei e nunca tive muita oportunidade. Ah, na minha geração, a gente não tinha tantas oportunidades como agora os jovens têm, como as pessoas têm agora. Então, eu não tive a oportunidade de estar dançando [...]. Interesse pessoal, por exemplo, de fazer uma coisa que eu queria ter feito lá atrás e não consegui. De mostrar que eu consigo fazer alguma coisa [...]. Que eu consigo</p>

	<p>dançar!</p> <p>A dança ajuda você a acreditar em você mesma. É muito bom você saber uma coisa que você via os outros fazendo, aí de repente você está fazendo. Porque quando a gente vê dançando, parece que é tão difícil aquilo!</p>
Fernanda	<p>É uma coisa que eu acho que isso está dentro de mim há muitos anos e chegou agora a hora. Quer dizer, eu fui uma menina que meus pais não tinham dinheiro para me colocar no balé. Então, eu acompanhava a minha amiga que ia para o balé. Eu ficava sentada olhando ela dançar, nos anos sessenta e setenta, era aquela coisa típica do piano, mas só podia ficar olhando. Quer dizer, dançar já era uma coisa que eu queria muito, desde moça, mas não tinha grana para fazer isso. Apesar de sermos da classe média, mas éramos três irmãos, então, era muita coisa. Escola e o inglês eram obrigatórios, entendeu?</p> <p>Então, o que acontece na minha vida? Eu trabalho muito pesado com arquitetura, [...] é uma responsabilidade [...]. Então, isso tudo me levou a buscar escapes... Que é aonde eu vou ter que conseguir um momento que é só meu. Que tudo, tudo, eu sou a responsável. Se eu estou gostando de dançar, se eu estou gostando de fazer a coreografia, se está dando errado, a culpa é minha, ninguém tem nada com isso. Por isso, para mim, dançar é um grande prazer. [...] Você explode de tanta autoconfiança. Te traz uma autoconfiança a dança, eu sabia que isso iria me trazer.</p>
Helena	<p>Eu me considero uma mulher bonita e sempre tive um corpinho muito bonito também. Por mais incrível que pareça, fazer a dança foi o que confirmou isso na minha vida. Foi importante para eu me afirmar como pessoa, muita coisa que eu tinha vontade de fazer, que seria o meu natural, se eu não fosse tolhida pela sociedade. Porque eu fui muito reprimida por pai e mãe, quando criança. E depois pelo marido. Tudo que eu falava na frente do meu marido, ele dizia: “Você quer me envergonhar?”. Eu já não sabia mais se podia falar. Entendeu? Então, eu estava muito cerceada. A aula de dança me mostrou a vida. “Você está viva, você está viva. Se estica aí, levanta a cabeça...”.</p> <p>A dança me ajudou a ir tomando consciência de que se pode tudo. Tudo que você quiser, em que você se empenhar, se dedicar, você consegue.</p>
Leone	---
Lucia	<p>A sensação de que você tem o controle do ritmo na dança, eu fico satisfeita. E o professor me falou, “você tem muito ritmo”. Eu disse “bom, se você está dizendo isso, é porque eu devo ter mesmo” Aí, eu fico satisfeita. Sempre qualquer evolução na sua vida dá satisfação. [...] Porque a dança pra mim me completa e eu me sinto satisfeita e realizada. Eu gosto muito de dança.</p>
Margarida	Eu gosto de dançar, sempre gostei. E eu acho que é uma atividade que me traz satisfação. A decisão de fazer a aula foi uma

	<p>ótima escolha. Eu acho que é importante para pessoa. E quando você recebe um elogio que você está bem, é ótimo. Faz bem pro nosso ego [...]. Ah, me sinto realizada. Pessoa quando te valoriza, é diferente. Porque isso é muito importante. A pessoa cresce e se sente bem, entendeu?</p> <p>Quando você consegue realizar alguma coisa na dança, sei lá, um passo ou alguma coisa diferente que exige mais o movimento [...]. Você se sente mais jovem, entende? É como se esquecesse da idade que tem.</p>
Rogério	<p>Eu queria muito dançar, meu irmão dez anos mais velho do que eu [...] participava de bailes e dançava em casa também. Eu o admirava na dança pelos passos, achei bonito e lhe disse: “Poxa, Lulu, você não quer me ensina a dançar?”.</p> <p>Hoje, eu também servi de inspiração, e incentivo muito as pessoas porque estamos aqui para fazer bem e trazer uma palavra amiga. Na turma, tem um colega que me disse: “Rogério, eu admiro você dançando, eu ainda vou aprender”. Ele procura olhar os meus passos e tudo. Eu o cumprimento, dou os parabéns e incentivo a ele. Eu dou cada vez mais força, “Vai sim, você está indo bem, continua...”. Sempre procuro me identificar com ele também: “Estamos indo bem, Sandro”. Isso é importante justamente naquilo que nós estamos falando sobre idoso hoje. Dançar é muito lindo... Muito, muito bonito. E, ao chegar, é bom ouvir: “Oi, Rogério, quando que você vai me ligar para dançar? Eu estou com saudade”.</p> <p>Anteriormente, eu era tímido, acanhado, não podia sair com a dama. Mas, com a dança de salão, no que eu aprendi esses passos, me desinibiu. Eu tinha receio, medo de dançar. Atualmente, eu não tenho mais medo, eu tenho uma autoconfiança em mim mesmo. A dança me ajudou a ser homem desinibido. Foi com a dança realmente.</p> <p>Eu tenho muito satisfação em fazer dança. Eu fiquei mais dinâmico realmente. A dança ajuda no físico, no mental, no emocional. A lembrança dos bons momentos de cada dia da dança anima muito a minha vida. Eu sinto que eu não tenho a idade que eu represento. Com a dança, de uns anos para cá, embora eu seja hipertenso, mas a minha pressão fica mantida. Não é só pela medicação, não. É por esse domínio e pela autossatisfação com dança.</p>
Sandro	<p>Eu faço dança porque eu gosto de dançar. Eu quero me aprimorar, ser um bom dançarino e passar isso para os demais.</p> <p>A dança me ajudou em minha vida cotidiana. Acho que é dentro de mim, sou uma pessoa muito comunicativa agora. Você só no olhar você conhece a pessoa que está a sua volta. A pessoa também te conhece, então surge um papo informal, de repente uma amizade, daqui a pouco um círculo. O nosso grupo de dança proporcionou isso. Eu acho que mudou muita coisa! Diminuir os problemas domésticos, mulher, filho [...] Você procura se controlar emocionalmente tanto em casa como no trabalho, no trânsito, no dia a dia, na rua, nos bancos, as pessoas que se dirigem a você meio agitadas, com os problemas particulares. Então, você procura até controlar através desse mecanismo: dança e música.</p>

	<p>A dança me ajudou na minha autoestima. Eu melhorei muito no domínio dos passos com as aulas de dança. Eu não fico mais preocupado se a dama sabe dançar ou tem muita experiência. Eu puxo para dançar e dou aquilo que eu sei. Eu estou me sentindo mais seguro até de bater na bola e de interagir com os colegas de diferentes maneiras... Eu acho que até no futebol, que tem dentro do meu condomínio, eu andei meio afastado, porque um acha que é melhor do que o outro. Eu procuro ser eu mesmo, entendeu? Não quero ser mais que a minha capacidade. Aí, a dança me deu força para eu retornar, pois eu vi que eu posso, fiquei com outra cabeça e mais seguro diante do mundo. Acho que a dança influenciou nisso também.</p>
Sérgio	<p>É libertador. [...]. A gente se sente bem e tal. Então, é uma satisfação interna.</p> <p>Sabe [...] a primeira coisa que eu penso: “Ah, eu cheguei a essa idade todinha e eu danço como eu danço”. E as pessoas incentivam também: “ah, vou dançar com fulano!”. Quer dizer, eu penso: “Se eu fosse um jovem hoje, eu iria querer ser dançarino profissional”. Era outra coisa. Para mim, do jeito que eu participo do grupo e tudo. Vou fazer dança de salão em outros lugares final de semana também. Eu tenho orgulho de mim e eu digo para mim mesmo: “Nossa, meu, com essa idade”.</p> <p>Dançando, eu me sinto forte, graças a Deus. Não sinto cansaça nem nada. Eu me sinto como se fosse jovem. A pessoa também fica mais bonita. Então, a dança contribui pra você comprar algumas coisas para se apresentar bonitinho. É como artista que vai para um palco, como um cantor. Se ele não for bem arrumado não tem nem graça.</p> <p>Outra: a pessoa que dança se desenvolve mais [...]. A dança facilita a você ter mais coragem a se apresentar em público. A mim, ajudou muito. A falar melhor também. Por isso, eu acho que não tem investimento melhor do que a dança, rapaz. Não é tanto pelo dinheiro, mas pelos benefícios que a dança te dá.</p>
Vania	<p>A dança era sempre uma vontade que eu tinha, de fazer aula de dança e tudo, mas nunca tive muita chance de oportunidade de horários, disponibilidade de tempo. [...]. Daí veio essa oferta de estar fazendo aula aqui perto e eu achei ótimo. A vida inteira, eu sempre gostei de dançar e tudo mais, mas nunca fiz aula de dança.</p> <p>Eu acho que a dança sempre libertou as pessoas. Não, eu nunca tive vergonha de dançar [...] da minha época de moça. Eu acho que curtir isso é liberdade de vida. Tudo isso aconteceu agora com 60, 70 anos [...]. Essa é a minha fase de libertação.</p>
Zeni	<p>E meus pais eram muito durões. [...] E eu sempre gostei de um baile, mas meu pai não gostava que a gente fosse ao baile. [...] Depois que eu fiquei viúva, voltei a dançar de novo e não parei mais. [...] Hoje em dia, eu me vejo livre, eu posso fazer isso, até porque eu gosto da dança.</p>

	<p>Eu me sinto realizada. [...]. Quando eu vou para bailes, em vez de fazer uma hora, eu vou fazer três horas de dança. No nosso baile tem ficha. Compro logo umas trinta fichas ou quarenta fichas e danço a noite toda.</p> <p>A aula da dança de salão para mim mudou tudo, para melhor. Eu sinto uma pessoa mais feliz, uma pessoa mais alegre, mais expansiva. Eu não tenho mais vergonha de dançar quando estou sozinha.</p> <p>A dança também mudou minha rotina. Agora eu passeio, eu viajo muito. Final de semana agora eu vou viajar. Quando tem viagem, o pessoal com quem viajo me vê como a dançarina. Nos hotéis tem dança e tudo, então o pessoal fala: “Cadê a dançarina? Não veio? Cadê ela? Eu quero dançar contigo”. [...]. Na aula de dança também, não é que eu quero ser melhor do que os outros, mas elas sentem e elas já me veem como dançarina.</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 16 – Aprendizado

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alberto	Quando vou dançar ali, eu pego uma dama que eu não sei se ela dança ou não. Se ela diz: “Ah, não sei direito”. Eu digo: “Não tem problema. Vamos dançar o que você sabe”. Então, eu procuro ajudar.
Amélia	<p>Traz muita coisa de interesse pessoal. Porque a gente aprende muita coisa. Eu gosto de aprender cada vez mais. Eu gosto de ficar incentivando outras pessoas a fazerem a dança porque a dança traz muita coisa boa.</p> <p>Fazendo a dança, você vai ter mais amigos, vai conversando com pessoas diferentes. Cada um tem uma linguagem, cada um tem um jeito diferente. E você aprende na diferença de cada um. É preciso que você entenda cada um.</p> <p>Eu senti alegria porque eu não sabia que a dança era tão boa assim. Eu descobri que na aula de dança que qualquer pessoa pode dançar. Você ali você muda a sua vida. Quando se interessa e aprende mesmo. Você não quer mais deixar.</p>
Alvaro	<p>Eu danço, mas eu gosto de aprender a girar, fazer giro, fazer essas coisas, então...</p> <p>Você saindo, você vendo diversidade, só aprende. Você vê uma pessoa é assim, a outra é assado...</p>
Aurélia	<p>É bonito, gostoso você aprender um passo novo, como te falei do baile do bolero, os passos eram maravilhosos. Eu assisti uma aula só, cheguei antes da hora e tinha um pessoal que já estava tendo a segunda aula. Aí eu estava louca com aqueles passos lá, porque são realmente lindos...</p> <p>Porque você consegue ver outras coisas que não via, passavam despercebidas. Porque não tinha se inteirado assim completamente. [...] Aqui é legal, aprender junto também é bom, você começa a perceber mais as coisas.</p>
Elias	<p>O meu objetivo era exercitar o corpo, agora que comecei a gostar da coisa, o objetivo ampliou, quero ter a aprendizagem para conduzir bem a minha mulher quando a gente sair para dançar. [...] Como eu também gosto de dançar, ela também, vamos aprender um pouco mais juntos...</p> <p>A turma de dança é importante para você poder aprender mais, você tendo outras pessoas como apoio. A questão da troca. Tudo na vida é interpessoal. Cada pessoa tem a sua característica e tem uma forma de seguir o ritmo. Você pode ter dificuldade, e as pessoas dividindo como entenderam o passo pode te ajudar. Então, eu acho que você aprende com as características diferentes das pessoas. Você está aqui fazendo outras pessoas dançar, você também estimula o aprendizado. Na dança, aprender individualmente é mais complicado. A troca de experiências é importante.</p>

Elza	<p>O benefício de estar dançando em grupo que tem é esse de você conquistar mais amigos, e é também aprender um com o passo do outro, ou se ajudar. Isso você vê acontecer o tempo todo. Eu acho que quando você está em grupo é sempre assim. Porque a gente está fazendo uma coisa junto, partilhando um momento de aprendizado juntos. A partilha de intimidade ali no aprendizado comum é boa porque muda a sua forma de ver as coisas, as pessoas também.</p> <p>Quando te ensinam os passos diferentes, mas puxados, você sente: “Agora eu aprendi um passo novo!”? Qual a sensação que você tem internamente? Que você é capaz! Porque quando ele vai dando passo a passo, você vê que não é tão difícil. Quando você consegue fazer aqueles passos, é muito bom.</p> <p>Você dança também, você gosta de ver também as outras pessoas, para você poder, você aprende mais. A questão da troca de experiência. Cada pessoa tem a sua característica. Então, tem pessoas que tem uma característica diferente e você aprende com ela. Você está aqui fazendo outras pessoas dançar, você também estimula o aprendizado.</p>
Fernanda	O meu propósito não é ser uma dançarina, eu quero aprender a dançar, é diferente. A dança é o encontro comigo mesma.
Helena	<p>Eu acho todo mundo lindo, maravilhoso, aí eu faço assim, eu não penso, “Ah, eu aprendi assim”. Por exemplo, se o professor me ensinar um passo que eu já aprendi antes de outra maneira, eu vou acatar e assimilar o passo do professor, não vou falar nada que aprendi de outra maneira.</p> <p>É um teatro. Eu acabo, eu me solto, eu faço uma coreografia, que eu acho lindo. Se pudessem me ensinar mais, eu faria todas, se eu pudesse. É uma libertação.</p>
Leone	---
Lucia	Eu fico bem satisfeita quando aprendo. Hoje foi um dia, hoje foi um dia. [...] É muito interessante, é muito bom isso porque às vezes eu sei determinada coisa e a outra não sabe; aí a outra aprende comigo. E depois vice-versa, eu aprendo com ela.
Margarida	<p>Eu acho muito importante também o papel do grupo. Ajuda muito as dicas dos colegas e trocar de parceiro também. Eu acho que fazer individual de dança, você não tem aquela troca de experiência. Ensaia mais, mas perde um pouco. Na nossa fase, não precisamos ter pressa. É mais interessante aprender aos poucos. Por isso, eu acho o rodízio dos alunos que a gente faz durante uma dança muito bom, justamente por isso. Para ter aquela troca de experiência. Meu marido dança de uma forma, mas tem outros que dançam de outra forma.</p> <p>Você começa a ver o outro lado. Então, você pensa de uma outra forma, você muda tua cabeça.</p>

Rogério	Feito em grupo, ajuda mais porque gera amizade. No caso, individualmente, eu não teria a condição de desenvolver sozinho, numa festa, com outra pessoa. E em grupo eu tenho essa pessoa, daqui a pouco eu tenho uma outra, e eu vou absorvendo os conhecimentos de cada uma.
Sandro	Quando você chega numa dança de salão, com seu pouco conhecimento ou você chega sem domínio, você pensa: “Ah, meu Deus, será que vou conseguir? Será que vai dar certo?!” Aí, vem aquele incentivo dos professores e o incentivo dos colegas. Aquilo te levanta. É um aprendizado! Você pensa: “Vou aprender mais!”. Quando você sai dali com aquilo na mente, às vezes, indo pra casa na condução ou de baixo do chuveiro e se enxugando... Você vai naquele ritmo que você aprendeu na sala de aula. Você consegue dar pequenos passinhos bonitos e pensa: “Meu Deus, estou no caminho certo!” Vou fazer melhor, e fico sempre naquela ansiedade de chegar a outra semana. Muito bom!
Sérgio	Quando você chega a turma já fica incentivando ali no salão. Já sabe que a pessoa gosta de dançar e a pessoa vai dar um apoio para ajudar o outro a aprender. O nosso grupo faz muito isso. Quando você vai dançar, os outros já ficam olhando, já começa também a dançar para aprender também. [...].
Vania	Eu acho que o grupo torna o aprendizado mais fácil, porque um ajuda o outro também. Um ajuda o outro, dá palpite. Os professores ficam bravos se você está fazendo errado. Já com o parceiro de dança, percebo que ele me ajuda a dançar mais, melhor, e eu também posso ajudar a passar o que eu sei para os outros.
Zeni	Quando o parceiro não sabe dançar, eu ensino. Tenho paciência de ensinar. O que eu espero do cavalheiro é que ele tenha paciência com a gente [...], que eles tenham prazer de ensinar. Eu tenho prazer de aprender. Por isso, é melhor aprender em turma. Ah, porque está todo mundo ali junto, você brinca, você está dançando, você ensina a colega. Eu sempre gostei de dançar. Eu entrei porque eu quero aprender mais do que eu já sei. Ontem mesmo eu fui na academia, ele me ensinou um passo que eu jamais imaginava aquele passo de dança. Então você vai aprendendo. [...]. É importante porque eu gosto muito do mais samba, eu quero aprender mais samba no pé. [...]. Eu fico muito animada quando chega um aluno novo, porque eu vou ter oportunidade de dançar com ele e ensinar alguma coisa. Porque a gente tem que ter paciência pra aprender a dançar, o básico, dois pra lá, dois pra cá. Mas, eu tenho paciência. Por isso, eles gostam de dançar comigo. Eu acho que você aprende alguma coisa quando está ensinando. Comigo não tem distinção, eu danço com aluno antigo, que sabe muito ou pouco, com aluno novo, com as colegas da dança, e com os professores. Cada um traz uma experiência diferente que te enriquece.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 17 – Redescoberta do Corpo

Entrevistados	Exemplos de Falas
Alberto	---
Amélia	<p>Porque você está se mexendo, você mexe com o corpo. Você não mexe só com as mãos, com as pernas, você também mexe com o corpo, com os braços, você se... É uma coisa muito gostosa a dança! Pra mim é uma coisa maravilhosa! [...]</p> <p>Eu me descobri, entrei querendo me distrair e hoje quero ser uma dançarina, para quando a pessoa me chama pra dançar eu saber os passos e tudo. [...] A gente tem que fazer essa dança de vários jeitos. E requebra [...] Se é uma dança lenta, você dança lento. Aí você está sempre mexendo com o corpo todo.</p> <p>Você fica muito mais bonita, você dançando. A gente se arruma mais, compra mais vestidos bonitos, compra saias longas, os colares, se pinta mais. E vai dançar como se estivesse numa festa! [...] A Amélia que faz dança é muito mais bonita! Do que a Amélia antes. [...]. Eu acho que agora me cuido mais e me valorizo muito mais. Isso me alegrou. Acho que fiquei mais jovem.</p>
Alvaro	<p>Eu gosto muito ver as pessoas dançando, acho bonitos os movimentos sincronizados durante a execução de um passo... Tem muitos que sentem isso como vaidade...</p> <p>Só de uma dama pegar no corpo da gente, nossa... [Já se percebe] se vai dar alguma coisa, se não vai dar.</p>
Aurélia	<p>Porque quando você dança, as pessoas estão te vendo. Você tem que se expor. É uma exposição sua. Você está dançando e todo mundo vê você dançar. Então, anteriormente, eu não tinha essa exposição. Mas, agora você tem uma exposição como essa, todo mundo está te olhando. No geral, aquilo que você dança, os passos que você faz, se são bonitos ou não, é uma exposição que você passa a ter que faz bem, que você se acostuma com ela, que antes não tinha. Antes, ficava mais retraída, tinha mais vergonha de mostrar, de sair assim, botar a cara.</p> <p>Não sei se isso passa pela vaidade, ou se passa pela segurança. Porque não deixa de ser também, quando alguém te olha, você estar exposta pra alguém te olhar, você quer que seja bonito o que você faz, você não quer que saia errado, você não quer fazer uma coisa de qualquer jeito. Você gosta de fazer direito. Então passa um pouco, nessa altura, passa um pouco pela vaidade.</p>
Elias	---
Elza	Eu acho que é uma arte mesmo. A pessoa que dança tão bem quanto, como a gente vê algumas pessoas fazendo, eu acho que é

	um artista mesmo, além dele dançar bem, tem aquela agilidade. Ele passa uma sensualidade, uma magia, uma coisa, aquilo me seduz. Então, é uma coisa que estava sempre na minha cabeça porque eu acho muito bonito.
Fernanda	<p>É a beleza do movimento, é você ser levada, entendeu, pelo som e pelo movimento. Essa é que é muito boa.</p> <p>Eu tive mais entrega ao outro, coisa que eu, talvez... Entrega no sentido de eu me entregar a uma pessoa para dançar sem grandes restrições, entendeu? Então, eu desbloqueei a minha cabeça. [...] Então, essa entrega ao cavalheiro para dançar ou aprender a dançar, tem a sensualidade, mas não tem a sexualidade. Aquele negócio da pessoa de empurrar, porque não pode encostar peito com peito, não pode existir isso. Você tem que se soltar, porque senão você não vai, você não vai ser levada pela dança. Você tem que pensar que isso é normal e tem que ter consciência de que é ali, aquele momento, não extrapola tanto a situação.</p>
Helena	<p>Dançar é uma libertação. É um teatro. Eu acabo, eu me solto, eu faço uma coreografia, que eu acho lindo. Se pudessem me ensinar mais, eu faria todas, se eu pudesse. É uma libertação.</p> <p>Eu resolvi entrar na aula de dança. Fui muito sem graça e me achando uma velha, mas eu fui. [...] Ele ensina a pessoa a se valorizar, ensina a mulher a ser sensual. [...] Ele falava nas aulas: “Rebola, empina o bumbum, estufa o peito, encolhe a barriga...”. Quando eu comecei a rebolar na aula de dança, eu pensei: “Meu Deus, há quantos anos eu não rebolo!?” Então, comecei a me soltar e achei uma beleza. E adorei, a minha vida se transformou, a postura.</p> <p>Eu voltei a perceber que tudo o que sou, o meu corpo, passei a me favorizar e me sentir mulher. Eu acho que eu fiquei mais segura, entendeu? Por exemplo, eu chego num lugar, eu sou muito extrovertida, sou como eu quero ser. Mas, eu já era, a sociedade estava me podando. Eu gosto muito de ser bem feminina. Na dança, eu ainda aumento mais... Porque no dia a dia, eu já procuro ser feminina ao máximo. Mas, na dança, na dança eu me realizo. Adoro.</p> <p>Eu perdi aquela ideia de que tudo é feio. Isso pode, isso não pode. Uma mulher velha rebolar, porque já escutava isso de mamãe, de minha irmã mais velha também, e do marido. Aí, eu ficava pensando: “Eu tenho que dar o exemplo para o meu filho”, tenho um filho de 30 anos. Mas, ele acha o maior barato tudo. Então, eu não estou fazendo nada errado, eu acho que é muito bom, acho positivo.</p> <p>Hoje em dia, eu não tenho vergonha. Eu chego numa festa, eu chego num lugar, pego uma mulher, ou uma criança, ou um homem... [Se for um homem] eu tenho que ver se a mulher dele está ali [...]. Por exemplo, tem um passo que eu faço muito com Rogério no bolero. Ele pára e eu roço a minha perna na perna dele. [...] Quem não conhece a dança, quem nunca fez dança de salão em academia, pensa que a gente está de assanhamento. [...] Tem uns passos lindos que realmente são muito sensuais.</p>

	Você enfia, dá uma engatada lá no homem, a perna dentro da perna dele. Mas, quem fez dança de salão sabe que aquilo tudo ali é aprendido. Eu não estou de assanhamento com ninguém. Eu não tenho medo de fazer, posso ser mal interpretada um dia, mas paciência. Viver é um risco delicioso.
Leone	Eu, quando danço, eu faço movimento corporal também. Também quando canto. Quando eu canto, eu não canto parado, estacionado. Eu faço passos, até meio loucos, mas o povo, se eu não fizer, o povo pede pra eu fazer. Então, eu acho que eu consigo agradar ao público com o que eu faço de movimentação corporal, que é na dança também.
Lucia	---
Margarida	<p>Dançar dá prazer. Eu acho que através da dança você se comunica. É a sutileza, você entende? É a forma de dançar. Por exemplo, eu vejo a professora dançando, nossa! Ela dança maravilhosamente bem. Ela parece que fala com os movimentos. Aquilo me diz alguma coisa. A expressão, o sorriso, a arte, isso me comunica felicidade. Quando vejo um casal dançando bem, a beleza daqui me inspira, como se fosse arte. É a sutileza, eu também sinto essa felicidade quando sou conduzida por um cavalheiro que saber dançar bem. Quer dizer, ele tem aqueles gestos e sabe aqueles movimentos.</p> <p>Mas, eu acho que a dança, é, você se solta mais. Você trabalha mais o corpo, justamente porque você dança e é bem movimentado. A partir da hora que você coloca para fora os seus bichos, você se sente mais leve. Eu acho que assim você fica com uma aparência diferente, uma leveza, uma coisa mais bonita. A aparência física muda. Eu acho que mesmo, no corpo todo e no rosto. Eu me percebo agora com um semblante mais bonito. A gente se sente mais jovem. Mais bonita, sei lá, é diferente.</p>
Rogério	Eu tenho o maior prazer, a maior satisfação de estar ali dançando. Satisfação, felicidade, alegria. Não só pela dança, mas pelas pessoas que participam, as senhoras que participam comigo. Dançando você se esquece se alguém estar me vendo ou não. Eu tenho prazer da dança e de estar em frente à dama e sentir que ela também está correspondendo, em igual valor, de sentimento, e dentro da própria dança.
Sandro	Quando a dama começa a interagir com você, você se sente leve, ela também. Afinamento! O contato fica ótimo, excelente!
Sérgio	---
Vania	Porque a dança colabora fisicamente. Porque mexe muito com as pernas, com o quadril, é um exercício com o corpo. O corpo todo se mexe, então, fisicamente é uma coisa maravilhosa!
Zeni	---

Fonte: Elaboração própria.

ANEXO III – Roteiro para execução da observação participante no grupo de seresta:

1) A observação na atividade de seresta – foco na atividade

- Observar (1) como a atividade é desenvolvida; (2) como os participantes interagem entre si; (3) como os participantes interagem com o (a) seresteiro; (4) como os participantes participam da seresta; (5) como os participantes interagem no ambiente em geral; (6) como os participantes se expressam em relação à prática da seresta; (7) como ocorre o processo de cantar/ouvir/tocar instrumento.

2) A observação dos praticantes da seresta – foco na pessoa

- Observar os interesses e as motivações do participante idoso para a participação no encontro musical. Nesse momento da pesquisa, as conversas com os participantes da seresta serão informais. O objetivo será observá-los no contexto natural da atividade, com o mínimo de interferência possível. As conversas poderão ocorrer durante a espera do início da atividade, ou ao seu término.
- Possíveis questões que podem eventualmente serem feitas aos praticantes nesta etapa de observação: (1) Você está gostando desse lazer? (questão de quebra gelo – iniciação da conversa); (2) Como você veio resolveu participar da seresta?; (3) Como você ficou sabendo que esta era uma boa atividade para você? Foi você que procurou informações ou alguém te recomendou?; (4) Como você chegou a este espaço?; (5) O que você sente quando está aqui cantando ou ouvindo música? Você deve alguma dificuldade?; (7) Você tem frequentando também esse tipo de atividade de lazer em outro lugar?; (8) Você percebeu alguma mudança na sua vida depois que começou a participar?; (9) Como é a amizade com os colegas da seresta? Por que você acha isso? (buscar aqui exemplos da interação do grupo ou razões para falta de interação, se for o caso); (10) Você acha que a seresta contribui também na sua relação com as pessoas em outros lugares? (buscar aqui indícios de experiência de socialização para além do encontro musical).
- Destaca-se que essas questões serão perguntadas informalmente e fora do momento da atividade do encontro musical. Outrossim, as perguntas serão conduzidas em formas de conversa livre, podendo ocorrer em diferentes ocasiões (no momento da interação pode ocorrer alguma interrupção natural, caso em que a conversa será retomada em outra oportunidade). Além disso, o pesquisador pretende levantar uma questão e deixar o participante falar livremente, respeitando os casos em que estes se mostrem mais reservados.

3) A observação no local da seresta – foco na estrutura do lugar

- Observar (1) como é o espaço; (2) como o (a) cantor (a) conduz a música e interage com os praticantes de terceira idade; (3) como ocorrem o fluxo de informação e as orientações em geral (durante as apresentações dos seresteiros); (4) se o espaço oferece outras atividades para Terceira Idade; (5) se seresteiros realizam outras formas de confraternização (se sim, buscar saber se ocorre no espaço ou fora dele); (6) se há apresentação dos praticantes como grupo em outros espaços.

4) A condução da observação participante no grupo de seresta

- A observação participante deve ser conduzida de modo a interferir mínimo possível no ambiente durante em que ocorre a seresta. As conversas ocorrerão oportunamente durante as apresentações dos seresteiros ou ao seu término. Durante a seresta, o pesquisador observará a dinâmica da interação e da participação do grupo de Terceira Idade, sem interferir nas atividades do grupo.

ANEXO IV – Roteiro para execução da observação participante no grupo de dança de salão:

1) A observação na prática de dança de salão – foco na atividade

- a. Observar (1) como a atividade é desenvolvida; (2) como os participantes interagem entre si; (3) como os participantes interagem com o (a) professor (a) de dança; (4) como os participantes realizam as atividades de dança; (5) como os participantes interagem no ambiente de estudo em geral; (6) como os participantes se expressam em relação à prática da dança de salão; (7) como ocorre o processo de aprendizado da dança.

2) A observação dos praticantes de dança de salão – foco na pessoa

- a. Observar os interesses e as motivações do participante idoso para a prática da dança de salão. Nesse momento da pesquisa, as conversas com os praticantes de dança serão informais. O objetivo será observá-los no contexto natural da prática da dança, com o mínimo de interferência possível. As conversas poderão ocorrer durante a espera do início da atividade, ou ao seu término.
- b. Possíveis questões que podem eventualmente serem feitas aos praticantes nesta etapa de observação: (1) Você está gostando de fazer dança? (questão de quebra gelo – iniciação da conversa); (2) Como você veio resolveu fazer dança de salão?; (3) Como você ficou sabendo que esta era uma boa atividade para você? Foi você que procurou informações ou alguém te recomendou?; (4) Como você chegou a este espaço?; (5) O que você sente quando está aqui aprendendo a dançar? Você deve alguma dificuldade?; (7) Você tem dançado também em outro lugar?; (8) Você percebeu alguma mudança na sua vida depois que começou a dançar?; (9) Como é a amizade com os colegas de dança? Por que você acha isso? (buscar aqui exemplos da interação do grupo ou razões para falta de interação, se for o caso); (10) Você acha que a dança contribui também na sua relação com as pessoas em outros lugares? (buscar aqui indícios de experiência de socialização para além dança).
- c. Destaca-se que essas questões serão perguntadas informalmente e fora do momento da atividade de dança. Outrossim, as perguntas serão conduzidas em formas de conversa livre, podendo ocorrer em diferentes ocasiões (no momento da interação pode ocorrer alguma interrupção natural, caso em que a conversa será retomada em outra oportunidade). Além disso, o pesquisador pretende levantar uma questão e deixar o participante falar livremente, respeitando os casos em que estes se mostrem mais reservados.

3) A observação no local da aula de dança – foco na estrutura do lugar

- a. Observar (1) como é o espaço; (2) como o (a) professor (a) de dança conduz a aula e interage com os praticantes de terceira idade (por exemplo, estratégias de motivação para o aprendizado desse grupo); (3) como ocorrem o fluxo de informação e as orientações em geral (dentro e fora de sala de aula); (4) se o espaço oferece palestras educativas para os alunos de terceira idade; (5) como ocorre a avaliação médica para participação da atividade física; (6) se as turmas realizam bailes ou outras formas de confraternização (se sim, buscar saber se ocorre no espaço ou fora dele); (7) se há apresentação dos praticantes como grupo em outros espaços.

4) A condução da observação participante na sala de dança

- a. A observação participante deve ser conduzida de modo a interferir mínimo possível no ambiente durante as aulas. As conversas ocorrerão oportunamente durante as aulas ou ao seu término. Durante as aulas, o pesquisador observará a dinâmica do aprendizado do grupo de Terceira Idade, sem interferir nas atividades de ensino. O pesquisador pode, entretanto, colocar-se a disposição para ajudar ao professor (a) de dança, dando suporte a alguma atividade que julgar necessário, como anotações ou alguma outra forma de assistência que entender oportuna.

ANEXO V – Roteiro de Entrevista utilizado com os entrevistados integrantes do grupo de seresta:

1) A trajetória do entrevistado

- Como você começou a participar do grupo de seresta? Você frequenta há quanto tempo? Como você encontrou esse grupo? Como que esse você começou a participar (tentar conhecer o processo)? Como é sua participação no grupo (canta, toca, ou somente ouve as canções)? Sua família ou amigos exerceram alguma influência para você participar? Você tem algum objetivo especial com a música (mesmo que não seja algo ser um cantor)? Por que você o considera dessa forma? Você tem desenvolvido alguma atividade para cantar no grupo? Você tem desenvolvido alguma atividade para tocar algum instrumento no grupo? Você participa de outro grupo de atividade de lazer?

2) A participação no grupo de seresta

- Você poderia falar um pouco do grupo de seresta na sua vida? Com qual intuito/motivação você começou a fazer frequentar a seresta? Quando começou? Houve paradas (se sim, procurar saber sobre o processo, como foi o retorno etc.)? Alguma coisa mudou na sua rotina desde quando você começou a frequentar? Em que a atividade ajuda na sua vida cotidiana (pontos fortes da atividade)? Tem alguma coisa que você não gosta (pontos fracos)? Tem alguma coisa que você que poderia ser melhor? Fale de suas expectativas em relação à música? Como é sua interação com as pessoas que cantam ou tocam no grupo de seresta? E a interação com as pessoas que frequentam o grupo para curtir a música?

3) Busca de significados

- O que é a participação no grupo de seresta para você? Você vê alguma relação entre essa atividade e a sua vida social? Qual o significado de cantar ou tocar no grupo para você? Qual o significado de ouvir as canções no grupo para você? Isso contribui para a forma como você se vê (buscar elementos da identidade individual)? Como você se vê? Qual o papel desse grupo de seresta em relação a esta percepção?
- **Perguntas exclusivas para aqueles que cantam ou tocam no grupo:** Qual o significado para você quando alguém o vê cantando ou tocando? O que você sente quando alguém comenta que você

está cantou/tocou bem? Segundo os comentários que já ouviu, você acredita que tem evoluído na prática dessa atividade? Quais os benefícios do grupo de seresta para sua vida? Você já incentivou alguém a fazer participar? Você acredita que a participação nesse grupo influencia outras atividades de sua vida?

4) Dimensão Simbólica do Grupo de Seresta

- Qual a importância do grupo de seresta para você? Qual o significado de cantar, tocou e/ou ouvir música no grupo (buscar elementos da identidade coletiva)? Você tem alguma expectativa em relação às pessoas que você conhece no grupo? É importante fazer parte do grupo (buscar o desejo de pertencimento)? Como é a sua relação com as pessoas no grupo (buscar conhecer o interesse por interagir com as pessoas)? Isso é importante para você? Por quê? As práticas de atividades que exercitam o corpo e a mente contribuem pra suas relações de amizade (procurar saber no grupo e fora dele)? E para relações familiares?

5) O consumo

- Por que você acha que a participação no grupo de seresta é boa para pessoas na terceira idade? O que levou você escolher este grupo de atividade musical? Você acredita haver influência de outros participantes ou ex-participantes na sua participação? Como foi isso? Por que é importante investir tempo para participar dessa atividade? Você vê a participação no grupo de seresta como entretenimento (divertimento apenas) ou como uma atividade construtiva (de aprendizado, lúdica ou construtiva)? Tudo isso ou uma coisa ou outra? Por quê? Você contribui de alguma de forma com os músicos do grupo de seresta? Por que você acha isso importante?
- A atividade no grupo de seresta já incentivou alguma outra forma de consumo? Quais? Você já se interessou em fazer alguma espécie da atividade em função dessa prática (aula de canto, aula de dança, aula de algum instrumento musical etc.)? Você já comprou CDs de música que foi cantada no grupo de seresta? Você já comprou algum CD de música para aprender a cantar no grupo? Você já comprou CD de alguém participante do grupo de seresta? Você já comprou algum instrumento música depois que entrou nesse grupo?

6) Dimensão da Qualidade de Vida

- A experiência desse lazer atende a que interesses pessoais? A vivência no grupo gera alguma influência? A vivência no grupo gera algum sentimento? A participação no grupo de seresta contribui para uma vida mais saudável? Por quê? Sua família incentiva? Há algum incentivo profissional (seu médico, por exemplo)? Há alguma restrição? Você acha que o grupo contribui para uma vida mais ativa? Em que sentido? No que cantar, dançar ou ouvir a música pode ajudar para saúde corporal ou mental? De que forma você sente prazer com sua participação no grupo de seresta? Cantar, tocar ou ouvir a música são fontes geradoras de prazer? Por quê?
- As relações de amizade ou convivência com o grupo de seresta contribuem para sua interação social? O grupo pode contribuir para novas amizades? O grupo pode contribuir em novas relações pessoais (romance ou namoro)? Por que você acha que as pessoas frequentam o grupo de seresta? Tem algum fato interessante que você gostaria de compartilhar sobre as formas de relacionamento e interação entre as pessoas do grupo que você tenha percebido? Participar do grupo de seresta pode ajudar as pessoas a relaxarem? Como acontece com você? A participação no grupo de seresta ajuda a você aproveitar a vida melhor? Por que você acha isso?

7) Perfil do Entrevistado

- Fale um pouco de você. O que faz? Quantos anos têm? O que estudou? Onde você trabalha/trabalhou? Quanto é a sua renda (se possível, tentar obter renda pessoal e familiar)? Quais são suas funções? Qual seu estado civil? Com quem você mora? O que você faz hoje?

ANEXO VI – Roteiro de Entrevista utilizado com os entrevistados integrantes do grupo de dança de salão:

1) A trajetória do entrevistado

- Como você começou a participar da dança de salão? Como foi essa decisão (tentar saber o processo)? Como você chegou a este grupo de dança? Como foi o processo de desenvolvimento na dança? Qual o trabalho desenvolvido com você na dinâmica das aulas? Sua família ou amigos exerceram alguma influência? Você tem algum objetivo especial com a dança (mesmo que não seja algo ser um dançarino/a)? Por que você o considera dessa forma? Você participa de outro grupo de atividade de lazer?

2) A atividade da dança para o entrevistado

- Você poderia falar um pouco da dança na sua vida? Com qual intuito/motivação você começou a fazer dança de salão? Quando começou? Houve paradas (se sim, procurar saber sobre o processo, como foi o retorno etc.)? Quais resultados você percebeu desde o início da dança? Em que a atividade ajuda na sua vida cotidiana (pontos fortes da atividade)? Tem alguma coisa que você não gosta (pontos fracos)? Tem alguma coisa que você que poderia ser melhor? Fale de suas expectativas em relação à dança? Como é sua interação com o professor? E como os colegas de dança?

3) Busca de significados

- O que é dança para você? Você vê alguma relação entre a prática da dança e sua vida social? Qual o significado de aprender a dar passos para você? Isso contribui para a forma como você se vê (buscar elementos da identidade individual)? Como você se vê? Qual o papel da dança em relação a esta percepção? Qual o significado para você quando alguém o vê dançando? O que você sente quando alguém comenta que você está dançando bem? Segundo os comentários que já ouviu, você acredita que tem evoluído na dança? Quais os benefícios da dança que você vê em sua vida? Você já incentivou alguém a fazer dança? Você acredita que está encontrando o que busca na dança? Você acredita que a dança influencia outras atividades de sua vida?

4) Dimensão Simbólica do Grupo de Dança

- Qual a importância do grupo de dança para você? Qual o significado de dançar em grupo (buscar elementos da identidade coletiva)? O que você espera do parceiro/a de dança? É importante fazer parte do grupo (buscar o desejo de pertencimento)? Como é a sua relação com as pessoas no grupo de dança (buscar conhecer o interesse por interagir com as pessoas)? Isso é importante para você? Por quê? As práticas de atividades que exercitam o corpo e a mente contribuem para suas relações de amizade (procurar saber no grupo e fora dele)? E para relações familiares?

5) O consumo

- Por que você acha que a atividade de dança é boa para pessoas na terceira idade? Sabendo que é uma atividade cobrada, isso tende a impactar a forma de consumo? Ou você acha que o impacto não é relevante? Por quê? Você acha que o preço pago e os ganhos que você mencionou com a dança são proporcionais (ajudar o entrevistado a refletir sobre o custo benefício entre o valor pago e os benefícios da dança)? O que levou você a escolher esta academia de dança? Houve alguma promoção ou propaganda que ajudou você a escolher esta academia de dança? Você acredita haver influência de outros participantes ou ex-participantes no seu consumo? Como foi isso? Por que é importante investir em dança? Como você vê as aulas de dança de salão: um entretenimento ou uma atividade construtiva (de aprendizado)? Tudo isso ou uma coisa ou outra? Por quê?
- Você observa outras pessoas de terceira idade participando de grupos de dança? Que tipo de dança eles gostam de fazer (comentar se é em outra academia, na mesma academia etc.). Você participa de bailes organizados pelas academias de dança? Gostaria de participar? Com qual frequência? Você incentiva a participação em algum evento de dança para terceira idade? Por quê? Exerce alguma atividade específica na organização ou é apenas participante?

6) Dimensão da Qualidade de Vida

- A experiência dessa forma de lazer atende a que interesses pessoais? A vivência no grupo gera alguma influência? A vivência no grupo gera algum sentimento? A dança contribui para uma vida

mais saudável? Sua família incentiva? Há algum incentivo profissional (seu médico, por exemplo)? Há alguma restrição? Você acha que a dança contribui para uma vida mais ativa? Você acha que dança contribui para que você mantenha boas condições físicas? No que a dança pode ajudar para saúde do corpo ou da mente? De que forma você sente prazer a atividade da dança de salão?

- As relações de amizade ou convivência com o grupo de dança contribuem para sua interação social? A dança pode contribuir para novas amizades? A dança pode contribuir em novas relações pessoais (romance ou namoro)? Você vê a dança como uma atividade física? Você acha que contribui para o tratamento corporal? A dança pode ajudar as pessoas a relaxarem? Como acontece com você? Você acha que a dança pode ajudar no cuidado com a aparência física (valor estético)? A dança contribui para que você se sinta mais jovem? A dança ajuda a você aproveitar a vida melhor? Por que você acha isso?

7) Perfil do Entrevistado

- Fale um pouco de você. O que faz? Quantos anos têm? O que estudou? Onde você trabalha/trabalhou? Quanto é a sua renda (se possível, tentar obter renda pessoal e familiar)? Quais são suas funções? Qual seu estado civil? Com quem você mora? O que você faz atualmente?